

ERIN LITTEKEN

A GUARDIÃ DA MEMÓRIA DE KIEV

Porque há Histórias
que não podem ser esquecidas.





Ficha Técnica

Título: A Guardiã da Memória de Kiev

Título original: The Memory Keeper of Kyiv

Autor: Erin Litteken

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Marta Jacinto

Revisão: Simão Sampaio

Design da capa: Head Design Ltd

Imagens da capa: © Paladin12

© Ulianna19970

© Syda Productions

© Oleh Hudyma

© sharpner

© Khing Pinta

© Ortodox

© Subbotina Anna

© David Ucha

© charnsitr

ISBN: 9789892354705

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Erin Litteken

Direitos de tradução por acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

© 2022, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

www.leya.pt

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Caro Leitor](#)

[Capítulo 1 - CASSIE](#)

[Capítulo 2 - KATYA](#)

[Capítulo 3 - CASSIE](#)

[Capítulo 4 - KATYA](#)

[Capítulo 5 - CASSIE](#)

[Capítulo 6 - KATYA](#)

[Capítulo 7 - CASSIE](#)

[Capítulo 8 - KATYA](#)

[Capítulo 9 - CASSIE](#)

[Capítulo 10 - KATYA](#)

[Capítulo 11 - CASSIE](#)

[Capítulo 12 - KATYA](#)

[Capítulo 13 - CASSIE](#)

[Capítulo 14 - KATYA](#)

[Capítulo 15 - CASSIE](#)

[Capítulo 16 - KATYA](#)

[Capítulo 17 - CASSIE](#)

[Capítulo 18 - KATYA](#)

[Capítulo 19 - CASSIE](#)

[Capítulo 20 - KATYA](#)

[Capítulo 21 - CASSIE](#)

[Capítulo 22 - KATYA](#)

[Capítulo 23 - CASSIE](#)

[Capítulo 24 - KATYA](#)

[Capítulo 25 - CASSIE](#)

[Capítulo 26 - KATYA](#)

[Capítulo 27 - CASSIE](#)

[Capítulo 28 - KATYA](#)

[Capítulo 29 - CASSIE](#)

[Capítulo 30 - KATYA](#)

[Capítulo 31 - CASSIE](#)

[Capítulo 32 - KATYA](#)

[Capítulo 33 - CASSIE](#)

[Capítulo 34 - KATYA](#)

[Capítulo 35 - CASSIE](#)

[Capítulo 36 - KATYA](#)

[EPÍLOGO - CASSIE](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

Erin Litteken

A GUARDIÃ DA
MEMÓRIA DE KIEV

Tradução

Marta Jacinto

*Ao povo ucraniano. A sua força e resiliência
sempre foram e sempre serão uma inspiração*

A morte de uma pessoa é uma tragédia; a de milhões, uma estatística.

– JOSÉ ESTALINE

Caro Leitor,

A semente desta história enraizou-se na minha mente ainda antes de a Rússia invadir a Crimeia, em 2014; agora, escrevo esta carta enquanto as notícias do ataque brutal da Rússia à Ucrânia – as suas cidades, os seus civis, o seu futuro – passam na televisão em pano de fundo. Nunca imaginei que o lançamento do meu romance sobre um ataque passado ao povo ucraniano coincidissem com uma tragédia tão paralela.

Os Ucranianos lutam hoje pelo seu país com uma força e tenacidade que cativaram o mundo, mas é impossível negar que a História se está a repetir. É apavorante, e temos de fazer melhor.

Sendo eu neta de um refugiado ucraniano da Segunda Guerra Mundial, a maldade desta guerra arrasa-me. Embora não sejamos capazes de alterar a História, todos podemos aprender com ela e fazer algo para ajudar o povo ucraniano de hoje. Fico muito satisfeita por a minha editora, Boldwood Books, doar uma parte das receitas ao Apelo Humanitário do DEC da Ucrânia.

Os meus pensamentos estão com os corajosos ucranianos que defendem o seu país, a sua cultura e as suas vidas, tanto no passado como agora. *Slava Ukraini!*

Erin Litteken

CASSIE

Wisconsin, maio de 2004

O rosto de Cassie contraiu-se involuntariamente, mas ela forçou-se a fazer um grande sorriso quando a filha entrou na cozinha. Se sorrisse o suficiente, esperava, e com entusiasmo, Birdie reagiria, mas a menina limitou-se a fitá-la sem expressão.

Cassie teve vontade de bater com a cabeça na parede.

Os grandes olhos azuis de Birdie contrastavam fortemente com o seu cabelo escuro e emaranhado. O pijama rosa de princesa que ela tanto quisera para o seu quarto aniversário dava-lhe agora pelo meio das pernas e dos antebraços. Encolhera. Ou então fora ela que crescera. Talvez as duas coisas. Ultimamente, Cassie não parecia reparar nestas coisas.

Harvey deixou-se cair aos pés de Birdie, a sua cauda a bater no chão enquanto o pelo castanho e desgrehado lhe aquecia os tornozelos despidos.

«O cão cuida melhor da Birdie do que eu.» Cassie passou a mão pela cara e retomou a sua habitual rotina de fazer conversa de circunstância. Não aguentava o silêncio. Dava-lhe demasiado tempo para recordar.

– Bom dia! Dormiste bem? O que queres para o pequeno-almoço? Tenho aveia, ovos; ou posso fazer quinoa com fruta e mel, se quiseres.

Cassie podia estar a falhar a vários níveis como mãe, mas ninguém podia dizer que ela não alimentava bem a filha. A despensa estava a transbordar de lanches biológicos comprados a granel, e a fruteira no balcão continha sempre uma variedade de opções. Cassie podia nem jantar, ou então comer salgadinhos ao pequeno-almoço, mas estava determinada a garantir que Birdie re-

cebia toda a nutrição de que necessitava, mesmo que as roupas não lhe servissem ou ela nunca mais falasse.

Birdie apontou para a caixa de ovos que Cassie tinha tirado do frigorífico e para a frigideira no escorredor sobre o lava-loiça. Cassie pegou neles e levou-os para o fogão, enquanto Birdie tirava uma espátula e a manteigueira.

– Queres um ovo ou dois? – perguntou Cassie. Fazia isto constantemente, tentando fazer com que Birdie respondesse sem pensar. Nunca funcionava. Birdie não falava há catorze meses, uma semana e três dias. Não havia nenhum motivo para que hoje fosse diferente.

Birdie abriu a caixa, pegou num ovo em cada mão e estendeu-os a Cassie.

– Muito bem. Dois ovos. Porque não preparas a torrada?

Birdie dirigiu-se à torradeira e enfiou uma fatia de pão de grão germinado lá dentro.

Cassie olhou em redor, para a casa desarrumada, enquanto os dois ovos salpicavam e estalavam na frigideira. Correio amontoado numa pilha tão alta que ameaçava cair, bolas de pelo de cão a acumular-se a um ritmo alarmante nos cantos e um caixote de lixo que precisava seriamente de ser esvaziado não pintavam propriamente o retrato de uma casa feliz. Um ano e meio antes, nem morta teria vivido numa casa tão desarrumada.

O seu portátil espreitava sob uma pilha de jornais. Até metia dó vê-lo tão abandonado, mas Cassie não se sentia capaz de escrever desde aquela noite. Atirou-lhe um pano de cozinha para cima, para não estar sujeita a mais um exemplo do seu fracasso; depois, colocou os ovos num prato de plástico cor-de-rosa e pousou-o na mesa, em frente a Birdie. Enquanto a filha comia, Cassie observou as gemas amarelo-escuras escorrerem para a torrada que Birdie tinha feito e suspirou. Mais um dia, tal como o dia de ontem, e o dia anterior.

Sem avanços, sem uma cura, sem andar para a frente com a vida. Cassie tinha de resolver as coisas, por amor a Birdie, mas não fazia ideia por onde começar.

A campainha da porta tocou e Cassie estacou. Mesmo agora, depois de todo este tempo, o som ainda a aterrorizava. Fechou o seu roupão encardido e apertou o cinto com força enquanto caminhava para a porta. O seu psiquiatra diria que ela estava a usar o roupão como mecanismo de defesa, tentando impedir o que quer que estivesse à porta de tentar entrar. Cassie diria que não queria que as visitas vissem o seu velho pijama esfarrapado. Talvez fosse por isso que deixara de ter consultas com aquele psiquiatra.

Abriu a porta e a sua mãe, desgrenhada e abatida, conseguiu um meio sorriso antes de reprimir um soluço e entrar pela casa para abraçar Cassie.

– Oh, Cass. Tive de vir dizer-te pessoalmente; não queria que conduzisses depois de saberes.

O corpo de Cassie retesou-se, e ela afastou-se dos braços da mãe.

– Dizer-me o quê?

– Não morreu ninguém – disse a mãe. – Não é assim tão mau.

– Mãe, de que é que estás a falar?

– É sobre a Bobby.

– Bobby? – Cassie imaginou a sua avó enrugada, com noventa e dois anos, há muito batizada de Bobby, quando a jovem Cassie tinha chacinado a palavra ucraniana para avó, *babusya*, e se recusava a usar a alcunha tradicional, *baba*.

– Houve um acidente.

O coração de Cassie sobressaltou-se. Respirou a custo e tentou não deixar o pânico tomar conta de si, mas as palavras eram as mesmas que ouvira no ano anterior, mesmo antes de o seu mundo se desmoronar.

Cassie deixou que a mãe a conduzisse para uma cadeira junto da mesa. Anna inclinou-se e beijou a cabeça de Birdie.

– Olá, minha querida.

Birdie sorriu silenciosamente para a avó enquanto apanhava a gema no seu prato com a torrada.

– Aconteceu na sexta-feira, mas eu não quis estar a preocupar-te até saber mais. – Anna sentou-se ao lado de Birdie.

Cassie contou mentalmente os dias.

– Mãe, isso foi há dois dias! A Bobby está mal há dois dias e tu não foste capaz de me telefonar?

– Como disse, precisava de falar contigo pessoalmente. Quando descobri que ela não corria perigo de vida, decidi que seria melhor vir cá contar-te. Não pude sair de junto dela até agora.

– Conta-me tudo agora – ordenou Cassie, a voz a tremer-lhe.

Anna olhou para Birdie e pousou uma mão no seu ombro.

– Birdie, a avó e a mamã vão conversar. Queres ir ver televisão?

Birdie pegou no seu prato e colocou-o no lava-loiça; depois, passou pelas pilhas de correio e jornais em direção à sala de estar. Quando o som da música dos desenhos animados se fez ouvir, Cassie virou-se de novo para a mãe, ansiosa.

– Na semana passada, ela foi dar um dos passeios dela – disse Anna. – Foi mais longe do que é hábito, e não sei se se perdeu ou não, mas um carro ba-

teu-lhe quando ela atravessou uma rua movimentada.

Cassie pôs-se de pé num salto.

– A Bobby foi atropelada? Estás a brincar comigo?

Anna levantou a mão.

– Ela está bem. Teve um traumatismo craniano ligeiro e levou alguns pontos. Nada de ossos partidos. É espantoso que ela tenha saído tão incólume.

– Onde está ela agora? Já está em casa?

– Não, e é por isso que estou aqui. Ela deve poder ir para casa esta tarde, mas precisa de companhia, alguém para estar perto dela e para a ajudar nas coisas do dia a dia.

Cassie assentiu com a cabeça.

– Queres que ela venha para aqui? Que fique comigo?

Anna olhou em volta com uma expressão cética.

– Não creio que este seja o melhor lugar para ela. Os médicos dela não estão perto; não está familiarizada com nada aqui. O que estou a pensar é que isto pode ser uma oportunidade para tu fazeres uma mudança. Deixem esta cidade, esta casa, estas memórias para trás, e voltem para casa.

Cassie riu-se, e a amargura que ecoou pela sala até a ela surpreendeu.

– Achas que posso simplesmente deixar as minhas memórias para trás? Achas que posso fechar aqui as portas e que será como se Henry nunca tivesse existido?

– Não, querida, claro que não era isso que eu queria dizer. – Anna pousou uma mão na face de Cassie. – Nunca o esquecerás. Pensei que talvez fosse altura de um novo começo, num novo lugar, onde as memórias não sejam tão

avassaladoras. E como a Bobby não deve ficar sozinha, pareceu-me ser a oportunidade perfeita para passares algum tempo com ela. Bater com a porta e deixar tudo para trás.

– Simplesmente afastar-me? Da minha vida? Da minha casa? – Cassie repeliu o toque da sua mãe, sentindo já a dor que antecede o choro presa na garganta.

– Cassie, vamos ser sinceras. – Anna agarrou a mão de Cassie e olhou-a fixamente. Aparentemente, a subtileza tinha acabado. – Quero que me digas com sinceridade que estás feliz aqui, agora mesmo. Diz-me que estás a fazer disto um lar acolhedor e seguro para Birdie. Diz-me que até tens uma vida para lá desta confusão!

A boca de Cassie abriu-se de surpresa. A mãe costumava manter este lado hostil da sua personalidade escondido sob uma camada de sugestões pouco subtis e de golpes passivo-agressivos. Este ataque não era, definitivamente, típico dela.

– Estou a chegar ao meu limite com vocês, se queres saber a verdade – continuou ela. – A Bobby é teimosa. Recusa-se sequer a pensar em qualquer tipo de residência assistida. E tu? Bem, passo tantas horas sem dormir, preocupadíssima com a forma como estás a lidar com tudo aqui, tão longe. Quando uma mulher perde o marido, sejam quais forem as circunstâncias, precisa de estar perto da família para se curar. Quero ajudar-te, mas nunca me deixas. Agora, aqui está a oportunidade perfeita para te juntares à Bobby e ajudarem-se uma à outra, e eu quero que resulte.

– Basicamente queres os teus dois problemas escondidos no mesmo sítio para não teres de te preocupar tanto com eles. Foi por isso que vieste, não foi? – Cassie levantou-se tão depressa que a cadeira caiu no chão atrás dela.

Estava a ser injusta com a mãe, mas não conseguiu evitar. Hoje em dia, as suas emoções oscilavam entre a apatia e a raiva e não deixavam espaço para mais nada. – Preciso de apanhar ar, e o *Harvey* precisa de um passeio. Tenho a certeza de que a Birdie adoraria passar algum tempo contigo enquanto eu estiver fora.

Cassie avançou até à porta das traseiras e, embora o tempo primaveril estivesse ameno, vestiu o casaco comprido de inverno que encobria o facto de ainda estar de roupão. Enfiou os pés nas botas, agarrou na trela de *Harvey* e bateu com a porta das traseiras ao sair.

Harvey, alheio à raiva de Cassie, saltou e ladrou com entusiasmo quando ela lhe prendeu a trela na coleira e saiu do quintal. Cassie tentou organizar os seus pensamentos enquanto ele farejava à volta das árvores em frente da casa.

A mãe dela não estava errada. Aqui, estava rodeada de memórias. Inicialmente, após o acidente, a casa envolvera-a de forma segura e reconfortante. Mas ultimamente, uma sensação de sufoco, de estar encurralada, tinha ensombrado esse conforto. Afinal de contas, esta não era a sua verdadeira casa; só haviam vivido aqui seis meses antes do acidente. A empresa de Henry transferira-o temporariamente para Madison, no Wisconsin, e era suposto ser apenas por um ano, pelo que tinham arrendado o primeiro lugar que encontraram com um pátio vedado para *Harvey*. A transferência veio com um grande bónus e, quando o ano terminasse, tinham planeado voltar para o Illinois e comprar a sua própria casa.

Passavam horas a sonhar com essa casa. Cassie queria uma velha quinta com terreno, um celeiro e árvores de fruto. Henry queria uma cabana, com um celeiro de madeira e bosques em volta. Mas o acidente mudara tudo isso.

Felizmente, o senhorio, compadecido, tinha-a deixado prolongar o arrendamento ao mês após o contrato original de um ano ter expirado.

Cassie contornou a esquina em frente da casa e olhou fixamente para o *bungalow* de tijolo. Era desengraçado, ficava demasiado perto da rua e faltava-lhe o encanto das outras casas do quarteirão. Ela não ficara por gostar particularmente desta casa ou por se sentir, ali, mais próxima de Henry. Ficara porque era mais fácil manter as coisas como estavam e continuar a levar uma existência sem sobressaltos. Acordar, comer, cuidar de Birdie, dormir, repetir.

Harvey puxou pela trela, ansioso por voltar para casa. Cassie viu Birdie espreitar pela janela do seu quarto. Acenou com entusiasmo e depois voltou-se; fora o máximo de expressão que Cassie vira nela no espaço de vários meses.

Quantos dos seus pensamentos dedicava ela a Birdie enquanto a menina se debatia, dia após dia? Quantas das suas decisões se baseavam no que Birdie precisava para prosperar contra o que ela, Cassie, precisava para sobreviver? Cassie não gostava das respostas a essas perguntas, pelo que, normalmente, evitava fazê-las. A mãe dera cabo disso.

Entrou em casa; a mãe ainda estava sentada no mesmo lugar, à mesa da cozinha. Virou-se para Cassie quando ela entrou e ergueu as mãos no ar.

– Juro, querida, eu não disse uma palavra à Birdie, mas assim que saíste pela porta, ela foi a correr para o quarto dela.

Cassie soltou *Harvey* e pendurou o casaco.

– Tudo bem. Ela gosta de brincar lá.

– Ela não está a brincar, Cass. Está a fazer as malas. Deve ter-nos ouvido a conversar.

– Ela...? – Cassie deteve-se, não querendo fazer a pergunta.

Anna lançou-lhe um olhar piedoso.

– Não, ela não falou comigo.

Claro que não falara. O silêncio de Birdie era apenas mais um brilhante exemplo do fracasso de Cassie como mãe em ajudá-la a lidar com o acidente e a perda do pai. Afundou-se na cadeira em frente a Anna, derrotada.

– Qual é o teu plano?

Anna pegou nas mãos de Cassie.

– Quero ajudar-te a fazer as malas e partir. Escapar a tudo, sem tempo para pensar ou mudar de ideias. Eu ajudo-te no que for preciso. Prometo que não estaria a fazer isto se não achasse que era o melhor para ti. Sabes que há meses que ando atrás de ti para te mudares.

– Agora tens a desculpa perfeita – concluiu Cassie por ela.

– Agora a tua Bobby precisa de ti – disse Anna. – E eu acho que tu também precisas dela. Porque não arrumamos as coisas básicas? As tuas roupas, artigos de higiene pessoal e qualquer comida que se estrague. Voltarei contigo quando estiveres pronta para vir buscar as coisas do Henry.

– Eu já fiz isso – disse Cassie. – No mês passado, a mãe do Henry veio cá e ajudou-me a organizar as roupas dele.

– Oh, bem, menos uma coisa, então. – A voz de Anna subiu uma oitava.

A culpa, demasiado familiar, abateu-se sobre Cassie.

– Desculpa, mãe. Eu sei que já te tinhas oferecido para ajudar. Eu não estava preparada nessa altura. Mas chegou a um ponto em que não conseguia respirar com tudo aquilo a pairar junto a mim. Tive de tratar do assunto, e Dottie por acaso estava de visita quando isso aconteceu.

Os lábios de Anna comprimiram-se, e ela envolveu Cassie num abraço.

– Oh, minha querida menina.

Cassie abraçou a mãe e perdeu-se nos braços dela, tal como quando era criança. Sentiu logo uma pontada de alívio, e suspirou.

– Está bem, mãe. Eu volto para casa.

Anna afastou-se e dirigiu-lhe um sorriso trémulo.

– Isto será o melhor para todos. Vais ver. – Ela hesitou e, depois, continuou:
– Sinceramente, estou preocupada com a Bobby. Mesmo antes do acidente, ela tem andado... diferente. Sabes como ela é. Sempre em movimento, sempre a trabalhar. Mas, agora, dou por ela sentada à mesa, a olhar fixamente como se estivesse noutro lugar, a falar sozinha em ucraniano.

– O que diz?

– Não sei – respondeu Anna. – Normalmente, ela não fala comigo quando está assim. É como se estivesse tão profundamente perdida na sua memória que não está consciente do que se passa à sua volta. No outro dia, perguntei-lhe no que estava a pensar e quando finalmente respondeu, tudo o que disse foi «girassóis».

– Talvez esteja a pensar sobre o que plantar nos canteiros dela.

– Não. – Anna tamborilou com os dedos na mesa. – Ela nunca plantou girassóis. Sempre me disse que a deixavam demasiado triste.

KATYA

Ucrânia, setembro de 1929

— **A**s meninas querem tirar uma fotografia? – perguntou o Tio Marko. Ergueu o seu grande orgulho, a única máquina fotográfica na pequena aldeia de Sonyashnyky. A luz do sol refletiu-se na lente e o Tio Marko puxou de um lenço para a polir pela vigésima vez nesse dia. Acenou em direção à casa que todos tinham usado como pano de fundo, mas o olhar de Katya pousou nos girassóis que ondulavam atrás dele. O brilho do céu azul sem nuvens complementava os orbes dourados dos girassóis, numa combinação de cores tão rica e bela que até doía.

– Então? – O Tio Marko enfiou o lenço novamente no bolso.

– Sim! Mas aqui, por favor – Katya agarrou na mão da irmã mais velha. – Vá lá, Alina. A *Mama* queria que hoje tirássemos uma fotografia juntas.

Alina levantou-se e ajeitou os cabelos escuros que se haviam soltado da trança de Katya.

– Deixa-me só arranjar-te o cabelo.

– Tenho a certeza de que está bem. – Katya arrastou Alina pelo quintal. Queria despachar a fotografia, para não se esquecer e depois sofrer a ira da mãe, e não encontrariam melhor pano de fundo do que o campo de girassóis.

– Tudo bem, mas tens de sorrir – disse Alina. – Não te quero com cara de zangada.

Katya fez uma careta e soltou a mão de Alina.

– Nunca fico com cara de zangada.

A boca de Alina torceu-se num sorriso enquanto alisava a camisa de Katya.

– Claro que não ficas.

– Aproximem-se – instruiu o Tio Marko, enquanto virava a máquina para elas.

Alina enfiou o braço no de Katya.

– Anda cá. – Inclinou a cabeça em direção à de Katya. – Por muito que eu te aborreça, não te vês livre de mim. Irmãs para sempre.

A irritação de Katya desvaneceu ao ouvir a frase que a mãe delas lhes dizia sempre que se zangavam enquanto cresciam. *Mais vale que se deem bem. Serão irmãs para sempre.* Tinha-se tornado uma piada entre elas, proferida sempre que uma irritava a outra, e nunca deixara de acabar com a tensão.

A máquina fez um clique e o Tio Marko sorriu.

– Perfeito!

Os primeiros sons suaves do acordeão e a música do violino espalharam-se pelo caminho, indicando que o noivo e os seus convidados se aproximavam, o que deu logo origem a uma explosão de energia. Katya afastou-se da irmã enquanto as mulheres gritavam, fitas esvoaçavam, e pratos de comida apareciam em cada superfície plana. Pegou num cesto de girassóis e baixou-se para evitar os braços que a sua tia agitava. Escapando ao caos, tomou o seu lugar junto de Alina e da sua prima Sasha, atrás da perfumada mesa carregada de flores que tapava a porta da casa de Sasha. Katya colocou o seu cesto ao lado dos outros e apertou as mãos para fazer com que parassem de tremer. Através dos olhos semicerrados, esforçou-se por identificar os homens que marchavam pelo caminho de terra na sua direção.

– Para com isso. – Alina deu-lhe uma cotovelada. – Estás a franzir o nariz, fica-te tão mal!

– Estou a tentar ver. – Katya retribuiu a cotovelada da irmã e, depois, arrancou nervosamente uma flor tecida numa das suas tranças grossas e escuras. Quando o seu olhar aterrou em Pavlo, o homem alto e de ombros largos que caminhava ao lado do noivo, o seu coração acelerou. Tocou com um dedo na face que ele tinha beijado na semana anterior. Aquele gesto impulsivo havia mudado tudo entre eles. Precisava de falar com ele, mas, sem saber o que dizer, tinha-o evitado na cerimónia da igreja.

– Estou a ver o Kolya – disse Alina, interrompendo os pensamentos de Katya.

Alina estava apaixonada pelo irmão mais velho de Pavlo, Mykola, ou Kolya, como todos lhe chamavam desde que Katya se lembrava. Felizmente para ela, o sentimento era mútuo.

Tias, tios, primos e amigos saíram de casa e juntaram-se à volta da mesa à medida que a música eletrizante se intensificava. A irmã de Sasha, Olha, que era a noiva, permaneceu lá dentro, à espera que o noivo pagasse o dote à sua família.

Passados alguns minutos, Boryslav, inchado de orgulho, entrou no pátio, carregando um cesto e uma garrafa de vodca. Rodeado pelos amigos e familiares mais próximos, aproximou-se, e Sasha gritou:

– Porque vieste aqui?

Boryslav devolveu-lhe um enorme sorriso.

– Para receber a minha bela noiva, Olha!

– E o que trazes para mostrar o teu apreço por Olha? – perguntou Alina.

Boryslav pousou o cesto cheio de doces e dinheiro em cima da mesa, e Katya salivou ao ver os requintados chocolates. Ninguém da sua aldeia fazia nada do género; Boryslav devia ter percorrido uma grande distância para os arranjar.

– É só isso que achas que a nossa adorável Olha vale? – Katya fez a pergunta que havia sido instruída a fazer, tentando, a custo, evitar o olhar intenso de Pavlo.

– Claro que não! – O noivo acenou com os braços e dois dos seus amigos avançaram, carregando cestos com pães. – Olha não tem preço, mas eu trouxe estes presentes para mostrar o meu apreço por ela.

Pavlo, à sua direita, fez uma vénia baixa ao colocar a oferta de Boryslav sobre a mesa. Atirou um sorriso e um piscar de olho na direção de Katya, e ela atrapalhou-se na pergunta seguinte.

– Fala-nos da beleza de Olha, Boryslav.

– Ah. Isso é fácil. Os seus olhos cintilam como o céu mais azul num dia de verão. O seu longo cabelo dourado ondula como o trigo a brilhar ao sol. O seu sorriso ilumina a sala e faz com que todos os homens se ajoelhem.

Katya quase se riu da ideia de Pavlo a dizer-lhe tais palavras de amor, mas a intensidade ardente do olhar dele no seu rosto fê-la baixar os olhos.

Sasha prosseguiu com o interrogatório; depois, o grupo de Boryslav cantou os seus louvores ao noivo, para equilibrar a negociação e assegurar que Boryslav não «pagaria» demasiado pela mão de Olha. É claro que tudo isto não passava de uma brincadeira. Olha não podia ser comprada tanto quanto Boryslav não podia marchar até à sua casa e reclamá-la. Esta velha tradição era apenas uma parte divertida das festividades do casamento, e a multidão ria-se e aplaudia com o entretenimento.

Depois de Boryslav ter finalmente recebido autorização para entrar na casa, a festa podia começar. Em pouco tempo, as mesas colocadas no exterior estavam carregadas de deliciosas iguarias – *varenyky* de ginja, carne e batatas, *holubtsi*, batatas, tiras de presunto, pão, queijo, fruta, e, claro, o pão de casamento intrincadamente decorado: *korovai*. As pessoas sentaram-se à volta das mesas, conversando, enquanto a bebida fluía das garrafas que Boryslav tinha apresentado no início do dia. Os músicos começaram a tocar ao lado da área aberta reservada para a dança.

Katya encontrou *Mama* e *Tato* a falar com a prima da mãe, Lena, e o seu marido, Ruslan. A preocupação marcava-lhes os rostos enquanto falavam em tons abafados.

– Quando chegaram à aldeia do meu irmão, no mês passado, o processo começou de imediato. Formaram brigadas, instalaram quartéis-generais, e prenderam alguns dos aldeões e deportaram-nos. – Ruslan inclinou-se para mais perto, baixando a voz. – Os que tinham as casas mais bonitas foram os primeiros a ir, é claro.

As perguntas pairavam nos lábios de Katya, mas ela não se atrevia a falar. Assim que começava, os pais desviavam a conversa para algo que consideravam mais apropriado para os seus ouvidos.

– Deportados para onde? – *Tato* abriu uma garrafa de vinho.

– Ouvi dizer que estão a mandá-los para a Sibéria. – Yosyp, o pai de Pavlo, juntou-se ao grupo quando *Tato* começou a encher os copos.

Fedir, o primo mais velho de Pavlo, baixou a voz.

– Ouvi o mesmo. O meu tio disse-me que forçaram toda a aldeia a aderir à quinta coletiva.

– Tudo isto soa um pouco exagerado. – A mãe de Katya acenou com desdém. – Eles não podem apoderar-se dos nossos animais e das terras sem a nossa permissão.

Ruslan estendeu o seu copo.

– A aldeia do meu irmão fica mais próxima da cidade e é muito maior do que a nossa. Talvez eles não se deem ao trabalho de vir até aqui.

– Estamos suficientemente perto da cidade. Achas mesmo que os soviéticos vão fazer distinção entre as aldeias? Somos todos parte de *Kyiv Okruha* – disse o Tio Marko.

Katya pensou nas horas que o Tio Marko tinha passado a caminhar e a apanhar comboios para a bela cidade junto ao rio Dnieper para comprar a sua máquina fotográfica. Embora fizessem oficialmente parte da região de Kiev, a cidade ficava a quase cento e cinquenta quilómetros de distância.

– Não importa. Eles irão onde quiserem. A Ucrânia é fértil e abundante, e Estaline pensa que devíamos ser o celeiro da União Soviética – disse *Tato*. Agitou o líquido no seu copo, mas não bebeu. – Para o conseguir, ele quer que desistamos das nossas terras e que nos juntemos às quintas coletivas. Isto tem acontecido em aldeias por toda a Ucrânia há meses, e podem chegar aqui a qualquer momento.

– Mas Estaline disse que a coletivização deve ser voluntária para que funcione – insistiu o Tio Marko.

– Ouvi dizer que já mudou de opinião. Isso põe-me nervoso. – *Tato* bebeu o seu vinho.

O Tio Marko pousou o copo sobre a mesa.

– Continuo a dizer que eles não nos obrigarão a coletivizar. A escolha será nossa.

A boca de *Tato* franziu-se de repugnância.

– Quando é que a escolha alguma vez foi nossa quando se trata de Moscov, Marko? – Um pequeno arquejo soltou-se dos lábios de Katya, e *Tato* olhou para ela. – Já chega de conversa por agora. Hoje é para festejar a união de Olha e Boryslav.

O pai de Katya pegou-lhe no braço e levou-a para longe da multidão.

– *Tato*, de que estavas a falar?

– Nada com que tenhas de te preocupar. – A sua voz vacilou tão levemente que Katya não tinha a certeza de o ter ouvido. – São só rumores.

– O que é que estás a fazer? – Alina agarrou Katya pelos ombros e balançou-a, a sua alegria contagiou-a. – Para de ouvir as coscuvilhices dos velhos. Está na hora de dançar!

Nada podia dissuadir Alina quando ela tinha uma ideia na cabeça, por isso Katya reprimiu as suas preocupações e deixou-se arrastar através da multidão. Olhou de relance para o pai, que franziu o sobrolho e emborcou a sua bebida.

– Tens o sobrolho franzido. – Alina pressionou um dedo no espaço entre as sobrancelhas de Katya. – Descontraí, Katya. Podemos preocupar-nos com tudo amanhã. Hoje à noite, divertimo-nos!

Pegou num copo de *kvass* adocicado com fruta, uma bebida fermentada feita com pão de centeio, bebeu um gole e passou-o a Katya.

Apesar de, e talvez devido aos sentimentos de mal-estar que a atormentavam, Katya seguiu o exemplo da irmã. Levantou o copo e engoliu a sua apre-

ensão juntamente com a bebida que lhe fazia cócegas ao descer pela garganta. A música encheu o ar. Os pés batiam e o riso pontuava os sons do violino enquanto este se misturava com o acordeão, a *bandura* e a flauta *sopilka* para criar o ritmo que pulsava na noite.

O seu olhar desviou-se para onde os homens tinham começado a dançar e pousou em Pavlo. Os vigorosos movimentos de dança realçavam o seu físico musculado, e uma ânsia surpreendente percorreu-a enquanto o admirava. Ele viu-a a observar e sorriu, e ela desviou o olhar, as suas emoções num grande turbilhão. E se o beijo e estes sentimentos deitassem a perder a amizade próxima de que tinham desfrutado durante os dezasseis anos da sua vida? Ele era o seu melhor amigo.

Alina deu-lhe uma cotovelada e riu-se.

– Pareces terrivelmente culpada. Aconteceu alguma coisa? Será que, finalmente, ele te disse o que sentia por ti?

Katya suspirou nervosamente. Alina não sabia que Pavlo a tinha beijado. Mas, de repente, as palavras da sua irmã fizeram sentido, e Katya virou-se para olhar fixamente para Alina.

– Espera, o que queres dizer com isso? O que é que ele sente por mim?

– Oh, por favor! Todos sabem de vocês os dois. – Alina riu-se por cima do ombro enquanto se atirava para os braços de Kolya.

– Sabem o quê? – A pergunta de Katya desvaneceu-se. Alina estaria a especular ou teria Pavlo falado com ela? Com um olhar culpado, fugiu da multidão asfixiante. Longe da confusão, respirou fundo o ar doce da noite.

Como é que ela tinha chegado a este ponto? Há um ano, ela ter-se-ia desmanchado a rir com a ideia de ela e Pavlo juntos desta forma. No entanto,

aqui estava ela, a pensar novamente no momento da semana anterior que mudara tudo.

Katya fora a correr pelo campo até à quinta de Pavlo para ver se eles tinham alguns ovos a mais para *Mama*, que estava a fazer uma sobremesa para o casamento. Os pais de Pavlo tinham ido à aldeia, e Kolya estava na casa de Katya com Alina, por isso foi Pavlo que abriu a porta, sem camisa e a secar o cabelo com uma toalha.

Katya revirou os olhos ao vê-lo.

– Não te vestes antes de abrir a porta?

Os movimentos longos e lânguidos de Pavlo, como um gato confiante, complementavam a sua descontração natural, e ele sorriu.

– Estava a lavar-me. Tive um percalço com um leitão fugitivo. Atirou-me para um monte de lama, e eu rasguei a camisa.

Katya soltou uma gargalhada.

– Quem me dera ter visto isso.

Os olhos dele semicerraram-se e ele largou a toalha.

– Posso imaginar. Bem, o que te traz aqui?

Katya ficou mais séria.

– Oh, não sejas tão sensível, Pavlo. A *Mama* precisa de dois ovos e nós não temos mais.

– Vamos ter de ir ver ao galinheiro. Comi os ovos todos esta manhã.

– Tudo bem. Passo lá a caminho de casa.

– Eu vou contigo. – Pavlo avançou na direção dela.

Katya deu um passo atrás.

– Não queres vestir a camisa?

– Depois – disse ele com um encolher de ombros.

Ela ergueu uma sobrancelha, depois rodou sobre os calcanhares e avançou em direção à capoeira. Ele encurtou o passo para igualar o dela, mas permaneceu em silêncio.

Katya olhou para ele enquanto entravam no galinheiro.

– Passa-se alguma coisa? – Mexeu debaixo de uma galinha empoleirada num ninho. A galinha soltou um cacarejar assustado, e Katya tranquilizou-a.

– Não – disse Pavlo, a sua voz tensa.

Mesmo quando era um rapazinho, ele nunca tinha conseguido esconder nada dela, e, curiosa com o seu estranho humor, Katya observou-o pelo canto do olho enquanto colocava dois ovos no bolso. Entregou-lhe mais dois, que ele colocou em cima do ninho antes de voltar a olhar fixamente para ela.

– O que é? Tenho palha no cabelo? – Katya alisou a trança desgrenhada. – Estive a ajudar o meu pai a espalhá-la antes de vir.

– O teu cabelo está perfeito. – Falou em voz baixa, num tom rouco.

O coração de Katya sobressaltou-se. A língua, subitamente espessa e desajeitada na sua boca, não conseguia funcionar.

– Obrigada pelos ovos – conseguiu finalmente dizer e passou por ele em direção ao caminho para a sua casa.

Aquela saída airoso falhou quando o seu pé se enfiou num buraco e ela tropeçou. Pavlo mergulhou e puxou-a contra o seu peito nu. Ela olhou para cima, o seu rosto a centímetros do dele, e ele segurou-a, mantendo-a ali, pressionando-a contra ele. Ela conseguia ver cada pestana espessa e cor de mel que emoldurava os seus brilhantes olhos cor de avelã, as sardas espalhadas pelo

seu nariz. Tudo à sua volta se desvaneceu, pois, pela primeira vez, ela via-o realmente, e sentiu um nó no estômago. O calor do corpo dele queimava-lhe as mãos e, agora muito consciente da sua proximidade, Katya mexeu-se para o afastar. Os braços de Pavlo apertaram-se à volta da cintura dela por um breve momento, como se estivesse relutante em deixá-la ir. Inclinou-se para a frente e encostou-lhe os lábios à orelha, e aquele toque suave fez com que o cabelo na sua nuca se arrepiasse.

– Vais precisar de mais ovos – sussurrou ele.

A respiração que Katya tinha estado inexplicavelmente a sustentar, soltou-se num súbito arquejo. De que estava ele a falar? E o que esperava ela que ele sussurrasse ao seu ouvido? Depois, quando a sua coxa assinalou a humidade das gemas húmidas dos ovos partidos no seu bolso, Pavlo moveu os lábios para a face dela e beijou-a.

Se ele ainda não a estivesse a segurar tão de perto, ela teria caído de novo, embora nunca o admitisse.

Pavlo afastou-se com um sorriso confiante, e Katya fez a única coisa que lhe ocorreu. Deu-lhe um estalo.

– O que é que estás a fazer, Pavlo? – A confusão turvou-lhe a mente, mas a raiva fervilhava à superfície. Quem pensava ele que era para a beijar sem perguntar?

Ainda sorridente, ele tocou na marca vermelha da mão dela no seu rosto.

– Não esperaria menos de ti, Katya. Pensa nisso. Organiza os teus sentimentos. Eu já decidi o que quero. Avisa-me quando souberes o que queres – Pavlo inclinou-se, pegou nos dois ovos que ainda tinha e colocou-os nas suas mãos trémulas.

Katya pegou neles, o seu corpo ainda a vibrar do contacto com ele, e correu para casa.

Desde esse dia, ela passara em revista a cena na sua mente vezes sem conta. Teria sido planeado? O que quisera ele dizer, que já decidira o que queria? O que queria ela realmente, agora que ele tinha arruinado a amizade simples deles?

Fosse como fosse, aquele beijo não podia ser esquecido.

– Katya! Não conseguia encontrar-te.

O som da voz profunda de Pavlo fez com que a pele dos seus braços se arrepiasse. Cruzando a distância entre eles, o seu sorriso brilhava na luz fraca.

– Não sabia que andavas à minha procura. – A pulsação de Katya retumbou nos seus ouvidos enquanto se debatia para controlar a sua reação física ao vê-lo. – Precisava de um pouco de ar fresco para me ajudar a pensar.

– Ainda estás a pensar? – Ele estendeu a mão e enrolou uma mecha de cabelo dela no seu dedo.

Katya estacou, sem saber o que fazer. Os seus pensamentos baralharam-se, irrompeu dela um chorrilho de tontices.

– Oh, não sobre isso. Mais sobre a colheita, na verdade. Estava a pensar que devíamos...

Pavlo segurou a cara dela nas suas mãos grandes e calejadas e pressionou os polegares na boca dela, silenciando a sua divagação.

– Não consigo pensar em mais nada senão em ti.

Tudo o resto se desvaneceu quando ele encostou os seus lábios aos dela, e ela derreteu-se nele, elevando-se na ponta dos pés para deslizar para o seu abraço.

Quando ele se afastou para a olhar nos olhos, Katya ficou imóvel, fitando-o com os lábios entreabertos. O beijo no rosto da semana anterior podia tê-la confundido, mas este beijo tomou a decisão por ela. Ela nunca seria capaz de negar os sentimentos que surgiam entre eles.

– É só isto que é preciso, Katya? Um beijo deixa a rapariga mais tagarela que conheço sem palavras? – Pavlo riu-se enquanto o seu cabelo castanho-claro se despenteava com a brisa. – Se calhar devia ter tentado isto há mais tempo. Ter-me-ia dado muito mais paz na vida.

A provocação dele custou-lhe um murro no braço, e ele riu-se enquanto esfregava o ponto em que ela lhe batera.

– Algumas coisas mudam, e outras ficam na mesma. Vais bater-me sempre que te beijar?

– Talvez. – Katya encolheu os ombros e sorriu. – Ainda não decidi. E lá porque te deixei beijar-me, não significa que devas esquecer que ainda sou melhor do que tu em muitas coisas.

– Como poderia eu esquecer? Faz parte do teu encanto.

Subitamente ouviram gargalhadas de um grupo de homens que se encontrava fora da festa, e Katya irritou-se com a intrusão naquele momento especial.

– Vamos dar um passeio e afastar-nos da multidão – sugeriu ela.

– Um passeio à luz das estrelas com uma rapariga bonita? Não consigo pensar em mais nada que eu preferisse fazer. – Com uma vénia, Pavlo estendeu o cotovelo, e ela pousou a sua mão na curva do seu braço. Passearam pela noite tranquila e, naquele momento, Katya era a rapariga mais feliz do mundo.

CASSIE

Wisconsin, maio de 2004

Dois dias mais tarde, a pequena casa que Cassie considerara o seu lar durante o último ano e meio estava completamente arrumada, limpa e pronta a ser fechada. Ajudou que ela e Henry tivessem deixado todos os extras – tacos de golfe, porcelanas e presentes de casamento que nunca tinham usado – num armazém, antes de se terem mudado para ali.

– Telefonei ao teu senhorio, Cass. Disse-lhe que deixaríamos as chaves no balcão da cozinha – gritou Anna enquanto transportava o último dos artigos de cozinha para o carro.

– A sério? E ele não se importou que eu saísse assim?

– Oh, não, ele parece ser um homem muito simpático. Disse que compreendia. Não te pode reembolsar o resto da renda deste mês, claro, mas envia-te a caução assim que verificar tudo.

– Obrigada. – Cassie empurrou uma caixa para a parte de trás do SUV e fechou o porta-bagagens.

– Dá-me as chaves. Vou trancar tudo. Certifica-te de que a Birdie tem o cinto posto e que está pronta para ir. – Anna estendeu a mão.

Cassie respirou fundo, forçou um sorriso e obedeceu, porque era o que se fazia quando Anna tomava conta das coisas. De qualquer maneira, não queria voltar a andar pela casa. Não restava nada lá dentro, a não ser tristeza.

Cassie inclinou-se sobre o banco de trás.

– Olá, passarinho. Estás pronta?

Birdie acenou com a cabeça, os olhos bem abertos e brilhando de excitação.

– Estás contente por voltar para casa? – perguntou Cassie. Birdie acenou de novo. – Acho que eu também estou. Vai ser um novo começo para nós.

Cassie puxou o cinto de segurança por cima de Birdie e da sua cadeirinha.

– Não digas à avó, está bem? Não quero que ela fique toda presunçosa.

Birdie sorriu, as suas bochechas gorduchas rosadas e macias, e Cassie sentiu-se derreter por dentro. Quando fora a última vez que ela vira aquele sorriso doce? Quanto de Birdie se tinha perdido no ano passado, enquanto Cassie se afundava na sua própria dor?

– Vamos! – Anna desceu as escadas do alpendre a correr. – Eu vou à frente e tu podes seguir-me.

– O costume – disse Cassie, enquanto deslizava para o volante.

Desde o acidente de viação de Henry que o ato de conduzir se transformara para Cassie. Embora ele tivesse feito tudo bem e cumprido todas as regras da estrada, outra pessoa não o tinha feito, e o seu erro custara a vida a Henry. Como poderiam aqueles que ficavam para trás ultrapassar este medo da estrada? O seu psicólogo tinha muitas respostas, mas ela não concordava com nenhuma. Enquanto conduzia, o mecanismo a que recorria para lidar com o medo era música alta e alegre, a par com uma mão cerrada no volante e um estado de hipervigilância. Nunca se recostava para trás. Sentava-se literalmente na borda do assento, alerta a qualquer perigo possível.

Este tipo de condução deixava-a exausta, pelo que evitava carros sempre que possível. Ela e Birdie iam a pé até à biblioteca e à mercearia, e não sentiam necessidade de ir a muitos outros lugares. Assim, três horas depois, quan-

do pararam em frente à casa de tijolo de Bobby, as costas de Cassie estavam doridas, tinha a cabeça a latejar e os braços soltaram-se, frouxos, do volante.

– Chegámos! – disse alegremente para Birdie, apesar dos músculos rígidos e da tensão da mudança repentina. Birdie olhou para ela com as sobrancelhas erguidas e Cassie fez uma careta. Até a sua filha de cinco anos de idade conseguia perceber quando ela estava a fingir.

Abriu a porta do carro e deixou o ar frio passar-lhe pela cara. A dor na cabeça diminuiu e ela saiu, esticando os braços para trás e inclinando-se para a frente, deixando o corpo descontraír.

Birdie desapertou o cinto e voou para fora do carro até à porta da frente. Uma sensação de calor inundou o peito de Cassie; a casa estava tal e qual como quando ela era criança. Longos canteiros de flores corriam ao longo da parede da frente. No verão, transbordavam de peónias, malvas, zínias e cosmos. Agora, os pequenos rebentos perenes eram difíceis de distinguir, e as manchas despidas clamavam pela sua plantação anual. Os canteiros vazios chamavam por Cassie e, pela primeira vez em muito tempo, ela teve o impulso de fazer algo mais do que simplesmente existir.

– Pensei que podíamos instalar-te e depois ir buscar a Bobby – Anna enca-minhou-se para junto de Cassie e colocou o braço à volta da filha.

– Parece-me bem – respondeu Cassie. – Vamos buscar a primeira carga, então.

Em pouco tempo, tinham os pertences pessoais de que precisariam empilhados num dos quartos de hóspedes e os artigos domésticos que não faziam falta armazenados na cave. À saída, Cassie fez uma pausa no recanto sagrado na parede oeste da sala de estar. *Os ícones devem estar virados para leste*, lembrou-se de Bobby lhe ter dito. Dois quadros antigos, ornamentados – um

de Jesus e outro de Maria segurando o menino Jesus – estavam pendurados na parede, com um belo *rushnyk* bordado drapejado sobre eles. Cada extremidade do pano caía junto às molduras e tinha uma imagem em espelho de uma árvore vermelha adornada com flores, vinhas e pássaros. Na estante por baixo, algumas estampas mais pequenas de santos, um livro de orações, velas benzidas, um frasco de água benta e incenso completavam o espaço onde Bobby rezava todos os dias.

Cassie não se considerava religiosa, mas a importância deste recanto sagrado para Bobby tornava-o especial para si. A sua ansiedade com a mudança repentina dissipou-se, enquanto memórias carinhosas de Bobby preenchiam os seus pensamentos. Ela queria estar aqui para a ajudar e para dar a Birdie uma oportunidade de conhecer realmente a sua bisavó.

– Podes levar isto para o quarto da Bobby? – Anna entrou pela porta da frente e estendeu-lhe um cesto cheio de roupa dobrada. – Queria tê-lo deixando mais cedo, mas esqueci-me.

– Claro.

Cassie pegou no cesto e levou-o até ao quarto ao fundo do corredor. A divisão cheirava ao perfume de Bobby, e sentiu-se invadida por outra súbita vaga de nostalgia. Pousou o cesto na cama feita na perfeição, e depois deteve-se ao ver um livro aberto na mesa de cabeceira, como se alguém o tivesse pousado com a intenção de voltar a pegar nele logo a seguir. O pavio queimado de uma vela elevava-se de um monte de cera derretida solidificada num candelabro baço, em nítido contraste com a grande lâmpada moderna que iluminava toda a cena.

Cassie inclinou-se para mais perto ao ver as minúsculas palavras em ucraniano que preenchiam cada centímetro quadrado de espaço na página amare-

lada. Não era um livro. Era um diário.

Com cuidado, levantou o tomo gasto e fechou-o, passando a ponta dos dedos pela capa coçada de couro castanho. Sulcos e riscos pontuavam a superfície e falavam da sua longa e bem utilizada vida.

Uma vez que a sua licenciatura era em História e Jornalismo, Cassie tentara durante anos entrevistar Bobby para diferentes trabalhos de investigação. Bobby recusara sempre. *O passado já lá vai, Cassie. Temos de olhar para o futuro.*

Não era um conselho muito útil para um historiador em início de carreira. As evasivas de Bobby só tinham aumentado o desejo de Cassie de saber mais sobre a vida da avó, e sempre que tinha uma oportunidade, tentava novamente. Por fim, acabara por desistir. Por algum motivo a teimosia de Bobby era bem conhecida na família. Mas, se Bobby estava a reviver o passado, como dissera a sua mãe, Cassie precisava de o compreender se a queria ajudar.

Fechou os olhos e passou a mão sobre a capa. O calor pulsou através dela, como se pudesse sentir as palavras a ganhar vida, pintando o retrato das histórias e da História no seu interior. Os pelos dos seus braços arrepiaram-se, e ela estremeceu.

– Cassie? Estás pronta? – A voz de Anna quebrou o feitiço.

Os seus olhos abriram-se.

– Sim, vou já.

Cassie apertou o livro contra o peito e soltou um suspiro pesaroso. Se ao menos fosse assim tão fácil. Pensou em levar o diário para o seu quarto para poder investigar melhor, mas levar um artigo tão pessoal provavelmente não seria a melhor maneira de começar esta nova vida com Bobby, especialmente

se Bobby viesse à procura dele. Além disso, nunca aprendera ucraniano, pelo que nem sequer o conseguiria ler. Pousou o livro na mesa de cabeceira e deitou-lhe um último olhar de angústia, perguntando-se que respostas teria; depois, dirigiu-se para o carro.

KATYA

Ucrânia, Janeiro de 1930

— Quem são aqueles? — A mãe parou à frente de Katya quando saíram da igreja, numa noite fria de inverno.

Katya contornou-a para ter uma melhor visão da praça da aldeia. Ladeada por lojas, várias casas e a igreja, formava uma pequena clareira onde os vendedores se instalavam em dias de mercado. Hoje, encontrava-se vazia quando um grupo de pessoas e duas carroças se aproximaram do leste. As cores escuras e as linhas rudes da caravana destacavam-se, como uma mancha que contrastava com os cinzentos suaves e o branco da paisagem coberta de neve.

— *Tato*? — Katya olhou para o pai, que tinha pousado uma mão no seu ombro enquanto as pessoas saíam da igreja atrás deles.

— Eu bem te disse, Viktor — disse Ruslan, antes que *Tato* pudesse responder.
— São os homens de Estaline.

Um murmúrio baixo cresceu entre a multidão, enquanto Katya contava cerca de duas dúzias de pessoas que se moviam à frente das carroças. O ar fais-cava de apreensão, e ela apertou mais o casaco, como se conseguisse proteger-se da ameaça desconhecida que avançava na sua direção.

Pavlo, Fedir e Kolya colocaram-se ao lado deles enquanto os recém-chegados paravam as suas carruagens. Pavlo deu um aperto rápido e reconfortante no braço de Katya. Um homem que se apresentou como camarada Ivanov, o seu líder do Partido Comunista, ergueu-se na carroça para se dirigir a todos com a sua voz fina e esganiçada.

– Camaradas! Parece que vos apanhámos no momento perfeito. Todos devem ficar para uma reunião obrigatória para que possamos falar-vos dos maravilhosos planos do camarada Estaline para vós.

O camarada Ivanov apresentou o pequeno grupo dos Vinte e Cinco Mil, um contingente de cerca de 25 000 ativistas voluntários soviéticos de língua russa destacados por toda a Ucrânia, que iriam coletivizar a sua aldeia.

– Libertem-se dos grilhões do capitalismo e escolham uma vida melhor. As nossas quintas prosperarão quando juntarmos os nossos recursos e trabalharmos em conjunto!

Com os seus sapatos reluzentes, roupa citadina e rosto pálido, Katya duvidava que ele soubesse muito sobre agricultura, mas isso não o impediu de continuar.

Enquanto expunha o plano de entregar o gado e as terras ao coletivo, Katya viu um ativista pregar um cartaz colorido à porta da igreja, representando um homem e uma mulher sorridentes junto a um trator. A legenda dizia:

Trabalhai felizes e a colheita será boa na primavera, verão, outono e inverno.

Prokyp Gura esbarrou com Katya, um forte cheiro a álcool a pairar junto dele enquanto acotovelava a multidão para se apresentar ao camarada Ivanov.

– Algumas pessoas parecem entusiasmadas com isto – disse Katya, enquanto Prokyp gesticulava em direção a um cartaz e batia orgulhosamente no peito.

– Algumas pessoas são idiotas – respondeu Pavlo.

Fedir inclinou-se para ela e para Pavlo e indicou com a cabeça um grupo de ativistas.

– Olhem para eles a tomar notas.

Os seus lápis rabiscavam furiosamente enquanto caminhavam pelas estradas que saíam da praça da aldeia e inspecionavam as casas próximas. Um homem bateu numa parede da casa dos Krevchuk. Falou com outro homem e depois escreveu algo.

– Notas sobre o quê? – perguntou Katya.

– Provavelmente, sobre quem tem a maior casa. – Fedir abanou a cabeça com repugnância. – Eles precisam de viver nalgum lado, não é verdade?

Os olhos de Katya arregalaram-se. Ansiava por agarrar a mão firme de Pavlo, mas os seus punhos estavam cerrados a seu lado.

* * *

Enquanto caminhavam para casa naquela noite, Katya não conseguia evitar as perguntas.

– Não faz sentido. Porque é que alguém abdicaria da sua independência?

– Estaline tem estado a forçar a coletivização por todo o lado – disse *Tato*.
– Era apenas uma questão de tempo até que os comunistas chegassem à nossa aldeia. Ele acredita que se a terra e o trabalho forem organizados, o rendimento será maior. A sua União Soviética colherá os benefícios do que nós semeamos. – Abanou a cabeça em repugnância. – É sempre a mesma história, desde há séculos. Todos querem a terra fértil da Ucrânia para si, e ninguém quer deixar que os Ucrânios a governem.

– Disseste que eram só rumores – Katya sentiu algo quebrar-se dentro dela com a traição do pai. – Agora dizes que era apenas uma questão de tempo?

– Eu não vos queria preocupar. – *Tato* abrandou o passo para caminhar ao lado dela. – E esperava que eles não chegassem aqui. Rezei por isso.

– Serviu de muito. – Katya deu um pontapé numa pedra da estrada, desejando poder atirá-la ao camarada Ivanov.

– Kateryna Viktorivna Shevchenko! – rosnou a mãe. – Não gozes com a oração nem com o teu pai.

As únicas vezes em que Katya ouvia o seu nome completo vindo da sua mãe era quando estava a ser repreendida. O rubor tingiu-lhe as faces enquanto apresentava um pedido de desculpas murmurado.

– Toda a ideia em si é ridícula! – Fedir abanou a cabeça com repugnância.

– Talvez sim, mas estes ativistas acreditam verdadeiramente neste plano. – A preocupação no tom de *Tato* fez com que Katya estremecesse no ar frio da noite.

– A convicção não lhes dá razão – disse Pavlo. Deixou a sua mão tocar na de Katya e manteve-a lá, pressionando-a contra a sua pele. Ela estremeceu de novo, mas desta vez não foi de frio ou de preocupação.

– Não, não dá – concordou *Tato*. – Nunca foram proprietários da sua própria terra ou trabalharam na sua própria quinta. Não conhecem a satisfação de fazer a colheita que se semeou e cultivou, de alimentar a sua família, de plantar a semente da colheita de outono para recomeçar o processo na primavera – Abriu os braços e gesticulou em direção aos campos que os rodeavam. – É isso que faz de nós agricultores.

– Exatamente. – *Mama* assentiu com vigor e colocou a sua mão no ombro de *Tato*. – Porque haveríamos de aceitar isso?

– Não o faremos! – disse Katya com firmeza.

* * *

Na manhã seguinte, enquanto Katya se encostava ao flanco quente da vaca, o som de uma criança a chorar interrompeu o ritmo hipnótico do leite a esguichar para o balde. Agarrou no balde para que a vaca não o derrubasse e espreitou lá para fora. O pai estava perto da estrada, a falar com Polina Krevchuk. Atrás dela, estava parado um carrinho de mão com algumas roupas e os seus dois filhos pequenos.

Katya chegou a tempo de ouvir Polina dizer:

– Eles vieram a meio da noite e prenderam o meu marido. Disseram que ele era um *kulak* e que ficavam com a casa para a sede do Partido. – Cerrou o maxilar e tentou conter as lágrimas.

Katya pestanejou ao recordar o comentário de Fedir sobre os ativistas à procura de casas grandes, e a forma como aquele ativista tinha verificado a solidez das paredes dos Krevchuk. Eram uma das famílias mais ricas da aldeia e a casa deles era maior e mais agradável do que a maioria.

– Para onde é suposto irem? – perguntou *Tato*.

– Disseram que tínhamos de deixar a aldeia imediatamente, se não queríamos ser presos também. Vou ver se o meu irmão nos acolhe.

– E os vossos animais? Os vossos bens? Não puderam levar nada?

Polina fungou.

– Conseguimos trazer apenas algumas roupas.

– Quanto tempo vão reter o seu marido? – perguntou Katya.

A mulher reprimiu um soluço.

– Não sei.

Katya esforçou-se por encontrar algo para dizer, só foi capaz de abraçar Polina enquanto esta chorava, tapando o rosto com as mãos.

Mama apareceu com um pequeno pão embrulhado num pano.

– Aqui tem, Polina. Não é muito, mas encherá os vossos estômagos na viagem.

– Obrigada. – Polina endireitou-se e limpou o nariz. – Temos de ir. Tenho de pôr os meus filhos em segurança antes de anoitecer.

À medida que se afastavam, a criança mais nova começou a chorar novamente.

– Onde está o meu *Tato*? Quero o meu *Tato*!

Katya cerrou os punhos.

– Não está certo. Como podem os ativistas expulsá-los da sua própria casa?

– Não faças perguntas agora, Katya – O cansaço desenhara círculos escuros sob os olhos de *Tato*. – Anda, temos de terminar as nossas tarefas.

* * *

Nessa noite, na reunião obrigatória seguinte, Katya soube que quatro outros homens haviam sido presos durante a noite e que as suas mulheres e filhos tinham sido expulsos das suas casas. Todos, tal como os Krevchuk, pertenciam a famílias ricas com posições de respeito e poder na aldeia.

Katya avaliou a multidão reunida na igreja. Enquanto os ativistas faziam os seus monótonos discursos, as pessoas riam e conversavam, mas algumas dirigiram-se para a mesa comprida e acrescentaram os seus nomes à lista do Partido.

– Alguns estão mesmo a inscrever-se – disse Katya.

Pavlo acenou com a mão.

– Apenas os fracos. Falharam sozinhos e pensam que o coletivo vai cuidar deles.

Fedir escarneceu:

– Não me parece – Indicou os oradores. – Duvido que estes tolos alguma vez tenham sequer saído da cidade, quanto mais pisado uma quinta. Ainda ontem vi um confundir um bode com uma ovelha.

– Viste que o Prokyp faz agora parte de um grupo ativista? – perguntou Pavlo. – O bêbado da aldeia a tentar ensinar-nos como trabalhar a nossa terra. Inacreditável!

Uma mulher ativista passou por eles e enfiou um papel nas mãos de Katya.

– Anda, juntem-se ao *Komsomol*. Deixem estes velhos caminhos para trás e entrem na nova era!

Pavlo espreitou por cima do ombro de Katya, para a fotografia de dois exuberantes jovens adultos levantando as mãos em saudação a José Estaline.

– A União da Juventude Comunista precisa de Ti! Estaline precisa de Ti! – Katya leu em voz alta. Encontrou o olhar de Pavlo. – Não vamos fazer isto.

– Claro que não – Os olhos de Pavlo semicerraram-se quando pegou no papel e o amassou.

Cartazes e faixas anti-*kulak* para os Jovens Pioneiros – o homólogo mais jovem do *Komsomol* – estavam por todo o lado.

Jovem Pioneiro! Aprende a lutar pela Causa da Classe Trabalhadora!

Vamos Destruir os *Kulaks* como Classe!

Afastem os *Kulaks* do vosso caminho! Os Grandes Inimigos da Coletivização!

Cansada de ouvir os discursos redundantes, Katya olhava fixamente para os cartazes durante as reuniões, mas estes não faziam sentido para ela. O que havia de errado com esta vida? Ela adorava trabalhar com o pai nos campos e cuidar dos animais. Gostava de passar os dias a cultivar a horta da família com a mãe, depois fazer a colheita para que tivessem comida boa durante todo o inverno. Porque é que isso havia de mudar?

À medida que os dias passavam e as reuniões continuavam, a igreja, que tinha sido requisitada para todas as reuniões do Partido, tornou-se irreconhecível. Todos os ícones sagrados foram removidos, substituídos por tecido vermelho e estandartes que anunciavam os benefícios da coletivização e do comunismo. Muitos aldeões ainda escarneciam da ideia das quintas coletivas em privado, mas as fileiras dos comunistas começaram lentamente a adensar-se com agricultores mais pobres e desiludidos que acreditavam na propaganda anti-*kulak*.

Falar no levantamento contra os *kulaks* tornou-se o grito de batalha dos ativistas, e o camarada Ivanov ataçava o fogo.

– Durante anos, foram escravizados para que os *kulaks* ficassem com todos os lucros! Vivem nas suas casas elegantes e escarnecem de vós! Acabou-se! Esta é a vossa oportunidade de tomarem o que é vosso por direito!

– Agora um *kulak* é qualquer pessoa que não fracasse? – disse Fedir em surdina. – Quem tenha dinheiro para contratar ajuda na colheita ou que possua uma segunda vaca? É o que basta para que Estaline os considere agricultores ricos?

No entanto, até Fedir tinha reprimido as suas explosões desde que membros da OGPU, a força policial secreta de Estaline, tinham entrado na aldeia a meio da noite. Com as suas túnicas verde-azeitona e os seus olhares implacá-

veis, vigiavam as multidões em busca de qualquer sinal de desrespeito ou discordância, e a sua intimidação funcionava. Ninguém queria chamar a sua atenção e correr o risco de ser preso.

– Estaline decidiu que a Ucrânia deve estar livre de classes sociais para que estas quintas coletivas sejam bem-sucedidas – disse Tato, em voz baixa.

– Mas como pode ele conseguir isso? – Katya roeu as unhas enquanto o olhar de pedra de um oficial da OGPU passava por ela.

Ninguém lhe respondeu, e a voz do camarada Ivanov ressoou.

– Abaixo os *kulaks*! Abaixo os *kulaks*!

– Temos de lhes fazer frente agora – disse Fedir. Pôs-se de pé num salto, tremendo com uma energia nervosa.

Katya sentiu Pavlo ficar tenso ao seu lado, enquanto agarrava o ombro de Fedir.

– Sê sensato. Agora não é a altura certa, Fedir. A OGPU está a observar.

Fedir sacudiu o aperto de Pavlo.

– Nunca haverá um bom momento! Já não consigo ouvir mais isto. E tu também não devias! – Colocou as mãos à volta da boca. – Pega nas tuas ideias comunistas e vai-te embora! Não te queremos aqui!

Ouviram-se uns quantos arquejos por entre a multidão. O camarada Ivanov parou a meio da frase, com a boca aberta, enquanto se virava lentamente e fixava o olhar em Fedir. Recuou e falou com a mulher ao seu lado. A multidão, sem saber como reagir, esperou que Fedir fizesse mais, mas Kolya e Pavlo arrastaram-no para fora antes que ele pudesse falar novamente.

Tato soltou um suspiro de preocupação.

– Isso foi uma tolice.

* * *

Apesar de Katya e Pavlo estarem ambos a fazer recados para as suas mães, o tempo que passavam juntos a caminho de casa, vindos do mercado, era bem-vindo. Algumas folhas tenazes agarravam-se aos ramos nus das árvores que ladeavam a estrada e agitavam-se com os ventos do inverno. Katya tremeu e virou o rosto para o sol, desejando que o seu calor pudesse chegar até ela.

– Onde estão todas essas casas elegantes de *kulak* de que falam os ativistas?
– disse ela. – Muito poucas pessoas que eu conheço têm casas assim.

Os lábios de Pavlo contraíram-se.

– Aos seus olhos, um telhado de chapa é extravagante, ou até um quarto extra construído sobre a casa. Segundo eles, se não fores miseravelmente pobre és um *kulak*.

Quando chegaram a uma bifurcação na estrada, Pavlo pegou-lhe na mão.

– Vá, não vamos falar dessas coisas. Quero desfrutar desta manhã contigo. Já te disse que estás especialmente bonita hoje?

– Não – disse Katya, brincando com o cabelo solto no fim da trança. – Mas não te acanhes.

O riso profundo e rico de Pavlo ecoou à sua volta.

– Podia continuar por aí fora, mas primeiro tenho de passar no meu primo.
– Pavlo indicou a casa de Fedir, ao fundo da estrada. – Ele pediu-me para ver uns arreios que precisam de ser reparados. Depois, vou fazer uma lista de todas as provas da tua beleza.

Katya riu-se.

– Muito bem, mas não nos podemos demorar. Os meus pais vão querer saber onde estamos.

Pavlo sorriu ao voltarem para o caminho estreito que conduzia à casa de Fedir.

– Claro. Não queremos que eles fiquem com uma ideia errada a meu respeito.

– Tens sorte por o meu pai te ter em tão boa conta, ou ele seria muito mais rigoroso comigo.

– Isso pode mudar quando eu lhe contar as minhas intenções – disse Pavlo.

– Hã? E quais seriam essas intenções?

– Se eu te dissesse não seria uma surpresa. – Pavlo levou a mão dela aos seus lábios, e Katya estremeceu.

Apesar de tudo, ela não se lembrava de viver um momento tão perfeito como aquele. Pavlo não só a achava bela como também tinha intenções para com ela. Esse facto dificultava a sua preocupação com qualquer outra coisa.

Caminharam mais alguns minutos naquele estado de felicidade antes de Pavlo soltar a mão e Katya voltar à realidade.

– A porta da frente de Fedir está aberta. – Toda a alegria na voz de Pavlo desapareceu, e o pavor abateu-se sobre ela como um balde de água fria.

Ele correu pelo pátio, os pés pisando vidro partido enquanto entrava. Na porta da frente, Katya tocou numa mancha escura e húmida, e o cheiro metálico do sangue invadiu-lhe as narinas. Olhou estupefacta para o líquido vermelho nos seus dedos.

– Pavlo. – Entrou pela porta e ergueu uma mão trémula.

À sua frente, uma cena de caos total enchia o pequeno espaço: cadeiras viradas ao contrário, a mesa de pernas para o ar, pratos partidos e roupa espalhada pelo chão.

– Ele desapareceu! – A voz de Pavlo esmoreceu.

O medo espalhou-se no peito de Katya.

– Achas que foi a OGPU?

Pavlo cerrou o maxilar, tinha as têmporas a latejar.

– Quem mais poderia ser?

Ela percorreu com o olhar a casa minúscula.

– Mas ele não é um *kulak*!

– Ele ridicularizou os soviéticos na reunião de ontem à noite, lembra-te? – As palavras de Pavlo vibravam de raiva. – Agora parece que quem fala contra eles também é um *kulak*.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

Quando entraram no hospital, o inglês com sotaque de Bobby ecoou pelo corredor. Cassie deu uma pequena gargalhada enquanto olhava para Anna.

– Não deve estar muito mal. Parece a mesma de sempre.

Seguiram a sua voz e encontraram-na, de cara vermelha e irritada, a repreender uma jovem enfermeira.

– Estou farta! Disseram que eu podia ir para casa! Não preciso de mais testes.

– O que se passa? – Anna apressou-se a entrar no quarto enquanto Cassie observava o desenrolar da cena.

– Desculpe, minha senhora – disse a enfermeira. – Tive de verificar as ligaduras mais uma vez, antes da alta. Não a queria enervar, mas parece estar tudo bem. Vou pedir ao médico para assinar os papéis da alta, e estão prontas para ir para casa.

– Obrigada. – Anna virou-se para Bobby. – Trouxe-te visitas!

Cassie pegou na mão da filha e entrou no quarto.

O rosto enrugado e encovado de Bobby revelava o peso do seu recente acidente. Hematomas roxos floriam à volta do seu olho esquerdo e a pele fina das suas faces tinha aberto em vários pontos. Os caracóis castanho-acinzentados e amassados saíam por baixo da ligadura da sua têmpora, e ligeiras escoriações salpicavam-lhe os braços. No entanto, os seus olhos ainda brilhavam

como fogo, como a Bobby de que Cassie se lembrava, que geria a sua casa com punho de ferro e tinha uma mente perspicaz.

Bobby sorriu quando se aproximaram da sua cama, e Cassie abraçou-a. A constituição leve de Bobby surpreendeu Cassie; os ossos notavam-se sob a bata do hospital. Tinha perdido peso.

– Cassie! Está em casa! Isto é maravilhoso.

O rosto de Bobby suavizou-se ao ver Birdie.

– Ah, e o meu passarinho veio até mim. – Abriu os braços e Birdie subiu para a cama e afundou-se no seu abraço.

Bobby passou uma mão nodosa no cabelo da menina.

– Vá, agora estás a salvo.

Cassie olhou para a sua mãe. Anna sorriu com o reencontro e disse:

– Eu bem te disse.

Cassie revirou os olhos e sentou-se ao lado de Bobby.

– O que achas de ter visitas por uns tempos?

– Não preciso de uma *babysitter*! Foi isso que a tua mãe te disse? – Bobby olhou de relance para Anna. – Posso bem estar em casa sozinha.

– Eu sei disso – disse Cassie. – Pensei que tu precisasses...

Os olhos de Bobby semicerraram-se, e Anna deu um toque na perna de Cassie.

Cassie fez uma careta e tentou novamente.

– Pensei que talvez não houvesse problema se eu e a Birdie ficássemos uns tempos contigo. Quero voltar para casa, e a mãe não tem muito espaço na de-

la. Por isso, esperava que não te importasses que ficássemos contigo. Até encontrarmos a nossa casa.

– Oh, claro. – Bobby sorriu de satisfação. – Adoraria que ficassem comigo. Posso ensinar à Birdie como se plantam flores. Ela pode ser a minha ajudante, como tu quando eras pequena, Cassie – Apertou a mão de Birdie, e a menina acenou entusiasticamente com a cabeça.

– Ótimo! – respondeu Cassie, de pé. – Então, vamos lá tirar-te daqui.

– Nick! – O rosto de Bobby abriu-se num sorriso emoldurado por mil leves rugas, enquanto olhava para além de Cassie.

Na porta, estava um homem alto, de ombros largos, vestido com calças azul-marinhas e uma camisa com o logótipo dos bombeiros. A sua pele bronzeada quase combinava com o seu cabelo castanho-claro, e a coloração monocromática fazia sobressair os olhos azuis brilhantes em forte contraste.

– Desculpem interromper. Estávamos aqui por causa de uma chamada e ouvi dizer que ia para casa, por isso quis passar por cá. Sente-se melhor? – A sua voz baixa e melódica encheu a sala. O sorriso de Bobby cresceu quando Birdie enterrou a cabeça no ombro da bisavó.

– Sim, estou muito melhor. Nick, esta é a minha filha, Anna, a minha neta, Cassie, e a minha bisneta, Birdie. – Bobby brilhou de orgulho ao apresentar a sua descendência.

Nick deu um passo em frente e estendeu a mão na direção de Anna.

– Prazer em conhecê-las a todas.

Birdie espreitou por baixo do abrigo protetor dos braços de Bobby e, depois, voltou a esconder-se.

A minúscula divisão estava apinhada, com todas as pessoas a apertarem-se em volta de Bobby. Cassie contornou a mãe e apertou a mão de Nick, ignorando o calor e a força que sentiu pulsar nele, e avaliou o estranho. Sim, era bonito, decidiu, mas parecia dar-se muito bem com Bobby. Demasiado bem.

– Como é que se conhecem? – perguntou Cassie, com uma voz seca.

Nick segurou a mão dela um nadinha a mais do que seria habitual num aperto de mão e soltou-a enquanto respondia:

– Fui um dos paramédicos que a trouxeram.

– Faz sempre isto? – perguntou Cassie, não se preocupando em disfarçar a suspeita na sua voz. – Vem ver pacientes antigos ao hospital, quero dizer? Não há uma regra contra isso? Alguma lei de privacidade ou assim?

Ele riu-se, revelando duas covinhas profundas de ambos os lados dos dentes brancos e alinhados.

– Não, está tudo bem. Desde que eu não revele a sua ficha clínica, acho que não faz mal se eu vier dar um olá.

– Cassie, não sejas mal-educada – repreendeu Bobby. – O Nick também é neto da minha amiga Mina.

– Mrs. Koval? – perguntou Anna. – Soube que faleceu há alguns meses, sinto muito.

Nick baixou os olhos.

– Obrigado. Sinto muito a falta dela.

Bobby lançou um olhar compassivo na direção de Nick.

– A Mina deixou a sua casa ao Nick. Ele mudou-se no mês passado, pelo que, por vezes, passa lá em casa para me ver. Traz-me o jornal quando o tem-

po está mau. Por vezes, leva para casa comida que me sobra, para que não vá para o lixo.

– A Bobby adotou-me – disse Nick. – Tem sido um prazer conhecê-la.

– Não é nada disso. Agrada-me fazer isto pela Mina. O Nick é um bom rapaz ucraniano. – Bobby assentiu com satisfação, como se este facto, por si só, superasse todos os outros e elevasse Nick para outro patamar.

– Bem, eu não nasci lá, mas fui educado de acordo com as tradições ucranianas. A primeira geração cá – disse Nick.

– Eu também – disse Anna. – Estamos gratas pela tua ajuda, Nick, mas não te queremos atrapalhar. – Virou-se para Bobby. – *Mama*, quando disseste que um rapaz vizinho te estava a ajudar, pensei que te referias a um rapazinho que ganhava uns dinheiros extra para as despesas.

– Nunca perguntaste. – Bobby encolheu os ombros.

Nick ergueu as mãos, rendendo-se.

– A sério. Não me custa nada. Além disso, é bom praticar ucraniano. Detestaria esquecer-me, depois de todos os sábados em que o meu *Baba* me obrigou a frequentar a escola ucraniana. Mas tenho de ir. Só queria dizer olá. – Nick deu um passo em frente e depositou um beijo na face envelhecida de Bobby. – Agora, cuide-se.

– Obrigada, querido – respondeu Bobby, dando palmadinhas na sua mão.

– Prazer em conhecer-vos a todas. – Nick fez um aceno enquanto recuava para a porta.

Assim que ele se afastou, Cassie disse:

– Ainda acho isto um pouco estranho. Nunca viram aqueles programas de crimes sobre estranhos bonitos que fazem com que os idosos lhes passem as

contas bancárias e as propriedades?

– És terrível. – Bobby olhou para ela. – Tão desconfiada.

– Ou és tu que és ingénua? – Cassie cruzou os braços.

A voz de Bobby endureceu enquanto olhava para Cassie.

– Isso é coisa que não sou. – Após alguns segundos, a sua voz e os seus ombros relaxaram. – Talvez ele seja só um bom rapaz que sente a falta de ter família por perto? Alguma vez pensaste nisso?

– Não. É muito mais provável que ele seja um assassino em série.

Anna esboçou um sorriso.

– Bem, isso parece um pouco exagerado. Ele parece bem simpático. – Depois, quando Bobby se afastou, inclinou-se para Cassie e sussurrou: – Fica de olho nele, no entanto.

* * *

Bobby permaneceu em silêncio no caminho para casa, e depois de Anna ir à frente para abrir a porta, enquanto Cassie a ajudava a sair do carro, é que falou.

– Ela ainda não fala? – Bobby lançou um olhar para Birdie, que tinha ido atrás de Anna.

A expressão de Cassie ficou tensa.

– Não desde o acidente.

Bobby acenou com a cabeça.

– Todos sofrem de forma diferente.

Caminharam lentamente pelo passeio.

– Eu sei – disse Cassie. – Mas é tão difícil. Sinto que estou a falhar-lhe.

– *Bah* – escarneceu Bobby. – Leva o seu tempo. Vais ver.

Ficaram a observar enquanto a menina se inclinava e inspecionava um das malvas recém-germinadas, junto à entrada. Um sorriso iluminou-lhe o rosto.

– Vês, é uma menina feliz – disse Bobby. – Quando estiver pronta, falará.

– Como podes ter tanta certeza? – perguntou Cassie ao entrarem pela porta da frente.

– Sei bem o que é perder alguém – disse Bobby.

– Eu sei, mas o avô tinha quase oitenta anos quando morreu. Pelo menos tiveram um longo casamento.

Bobby fechou os olhos e respirou fundo.

– Não estou a falar dele.

Cassie olhou para ela, mas antes de poder fazer quaisquer perguntas, Bobby disse:

– É tarde. Vou para a cama. Podes ajudar-me a ir para o meu quarto, Cassie?

Nessa noite, enquanto Anna lia para Birdie, Cassie entrou na cozinha. Abriu a porta do frigorífico e riu-se ao ver um naco de fiambre e um frasco de maionese. O pão no balcão completava a refeição rápida preferida de Bobby: uma sanduíche de fiambre e maionese. Teriam de ir à mercearia em breve.

Um pedaço de papel que espreitava de debaixo do recipiente da farinha sobre o balcão – algo atípico na cozinha arrumada de Bobby – chamou-lhe a atenção. Curiosa, puxou-o e seguiu-se o canto de outro pedaço. Cassie levantou o recipiente e encontrou vários pequenos quadrados de papel cobertos por

uma escrita fina e elaborada. Ergueu um à luz e analisou de perto as estranhas letras cirílicas.

– O que é isso? – perguntou Anna quando entrou na cozinha.

– Não consigo ler – Cassie estendeu um papel à mãe.

Anna pegou nele e observou-o.

– É a letra da Bobby.

– Sim, mas o que é que diz? E porque é que há uma série deles? – Cassie apontou para a pilha no balcão.

Anna franziu o sobrolho.

– Não sei. Nunca aprendi a ler ucraniano.

Cassie ordenou as folhas de papel.

– Que estranho.

– Provavelmente são apenas listas de compras – disse Anna. – Põe-no onde o contraste para ela não ficar chateada.

– E se for outra coisa? – perguntou Cassie. – Notas sobre pessoas que ela conheceu em tempos, ou histórias sobre a sua vida.

Anna riu-se.

– Isso gostavas tu. Sabes que ela nunca fala do passado.

– Talvez seja diferente, agora que está a envelhecer – disse Cassie. Recordou o diário que tinha encontrado. – Talvez ela esteja pronta para partilhar as suas memórias.

Anna soltou um suspiro exasperado.

– Duvido. Toda a vida tentei saber mais sobre o passado da Bobby, mas ela nunca falava. Tudo o que eu ouvia era... – Anna fez uma terrível imitação do

inglês com sotaque de Bobby – ... *o passado já lá vai. Tudo o que podemos fazer é olhar para o futuro.*

– O que dizia o teu pai? – perguntou Cassie. O avô morrera quando ela tinha seis anos, as suas memórias dele eram poucas e turvas.

– Por vezes falava de agricultura, quando andávamos a plantar no jardim, mas se eu lhe perguntasse algo específico sobre a sua infância ou sobre a Ucrânia, mudava de assunto. – Anna riu-se ao recordar. – Costumava comer as sobras todas. Se eu não conseguisse terminar a minha comida, comia ele, e depois limpava o prato com um pedaço de pão. E se havia algo a estragar-se no frigorífico, ele comia, mesmo que tivesse de raspar algum bolor para o fazer.

Cassie empalideceu.

– A Bobby não é muito diferente. Tenho sempre medo de comer as sobras do seu frigorífico. Nunca se sabe há quanto tempo lá estão. Mesmo que lá estejam há duas semanas, ela dir-te-á que ainda está bom.

– Eu sei – concordou Anna. Fechou os olhos, perdida nos pensamentos. – Meu Deus, não pensava nisto há anos, mas uma vez encontrei o meu pai sentado no meio do jardim a chorar. – Abriu os olhos e encontrou os de Cassie. – Eu era nova, e isso assustou-me. Tentei dar-lhe um abraço e perguntar-lhe o que se passava, mas ele não quis falar. Passava a mão por cima dos vegetais, sempre a soluçar. Foi como se eu nem estivesse lá. – Anna abanou a cabeça. – Tentei perguntar-lhe mais tarde e ele fingiu que não sabia do que eu estava a falar. Como se eu tivesse inventado tudo.

– Contaste à Bobby? – perguntou Cassie.

– Disse-lhe que achava que o meu pai estava triste – disse Anna. – Ela respondeu-me que todos têm coisas no seu passado que os deixam tristes, mas

que é preciso ultrapassá-las.

Cassie rodopiava inconscientemente o papelinho enquanto pensava.

– Lembras-te de quando tive aquele projeto sobre o historial da família na faculdade? Ela já tinha recusado todos os outros pedidos para usar o seu passado em trabalhos de investigação. Pensei que não seria capaz de dizer não a um trabalho de genealogia. Mas não aceitou, e disse-me a mesma coisa, sobre olhar para o futuro e não nos preocuparmos com o passado. Acabei por ter de entrevistar a tia Maude do pai, e não aconteceu nada de minimamente interessante na vida dela.

Anna riu-se.

– É uma senhora amorosa, mas a não ser que sejas uma aficionada de cupões de desconto, não é muito entusiasmante.

Cassie passou o dedo sobre as palavras em ucraniano.

– Alguma vez viste o diário da Bobby?

– Se a vi a escrever num diário? Nunca. Porquê?

– Vi um no seu quarto. Também não o consegui ler.

– Achas que é dela?

– Talvez. Parecia muito antigo – disse Cassie. – Estou a pensar perguntar-lhe sobre isso e também sobre estas notas. – Levantou os papéis.

– Boa sorte. – Anna pôs-se de pé e caminhou pela cozinha. – Cass, preciso de te contar uma coisa.

– Nada de bom vem depois de uma frase dessas.

Anna esboçou um sorriso.

– O médico da Bobby pensa que ela pode estar na fase inicial da doença de Alzheimer. Tem alguns exames marcados, mas esta não foi a primeira vez que ela se afastou e se perdeu.

Cassie sentiu um aperto no estômago.

– Porque é que não me disseste isso antes?

Anna encolheu os ombros.

– Não sei. Acho que não queria admitir que Alzheimer era uma possibilidade, mas o médico dela julga que está na altura de a avaliarmos.

– Achas que pode estar relacionado com o facto de ela andar a falar ucraniano e por vezes parecer alheia a tudo?

Anna esfregou a cara.

– Sim, talvez. Às vezes, também fica confusa.

Cassie rodou uma das notas sobre a mesa.

– Ou talvez ela esteja apenas a ficar velhinha e, finalmente, a libertar todas as suas memórias reprimidas. Talvez precise de nós para a ajudarmos a processá-las.

– Era bom que assim fosse, mas não contes com isso. – Anna reprimiu um bocejo. – Desculpa, estou exausta. Precisas de mim ou ficas bem se eu for para casa?

– Estou bem. Vai descansar um pouco.

Anna deu-lhe um rápido abraço e prometeu regressar no dia seguinte. Enquanto a mãe saía pela porta das traseiras, Cassie enfiou algumas das notas no bolso antes de colocar as restantes no sítio onde estavam.

KATYA

Ucrânia, fevereiro de 1930

A medida que as semanas passavam, os aldeões acostumaram-se à rotina das reuniões bissemanais do Partido. Quando os ativistas não estavam a organizar a quinta coletiva ou os grupos comunistas, marchavam pelas zonas rurais e tentavam convencer individualmente as famílias a aderir.

– Ouvi dizer que Fedir foi enviado para a estação de comboios – disse *Tato*, uma noite.

– Para ser deportado? Para onde? – perguntou Katya.

– Não sei. Para a Sibéria, talvez?

– Kolya e a sua família tentaram despedir-se, mas não deixaram ninguém vê-lo – disse Alina.

Katya estremeceu com a memória do estado em que haviam encontrado a casa de Fedir.

– Detesto pensar no que eles lhe terão feito.

– Temos de nos esforçar por manter a cabeça baixa e não chamar a atenção para nós próprios – disse *Tato*. – As coisas vão acalmar em breve, tenho a certeza.

Pela primeira vez na vida, Katya não acreditou nas palavras de *Tato*. Não via como a situação poderia acalmar, ou para onde se encaminhava. No entanto, continuava com a sua vida. Todos os dias, levantava-se e fazia as suas tarefas, ajudava a mãe, e saía para ver Pavlo o mais frequentemente possível. No meio do colapso da vida da sua aldeia, sonhava com o seu futuro, e isso parecia-lhe errado.

A mãe aclarou a garganta. Odiava falar sobre o que se passava na aldeia e preferia ignorar completamente a situação.

– Preciso que alguém leve isto a casa de Oksana. – A mãe estendeu o cesto com um frasco de *borscht* e um pão. – Ela tem estado doente, e uma boa refeição será uma grande ajuda para eles.

Katya pôs de lado o remendo que estava a fazer e saltou da cadeira.

– Eu vou!

Tato, de rosto cansado, deixou escapar um risinho.

– Mesmo depois de um dia a ajudar-me a limpar o celeiro, não consegues ficar quieta, pois não, Katya?

– Apetece-me dar um passeio. – Encolheu os ombros e sorriu quando *Tato* lhe piscou o olho. Faria qualquer coisa para se livrar de remendar a roupa, e ele sabia-o.

– Ela não devia ir sozinha. Vai com ela, Alina – disse *Mama*. – Tens estado a trabalhar nos teus bordados o dia todo. Vai ser bom para ti fazer uma pausa.

Alina esticou os braços sobre a cabeça e suspirou.

– Tens razão. Os meus olhos estão a começar a doer. Um passeio vai ser bom.

– É tarde, por isso não se demorem – disse *Tato*; todos os vestígios de divertimento desapareceram da sua voz. – Entreguem a comida e voltem logo para casa.

– Sim, *Tato*. – Katya abotoou o casaco e enrolou um xaile grosso à volta da cabeça. As tensões contínuas com os ativistas haviam deixado toda a gente ansiosa, incluindo o seu pai, normalmente tranquilo.

Lá fora, a neve reluzia sob as estrelas e o ar frio e tranquilo era cortante ao inspirar. Katya olhou para o céu e, depois, o seu olhar recaiu sobre a quinta da família de Pavlo e Kolya, do outro lado do campo.

– Saudades do Pavlo? – provocou Alina.

– Não. – Katya olhou para a irmã e sorriu. – Bem, talvez.

Alina riu-se quando avançou para a estrada.

– Vamos despachar-nos. Talvez ele e Kolya passem por cá esta noite.

– Eles disseram isso? – Katya correu atrás dela, a possibilidade de ver Pavlo esta noite tornando os seus passos mais leves e deixando-a tonta.

Riram e conversaram enquanto caminhavam e estavam quase a chegar quando o som de um tiro cortou o ar da noite. O cesto de comida escorregou dos dedos de Katya e tombou sobre o solo congelado. Ela correu pelo caminho iluminado pela lua em direção à casa dos tios, o pão e a sopa esquecidos. Alina gritou-lhe que parasse, mas os gritos de Sasha soaram mais alto e mantiveram os pés de Katya em movimento.

As longas pernas de Alina alcançaram-na facilmente e ela atirou Katya ao chão. Aterraram num monte de neve junto ao celeiro, onde não podiam ser vistas. O coração de Katya ressoava nos seus ouvidos e o terror fez o seu corpo tremer.

– Para, Katya! – Alina sussurrou-lhe ao ouvido com urgência. – Temos de sair daqui!

Os membros delas emaranharam-se, e os casacos pesavam-lhes sobre o corpo, mas isso não impediu Katya de tentar afastar-se de Alina. O seu braço doía no sítio onde a mão de Alina o apertava.

– Não! – Katya soltou a perna esquerda de debaixo da de Alina e rolou, ficando de barriga para baixo. A neve entrou-lhe nas botas e debaixo da saia grossa que usava, os pequenos cristais entorpecendo-lhe as pernas. – Temos de os ajudar! – O sussurro contido fez-lhe doer a garganta.

Katya arrancou o casaco, desapertando os botões, e afastou-se de Alina. Os gritos de Sasha acalmaram, mas ainda pairavam, pesados, no ar, sobrepondo-se às súplicas em voz baixa do tio.

– Por favor! – implorou Alina enquanto agarrava a perna de Katya. – Sabes que é tarde de mais para eles! O que achas que vai acontecer se fores até lá?

Katya hesitou. A irmã tinha razão, mas como poderia ela viver consigo mesma se não fizesse nada, tal como toda a gente?

– Vais ser morta – disse Alina, respondendo à sua própria pergunta quando Katya não o fez. – E depois? O que será da *Mama* e do *Tato* se também te perderem? Temos de ir para casa, agora!

A referência aos pais fez Katya deter-se.

– Não posso. Podes ir, se quiseres. Preciso, pelo menos, de ver o que aconteceu. Podemos espreitar pela esquina do celeiro sem sermos vistas.

Alina torceu as mãos e olhou na direção da casa delas.

– Muito bem. Mas ficamos juntas. Não tentes fugir-me novamente.

A lua cheia que se refletia no chão coberto de neve iluminou a cena em frente das raparigas. Dois homens corpulentos da OGPU, com botas pretas altas e sobretudos escuros, arrastavam a sua tia, que soluçava, para fora de casa. Já de roupa de dormir e sem casaco, a tia Oksana vacilou quando a neve lhe tocou na pele nua.

Havia mais dois homens no quintal, de pistolas apontadas ao tio Marko. Um deles, um ativista pequeno e magro, parecia ter a idade de Katya. O seu rosto pálido exibia a sombra de um bigode, e ele olhou para o homem mais velho, grisalho, ao seu lado, em busca de orientação.

Sasha, com Denys, o irmão mais novo, nos braços, encontrava-se no mesmo lugar em que Katya se havia sentado com Sasha no dia do casamento da sua irmã Olha, apenas alguns meses antes. O irmão mais velho de Sasha, Serhiy, quase um homem adulto, estava atrás deles, mais perto da casa. Quando a mãe se debateu na neve, avançou para a ajudar.

– Não te mexas! – O ativista mais novo apontou a sua arma a Serhiy. Ela tremia nas suas mãos. – Ou desta vez disparamos para matar!

– Ela está doente. Foi por isso que ela não saiu connosco. – Serhiy levantou as mãos no ar enquanto dava passos lentos na direção da mãe. – Vou só ajudá-la.

O ativista mais novo baixou ligeiramente o braço, como se aceitasse a resposta de Serhiy. O outro não. Apontou a sua arma e atirou sobre Serhiy.

Quando a arma disparou, Katya avançou, os seus lábios abrindo-se para gritar a Serhiy que fugisse, apesar de ser demasiado tarde. Antes que ela conseguisse soltar um som, a mão de Alina cobriu-lhe a boca. Ela puxou Katya contra o seu peito, o seu coração a bater no ouvido de Katya, enquanto observavam Serhiy a cair. Aterrou sobre uma cama de neve fresca e intocada. O sangue derramou-se sem demoras, espalhando-se num círculo escarlata à volta do seu corpo imóvel.

– Nunca aceites a insolência desta gente. Faz-te parecer fraco – ladrou o homem que tinha puxado o gatilho. O jovem acenou com a cabeça, a sua bo-

ca aberta, os olhos fixos na poça de sangue que aumentava em volta do primo de Katya.

O lamento gutural da tia Oksana trespassou Katya como uma faca. A tia lutou para chegar junto ao filho primogênito, mas o tio Marko, com uma expressão de agonia estampada no rosto, puxou-a para longe da casa e do filho morto.

Sasha choramingou e afastou-se do corpo de Serhiy. Os seus olhos, arregalados de choque, pestanejavam enquanto fixava um ponto à distância. Katya desesperava por chamar por ela, por a salvar, mas não o fez. Não podia.

A coragem de Katya esmoreceu, e o seu lábio inferior tremeu quando três dos homens levaram a família para longe. O mais novo ficou para trás para arrastar o corpo de Serhiy para a floresta. Katya e Alina sentaram-se ao frio, agarradas uma à outra, até eles se terem afastado.

A voz de Katya, rouca de conter os gritos, quebrou o silêncio.

– Temos de ir contar à *Mama* e ao *Tato* o que aconteceu.

Alina acenou com a cabeça e fizeram o caminho de volta para casa, pegando no pão e no frasco de sopa partido pelo caminho e pisando a mancha de *borscht* vermelho derramado que tingia a neve, tal como o sangue de Serhiy havia feito.

Katya cerrou os olhos enquanto lhe percorriam a mente os possíveis cenários futuros para Sasha e a sua família. As lágrimas que ela tinha feito tão bem em conter corriam-lhe agora pela cara abaixo e formavam cristais gelados nas suas faces. O estouro da arma tinha finalmente parado de ressoar nos seus ouvidos, mas a imagem de Serhiy e da neve vermelha permanecia gravada na sua mente quando entraram no quintal.

Embora pequena a sua casa era agradável, uma casa típica de aldeia. Paredes construídas em taipa sob um telhado de colmo. Uma área de entrada servia de espaço de armazenamento e conduzia a uma sala principal ampla, que albergava um grande fogão *pich* caiado de branco. Decorado com flores pintadas, o *pich* era o coração da casa. As grossas paredes de tijolo mantinham toda a casa quente no inverno e projetavam-se pela divisão com saliências e alcovas.

Katya entrou em casa, olhando-a com novos olhos. A cozinha ficava do outro lado da sala, onde o forno se abria, e havia uma prateleira com chaleiras e tachos. Do outro lado do *pich*, sobre um banco comprido, ficava a cama de Katya e Alina. O resto do espaço aberto tinha uma cama para os pais, uma mesa e cadeiras. Havia flores e ervas aromáticas secas penduradas em molhos no teto, e quadros bordados de cores vivas decoravam as paredes. Até àquele dia, Katya sentira-se segura aqui.

A mãe caiu numa cadeira enquanto elas contavam a sua história, e enterrou o rosto num lenço.

– A minha querida irmã. E aquelas pobres crianças.

– Será que os ativistas pensavam que eram *kulaks*? – Katya esforçou-se por manter a voz firme.

– Provavelmente. – *Tato* esfregou o queixo. – Hoje em dia vale tudo.

– Mas eles não fizeram nada de mal! – lamentou-se Katya. – Onde é que isto vai parar? As pessoas estão a desaparecer a meio da noite. Famílias inteiras são deportadas. Para onde é que elas vão? Será que ainda estão vivas?

– Katya, baixa a voz – disse *Tato*. – Estaline quer que os *kulaks* sejam eliminados, dê por onde der. Não importa como. Ele só quer que desapareçam.

Mama soltou um grito estrangulado enquanto *Katya* andava de um lado para o outro com raiva.

– O que podemos nós fazer? Não podemos ficar aqui sentados enquanto eles são levados. – *Katya* levou a mão à boca enquanto as palavras lhe saíam. Sentiu o rosto em brasa com a sua própria hipocrisia. Ela tinha feito exatamente isso há apenas alguns minutos.

Tato pôs o braço à volta dos ombros de *Mama*.

– Não é assim tão simples. O que é que esperas? Que eu vá à sede de governo e exija a sua libertação? Seria preso também. Já o vi acontecer várias vezes. Nada do que fizermos poderá trazê-los de volta.

Os ativistas tinham deixado muito claro que ajudar um *kulak* era crime. Aqueles que tinham sido suficientemente corajosos para tentarem ripostar ou ajudar a família e amigos a esconderem-se, haviam sido apanhados e deportados juntamente com as pessoas que tinham tentado salvar.

Katya cerrou os punhos.

– Mas o que podem eles fazer a todos? Se todos nós defendermos os nossos amigos, a nossa família, juntos, o que podem eles fazer a toda a nossa aldeia?

Tato fez uma careta.

– Não vês? Eles já o estão a fazer à nossa aldeia. Quantas casas estão vazias? Quantas famílias foram deportadas? Querias que me arriscasse a ser preso ou alvejado para apaziguar a tua necessidade de fazer alguma coisa? Ou queres que eu deixe que a minha mulher ou as minhas filhas corram o risco de serem presas? Não me resta alternativa, *Katya*. Tens de perceber isso!

As palavras de *Tato* desanimaram-na, e *Katya* caiu na cadeira em frente ao *pich* quente. Tentou imaginar um *Tato* impotente, incapaz de proteger a famí-

lia. O pensamento aterrorizou-a, mas quando viu os seus ombros caídos e o entorpecimento no seu olhar, pareceu-lhe que já assim era. O plano de Estaline de aterrorizar os restantes ucranianos, conseguindo a sua subserviência para que se juntassem ao seu regime, estava a funcionar tal como ele esperara.

Mama limpava os olhos com o um lenço húmido. Foi até à parede virada a leste, onde guardava os seus ícones sagrados, e caiu de joelhos diante das imagens de Jesus Cristo e da Virgem Mãe segurando o Menino Sagrado. De cada lado das imagens havia um pano branco *rushnyk*, com duas árvores da vida vermelhas intrincadamente bordadas – uma em cada extremidade –, emoldurando a zona onde a família rezava. Acendeu a vela benzida, fechou os olhos e uniu as mãos.

Katya lançou-lhe um suspiro exasperado. Rezar não ajudaria Sasha nem o resto da sua família agora. Virou-se para o pai:

– Não nos vamos inscrever no coletivo, pois não?

– Faremos tudo o que pudermos para o evitar – disse *Tato*, mas à sua voz faltava o vigor habitual.

* * *

Mais tarde nessa noite, enquanto Katya se deitava com as costas contra as de Alina, na sua cama minúscula, o sono teimava em não vir. Não conseguia parar de rever os acontecimentos do dia na sua mente. O sangue de Serhiy, os gritos de Sasha, o grito de angústia da tia Oksana. Agora tinham desaparecido, provavelmente para sempre, e Katya não tinha feito nada. Fechou os olhos com força e desejou que as imagens abandonassem o seu cérebro, mas foi inútil. Enfiou a mão debaixo da almofada, puxou o maço de papéis que mantinha enrolado à volta do toco de um velho lápis e, apenas com o luar que

entrava pela janela a iluminar a página, começou a escrever o que tinha visto, até que os seus olhos se tornaram pesados e o sono finalmente chegou.

No dia seguinte, apressou-se nas suas tarefas matinais de ordenhar a vaca, alimentar o gado e recolher os ovos; depois, atravessou o campo coberto de neve que separava a sua quinta da de Pavlo.

Encontrou Pavlo na rua, dirigindo-se para o celeiro, e caminhou ao lado dele.

– Podemos falar?

A sua mão fria enfiou-se na mão quente dele e ele apertou-a.

– Claro que sim.

Pavlo conduziu-a para dentro, em direção aos estábulos dos cavalos. Cada um agarrou numa escova e, juntos, trabalharam na limpeza de uma égua velha. Katya contou-lhe tudo o que tinha acontecido no dia anterior, e ele ouviu, o seu rosto cada vez mais soturno a cada palavra que ela dizia.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

A casa mergulhou no silêncio. Bobby estava a dormir há uma hora, e Birdie deitou-se na cama em que Cassie se havia aconchegado em criança.

– Esta é a minha nova normalidade – murmurou Cassie para si própria.

Abriu o saco com as suas roupas e artigos de higiene pessoal e levou alguns minutos a pendurar as camisas e a arrumar as outras roupas na cómoda. O rosto de Henry sorriu-lhe do retrato de família que tinha enfiado no fundo da mala.

Colocou-o na sua mesa-de-cabeceira e sorriu, lembrando-se de como se tinham rido naquele dia, pois o fotógrafo tinha tentado colocá-los em poses estranhas. A da moldura tinha-se revelado a melhor fotografia, e a carinha de Birdie nem sequer estava virada para a máquina. Olhava com adoração para o pai.

Como poderia ela imaginar que, duas semanas mais tarde, o mundo inteiro deles iria ser virado do avesso, quando Henry levava Birdie a comer um gelado? Cassie fechou os olhos, recordando cada palavra, cada movimento, como se estivessem tatuados na sua mente.

– Não sei, está quase na hora de ir para a cama – dissera Cassie, piscando o olho a Henry sem que Birdie visse. A menina saltou da bicicleta e empurrou o descanso como se o fizesse há anos.

– Por favor, mãe? Por favor – implorou.

– Oh, vá lá, só desta vez, Cass! Não é todos os dias que uma criança aprende a andar de bicicleta sem rodinhas!

Henry ergueu o braço para a filha para um *high five*.

– Como é que posso argumentar com essa lógica? – riu-se ela.

Henry pegou-lhe na mão.

– Anda, vem connosco!

– Não posso – disse ela. – Tenho de enviar este artigo ao editor ainda hoje.

Vão vocês. Tragam-me algo bom.

– Muito bem, trazemos-te qualquer coisa. Anda, Birdie! Ganha quem chegar primeiro ao carro! – Henry correu à volta de Birdie e depois disparou em direção ao seu *sedan*.

Birdie soltou um gritinho de alegria.

– Adeus, mãe!

Cassie observou enquanto Henry enfiava Birdie na sua cadeirinha e prendia o cinto de segurança. Sempre consciente da segurança, ele tinha insistido na melhor cadeirinha de automóvel do mercado quando Birdie nascera.

Recuaram para sair do acesso e desceram a rua até à sua geladaria preferida, a dois quilómetros de distância. Se Cassie se apressasse, poderia rever o artigo e enviá-lo antes que regressassem.

Mas eles não voltaram para casa. Em vez disso, um agente da polícia bateu-lhe à porta e o seu mundo inteiro desabou.

Cassie tentou reprimir as lágrimas, mas um soluço escapou-lhe. Henry tivera morte imediata quando o semirreboque passou por um sinal vermelho. Birdie, presa do outro lado do carro, tinha sobrevivido. Os médicos puseram-na em coma induzido para que o inchaço cerebral diminuísse e esperavam, dessa forma, evitar danos cerebrais. Durante cinco dias, Cassie fez o luto pela perda

do marido enquanto segurava a mão da sua filha inconsciente no hospital, canalizando todos os seus pensamentos e energia para ajudar Birdie a acordar.

Birdie acordou no sexto dia e impressionou os médicos com a sua recuperação, mas não quis falar. Após uma bateria de exames, todos concordaram que era uma questão psicológica e que ela falaria quando se sentisse preparada.

Catorze meses mais tarde, ela continuava a não estar preparada.

– Cassie? – A voz de Bobby e um toque na porta interromperam o sofrimento de Cassie.

Ela assoou o nariz e fingiu alegria.

– Entra!

Bobby empurrou a porta do quarto e caminhou até à cama. Cassie aproximou-se dela enquanto Bobby se sentava ao seu lado e a puxava para perto.

– Vem cá, minha querida menina.

Cassie pressionou o rosto contra a flanela macia da camisa de dormir de Bobby enquanto ela lhe acariciava as costas. Uma onda de nostalgia tomou conta dela e, de repente, tinha novamente nove anos e Bobby era capaz de consertar o que quer que fosse. As lágrimas caíram-lhe pela cara. Embora desejasse que fosse realmente verdade, não havia nada a fazer.

– Pronto, vá. Chorar faz bem. Deixa a dor sair.

Ela agarrou-se à avó e Bobby acariciou-lhe o cabelo. Enquanto as lágrimas abrandavam, Cassie sentou-se e limpou o rosto com um lenço de papel.

– Tenho tantas saudades dele.

– Claro que tens – disse Bobby. – E sempre terás. Mas tens de encontrar uma maneira de continuar sem ele.

Cassie acenou com a cabeça. Era o mesmo sentimento que a sua mãe tinha expressado, mas, por alguma razão, parecia menos cáustico vindo de Bobby.

– Não sei como.

– Leva tempo. Costumas falar com ele?

– O que queres dizer?

Bobby encolheu descontraidamente os ombros.

– No velho mundo, pedíamos aos entes queridos que viessem até nós. Dar-nos conselhos. Cuidar de nós. Podias perguntar ao Henry. Talvez uma mensagem dele te dê descanso.

Os olhos de Cassie abriram-se de surpresa.

– Alguma vez funcionou contigo?

Bobby ficou tensa enquanto se afastava de Cassie.

– Talvez há muito tempo. Já não – Ficou de pé, os ombros descaídos de cansaço. – Devíamos descansar um pouco. Boa noite, Cassie.

Saiu do quarto, falando em ucraniano entre dentes.

– O que é que estás a dizer? – Cassie foi atrás dela.

Bobby fez uma pausa à porta e agarrou-se à ombreira.

– É algo que o meu pai costumava dizer-me quando eu era jovem.

– O quê?

Bobby virou-se para olhar para Cassie e fechou os olhos, como se estivesse a recuar para dentro de si própria. A sua voz quebrou-se ao traduzir as palavras para inglês.

– Basta aguentar o dia de hoje, e esperar que amanhã seja melhor.

KATYA

Ucrânia, maio de 1930

— Toma, Katya. Já tens idade suficiente, e o melhor é aproveitarmos enquanto podemos. Quem sabe quando é que os ativistas virão buscá-lo?

— Lavro deitou uma generosa quantidade de *horilka* num pequeno copo para o próximo brinde e entregou-lho. Ele fazia a melhor *horilka* das redondezas, e a sua cerveja era sempre muito procurada.

Pela primeira vez durante uma reunião de vizinhos como esta, Katya estava a ser tratada como uma adulta. Olhou de relance para os pais e notou o leve aceno de cabeça do pai. A mãe, no entanto, franziu o sobrolho, e Katya fingiu não ver.

A voz provocadora de Pavlo soou perto, a sua respiração a fazer-lhe cócegas no ouvido.

— Tem cuidado. A *horilka* de Lavro não é para meninas pequenas.

Ela deu-lhe uma cotovelada e levantou o copo com a outra mão.

— *Slava Ukrayini!* — exclamou Lavro, pondo-se de pé e levantando o seu copo.

Katya seguiu o seu exemplo e repetiu:

— Glória à Ucrânia!

Engoliu a bebida, e o ar nos seus pulmões saiu de rajada. Lavro deu uma gargalhada e olhou fixamente para ela, um olhar expectante no rosto.

— Muito bom! — engasgou-se Katya, forçando um sorriso enquanto o líquido ardente lhe abria caminho pela garganta e lhe aquecia o estômago.

Satisfeito com este elogio, Lavro assentiu, continuando a rir-se do desconforto dela.

– Eu disse-te! – Pavlo sorriu.

– Eu lido bem com isto – retorquiu Katya.

Pavlo riu-se e pegou-lhe na mão quando Tomas começou a falar. Ela apertou a sua mão áspera e calejada e soltou um suspiro de satisfação.

– Estaline enviou para aqui os seus ativistas para levarem o que é nosso! – rugiu o primo de Lavro, Tomas, chamando a atenção de todos. Lavro tinha convidado várias famílias vizinhas para irem a sua casa desfrutar de uma grande refeição antes do início da Quaresma e, como Katya suspeitara, a discussão voltou-se para o coletivo.

– Não lho vamos dar! – gritou Lavro quando começou a servir outra rodada de bebidas para mais um brinde. Katya deixou o seu copo na mesa para que alguém o pudesse usar e deu vários passos atrás, ignorando o risinho de Pavlo ao seu lado.

– Mas não é só isso que ele quer! – Tomas deu um murro na mesa robusta para dar ênfase, depois de ter rosnado cada palavra.

Katya inclinou-se para a frente, como toda a gente, para ouvir melhor o que ele tinha a dizer.

– Ele quer esmagar-nos, quebrar o nosso espírito e tudo o que é ucraniano. Envia os seus ativistas, o seu Partido e os seus capangas da OGPU. Esses Vinte e Cinco Mil! Tolos da cidade, não distinguem um grão de trigo de uma espiga de milho, trazidos para aqui para nos obrigar a juntarmo-nos às suas quintas coletivas. Tentam dizer-nos como cultivar. *Bah!* Depois, levam os nossos padres, professores e os nossos líderes. Os nossos irmãos, irmãs e vi-

zinhos! Os homens de Estaline prendem-nos sem julgamento e deportam-nos ou matam-nos. – Tomas bebeu de golada e bateu com o copo na mesa enquanto olhava para uma pessoa de cada vez.

Katya estremeceu com a menção à deportação. Não tinham ouvido nenhuma palavra sobre Fedir, Sasha ou a tia e o tio, e ela sentia a falta deles. Ainda assim, as palavras de Tomas hipnotizaram-na. Por toda a sala, todos o olhavam fixamente, animados pela sua narrativa. A voz ressoava por todo o corpo de Katya, fê-la querer lutar contra Estaline com as suas próprias mãos.

– Mas ele não se fica pelo nosso povo. Não, agora ele quer o nosso gado, a nossa terra, até as próprias ferramentas que utilizamos para a trabalhar. Tudo! Devemos até desistir das nossas hortas! Eles querem que façamos o trabalho e que, depois, dependamos unicamente do governo soviético para nos pagar com os frutos do nosso próprio trabalho! Não! – terminou ele, batendo novamente na mesa. Lentamente, os seus olhos examinaram a sala.

– Eu tomo conta da minha família, não de uma quinta coletiva – disse Lavro.

– Mas aqueles que não cedem são chamados *kulaks* – disse Tomas. – O que é um *kulak*, afinal? Qualquer pessoa que discorde de Estaline. Qualquer um que se achesse no caminho do seu grande plano. Não gostam de ti, és um *kulak*, e podem fazer o que quiserem contigo! – A sua voz elevava-se a cada palavra, até ser um grito.

Um murmúrio de desconforto ondulava entre a multidão, e Pavlo aproximou-se de Katya. A solidez calorosa do seu corpo junto ao dela acalmou-a enquanto as pessoas começavam a lançar olhares preocupados à volta da sala. Todos concordavam com Tomas, mas a verdade simples era que dizer tal

blasfêmia em voz alta podia fazer com que se fosse morto. Qualquer pessoa podia ser um espião. Qualquer pessoa podia denunciar outra.

– Ainda assim, alguns do nosso próprio povo recebem-nos com pão e sal! Em que é que estão a pensar? Esses traidores da Ucrânia hão de vir a lamentar a sua escolha, atentem nas minhas palavras!

Acenou com uma mão frustrada para os restos do pão que a mulher de Lavro tinha feito para essa noite.

Katya, tal como todos os outros, tinha cortado um pedaço de pão, mergulhando-o em sal ao entrar. Tentou imaginar os seus vizinhos a executarem a mesma tradição preciosa de hospitalidade para com o homem que tinha alvejado o seu primo Serhiy, e a raiva deixou-a fora de si.

– Há mais de nós aqui, na nossa aldeia, do que eles. As suas forças estão longe; temos de atacar agora e derrubar os ativistas que enviam para as nossas aldeias antes que venham mais. Mostrar-lhes que não nos curvaremos à sua vontade!

Tomas levantou o punho no ar e agitou-o.

Katya sentou-se, sem fôlego, enquanto as pessoas começavam a reagir à sua conversa estimulante. Era como se Tomas tivesse olhado para dentro da sua mente e vocalizado todas as coisas que ela não podia. Deviam ripostar! Deviam defender-se!

Sempre uma presença forte na aldeia, de alguma forma Tomas tinha conseguido evitar a prisão até então. Agora, aqui estava ele a fazer exatamente o que os funcionários do Estado esperavam evitar – a uni-los.

– E se isso não funcionar? – ouviu-se uma voz do outro lado da sala.

– Lutaremos pelo que é nosso e aguentaremos o tempo que formos capazes. Mas se eles nos obrigarem a juntar-nos à sua quinta, então não receberão nada. Não terão o nosso gado.

– Nada? Como? – Katya perguntou sem pensar. *Mama* aproximou-se e beliscou-lhe o braço em jeito de aviso, mas ela tinha de saber. – O que podemos fazer para os impedir?

– Talvez não possamos detê-los – disse Tomas. – Mas podemos destruir o que eles querem antes de o tomarem.

– Mas eles querem os cavalos, as vacas e as galinhas. Como os destruirás? – perguntou *Tato*.

– Matem-nos. Salguem a carne e armazenem-na ou vendam-na. Eles não podem gerir as suas explorações coletivas sem gado. Também querem as nossas ferramentas agrícolas. Por isso, partam as ferramentas, destruam os arados, queimem as vossas alfaias. Se não tiverem o que precisam, as fazendas coletivas falharão e, então, talvez desistam deste plano ridículo.

A sua mãe agarrou-lhe o braço.

– Vem, Katya, está a ficar tarde, e temos de te levar para casa.

– Estou bem, *Mama* – protestou Katya, mas as faíscas que viu no olhar da mãe não deixaram espaço para discussão.

Pavlo apertou-lhe a mão.

– Encontramo-nos mais tarde, está bem?

Katya mal teve tempo de lhe acenar com a cabeça, enquanto *Mama* a arrastava para fora de casa. *Tato* seguiu-a, desculpando-se.

Mama ardia de fúria.

– Nunca devíamos ter lá ido. Eu não sabia que ele ia falar de uma revolta.

Tato olhou em volta.

– Nunca vi aquele jovem que se sentou perto da porta.

– Lavro disse que era seu primo, mas, mesmo assim, como sabemos se podemos confiar nele? Como podemos confiar em quem quer que seja hoje em dia? Todos na aldeia se estão a virar uns contra os outros. – *Mama* abanou a cabeça. – E com a Katya lá! Pensei que era uma simples reunião de amigos, não um apelo à resistência.

Katya manteve a voz tranquila.

– Já não sou uma criança, *Mama*, e acho que o Tomas tinha razão. Devíamos ter ficado mais tempo para ver se eles planeavam alguma coisa.

– Não! – *Mama* levou uma mão ao peito. – É demasiado perigoso!

– O que é perigoso é sentarmo-nos sem fazer nada enquanto eles nos tiram tudo – disse Katya, com cuidado para falar claramente e fazer valer o seu ponto de vista. A *horilka* de Lavro deixara pensamentos confusos a competir por atenção na sua cabeça.

– Silêncio, Katya. A tua mãe tem razão. Devíamos ter saído ainda mais cedo. Só estou contente por a Alina ter ficado em casa com o Kolya e os seus pais. – *Tato* franziu o sobrolho. – Eu devia ter feito Pavlo voltar para casa, mas ele tem idade suficiente para tomar as suas próprias decisões.

Os ombros de Katya ficaram tensos.

– E eu não tenho?

– Não, não tens – retorqui *Mama*.

– Concordo com muito do que Tomas disse, mas dizê-lo assim, à frente de todos, é uma tolice. Nada de bom virá do que aconteceu esta noite – disse *Ta-*

to. Passou um braço sobre os ombros de *Mama*, e Katya pôde ver que a mãe se esforçava por não chorar.

* * *

Na manhã seguinte, foram acordados pelas pancadas de Lavro na porta. Katya esforçou-se por ouvir o que ele disse a *Tato*, mas não conseguiu perceber nada.

– O que se passa? – perguntou *Mama*, enquanto *Tato* fechava a porta, os vincos entre as suas sobrancelhas franzidas aprofundando-se.

Tato esfregou o queixo.

– Eles vieram e levaram o Tomas a meio da noite.

O arquejo de *Mama* foi o único som que se ouviu na sala durante um minuto. A coragem de Katya vacilou ao ver a expressão no rosto da mãe a alterar-se, de sonolenta para aterrorizada. Eles tinham estado na reunião com ele, por isso também estariam na lista de traidores.

Mama torceu as mãos.

– Pelo menos a Alina não estava lá, por isso deve estar a salvo.

Alina sentou-se na beira da cama, apertando um xaile contra o peito com os olhos arregalados.

Tato soltou um suspiro.

– Achas que isso importa? Ela faz parte desta família, e se nos rotularem como inimigos do povo por causa da noite passada, farão o mesmo com ela.

– Temos de nos preparar, pelo sim pelo não. – *Mama* levantou-se. – Katya, Alina, juntem as vossas roupas mais quentes e toda a comida que tenhamos em trouxas. Se formos deportados para o frio da Sibéria, estaremos preparados.

Uma náusea percorreu Katya, e as suas pernas arrastaram-se como pesos de chumbo quando ela se apressou a cumprir a ordem da mãe. Preparou pequenas trouxas de roupa extra, cobertores, e alguns frutos secos e pão, e, com as mãos a tremer, enfiou-os em sacos de farinha velhos. Na véspera, ela quisera ripostar; agora só queria desaparecer.

Quando terminou, caminhou nervosamente pela sala.

– Achas que vão mesmo deportar-nos?

– Não sei. Senta-te, Katya – disse *Mama*. – Estás a pôr-me nervosa.

– Desculpa, *Mama*. – Katya deixou-se cair numa cadeira ao lado de Alina, que tinha pegado nalguns remendos. – Como podes coser num momento como este? Eu nem consigo pensar como deve ser.

– Eu coso porque tenho um buraco na minha saia boa, e ela precisa de ser remendada. – A calma forçada na voz de Alina só fez com que Katya ficasse mais ansiosa.

– Quero ver o Pavlo – disse ela. Ansiava pela sua presença calmante, como o bêbedo da cidade por *horilka*.

– Não podemos ir a lado nenhum – disse Alina. – Sabes disso.

Katya deu um salto à medida que lhe ocorreu uma ideia.

– Talvez possamos! Talvez devêssemos pegar na carroça e deixar a aldeia.

Tato cerrou o maxilar.

– Não serei expulso da minha terra.

– Para onde iríamos? – perguntou *Mama*. – Não é seguro em lado nenhum. Estão a controlar os viajantes e podemos ser detidos e presos na estrada com a mesma facilidade. Não, devemos esperar aqui. Talvez eles não se apercebam que estivemos lá e tudo acabe.

Assim, durante aquele dia esperaram pela chegada da OGPU. A cada barulho, sobressaltavam-se, certos de que era a morte a bater à porta. Depois do almoço, Kolya, Pavlo e Yosyp vieram e falaram com *Tato* durante alguns minutos, mas não quiseram ficar para uma visita, e Katya não conseguiu falar a sós com Pavlo. Partilharam um olhar, ele deu-lhe um aperto no braço, e depois o pai dele empurrou-o pela porta fora. Não queria deixar a mulher em casa sozinha durante muito tempo.

Katya olhou para ele enquanto se afastava, preocupada que fosse a última vez que o via, e um sentimento terrível de impotência percorreu-a. Seria esta a sua vida agora? Constantemente assustada e preocupada?

Quando o dia terminou, a mãe ficou convencida de que os homens da OGPU estavam à espera da escuridão da noite, como já era habitual. Ninguém dormiu, à espera que os funcionários do Estado entrassem pela porta a qualquer momento para os levar, mas também não vieram nessa noite. Nos dias seguintes, Katya deixou-se embalar num sentimento de complacência e, com o desaparecimento de Tomas, a conversa sobre resistência esmoreceu na aldeia.

* * *

A primavera e o verão fundiram-se no habitual turbilhão de trabalho. A família de Katya trabalhou arduamente nos seus campos – semeando as colheitas primaveris, cuidando da horta e, nesse dia, tinham acabado de colher o trigo de inverno, que haviam plantado no outono passado. As costas e pernas de Katya estavam doridas, mas era uma dor gratificante, nascida de um bom dia de trabalho. Katya apreciou-a, embora não pudesse evitar o suspiro de alívio que lhe escapou quando se sentou no banco ao lado da vaca para a ordenha da noite.

– Katya?

A voz de Pavlo sobressaltou-a, e ela voltou-se.

– O que estás aqui a fazer?

Pavlo esboçou um sorriso enquanto fechava a porta.

– Não posso vir ver a minha miúda?

– Claro, mas dá para perceber que algo te está a incomodar.

Ela levantou-se e abraçou-o, ignorando os seus músculos rígidos e inalando o cheiro a fumo de madeira e óleo de couro tão característicos dele.

A mão de Pavlo não lhe acariciou o cabelo.

– Há um grupo de ativistas que anda por aí a levar excedentes de cereais e comida das casas para preencher as quotas governamentais. Dizem que pertence ao Estado, e que quem não está no coletivo deve o dobro de quem está.

– Como é que descobriste isso? – O pavor azedou o estômago de Katya ao pensar no belo trigo dourado empilhado no celeiro, à espera de ser malhado.

– Foram a casa do meu tio. Levaram tudo o que ele tinha, até a semente que ele tinha guardado para a plantação de trigo de inverno, no outono. – Pavlo afastou-se e caminhou com passos largos. – É um estratagema para os levar para o coletivo. Levam os cereais para que não os possam plantar ou fazer pão; assim ficam sem nada, a menos que se juntem a eles e lhes comprem os seus próprios bens por um preço.

– O meu pai falou em esconder algum grão – A vaca mugiu impaciente-mente, por isso Katya sentou-se novamente no banco e começou a ordenhar enquanto falava. – Sei que os impostos que ele terá de pagar são elevados, mas talvez devêssemos separar o que nos resta. Guardar pequenas quantida-

des, bem como de outras coisas de que possamos precisar, em sítios diferentes.

Pavlo sorriu e, desta vez, todo o seu rosto se iluminou.

– Ah, Katya, és tão esperta. Vim aqui para te dizer exatamente isso. Não é muito, mas é algo que se pode fazer, pelo menos.

* * *

Na semana seguinte – com a bênção dos pais –, Katya e Pavlo pegaram cada um numa pequena lata de trigo e em alguma comida e encontraram-se na floresta atrás das suas casas. Caminhar sob a luz clara e fria das estrelas com Pavlo quase parecia um sonho, até que Katya partiu um galho sob os pés e ambos estacaram, receosos. Quando passaram alguns minutos sem que ninguém aparecesse para os prender, a sua pulsação abrandou.

– Sinto muito – sussurrou. – Vou ter mais cuidado.

Pavlo apertou-lhe a mão, a sua voz baixa.

– Estou feliz por estar a sós contigo.

Apesar da relativa novidade do seu romance, a facilidade nascida de uma vida de amizade íntima fez com que fosse natural puxá-lo para mais perto. Esta evolução da sua camaradagem em direção ao amor era o que tinha de ser, ela sentia-o.

À medida que avançavam para as profundezas da floresta, Katya apontou para um carvalho grande e retorcido que seria fácil de voltar a encontrar.

– Há um buraco na base daquela árvore. Podemos esconder lá tudo.

Pavlo acenou com a cabeça.

– Enchemo-lo também com folhas, para que ninguém dê por ele.

Trabalharam o mais rápido que puderam, retirando as folhas podres e a terra com uma pequena pá que Pavlo tinha trazido, antes de enfiar as latas no buraco. Enquanto Katya limpava as mãos na saia, Pavlo baixou-se e beijou-a.

O corpo dela aquietou-se quando os lábios de ambos se encontraram. Apesar do medo e da preocupação, o seu toque ainda a fazia estremecer. Quando ele se afastou, a realidade regressou como um salpico de água fria, e ela aproximou-se novamente dele, desesperada por apagar a assustadora verdade das suas vidas. Pavlo soltou um gemido baixo e beijou-a, os seus lábios movendo-se rápidos e quentes nos dela. As mãos dele emaranharam-se no cabelo dela e percorreram-lhe as costas antes de ele se afastar novamente.

– Devíamos voltar antes de fazermos coisas que ainda não devíamos – disse ele, a sua voz baixa e rouca.

Uma onda de frustração inundou-a.

– Ainda? De que estás à espera? Amas-me, não amas?

As sobrancelhas de Pavlo arquearam-se e ele começou a rir. Tapou a boca para abafar o som, mas os seus ombros ainda tremiam.

– Não tem piada – Katya levantou-se e olhava zangada para ele.

– Tens razão – disse ele, ainda a rir em silêncio. Finalmente, respirou fundo e suspirou. – Que temperamento tu tens. É por isso que te amo. E é por isso que eu quero casar contigo. Em breve. Antes de avançarmos por este caminho. Mas, com tanta incerteza nas nossas vidas, não tenho conseguido ganhar o dinheiro de que preciso para te cortejar devidamente. Por favor, deixa-me resolver essa questão. – Pavlo pegou nas mãos dela. – Katya, és a minha melhor amiga desde sempre. Amo-te mais do que a própria vida. Casa comigo. Diz que serás minha mulher, e poderemos enfrentar o que aí vem juntos.

– Sim! Sim! – Katya atirou-se para os braços dele com tal força que caíram ambos para trás, rindo alto, esquecendo-se por um momento de que deviam estar calados. Pavlo beijou-a então, silenciando-os a ambos.

– Talvez possamos casar ao mesmo tempo que o Kolya e a Alina – disse ela. – Não falta muito para o casamento deles.

– Quanto mais cedo, melhor – concordou Pavlo, antes de dar uma pequena risada. – Lembras-te de quando espantaste as galinhas depois de a minha mãe me ter pedido para ir buscar uma para o jantar?

Katya riu-se e tapou a boca com a mão.

– Como poderia eu esquecer-me? Ficaste tão furioso que me penduraste sobre o chiqueiro, ameaçando deixar-me cair lá dentro. A minha mãe matava-me se tivesse estragado a minha roupa boa.

Pavlo acariciou-lhe a face com as mãos calejadas.

– Lutaste como um cão raivoso. Entretanto tornaste-te uma mulher forte e bela, mas essa foi a primeira vez que te vi como algo mais do que uma rapariga mandona, que causava problemas, e soube que um dia casaria contigo.

– Isso foi há dois anos! Ainda esperaste algum tempo para me contar os planos que tinhas feito para a minha vida.

– Éramos novos. Não te queria assustar.

– Sim, muito sensato não me assustares tentando atirar-me aos porcos – riu-se Katya. – Bem, já que estás a partilhar isso comigo, vou dizer-te no que reparei nesse dia.

– O quê, para além do cheiro dos porcos?

– Bem, sempre foste um rapazinho pequeno. Magricela. Sem músculos.

– Pensei que me ias dizer algo lisonjeiro. – Pavlo franziu o sobrolho.

– E vou! – disse Katya. – Naquele dia, quando me apertavas, reparei que já não eras um rapaz magricela.

– Oh. – Pavlo sorriu. – Então o que é que eu era?

– Um homem. Um homem com braços grossos e fortes de trabalhar nos campos. Um homem com um peito largo e um sorriso fácil. Até reparei que, finalmente, tinhas uma espécie de bigode a crescer. – Fez-lhe cócegas no queixo e encolheu os ombros. – Bem, não diria que te amava, mas pensei que, pelo menos, estavas a começar a melhorar.

Pavlo atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada silenciosa; depois, passou os braços à volta dela e aninhou o rosto no seu pescoço.

– Menti-te. Amo-te desde a primeira vez em que andámos juntos pelos campos, enquanto os nossos pais faziam a colheita. Tu sempre foste a pessoa certa para mim.

Foram para casa de mãos dadas. Katya sentia-se prestes a explodir, tanto da adrenalina de ter de andar a esconder comida, como pelo amor avassalador que sentia pelo homem que estava ao seu lado.

– És a minha calma nesta tempestade. – Ela levantou-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos.

Encontraram-se de novo na noite seguinte, e depois dessa, até terem escondido muitas das reservas de comida das suas casas, transportando centeio, painço, farinha e trigo-mourisco para a floresta e campos, escondendo-os em sítios onde haviam brincado em crianças. Apontaram os locais em notas com poucas palavras, escondidas debaixo de uma tábua solta no sótão do celeiro de Katya, para que não se esquecessem de onde estava tudo; depois, esperaram.

* * *

Algumas semanas mais tarde, uma pancada brusca na porta acordou-a.

Tato avançou aos tropeções até à porta, ainda em roupa de dormir e deba-tendo-se para vestir as calças à medida que caminhava. Os olhos dela pousa-ram nas trouxas de roupa e cobertores que ainda estavam ao lado da porta – a sua mãe recusara-se a guardá-los no caso de serem presos – e estremeceu.

– Quem é? – perguntou *Tato*. O seu corpo robusto preencheu a moldura da porta, mas os nós dos dedos brancos denunciavam o seu medo de não conse-guir proteger a família daquilo que estaria do outro lado.

O coração de Katya bateu com tanta força no seu peito que ela pensou que todos conseguiam ouvir. Enrolou um xaile à volta dos ombros, endireitando-os e arrebitando o queixo. Alina tocou na sua mão e Katya agarrou-a, tentan-do apaziguar o tremor da irmã.

Uma voz com um sotaque russo gritou:

– Viemos recolher os vossos cereais para os impostos. Abram!

Tinha sido necessário algum esforço para que a mãe concordasse em enviar coisas para serem enterradas nos campos e no bosque, mas agora os seus olhos encontraram os de Katya do outro lado da sala, e brilhava neles uma expressão de gratidão. Apesar da tensão na sala, Katya experimentou uma pe-quena sensação de vitória.

Tato olhou para *Mama*. Ela ergueu-se bem alto e acenou com a cabeça. Ele abriu a porta e eles entraram na pequena casa tão depressa que *Tato* mal teve tempo de sair do caminho. A porta bateu contra a parede e dois homens cor-pulentos com sobretudos escuros começaram a examinar a sala com olhos se-micerrados.

O sorriso de Katya desvaneceu-se. Ela nunca tinha visto o primeiro homem, o do sotaque, um russo de cabelo escuro e bigode. Um dos oficiais soviéticos trazidos para a coletivização; exsudava poder, mas não era quem liderava o grupo. Esse papel cabia ao bêbado local, Prokyp. Ele intimidava, roubava e implorava quando precisava e nunca havia feito algo de produtivo na sua vida. Todos os males que Prokyp imaginava terem-lhe sido feitos serviam para alimentar o seu ódio contra os companheiros de aldeia, fazendo dele o peão perfeito para os ativistas usarem. Todos o desprezavam.

As figuras daqueles homens grandes agigantavam-se sobre a pequena mulher que os acompanhava. Ainda que fortemente agasalhada, Katya reconheceu-a: Irina, a mulher do professor da aldeia. Provavelmente tinham-na feito vir para transmitir uma sensação de segurança, uma vez que era local, mas a expressão no seu rosto contraído apagou qualquer réstia de tranquilidade que Katya pudesse ter sentido. Sobre as faces pálidas de Irina viam-se olhos nervosos que se moviam por todo o lado, com medo de pousar nos rostos deles, com medo estabelecer qualquer tipo de ligação.

– Onde estão os teus cereais? – rosnou Prokyp. – O nosso coletivo não está a cumprir o seu objetivo.

– Não somos membros do coletivo. – *Tato* levantou-se e olhou para Prokyp.
– O meu cereal é meu.

Katya sentiu-se inchar de orgulho com as palavras determinadas do pai.

Prokyp riu-se e Irina vacilou como se alguém a tivesse atingido.

– Ainda melhor. Dizes que não és membro. Bem, então, o teu imposto é ainda mais elevado.

– Não temos mais nada. – *Tato* manteve-se firme, mas pálido. – Demos tudo para os impostos. Eu cumpri a minha quota.

– As quotas foram aumentadas – disse o homem russo. A voz alta e nasalada não condizia com a sua estrutura alta, e a sua expressão era de repugnância ao olhar em volta. – Revistem a casa – Acenou na direção de Prokyp.

– Não podem fazer isso! – disse Katya.

– Cala a tua filha – O russo olhou fixamente para *Tato*. – Ou faço-o eu por ti.

O pai deitou-lhe um olhar severo, e ela mordeu o lábio. Gotículas de suor formavam-se na sua testa enquanto Prokyp revistava a casa, derrubando camas e cobertores e abrindo armários. Encontrou alguma manteiga e um pequeno saco de farinha destinado a fazer pão no dia seguinte e passou-os a Irina, que os colocou no seu saco sem olhar para cima.

Mama encolheu-se enquanto levavam a comida, mas o seu rosto permaneceu uma máscara sem emoção até ele chegar ao canto da casa onde estavam os ícones religiosos. Sem disfarçar a sua alegria, Prokyp passou a mão pela prateleira, deitando a água benta, as velas e o livro dos salmos para o chão. Derrubou o *rushnyk* que a mãe tinha costurado carinhosamente para adornar os ícones religiosos e também as imagens. Esmagaram-se debaixo dos pés de Prokyp quando ele se aproximou para tirar a cruz da parede e enfiá-la no seu saco.

Com um gemido baixo, *Mama* levou uma mão à boca e inclinou-se sobre a mesa. Os olhos de Irina saltaram em direção a eles, depois pousaram também no chão. Virou-se de costas para os homens e benzeu-se apressadamente.

– Será isso necessário? – disse *Tato*, entre dentes.

Prokyp ignorou-o e dirigiu-se a Alina e Katya. Estavam juntas, as mãos ainda unidas.

– E vocês, raparigas? – disse ele, com uma voz repugnante e doce. – Que raparigas bonitas. Têm cereais escondidos nas vossas roupas? Encontrámos bastante cosido nas saias das senhoras da nossa aldeia.

Katya sentiu-se prestes a vomitar quando as mãos sujas dele se aproximaram de Alina. Esta gemeu assim que ele pousou as manápuas nos seus ombros. Mais devagar do que o necessário, ele deslizou as mãos para baixo, ao longo dos seios até às ancas dela. Os lábios dele franziram-se de escárnio, repulsivos, enquanto descia pelas pernas dela.

– Tira as mãos de cima dela! – A fúria irrompeu de Katya, e ela puxou por Alina ao mesmo tempo que o pai se aproximou e gritou:

– Não toques nas minhas filhas!

Um clique brusco ecoou na sala e todos estacaram.

A pistola do russo estava apontada para *Tato*.

– Estás a resistir às ordens? Se estiveres, teremos de te rotular como inimigo do povo. Todos sabemos o que acontece aos inimigos do povo. Poderia disparar contra ti agora mesmo, e ninguém se importaria.

A cabeça de Katya zumbia. Toda a raiva que ela sentira transformou-se em puro terror quando olhou fixamente para o seu *Tato*. O seu rosto vermelho como uma beterraba reluzia de suor e as mãos fecharam-se lentamente em punhos cerrados, a raiva crepitando dentro dele como um fogo faminto em busca de combustível. Se ninguém interviesse, ele seria baleado por tentar assassinar Prokyp com as próprias mãos.

Mama também viu a sua luta interior, pois pôs-se à frente de *Tato* e falou calmamente.

– Peço desculpa pelo comportamento do meu marido. Ele é muito protetor das suas filhas. Não quis dizer o que disse. Vamos cooperar, juro.

O russo sorriu e baixou a arma. Soltando a mão de Alina, Katya puxou o pai para um abraço e falou-lhe ao ouvido.

– Por favor, *Tato*, não aconteceu nada, mas não podemos perder-te. Por favor. – Sentiu a tensão libertar-se do corpo dele, mas a raiva ainda latejava tal como as veias do seu pescoço.

Prokyp observou a cena com divertimento e depois regressou para junto dos seus companheiros, sorrindo. O russo voltou-se para ele e perguntou-lhe com toda a sinceridade:

– Sentiste-te ofendido por este homem? O que gostarias de fazer, camarada?

Prokyp olhou de relance para *Tato* e depois para Alina, que estava branca como a cal, mas mantendo a cabeça erguida como *Mama* lhes tinha ensinado. As pernas de Katya tremiam e ela apertou os joelhos e susteve a respiração enquanto esperavam que aquele tolo decidisse o destino da sua família.

– Suponho que posso ignorar isto desta vez, desde que ele e a sua família prometam cooperar plenamente no futuro. – O seu olhar demorou-se sobre Alina. – Mas teremos de voltar aqui muitas vezes para nos certificarmos de que se comportam.

Outro ativista entrou na casa com um grande saco de trigo equilibrado no ombro.

– Encontrei isto, e outro igual, escondidos no sótão do celeiro.

O coração de Katya afundou-se. Preocupara-se que o trigo no celeiro não estivesse suficientemente bem escondido, mas *Tato* achou que estava seguro,

fora de vista debaixo do feno.

– Não podem levar isso! – gritou *Tato*. – É a minha semente para plantar este outono!

– Isto pagará a tua quota. Por agora. – O russo acenou com uma mão desdenhosa, como se de repente estivesse farto deles. – Vamos, temos de avançar para a casa seguinte.

A mulher lançou um olhar contrito para *Mama* e apressou-se atrás dos homens quando estes saíram. A porta oscilou com força atrás deles e ninguém se mexeu até que *Tato* avançou e a fechou, não sem que antes Katya pudesse ver o carro dos ativistas carregado com sacos de cereais, como os que tinham levado do celeiro.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

Na tarde seguinte, Anna entrou apressada na cozinha, os braços cheios de sacos.

– Trouxe mantimentos!

Cassie pousou o livro que estava a ler, levantou-se e ajudou a mãe.

– Obrigada. Isto é uma grande ajuda.

– Bem, não queria que ficasses aflita por deixar a Bobby. Onde está ela?

– Está a fazer uma sesta. A Birdie estava prestes a fazer o mesmo, não estavas? – Cassie lançou à filha um olhar de aviso. A menina levantou os olhos do desenho que tinha feito com a nova caixa de lápis de cor que Anna trouxera uns dias antes.

– Oh, pensei que a Birdie e eu podíamos ir dar um passeio. – Anna olhou esperançosamente para Cassie. – Só uma volta ao quarteirão. O ar fresco vai ajudá-la a relaxar para uma sesta, não achas?

Birdie saltou para cima e para baixo, as mãos unidas debaixo do queixo.

Cassie baixou os braços, resignada.

– Vale a pena tentar. Mais nada funcionou hoje.

Birdie aplaudiu e depois ergueu o desenho para o mostrar.

– Muito bonito – disse Anna. – Parecem girassóis.

Birdie acenou vigorosamente enquanto Cassie olhava para o desenho.

– Está muito bonito, Birdie. – Cassie passou o dedo sobre um dos vários girassóis que enchiam a página. No centro, duas figuras de cabelo comprido da-

vam as mãos. Birdie acrescentou algumas florzinhas ao seu cabelo, largou o lápis de cor e correu a calçar os sapatos.

– Parece que ela está pronta – disse Cassie. – Porque não vais já e eu arrumo as compras?

– Ótimo! – disse Anna. Agarrou na trela de *Harvey*. – Anda, Birdie.

Birdie calçou os sapatos enquanto Cassie começava a despejar os sacos.

– Boa escolha, mãe – disse Cassie, enquanto retirava uma segunda embalagem de espinafres *baby* e outra de ossos de vaca. – Espero que venhas cozinhar todas estas coisas.

– Era o que a Bobby queria – respondeu Anna antes de sair.

Cassie arrumou a maior parte da comida no frigorífico e procurou nos armários até encontrar os melhores locais para arrumar o macarrão com queijo e as barras de granola. Imaginara que Bobby teria, pelo menos, algumas sardinhas ou arroz para uma refeição rápida, mas os armários estavam surpreendentemente vazios.

Tinha tudo arrumado e uma chaleira de água ao lume para o chá quando Birdie e Anna regressaram.

– Nem imaginas quem encontrámos ao fundo da rua – disse Anna. – O Nick!

– Quem é o Nick? – Cassie beijou Birdie na face. – Vai para a cama. Já lá vou ver como estás, está bem?

– Tu sabes, o Nick. O neto de Mrs. Koval. Do hospital?

Cassie pousou a caixa de saquetas de chá em cima da mesa.

– Ah, esse. Vou beber chá. Queres?

– Claro – disse Anna enquanto se sentava. – Bem, lembras-te que achámos um pouco estranho o entusiasmo dele por ajudar a Bobby?

– Sim. Não o tenho visto. – Cassie deitou água quente em duas canecas e pô-las sobre a mesa. – Embora o jornal estivesse no tapete da entrada esta manhã. Mesmo no meio.

– Provavelmente foi ele – disse Anna, com um aceno de cabeça, enquanto escolhia uma saqueta de chá e a mergulhava na caneca. – De qualquer modo, gosto muito dele.

– Mas que grande reviravolta desde o «fica de olho nele». – Cassie desenhava umas aspas com os seus dedos.

– Eu sei – disse Anna. – Mas a Birdie e eu vimo-lo a trabalhar no seu jardim da frente, ao fundo do quarteirão, e ouve só: estava a plantar bolbos de malvas.

– E então? – Cassie encolheu os ombros enquanto se sentava.

– Para a sua avó. – Anna sentou-se presunçosamente, como se isto explicasse tudo.

– Para a sua avó que morreu?

Anna acenou com a cabeça, sorrindo.

– Estás excessivamente feliz com isto. O que é que se passa? Tens a certeza de que te sentes bem? – Cassie levou a mão à testa da mãe. – Não estás quente.

Anna riu-se e afastou-se.

– Estou bem. O que quero dizer é que não são muitos os homens que pensam muitas vezes nas suas avós, quanto mais plantar bolbos de flores no quintal para as homenagear. Ele é um bom rapaz.

– Então estás a basear toda a tua avaliação no facto de ele estar a plantar flores? – Cassie ergueu uma sobrancelha para a mãe enquanto mergulhava uma saqueta de chá na sua caneca.

– Para a sua falecida avó! – Anna inclinou-se para a frente. – Esse é o fator crucial. De qualquer modo, ficámos a conversar durante alguns minutos, a Birdie escondida atrás das minhas pernas, claro, e ele é realmente um tipo simpático. Disse que vai ficar de olho em vocês, aqui pela vizinhança.

– Agora é ele que está de olho em mim? – Cassie abanou a cabeça. – Deste mesmo uma volta de cento e oitenta graus, mãe.

Anna sorriu.

– Um dia vais perceber o que quero dizer. São as pequenas coisas que se procuram num homem, Cassie. Elas podem dizer-te tanto. E esta é uma dessas pequenas coisas.

– Eu não estou à procura de nada num homem. – Cassie olhou para a mãe.

– Eu sei disso. – Anna soprou no seu chá. – Ele perguntou por ti.

– O quê? Porquê? – O rosto de Cassie corou e ela baixou a cabeça para o esconder da mãe.

– Deve ter reparado na tua aliança. – Anna tocou no anel de ouro simples no dedo de Cassie. – Perguntou quando é que o teu marido se juntava a ti.

Cassie afastou a mão, a sua voz inexpressiva.

– Disseste-lhe que o meu marido morreu?

A expressão de Anna tornou-se terna.

– Em palavras mais simpáticas, sim. Ele disse que lamentava muito saber, e que se houvesse alguma coisa que ele pudesse fazer para te ajudar a instalares-te, para o avisares.

– Bem, vejam só se não é o vizinho perfeito – resmungou Cassie.

– Não é preciso seres parvinha. – Anna levantou as mãos no ar. – Só queria que soubesses que não temos de nos preocupar com ele.

Cassie franziu o sobrolho.

– Não me deixo convencer assim tão facilmente.

– De quê? – perguntou Bobby quando entrou na cozinha. O seu cabelo estava amassado e tinha olhos sonolentos. Baixou-se para se sentar e aproximou-se da mesa.

– Nada – disse Cassie. – Queres comer alguma coisa?

Bobby não respondeu. O seu olhar fixou-se no desenho de Birdie, ainda em cima da mesa. A sua expressão era de espanto, e levou a sua mão esquerda ao peito.

– O que é isto?

– A Birdie desenhou-o há pouco – disse Anna. – Não é bonito?

Birdie, que tinha ignorado o pedido de Cassie para se deitar e se esgueirara de volta para a cozinha, agarrou-se ao braço de Bobby. Ela apontou para uma das raparigas do desenho e depois para Bobby. A cabeça de Bobby virou-se para olhar para Birdie, depois voltou-se novamente para o desenho.

O sorriso de Birdie vacilou quando os olhos de Bobby se encheram de lágrimas, e olhou para Cassie.

Cassie engoliu a reprimenda a Birdie por não ter ficado na cama e apressou-se a pegar no desenho.

– É adorável, Birdie. Acho que a Bobby não se está a sentir bem neste momento.

Bobby deu uma palmadinha na mão de Birdie, e depois levantou-se da cadeira.

– Sim, é muito bonito. Acho que me vou sentar um bocadinho no pátio. Vou apanhar um pouco de ar fresco. – Encaminhou-se para a porta das traseiras.

Cassie trocou um olhar preocupado com a mãe enquanto esperava que Bobby se afastasse para não ouvir.

– Devíamos ir atrás dela.

Anna acenou com uma mão.

– Vai lá.

– Eu?– Cassie levantou as sobrancelhas.

– Acabamos sempre a discutir. Talvez ela se abra mais contigo.

– Duvido – disse Cassie, mas abriu a porta de vidro e espreitou lá para fora, para o ar quente da primavera. O cheiro da terra e da nova vida invadiu as narinas de Cassie quando ela inspirou. – Está bom cá fora, hoje – comentou ela, tentando quebrar o gelo. – Adoro o cheiro da primavera.

Bobby retirou um livro antigo com capa de couro do bolso do casaco, ignorando Cassie.

– O que é isso? – Cassie tentou controlar a sua excitação ao ver novamente o diário da mesa de cabeceira de Bobby. Sentou-se ao lado da avó.

Bobby afagou a capa gasta e falou lentamente, como se as palavras a magoassem.

– Esta sou eu. Ou quem eu fui.

É dela! Um arrepio percorreu os braços de Cassie, e ela ficou quieta, com medo de quebrar o transe em que Bobby parecia ter caído.

– Pensei que se esperasse o tempo suficiente, seria mais fácil voltar atrás. – Bobby abriu o livro e um suspiro angustiado escapou-lhe dos lábios.

Cassie inclinou-se para mais perto e espreitou a letra apertada. Não conseguiu ler as palavras ucranianas, mas as suas mãos ansiavam por agarrar o livro, para finalmente aceder a uma parte tangível do passado desconhecido de Bobby.

Os dedos de Bobby tremeram ao entrarem em contacto com a página, e ela fechou os olhos.

– Eu disse-lhe que o faria.

– Farias o quê? – disse Cassie. – Disseste a quem?

– Mas não posso. Não consigo. – Bobby fechou o livro e enfiou-o novamente no bolso do casaco. Cassie lamentou a oportunidade perdida, mas enquanto o livro desaparecia, uma fotografia escorregou e caiu no chão.

Cassie deixou-a cair sem dizer nada, com medo de que, se Bobby reparasse, a escondesse com o livro e ela nunca mais a voltasse a ver. Prometeu a si própria devolver a fotografia a Bobby depois de ter tido a oportunidade de a ver.

Bobby olhou para a grande amoreira no seu quintal.

– Estás a ver aquela coruja?

Cassie seguiu o olhar de Bobby para onde uma grande coruja castanha estava empoleirada nos ramos da árvore.

– Não é estranho ver uma durante o dia? – perguntou Cassie, tentando acompanhar a estranha reviravolta na conversa.

Bobby cerrou os lábios.

– É um sinal. Está à espera que eu morra.

Cassie fitou-a de boca aberta.

– Não digas essas coisas!

A coruja piou e voou para longe, como se admitisse a sua cumplicidade na morte de Bobby.

Bobby reagiu às palavras de Cassie com indiferença.

– Os jovens de hoje não se lembram das histórias. Na semana passada, um pardal voou contra a janela do meu quarto.

– E então? Isso significa que tens as janelas bem limpas.

– Agora esta coruja. E o desenho da Birdie. – Bobby baixou a cabeça. – Todas estas coisas significam algo, Cassie. Ela está à minha espera.

– Quem é que está à tua espera? – Cassie virou-se para a avó. – Bobby, tens a certeza de que te estás a sentir bem? Estás a agir de forma muito estranha hoje.

– Tenho de responder pelo que fiz. – Bobby levantou-se com pernas trémulas e voltou para casa, o diário no bolso a bater-lhe na perna enquanto caminhava. – Preciso de estar um bocadinho sozinha. Vou para o meu quarto.

Enquanto a porta se fechava atrás de Bobby, Cassie inclinou-se e apanhou a fotografia. Desbotada, a preto e branco, tinha as marcas e dobras da idade. Duas raparigas adolescentes com sorrisos idênticos olhavam para ela. Cada uma usava uma coroa de flores no cabelo entrançado e camisa branca com flores e vinhas finamente bordadas nas mangas. De braço dado, inclinavam a cabeça uma para a outra numa demonstração óbvia de afeto. Ao fundo, um campo de girassóis estendia-se até ao céu.

KATYA

Ucrânia, outubro de 1930

Ninguém esperava a neve precoce que caiu e cobriu a beleza das cores douradas do outono, mas Katya adorava-a. Grandes e bonitos flocos caíam do céu, cobrindo lentamente a terra castanha, e entraram também pela casa quando ela abriu a porta para admirar a paisagem branca.

– Nem posso acreditar que já está a nevar. – Alina inclinou-se sobre o ombro de Katya e olhou lá para fora.

– É lindo – disse Katya.

Alina franziu o sobrolho.

– Sim, mas não é o que eu tinha imaginado para hoje.

– Nada disto o é, pois não? – Katya pôs o braço à volta de Alina e apertou-a. – Mas mesmo assim vamos ser felizes. Vamos casar-nos hoje!

Apesar de todos os seus planos para o grande dia, tinham tido de fazer concessões. Não podia ser um grande acontecimento, como a boda de Olha e Boryslav. A pressão para se juntarem à quinta coletiva permanecia forte. As detenções e deportações mantinham toda a gente ansiosa, enquanto os ativistas patrulhavam e faziam visitas domiciliárias em busca de cereais, ouro, joias, e tudo o mais que afirmavam precisar. Um grande casamento apenas chamaria à atenção, pelo que tinha de ser pequeno, secreto e rápido.

– Ainda bem que o meu primo Vasyl agora é padre e ainda não foi deportado. Temos sorte de ele estar na zona para vos poder casar tranquilamente – disse *Mama*. – Agora fecha a porta. Estás a deixar sair o calor todo.

– É isso mesmo. Lembrem-se, meninas, olhem sempre para o futuro. – *Tato* vestiu o casaco enquanto lhes dava um dos seus conselhos paternais mais frequentemente repetidos. – Agora, senhoras, vou deixar-vos para se prepararem. Vou ver o que os homens andam a tramar.

– Não me importo que não possamos ter um grande casamento – disse Alina alguns minutos depois da partida de *Tato*. – Assim vai ser mais íntimo.

– Sim, pois vai. – Katya penteou o cabelo negro e espesso de Alina em duas tranças. – E um casamento grande não muda o vosso amor um pelo outro. Qualquer tolo pode ver que os dois estão destinados a ficar juntos.

– Amo-o desde que me lembro. E posso dizer o mesmo de ti e de Pavlo. Tu, que costumavas provocar-me sobre como eu estava apaixonada, agora és pior do que eu!

– Talvez sim – admitiu Katya. – Sei que ainda é cedo para isto, mas quero ver como fica. – Katya colocou a coroa *vinok* de murta na cabeça de Alina e deu um passo atrás para admirar a irmã. – Estás deslumbrante, Alina.

– Oh, estás mesmo. – *Mama* sentou-se à mesa com uma pilha das suas roupas.

– Que sorte termos homens tão maravilhosos por perto – disse Alina, enquanto trocava de lugar com Katya para poder entrançar o cabelo comprido e escuro dela. – Pensar que os dois pequenos rapazes que vinham brincar no nosso quintal seriam os teus futuros genros! Agora, as nossas famílias estarão duplamente ligadas.

O rosto de Alina brilhava de alegria, e Katya esperava ter hoje pelo menos metade da beleza da irmã.

– Estas ficaram tão bonitas. – *Mama* desdobrou as saias e camisas em que tinham estado a trabalhar para a cerimónia e passou a mão pelas mangas bordadas. – Sabem, quando decidi casar com o vosso pai, a minha mãe e eu...

Mama estacou quando a porta se abriu e Kolya entrou aos tropeções. O seu rosto normalmente alegre estava ensombrado pelo terror enquanto olhava em redor da divisão.

– Kolya! – arquejou *Mama*. – O que é que se passa?

Juntamente com o fumo da madeira e o ar límpido e frio do inverno, Katya sentiu nele o cheiro do medo, que se estendeu e se entranhou nela. Num instante, saltou do seu lugar e caminhou em direção a Kolya sem se aperceber do que fazia.

– Onde está o teu irmão? Onde está o meu pai?

Ele ignorou-a, e os seus olhos desvairados fixaram-se nos de Alina.

Katya repetiu a pergunta, mais alto, e os lábios dele tremiam com o que ele queria dizer, mas as palavras não saíam.

Ela não conseguia suportar o seu silêncio. Embora pequena ao lado da sua grande envergadura, Katya levantou uma mão rápida e esbofeteou-lhe a face. Ele não vacilou, mas olhou finalmente para ela com uma expressão atordoada.

– Fala! – A sua voz era agora frenética de preocupação. – Diz-nos o que aconteceu!

Kolya engoliu. O suor brilhava na sua testa, apesar do frio na sala. A sua respiração estava ofegante.

– Eles... os ativistas e a OGPU vieram... – Kolya falava de forma hesitante, como se se tivesse esquecido de como fazê-lo, mas quando finalmente co-

meçou, as palavras fluíram como se estivesse a purificar-se da violência a que tinha assistido. – Eu estava no celeiro. Vi-os descer a estrada, mas fiquei para trás. – Abanou a cabeça, como que enojado consigo mesmo e repetiu: – Eu fiquei para trás.

– Continua, vá! – ordenou Katya.

– O meu pai e o teu foram ao seu encontro lá fora. Disseram que alguém denunciou o meu pai como inimigo do povo. Quando tentaram prendê-lo, ele protestou, e eles mataram-no. – A voz de Kolya falhou. – Outro homem atirou o teu pai ao chão e manteve uma espingarda apontada às suas costas. Ouvi o Pavlo gritar, por isso corri para as traseiras da casa. Pensei que podia entrar pela janela da cozinha e ajudá-lo, mas aconteceu tudo tão depressa.

– Dispararam sobre o meu pai? – Katya esforçou-se por manter a voz firme. – O que aconteceu ao Pavlo?

Kolya olhou fixamente para o chão enquanto prosseguia, o seu rosto uma máscara pálida e sem emoções.

– Um homem atingiu o Pavlo na nuca com a coronha da espingarda e depois disparou sobre ele. A minha mãe gritou, atirou-se para cima dele e eles também a alvejaram. Disseram que seria mais fácil matá-los a todos.

O nó frio de medo que se formara no estômago de Katya ao ver Kolya apertou-se ainda mais. Lentamente, a sensação espalhou-se por todo o seu corpo, gelando-lhe as veias, entorpecendo tudo. O seu corpo ficou mole e os joelhos tremeram, mas o gelo manteve-a congelada e de pé.

– Não! – Katya abanou a cabeça. – Estás enganado!

Kolya soltou um soluço estrangulado.

– Quem me dera estar.

– E o meu marido? – *Mama* estava agora de pé, com as mãos apertadas à frente do peito.

– Eles prenderam-no. – Kolya agarrou numa cadeira e deixou-se cair nela.
– A minha família está morta – disse. – Toda a minha família está morta, e eu escondi-me como um cobarde enquanto eles eram assassinados.

Mama reprimiu um soluço e sentou-se novamente na sua cadeira, mordendo o punho. Alina correu para Kolya e envolveu-o com os braços.

– Tenho de o ver. – Katya foi até à porta e vestiu o casaco. Conseguia visualizar claramente a cara sorridente de Pavlo, rindo e dizendo-lhe que tudo aquilo era uma piada de mau gosto. Katya abanou a cabeça para desanuviar os pensamentos. Precisava de se manter concentrada. Precisava de manter o gelo a correr pelas suas veias até isto estar terminado. – E nós temos de ir ter com *Tato*. Não é, *Mama*?

As suas palavras finalmente levaram a mãe a agir, mas ela moveu-se lentamente, como se não soubesse o que fazer. Puxou o seu xaile e ficou de pé, com os olhos vidrados.

– Sim, é isso mesmo.

Katya olhou para a mãe com surpresa, à espera que a mulher forte que sempre soubera o que fazer lhes desse instruções, mas *Mama* permaneceu imóvel à porta.

– O Kolya e eu vamos à quinta dele, e tu e a Alina devem ir saber do *Tato* – disse Katya, finalmente. – Ele estava apenas de visita. Não pode ser acusado de nada.

Mama assentiu, o seu corpo hirto.

– Sim, é um bom plano.

Katya seguiu Kolya até à porta, a imagem de *Mama* atordoada e sem palavras fixa na sua cabeça. Enquanto *Mama* paralisara, imóvel com o medo, Katya tinha-se levantado e tomado o comando. Aquela inversão de papéis desconcertou-a.

Ao saírem para a neve, esses pensamentos desvaneceram-se. Era preciso tratar de Pavlo; *Tato* tinha de ser salvo. Ela tinha de se concentrar no que tinha de ser feito, em vez de pensar no que tinha acontecido. Mais tarde, permitir-se-ia refletir sobre a confusão do dia.

Eu sou gelo. Não sinto nada. Katya entoava repetidamente estas frases para si própria enquanto caminhava atrás de Kolya, pisando cuidadosamente em cada pegada de neve que ele deixava. O seu mantra e a concentração no ponto onde punha os pés mantiveram os seus pés secos e a sua mente ocupada o suficiente para que quase não pensasse no que tinha acontecido. Quase.

Cinco minutos depois, seguiu Kolya através do portão da frente. A dor pairava no ar, e o ambiente caloroso e acolhedor que ela conhecera toda a vida estava agora impregnado de medo e do cheiro metálico a sangue.

Yosyp estava caído à porta, metade dentro, metade fora, o seu corpo esparramado desajeitadamente, com uma perna por baixo da outra e o tronco torcido para o lado. Flocos de neve gordos caíam-lhe em cima, polvilhando o seu cabelo escuro e cobrindo lentamente o seu corpo. No seu peito via-se sangue coagulado. Katya levou a mão à boca, e o seu estômago contorceu-se de náuseas. Fechou os olhos e rezou para que tivesse sido uma morte rápida.

– Eu levo-o para dentro. – Kolya falou sobre ombro dela, a sua voz rouca. – Vai ter com o Pavlo e a minha mãe.

A porta da frente estava aberta, balançando suavemente ao vento. Katya passou por cima do corpo de Yosyp e entrou na casa. Os seus olhos demora-

ram um segundo a adaptar-se à escuridão da sala, depois da neve branca e ofuscante, mas quando focou a cena, desejou que a neve a tivesse deixado cega para sempre.

As paredes estavam salpicadas de sangue. Havia cadeiras caídas no chão e roupa espalhada por todo o lado. Apesar do caos, duas canecas de lata ainda descansavam sobre a mesa onde *Tato* provavelmente se tinha sentado com Yosyp, discutindo a situação na aldeia ou o casamento iminente dos seus filhos.

O seu olhar recaiu sobre Pavlo, estendido no chão mesmo a seguir à porta, o rosto voltado para longe dela e o ombro ensopado em sangue. A mãe de Pavlo estava caída de bruços sobre o peito dele, os braços estendidos à sua volta.

Um soluço estrangulado alojou-se na garganta de Katya. As lágrimas caíram-lhe dos olhos e o calor nas suas faces frias surpreendeu-a. O gelo que ela tinha imaginado correr através dela não a conseguia manter a salvo desta dor. Ela estava a derreter.

Caiu de joelhos ao lado deles. Uma gota de suor escorreu entre as omoplatas de Katya, e as suas mãos tremeram enquanto ela rolava o corpo da mulher mais velha, deitando-a de costas ao lado do filho. Os seus olhos, da mesma cor que os de Pavlo, estavam voltados para cima, arregalados de surpresa. Fios de sangue de Pavlo manchavam-lhe o rosto e o cabelo. Com cuidado, Katya fechou-lhe os olhos. A sua mão ficou molhada de sangue e um pequeno grito de angústia soltou-se dos seus lábios trémulos. Limpou a mão na saia, mas a pele dos seus dedos latejava onde o sangue tinha tocado.

Uma dor aguda dilacerou-lhe o âmago enquanto olhou, a custo, para Pavlo. Embora ela pudesse ver o seu corpo deitado numa poça de sangue, a ideia de

que nunca mais voltaria a falar com ele era tão estranha que parecia impossível. Como poderiam eles não olhar juntos para as nuvens e imaginar formas? Como poderiam não discutir sobre os nomes dos dez filhos que queriam ter juntos? Como poderia ela ter um futuro sem ele?

Katya respirou fundo, estremeceu e forçou-se a continuar. *Eu consigo fazer isto. Eu tenho de fazer isto.* Agarrou no ombro de Pavlo que não estava ferido com uma mão trémula. Apesar do dia frio, a pele dele ainda estava quente através da sua camisa. Fez uma pausa, fechando os olhos e reunindo as forças que lhe restavam; então, resolutamente, puxou-o na sua direção. A sua cabeça tombou, descaindo para junto do colo dela.

Katya olhou fixamente para o rosto do homem que amava e soltou um arquejo quando as pálpebras dele estremeeceram. Invadiu-a uma pequena réstia de esperança, e ela levantou-se, incrédula.

– Kolya, vem depressa! Pavlo está vivo!

Katya caiu de joelhos e rasgou a camisa de Pavlo para revelar o ferimento da bala: um tiro limpo na parte superior das costas, que havia saído no ombro.

– Está vivo? – Kolya caiu ao seu lado e espreitou para a ferida. – A bala atravessou-o. Talvez não tenha acertado num órgão vital.

– Vamos levá-lo para a cama – instruiu ela numa voz estridente.

Com Katya a seus pés e Kolya a agarrar debaixo dos braços, eles moveram o corpo frouxo de Pavlo para a cama no *pich*.

– Vai buscar água quente! – Katya agarrou num lençol e começou a rasgar tiras compridas. Juntos, ela e Kolya limparam cuidadosamente a ferida, depois molharam-na com um pouco da *horilka* que havia sido reservada para a

celebração do casamento. Pavlo agitou-se quando a bebida queimou a sua ferida, mas não acordou.

– Perdeu muito sangue – disse Kolya, enquanto Katya secava a pele à volta do golpe.

– Ele vai ficar bem. – Ela olhou fixamente para Kolya, desafiando-o a discordar. – Agora segura nele para que eu possa enrolar esta ligadura à sua volta.

– A cabeça também está a sangrar. No sítio onde lhe bateram. – Kolya inclinou a cabeça de Pavlo para que Katya pudesse ver o grande lanho atrás da sua orelha, ainda a sangrar. – Provavelmente é por isso que está inconsciente.

– Talvez tenha desmaiado por causa da dor – disse ela.

Kolya deu uma gargalhada irónica.

– O Pavlo não. Ele é rijo como couro velho.

– É por isso que ele agora vai ficar bom – disse Katya com um aceno firme. Nada a faria pensar o contrário. Pensara que o tinha perdido para sempre, mas esta misericórdia, este adiamento, tinha-lhe dado outra oportunidade com ele, e maldita seria se o deixasse fugir novamente.

Mama e Alina entraram pela casa, mas antes de terem a oportunidade de falar, Katya gritou:

– Ele está vivo! O Pavlo está vivo!

Mama apressou-se e examinou-o.

– Limpaste-o bem, Katya? Não podemos correr o risco de infeção.

– Sim, como me ensinaste quando o *Tato* cortou a mão. Onde está ele?

Mama endireitou-se.

– Está preso. – Katya sentiu um aperto no coração. *Mama* apertou os lábios, o olhar no seu rosto a avisar Katya para não fazer mais perguntas. – Não podemos prepará-los para o enterro como de costume, por isso teremos de nos adaptar. – *Mama* sondou a sala, instruindo Alina e Kolya. Disse a Katya para ficar com Pavlo, algo que ela teria feito independentemente das ordens da mãe, mas Katya nunca tinha ficado tão grata por ter a sua mãe autoritária novamente no comando.

Kolya pairava sobre o ombro de Katya, tocando e verificando Pavlo de longe a longe.

– Tenho de ser eu a dizer-lhe. Sobre os nossos pais.

Katya acenou com a cabeça. Ela não tinha qualquer desejo de ser a portadora dessa má notícia.

O resto do dia passou num instante. Ninguém falava disso, mas o medo preocupava-os a todos. Além de tudo o que tinha acontecido, a ideia de que a OGPU poderia vir atrás de qualquer um daquela casa, por serem parentes do falecido, e prendê-los como inimigos do povo pairava sobre as suas cabeças.

Pavlo acordou assim que terminaram a limpeza.

– Katya – gemeu. – És tu, ou estou a sonhar?

Ela deixou cair o trapo que tinha usado para limpar o sangue dos seus braços e inclinou-se sobre ele.

– Sou eu, meu amor. Estou aqui. – Ela segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-o na boca à frente de todos. Ele gemeu quando os seus lábios se encontraram, de dor, de prazer ou ambos, ela não sabia. – Pensei que te tinha perdido!

– Não te vês assim tão facilmente livre de mim. – Pavlo esboçou um sorriso fraco e estremeceu de dor enquanto Katya se afastava.

– É bom ver-te acordado, irmão – disse Kolya. Os seus olhos brilhavam.

Pavlo fez um esforço para se sentar, o seu rosto pálido e exausto.

– Onde estão os nossos pais?

Kolya pousou uma mão no ombro intacto de Pavlo e baixou o olhar.

– Morreram.

Pavlo ergueu a cabeça e olhou para os seus pais, deitados sobre a mesa; depois, cerrou os olhos e voltou a deixar-se cair na cama.

– Não havia nada que pudesses ter feito – disse Kolya.

– Talvez. Talvez não – disse Pavlo.

Katya pegou na sua mão fria e levou-a aos lábios, o coração pesaroso pela sua perda.

– Pavlo – disse *Mama*. – Se conseguires andar, penso que seria melhor levar-te para nossa casa. Sei que devíamos sentar-nos a rezar durante a noite junto dos corpos, mas aqui não é seguro.

– Sim, não podemos ficar aqui. – Kolya limpou os olhos com as costas da mão enquanto olhava fixamente para os pais. – Eles não quereriam que arris-cássemos as nossas vidas. Podemos voltar aqui amanhã, depois de falarmos com o padre.

Pavlo respirou fundo e acenou com a cabeça.

– Devíamos ir, então. Podes ajudar-me?

Kolya e Katya apoiaram Pavlo entre eles, enquanto faziam o caminho de volta através do campo nevado. Pavlo rangeu os dentes e só tropeçou uma

vez, mas não emitiu um som.

Deitaram-no na cama que Alina e Katya normalmente partilhavam, ao lado do *pich*, e Kolya colocou uma enxerga no chão. Nessa noite, as raparigas dormiram com a mãe. *Mama* atirou outro tronco para o *pich* e deixaram-se cair em cadeiras à sua volta. Katya puxou a dela para junto da cama de Pavlo para poder segurar a mão dele.

– Fala comigo, Katya. Conta-me uma história – disse ele através dos lábios sem cor. – Preciso de uma distração até adormecer.

Katya leu a dor nos seus olhos e levantou-se da cadeira para ocupar o espaço ao seu lado na cama. Jogavam frequentemente este jogo, contando um ao outro histórias do que estava para vir e do que se tinha passado. Vasculhou a mente em busca de uma história segura que não envolvesse os pais dele, ou o seu próprio pai.

– Lembras-te daquela vez em que saí de casa com um dos bolos de mel da minha mãe? Ela tinha-o feito para uma festa a que era suposto irmos, mas eu levei-o e fui ter contigo. Subimos para o palheiro e comemos até à última migalha.

Um sorriso ténue surgiu nos lábios de Pavlo.

– Disseste-me que tinhas feito o bolo para o meu aniversário. Mas depois limpaste o prato, puseste-o onde o tinhas encontrado, e disseste à tua mãe que provavelmente tinha sido comido por um cão.

– Chiu. – Katya estava sem vontade de rir, mas forçou uma gargalhada por ele. – A minha mãe nunca descobriu.

A conversa desvaneceu-se e, no silêncio, a enormidade do dia abateu-se subitamente sobre Katya. A sua mente acusava o cansaço e o seu corpo exausto

pesava na cama. Deitou a cabeça ao lado da de Pavlo e levou uma mão ao seu rosto. Apesar do cansaço, a voz saiu-lhe forte.

– Não posso perder-te. Nunca! Estás a ouvir? Temos toda a nossa vida planejada, e tu tens de estar aqui para que aconteça.

Pavlo apertou-lhe a mão.

– Estou aqui, Katya. Salvaste-me.

Quando alguém bateu à porta, Alina soltou um gemido e Kolya levantou-se de um salto, mas a voz calma de *Mama* sossegou toda a gente.

– Deve ser o primo Vasyl, o padre. Para o casamento, lembram-se?

Kolya deixou cair a cabeça nas mãos e Katya sentou-se enquanto *Mama* deixava entrar Vasyl e lhe contava o que tinha acontecido.

Ele fechou os olhos, os lábios mexendo-se numa oração silenciosa, e depois pegou nas mãos de *Mama*.

– Ninguém está a salvo. O que é feito do nosso mundo?

Não havia uma resposta para lhe dar. *Mama* encaminhou-o para uma cadeira, e ele olhou em volta enquanto avançava, detendo-se ao ver as ligaduras de Pavlo.

– Bem, temos um funeral para fazer, mas ainda vos posso casar hoje, se quiserem. – Cofiou a barba e olhou para cada um deles à vez.

– Não! – Kolya abanou a cabeça. – Hoje não!

Katya acenou com a cabeça em concordância. Ela também já não queria casar naquele dia. Nem sequer se lembrara do casamento até Vasyl chegar. Como poderia, depois de tudo o que tinha acontecido? E com *Tato* desaparecido?

– Não acha que eles deviam esperar? É demasiado cedo depois desta tragédia – disse *Mama*. – E o meu marido queria estar presente.

– Em circunstâncias normais, sim. Claro que ninguém quer festejar tão cedo depois de uma tal perda, mas nestes tempos terríveis, encorajo os jovens a agarrarem-se a qualquer felicidade que possam ter, sempre que a encontrarem. – Olhou de relance para Pavlo e Katya. – Não temos maneira de saber o que o amanhã trará.

Alina reprimiu o choro e Kolya pegou-lhe na mão.

– Sinto muito. Não consigo juntar aquele que deveria ser o dia mais feliz da minha vida com o mais devastador. Preciso de tempo. Talvez na próxima semana possamos fazê-lo.

– Claro que sim – disse Alina. – Vamos esperar.

– Bem, pela mesma razão por que não podemos ter um grande casamento, não poderemos fazer um funeral típico – disse Vasyl. – Especialmente por causa da forma como foram mortos. Seriam rotulados como inimigos do povo e qualquer pessoa que assistisse ao funeral seria considerada como tal. Deve ser silencioso e rápido. Podemos realizar uma pequena cerimónia em sua casa. À noite seria melhor, e ninguém além da família próxima deve estar presente.

* * *

Mama colocou as tradicionais toalhas e copos de água para os pais de Pavlo e Kolya beberem e enxugarem as suas lágrimas durante o tempo que as suas almas ali permaneciam, antes do funeral. Era um dos poucos rituais funerários que podiam fazer por eles. Quando *Mama* o fizera por Serhiy tinha trazido algum conforto a Katya. Agora, o gesto corriqueiro enfurecia-a.

– Vou precisar de ajuda para pegar nos caixões e baixá-los para a terra. São demasiado grandes para eu aguentar.

Kolya debicou o *saló* frito e cebolas que *Mama* havia preparado para o casamento e que agora servia como refeição fúnebre.

A carne gorda prendia-se na garganta de Katya, juntamente com as lágrimas que se recusava a libertar.

– Talvez pudesses pedir ajuda a um vizinho – disse *Mama*.

– É melhor não envolvermos mais ninguém nisto – disse Kolya. – Não poderia aguentar mais sangue nas minhas mãos.

– Nas tuas mãos? – Katya olhou para ele com incredulidade. – Isto não é culpa tua, Kolya. Tens de saber isso!

– Talvez a culpa não seja minha, mas eu não o impedi. E nada do que possas dizer irá mudar isso. Tenho de viver com isto. – Afastou-se da mesa e do seu parco jantar.

Pavlo agarrou-lhe o braço.

– Kolya, não podias ter impedido que isto acontecesse. Não sabes como estou feliz por teres ficado a salvo?

Kolya afastou-se de Pavlo e vestiu o casaco.

– Preciso de terminar isto.

– Eu e a Alina ajudámo-te a fazer os caixões. – Katya levantou-se e pousou uma mão no ombro de Pavlo para o acalmar. – Também te podemos ajudar a cavar as sepulturas.

– Não. Gostaria de ser eu a fazer isso. – Kolya manteve os olhos fixos no chão. – Preciso de fazer esta parte sozinho.

– Sozinho não – disse Pavlo. – Eu vou contigo.

– Não! – Katya lutou contra o pânico que lhe subia no peito com a ideia de Pavlo se afastar da sua vista. – Não estás suficientemente bem para cavar!

– Talvez não, mas não vou deixar o meu irmão carregar este fardo sozinho. Não cavarei muito, se me perdoares isso, Kolya, mas estarei lá contigo.

Kolya dirigiu a Pavlo um aceno rápido e saiu, batendo com a porta atrás dele.

Katya começou novamente a protestar, mas *Mama* tocou-lhe no braço.

– Deixa-os, Katya. Eles estão a sofrer.

Katya atirou as mãos ao ar e sentou-se de novo.

– Muito bem, eu trato das tarefas aqui e também vou cuidar dos teus animais. Se ficar aqui sentada, dou em doida.

– Obrigado. – Pavlo pressionou os lábios frios contra a sua face e ela teve de se segurar para não o obrigar a ficar ali, onde o pudesse manter a salvo. Ele encolheu-se quando o casaco pesado lhe caiu sobre a ferida, e Katya rete-sou-se, como se a dor dele fosse a sua própria dor.

Limpar o estrume, alimentar os animais, ordenhar a vaca e depois atravessar o campo para fazer o mesmo na quinta de Pavlo manteve Katya ocupada, embora a sua mente continuasse a vaguear até ao seu querido pai, fechado numa cela fria. Tremeu ao tentar lembrar-se se ele se tinha agasalhado no dia anterior. Certamente que o iriam deixar sair em breve, disse para si própria. Ele não tinha feito nada de mal. Mas também ninguém tinha feito. Já nada fazia sentido.

Vasyl foi a única outra pessoa para além deles que veio despedir-se dos seus entes queridos. Claro que todos na pequena aldeia tinham sabido o que

acontecera, mas ninguém perguntou sobre o funeral ou se ofereceu para ajudar. O risco era demasiado grande.

Vasyl leu orações pelos seus corpos, depois ajudou-os a transportar os caixões. Pararam e bateram três vezes com a ponta de cada caixão na ombreira da porta, para permitir que o falecido se separasse da sua casa, e depois seguiram para o cemitério. *Mama* caminhou à cabeça da procissão, segurando um *rushnyk* com os restos de um quadro com um ícone sagrado que Prokyp tinha destruído. Kolya, com Pavlo ao seu lado, conduziu a carroça com os corpos, e Vasyl, Alina e Katya seguiram atrás, a pé. Apesar do manto da escuridão, o medo da descoberta amplificava cada rangido da carroça e manteve todos em silêncio e alerta.

Vasyl proferiu algumas palavras, depois baixaram os caixões para a cova. Pavlo usou o braço que podia, mas teve de se apoiar em Katya depois disso, e ela aguentou-se, envolveu a cintura de Pavlo com os braços, sustentando-o enquanto os soluços silenciosos pelos pais lhe sacudiam o corpo. A curta cerimónia terminou momentos depois de começar; até a possibilidade de chorar verdadeiramente os seus entes queridos lhes havia sido retirada.

* * *

Uma rajada de ar frio seguiu *Mama* para dentro de casa enquanto ela se deixava cair na cadeira junto ao *pich*. O seu rosto inexpressivo não deu quaisquer pistas a Katya sobre o que ela tinha descoberto na sua viagem à aldeia naquela manhã, para coagir os guardas a soltarem *Tato*. Tinha insistido em ir sozinha no caso de eles se zangarem e a prenderem também.

– O que descobriste? – perguntou Katya, tentando ignorar o rosto inchado e manchado de lágrimas de *Mama*, a sensação de desalento na sua barriga. – Mais uns dias e depois deixam-no sair? Não é?

– Ele não está lá. – *Mama* tentou controlar as suas emoções, mas foi um esforço inútil. Um soluço escapou-lhe dos lábios e ela caiu ao chão. – Deportaram-no ontem à noite. Nem sequer consegui dizer-lhe adeus.

– Não, *Mama*. – Katya abanou a cabeça. – O *Tato* não. Isso não pode estar certo. Talvez te tenham mentido.

Alina caiu de joelhos e abraçou a mãe, que estava num pranto. Katya sabia que devia ir ter com elas, para chorarem juntas a ausência do pai, mas os seus pés não obedeciam. Em vez disso, cerrou os punhos com tanta força que as unhas lhe cortaram a pele ao contemplar uma vida sem os doces sorrisos e a orientação sábia de *Tato*.

– Vamos dizer ao Vasyl para esperar – disse Alina, depois de os gemidos de *Mama* terem acalmado. – Não podemos casar logo depois da deportação de *Tato*.

Mama levantou a cabeça de repente.

– Queres casar com este homem? – Limpou os olhos com uma mão e acenou com a outra em direção a Kolya.

– Claro que sim – disse Alina. Olhou de relance para Kolya, e a sua expressão suavizou-se.

– E tu, Katya? – *Mama* voltou o seu olhar triste e cheio de lágrimas para a filha mais nova. – Queres casar com Pavlo, certo?

A voz de *Mama* acordou Katya do seu entorpecimento, e ela olhou para Pavlo. O seu coração disparou. Ela queria casar com ele, era tudo o que ambicionava. Mas casar sem *Tato*? Celebrar o seu amor por Pavlo enquanto o pai se afastava deles a cada minuto? Não era esse o plano. – Sim, *Mama*, mas...

– Então, têm de se casar hoje. – *Mama* levantou a mão para silenciar Katya.
– Rezo para que possam ter pelo menos um pequeno pedaço da felicidade que partilhei com o vosso pai, e se quiserem isso, então têm de o agarrar agora. Viram o que aconteceu com a igreja. Já não passa de um edifício para reuniões do Partido. Não, têm de casar agora enquanto ainda temos um padre na aldeia para o fazer, porque só Deus sabe quanto tempo vai demorar até que eles também o levem. – Ela benzeu-se e disse uma oração em surdina.

Assim, apenas alguns dias após o funeral, e no dia seguinte à deportação de *Tato*, Kolya e Alina e Pavlo e Katya casaram na sua casa. Durante esses breves minutos, em que o padre amarrou as suas mãos com o *rushnyk* que *Mama* havia feito à pressa para eles, Katya olhou fixamente para o rosto de Pavlo e sentiu-se completa. O amor brotou nela pelo homem a quem agora estava ligada para toda a vida, mas quando o seu olhar pousou na mãe, sozinha, torcendo as mãos e reprimindo as lágrimas, a realidade voltou a instalar-se, maculando qualquer alegria que pudesse ter sentido.

– O teu pai gostaria que hoje estivessem felizes – disse *Mama*, depois de os abraçar. – O que é que ele diz sempre? «Olha para o futuro». – A voz falhou-lhe e ela enterrou o rosto no lenço.

O sorriso que vacilava nos lábios de Katya desvaneceu-se.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

Cassie esfregou os olhos e bocejou quando o cheiro delicioso a massa frita e fruta se fez sentir no seu quarto. Em qualquer outro lugar, esse cheiro significaria um bolo, ou panquecas, mas aqui significava apenas uma coisa. *Blintzes*. Já a salivar, Cassie saltou da cama e dirigiu-se para a cozinha.

Bobby e Birdie estavam sentadas à mesa, uma ao lado da outra, a trabalhar. À frente delas estava uma travessa de crepes finos que Bobby já devia ter fritado. Junto dela, uma tigela com uma mistura de queijo doce para os rechear.

– Agora, dobra esta parte por cima, vês? – demonstrou Bobby.

Birdie, os olhos semicerrados de concentração, dobrou cuidadosamente o último pedaço do crepe sobre o recheio, e depois fez um grande sorriso ao ver o produto acabado. Os seus olhos brilhavam de orgulho e levantou-o para a mãe ver.

– Que bonito! – Cassie sorriu, aliviada por voltar a ver Bobby e Birdie de tão bom humor. A presença de Birdie parecia animar Bobby e, nos últimos dias, não voltara a falar em mais presságios da sua morte.

– Quando eu era menina, chamávamos-lhes *nalysnyky* – disse Bobby a Birdie. – Os meus favoritos são com cerejas em cima, mas hoje vamos ter de nos contentar com morangos.

– Adorava saber mais sobre quando eras menina – disse Cassie, sentando-se à mesa. Talvez se ela conseguisse que Bobby falasse abertamente sobre o seu passado, a avó não se deixasse levar tantas vezes por ele. O seu olhar vi-

rou-se para a lata onde tinha encontrado a pilha de notas escondidas. Ainda não tinha descoberto uma maneira de as traduzir.

Bobby cerrou os lábios e Cassie preparou-se para a habitual recusa mas em vez disso, ela disse:

– Talvez. Vou pensar no assunto. Afinal, não me resta muito tempo por cá.

Cassie inspirou bruscamente. A ideia de perder Bobby, de perder mais uma pessoa que ela amava, provocava-lhe um nó no estômago.

– Quem me dera que não falasses assim, Bobby. Odeio isso.

– Sinto muito. – Bobby deu uma palmadinha na mão de Cassie. – Mas eu não sou uma mulher nova. Não vou ficar cá para sempre.

Cassie engoliu a custo.

– Eu sei disso, mas não há necessidade de estar a remoer o assunto.

– Não estou a remoer. Estou a citar factos.

– E se falarmos sobre quando eras nova enquanto a Birdie faz a sesta? – Bobby não respondeu, e Cassie sabia que devia ficar por ali, mas não o fez. – Talvez até me pudesses mostrar o teu diário?

Bobby retesou-se por alguns momentos. Depois, como se não tivesse ouvido Cassie, começou a levantar-se da cadeira.

– Precisamos de mais morangos.

– Eu vou buscá-los. – Cassie levantou-se de um salto, enquanto se amaldiçoava a si própria. Estava a pressionar demasiado. – Devias estar a descansar.

– Eu estou bem! – disse Bobby, mas sentou-se novamente. – Tal como eu disse à tua mãe e àqueles médicos.

– Eu sei, mas eu estou aqui, por isso mais vale ajudar. – Cassie pousou os morangos sobre a mesa e tentou disfarçar o seu deslize. – Sabes, não me lembro da última vez que comi *blintzes*.

– Não os fazes? – Bobby semicerrou os olhos para Cassie.

– Nem por isso. – Cassie esboçou um sorriso e encolheu os ombros. – Não é a mesma coisa, fazê-los sem ti.

Bobby emitiu um som de desaprovação. Cassie não a tinha enganado.

– Sinceramente – disse ela, sentando-se na cadeira ao lado de Bobby e baixando a voz –, ultimamente não me apetece fazer grande coisa. Desde que o Henry...

O olhar de Bobby suavizou-se.

– Sim, eu compreendo. Mas a vida continua, e por isso temos de olhar para o futuro, sim? E as meninas pequenas têm de comer, por isso fazemos *blintzes*! Toma, vê se ainda te lembras como se faz.

Entregou a Cassie um crepe e demonstrou novamente como espalhar o recheio e dobrar o crepe à sua volta para que nada escapasse. Os seus dedos velhos e com artroses eram ágeis, apesar das suas articulações inchadas, e o produto final ficou perfeito.

Cassie tentou seguir o seu exemplo, mas quando fez a última dobra o queijo doce escorreu de um canto.

Bobby deu uma pequena risada e abanou a cabeça. Olhou de relance para o trabalho de Birdie.

– Tenta novamente. Vês? Como a Birdie. Ela está a fazer belos *blintzes*!

Birdie sorriu com os elogios e depois apontou para o prato vazio.

– Não há mais para fazer – concordou Bobby. – Agora, pomos morangos por cima e comemo-los. Vai lavar as mãos.

Birdie correu para fazer o que lhe foi dito e Bobby inclinou-se para mais perto de Cassie.

– Ela é uma boa menina. – O olhar de Bobby dirigiu-se para onde Birdie estava, junto do lava-loiça. As suas pernas esguias saíam de mais um pijama demasiado pequeno.

– Quem me dera que ela voltasse a ser como era antes do acidente.

– Ela vai voltar para ti – disse Bobby. – Dá-lhe tempo.

– Já passou mais de um ano.

– Não há um prazo para o luto. Devias saber isso. – Bobby deitou um olhar conhecedor a Cassie. – E tu? Já estás de volta ao normal? Costumavas andar com um diário para todo o lado e escrever constantemente. Já não te vejo fazer isso.

Cassie disfarçou o nó que tinha na garganta. Bobby sempre fora tão perspicaz.

– Agora não tenho nada sobre que escrever.

Bobby deu-lhe uma palmadinha na mão

– Quando a Birdie estiver pronta, ela falará, e tu tê-la-ás de volta. Quando tu estiveres pronta, escreverás. Agora, come uns *blintzes*.

* * *

Mais tarde nesse dia, depois de ter aconchegado Birdie para uma sesta, Cassie caminhou pelo corredor até ao quarto de Bobby. Agarrou na velha fotografia das duas raparigas que tinha caído do diário e nas notas estranhas de debaixo da lata de farinha na esperança de que, apesar do súbito fim da sua

conversa anterior, a avó estivesse pronta para falar. A forma como ela falara de todos os seus presságios de morte preocupava Cassie.

– Bobby? – Cassie bateu e a porta abriu-se alguns centímetros. Através da frincha, viu Bobby sentada na cama, alheia à presença de Cassie. A pequena vela na mesa de cabeceira tremeluzia no quarto escuro. A angústia distorcia o rosto de Bobby. Agarrava com força num lápis, com a mão boa, e pressionava-o num caderno aberto, escrevendo lenta e deliberadamente.

Cassie estacou, sem saber como proceder. Devia avisar Bobby que estava ali? Ou esperar e ver o que ela fazia a seguir?

Antes que ela pudesse decidir, Bobby arrancou a folha do caderno e arrastou-se até ao seu armário. Procurou atrás de algumas roupas numa prateleira e enfiou a folha dentro de uma caixa. Depois, apagou a vela e subiu para a cama. Os seus olhos fecharam-se imediatamente, como se todo o processo a tivesse esgotado.

Cassie olhou para a fotografia que tinha na mão e, com uma súbita explosão de coragem, deu um passo para dentro do quarto.

Bobby mexeu-se na cama.

– Alina? És tu?

– Não, é a Cassie. Queria ver como estavas. – Foi ter com a avó e arranjou-lhe os cobertores. – Quem é a Alina?

– Oh. Cassie. – A desilusão na voz de Bobby foi como um murro no estômago de Cassie. Bobby forçou um sorriso vacilante e ignorou a pergunta. – Deixei uma coisa para ti no teu quarto.

– Obrigada. Não precisavas de fazer isso.

Bobby virou as costas a Cassie.

– Estou muito cansada e gostava de ficar sozinha.

– Está bem. – Cassie virou-se, saiu do quarto e fechou a porta, mas não sem antes ouvir um soluço abafado. Hesitou, a mão ainda na maçaneta da porta, e depois foi para o seu quarto. Se insistisse mais, Bobby podia fechar-se por completo.

Na sua mesa de cabeceira, descobriu que Bobby lhe tinha deixado um caderno como o que ela usava. Cassie sorriu. Mudara-se para aqui para tomar conta de Bobby, mas, até agora, Bobby parecia estar muito mais consciente daquilo que Cassie precisava.

Cassie folheou as páginas em branco e passou os dedos sobre as palavras trémulas em inglês que Bobby havia escrito cuidadosamente para ela, no verso da capa.

Basta passar o dia de hoje. Amanhã será melhor.

Era o conselho do pai de Bobby. Era um pouco sombrio, mas quantas vezes é que Cassie tinha dito a si própria para aguentar o dia de hoje? Teria de fazer por acreditar na parte do «amanhã será melhor».

Pousou o caderno. Ainda não. Ela ainda não se sentia pronta, mas talvez, em breve, tentasse escrever um diário.

Respirou fundo e dirigiu-se para a casa de banho, ansiosa por tomar um duche, já que não tinha conseguido naquela manhã.

A casa de banho, tal como o resto da casa, tinha exatamente o mesmo aspeto de quando Cassie era criança. A banheira verde abacate, o lavatório e a sanita a condizer eram ecos de 1970, e o tapete de banho laranja de pelo comprido completava o conjunto.

Cassie abriu a torneira e foi ao armário buscar uma toalha.

Em vez de toalhas, papel higiênico e outros artigos essenciais de casa de banho, o armário estreito estava repleto de produtos enlatados. Ervilhas, feijão-verde, milho, atum e carne, tudo empilhado em filas arrumadas.

Cassie fechou a porta e verificou debaixo do lavatório. Aí, encontrou as toalhas, bem como quatro latas de aveia. Um arrepio de preocupação percorreu-lhe a espinha. Porque é que os armários da cozinha estavam vazios e os da casa de banho cheios de comida? Este não era definitivamente o comportamento de uma pessoa no seu perfeito juízo.

Enquanto retirava o champô do cabelo e tentava pensar em formas de abordar o assunto com Bobby, alguém bateu à porta.

Surpreendida, Cassie fechou a torneira.

– Vou já.

Quando a única resposta foram mais pancadas, Cassie agarrou numa toalha e embrulhou-se nela.

– Birdie? Espera, estou a ir! – As pancadas tornaram-se mais frenéticas. – Está bem, está bem! – Cassie olhou para a sua roupa amontoada numa pilha no lavatório, apertou mais a toalha e abriu a porta. – O que é que se passa?

Birdie saltava para cima e para baixo, apontando para a sala de estar. Cassie olhou para o fundo do corredor e viu a porta da frente aberta. A menina agarrou na sua mão e arrastou-a em direção a ela. Ao sair da casa de banho, Cassie estendeu a mão e agarrou no velho roupão cor-de-rosa de Bobby pendurado no gancho da porta.

– Onde está a Bobby? – perguntou Cassie, enquanto apertava o roupão largo à sua volta. – Foi lá para fora?

Birdie assentiu com a cabeça, o seu pequeno rosto contorcido numa careta, e Cassie percebeu que Birdie devia tê-la ouvido conversar com Anna sobre o facto de Bobby vaguear pela rua.

– Fizeste bem em dizer-me. Agora fica aqui. Não saias de casa! – Cassie agarrou Birdie pelos ombros e deu-lhe um abanão antes de sair a correr pela porta da frente e observar a rua. Depois do seu comportamento esta tarde, Cassie não queria que Bobby saísse sozinha.

Bobby já quase chegara à esquina da rua e agora estava parada a olhar em volta.

– Bobby! – chamou Cassie. – Espera aí por mim! Estou a chegar!

Voltou para dentro para pegar nos sapatos quando viu Bobby avançar, pelo canto do olho.

– Não! Espera! – Cassie gritou, mas Bobby não a ouviu. Caminhava em direção ao cruzamento movimentado. Esquecendo-se dos sapatos, Cassie correu descalça pelo passeio. – Bobby! Para!

Um camião cinzento encostou ao lado de Bobby e um homem saltou para fora dele. Correu até Bobby e agarrou-a pelo cotovelo.

O pânico apoderou-se de Cassie. Nem há uma semana aqui estava e já tinha deixado escapar a avó, que agora estava a ser levada.

– Ei! Solte-a! – O medo impelia-a enquanto corria, esquecendo-se do chão duro que lhe feria os pés, ou do roupão que lhe batia nas pernas.

O homem olhou para cima e sorriu, enquanto Cassie os alcançava.

– Olá, Cassie. Estava apenas a ajudá-la a atravessar a rua – disse o homem ao mesmo tempo que Cassie, sem fôlego, perguntava:

– O que pensa que está a fazer com ela?

– Não te lembras de mim, pois não? – perguntou ele. Os seus olhos cintilaram, como se a falta de consideração dela o divertisse.

– Hum... – Cassie perscrutou-o com os olhos semicerrados, o seu peito ainda a ofegar devido ao esforço da corrida. – Ah, sim. Do hospital. Mick.

– Nick, na verdade – riu ele. – Ainda bem que causei uma boa impressão.

– Desculpa. Nick. É claro. – Cassie afastou o cabelo molhado das faces. – Ficas diferente sem o uniforme.

Nick olhou de relance para o roupão.

– Poderia dizer o mesmo de ti.

O rosto de Cassie enrubesceu.

– Oh, peço desculpa. Não sei se ela é sonâmbula ou não, mas estava a dormir a sesta quando fui para o duche. Saiu, e eu não tive tempo de me vestir.

– Não sou sonâmbula e não sou surda – reclamou Bobby, mas a confusão turvava-lhe os olhos. – Sou uma mulher adulta e queria ir dar o meu passeio. Caminho sempre à tarde. Hoje saí um pouco mais cedo porque não conseguia dormir. Qual é o problema?

– O problema é que não é suposto ires dar um passeio sem me dizeres, e quase te enfiaste no meio do trânsito outra vez – disse Cassie.

– Não enfiei nada! – Bobby bateu o pé. – Eu estava à espera que os carros passassem. Não exageres, Cassie. – A sua atitude mudou por completo quando sorriu para Nick e lhe deu uma palmadinha na mão. – É tão bom voltar a ver-te. Tens de vir comer connosco em breve, sim?

Cassie sentiu-se atrapalhada com a reprimenda e Nick sorriu.

– Claro, isso seria ótimo. Que tal se a levássemos para casa agora?

Cassie pegou num dos braços de Bobby e Nick pegou no outro e conduziram-na de volta à casa, onde Birdie esperava à porta, observando-os agarrada ao seu cãozinho de peluche.

– Queres tentar deitar-te de novo, Bobby? – perguntou Cassie. – Talvez consigas dormir, agora que já apanhaste ar fresco.

Bobby assentiu com a cabeça e Cassie levou-a de volta para o quarto e instalou-a. Não querendo voltar a enfrentar Nick de roupão, passou pelo seu quarto e vestiu uma *T-shirt* e calções.

À entrada da sala de estar, fez uma pausa e escutou, surpreendida ao ouvir Nick ler em voz alta. Birdie estava sentada no canto mais afastado da sala, de costas para Nick, enquanto ele usava vozes patetas para diferenciar as personagens. Birdie não olhava para ele, mas os seus ombros tremiam com as gargalhadas silenciosas.

Cassie sentiu-se comover ao ver as grandes mãos de Nick segurando o pequeno livro de cartão, um olhar de esperança no rosto enquanto dirigia a sua voz para Birdie. Entrou na sala quando ele terminou uma página e sentou-se na cadeira em frente à dele.

– Não é a primeira vez que lês o Dr. Seuss, pois não? – perguntou Cassie enquanto Birdie se aproximava de Nick.

Ele corou.

– Claro que não. Eu e o doutor conhecemo-nos há muito tempo. Desculpa, vi o livro aqui pousado e pensei lê-lo. Foi um rasgo de nostalgia.

– Claro – disse Cassie, um pequeno sorriso nos lábios. – Em voz alta. Com vozes e tudo.

– Bem, se vais fazer alguma coisa, deves fazê-la bem. – Nick pousou o livro. – Mas agora que a tua avó está segura, é melhor eu ir andando.

Birdie, ainda virada de costas para eles, mas agora quase ao lado do sofá, virou-se, agarrou no livro, e empurrou-o de volta para as mãos de Nick.

Surpreendida, Cassie susteve a respiração. Desde o acidente, Birdie tinha-se tornado uma versão tímida e frágil do seu antigo e enérgico eu. Nunca tentara comunicar com ninguém, a não ser com familiares próximos.

Nick olhou para ela de relance.

– Queres que eu continue a ler?

Birdie sorriu e apontou para o livro.

Cassie soltou um suspiro, a sua pulsação a acelerar ao deleitar-se com aquele vislumbre da criança que a sua filha fora em tempos. Determinada. Franca. Uma força da natureza.

Nick olhou para Cassie, os seus olhos em busca de permissão, e ela acenou com a cabeça.

– Muito bem. Então, onde ia eu? – Nick folheou o livro e retomou a sua voz pateta e aguda.

Cassie mal conseguiu conter a sua alegria ao ver Birdie a rir-se e a soltar gritinhos com as brincadeiras dele. Nick terminou o livro, depois pegou num segundo livro da pilha no sofá e começou a ler. Birdie aproximou-se cada vez mais dele, até que, finalmente, se encostou à sua perna, sorrindo para ele. Quando ele terminou, ela pôs um terceiro livro nas suas mãos. Sem hesitar, Nick leu.

Encantada com esta mudança na sua filha, Cassie deixou-a continuar ao longo de mais dois livros, mas quando Nick pegou num sexto, ela olhou para

o relógio e percebeu que ele tinha estado a ler durante trinta e cinco minutos. Levantou-se.

– Não, Bird, tenho a certeza de que Mr., uh... bem, tenho a certeza de que Mr. Nick tem lugares para onde ir e coisas para fazer.

Nick riu-se.

– É Koval. Nick Koval. E tu pareces bastante o Dr. Seuss.

Birdie riu-se de novo e Cassie abanou a cabeça, ainda incrédula. Ela não via a filha agir assim desde antes do acidente. Primeiro, a sua felicidade e determinação naquela manhã enquanto fazia *blintzes*, e agora a sua exuberância enquanto ouvia histórias com Nick. Pareciam ser coisas tão simples e normais para uma menina pequena desfrutar, mas Cassie não lhas tinha dado. Sentiu um aperto de culpa na garganta.

– Eu devia ir andando, mas talvez pudéssemos ler mais um bocadinho? – Ele sorriu esperançoso para Cassie, e uma pequena e gélida parte de si, que ela mantivera escondida onde ninguém a podia ver, derreteu-se. Birdie saltou para cima e para baixo no seu assento e apertou as mãos debaixo do queixo, com os olhos a implorar, apesar de a boca não emitir um som.

– Muito bem – disse Cassie, subitamente ansiosa por se afastar de Nick e do estranho palpitar no seu peito provocado pelo seu sorriso fácil. – Estou a ver que estou em desvantagem. Vou buscar limonada para todos.

As mãos de Cassie tremiam enquanto ela servia as bebidas. Colocou copos e um prato de bolachas num tabuleiro, depois agarrou-se ao balcão e respirou fundo. Da boca dela saíram palavras murmuradas, qual mantra calmante.

– Não há nada de especial nele. Isto é a Birdie a entusiasmar-se com a atenção. Não é ele. É a atenção.

Mas o que é que isso significava? Invadiu-a mais uma vaga de culpa. Se atenção era tudo o que Birdie realmente precisava, porque é que Cassie não lha tinha dado? Estaria ela tão envolvida na sua dor que ignorava o quanto a sua filha precisava que ela se libertasse e interagisse?

Obviamente que sim. Birdie precisava de alguém que se concentrasse nela, e Cassie tinha de consertar isso. Não podia continuar a usar a morte de Henry como desculpa para afastar todos, incluindo a filha. Respirou fundo mais uma vez, acalmou-se e regressou à sala de estar.

Cassie pousou a bandeja sobre a mesa de centro.

– Por favor, bebe um refresco. É o mínimo que podemos fazer para te compensar pelos serviços de salvamento e de entretenimento.

– O prazer é todo meu. – Nick sorriu e duas grandes covinhas marcaram-lhe as faces.

Novamente com as defesas levantadas, Cassie avaliou-o criticamente, mas mesmo assim teve de admitir: ele era bastante atraente. Com cabelo castanho-claro curto, olhos azuis brilhantes e pele bronzeada, parecia saído de um anúncio de aventuras ao ar livre.

– Não tinha um público tão cativante desde que a minha irmã e os seus filhos estiveram cá. Eles puseram-me a ler o Dr. Seuss durante horas – disse ele.

Cassie percebeu que estava especada a olhar. Abanou a cabeça e agarrou-se à sua última frase.

– Tens sobrinhos?

– Sim, dois rapazes gémeos de seis anos. São umas pestes, mas muito divertidos. Mas vivem na Costa Leste, por isso não os vejo com frequência.

– É uma pena. – Deu um longo gole na limonada e o livro que ele tinha acabado de ler chamou-lhe a atenção.

– Oh, tinha-me esquecido completamente deste livro! – Pegou no velho livro ucraniano ilustrado que Bobby lhe lia em criança, as pontas dos dedos a afagar a imagem gasta de um rapaz e de um cão. Cassie olhou para ele com descrença. – Sabes ler ucraniano?

Nick inclinou a cabeça, surpreendido.

– Claro, tu não?

Cassie abanou a cabeça.

– Nunca aprendi. E a minha mãe disse-me que não havia uma escola ucraniana perto dela, por isso também nunca aprendeu.

– Era muito importante para a minha Baba que eu fosse – disse Nick. – Todos os sábados de manhã, chovesse ou fizesse sol. Durante algum tempo odiei ir, mas na verdade não era assim tão mau. Aprendi muito sobre o lugar de onde ela veio e sobre a história da minha família.

Cassie franziu o sobrolho.

– A Bobby nunca fala sobre a Ucrânia. Ou sobre a sua família. Tem sido sempre um grande mistério para nós.

– Bem, houve tempos difíceis no velho país, segundo a minha Baba. Não foi uma vida fácil. Talvez seja doloroso para ela recordar.

– Sim, talvez – disse Cassie, já distraída por uma nova ideia que lhe tinha surgido na mente. – Tens um segundo para ler algo para mim?

– Claro – disse Nick.

Cassie correu para o quarto e abriu a gaveta da cómoda. Pegou nas notas e na fotografia, percorreu o corredor e voltou para a sala de estar, colocando-as

sobre a mesa em frente a Nick.

– Gostava de saber o que dizem.

Nick franziu a testa enquanto lia as notas em voz alta.

– Duas latas de ervilhas, mesa de apoio. Três latas de sardinhas, canteiro de flores sul. Uma caixa de bolachas, atrás do sofá azul. – Virou o papel e continuou. – Cerejas desidratadas, secretária pequena. Beterrabas em conserva, armário do quarto de hóspedes. – Ele fitou-a com os olhos bem abertos, e depois pegou em mais algumas notas. – São todas assim. Artigos alimentares e nomes de locais. O que é isto?

Cassie abanou a cabeça.

– Não sei bem.

Os cantos dos lábios de Nick ergueram-se, mas ele não sorriu. Olhou para a velha fotografia e virou-a.

– Não há nada aqui atrás a não ser a data: setembro de 1929. Uma fotografia muito bonita. Quem é?

– Também não sei. – Cassie tentou esconder o seu desapontamento.

– Gosto de um bom mistério – disse Nick. – Se precisares que eu leia mais alguma coisa, avisa-me. Ajudo com todo o gosto.

Ela queria dizer-lhe, *Podes esperar aqui enquanto eu vou roubar o diário da minha avó? Podes lê-lo para que eu possa entrar no seu passado e descobrir o que se passa com ela agora?* Em vez disso, devolveu-lhe um genérico «Obrigada» e esforçou-se para arrancar algo educado da sua mente distraída.

– Então, hum... vives aqui na rua? Como é que está a correr?

– Sim, na antiga casa da minha Baba. Precisa de renovações, mas tem muito potencial.

– Foi simpático da parte dela ter-ta deixado.

Nick olhou para as suas mãos.

– Ela estava sempre a olhar por mim.

– É o que elas fazem melhor – concordou Cassie.

– Sem dúvida. Bem, obrigado pela limonada e pelas bolachas. – Ele levantou-se e olhou em volta, depois pegou no bloco de notas que Bobby guardava junto ao telefone. – Tenho de ir andando, mas antes que me esqueça deixa-me dar-te o meu número, para o caso de precisares de alguma coisa.

– Oh, eu não te quero incomodar – protestou Cassie, mas Nick já tinha começado a escrever.

– Não é incómodo. – Os seus olhos azuis encontraram os dela e surgiram pequenas rugas nos cantos quando ele sorriu. – Somos vizinhos, não somos? Isto é o que os vizinhos fazem.

Ele estendeu-lhe o papel e os dedos de Cassie tocaram nos dele quando ela lhe pegou. Afastou a mão, a pele a arder com o contacto.

– Obrigada.

Nick deixou a sua mão suspensa por um momento, como se também tivesse sentido o mesmo. Um olhar perplexo atravessou o seu rosto tão depressa que Cassie nem teve a certeza de o ter visto antes do seu habitual sorriso reaparecer. Ergueu a mão a Birdie para um *high five*, e surpreendentemente, ou talvez não tanto, dado o súbito afeto dela por ele, ela respondeu com um estalo sonoro e um grande sorriso.

Nick fez uma pausa, depois baixou-se e pegou em algo do chão.

– Oh, não vi este.

Cassie aproximou-se e espreitou a nota curta.

– Nunca tinha visto isto. Talvez a Bobby a tenha deixado cair quando estava aqui sentada. Parece que alguém entornou café em cima dela.

Uma mancha castanho-escura espalhava-se sobre o papel amarelado, quase tapando as palavras. Nick leu em voz alta:

Ficas tão bonita a dormir que não consegui acordar-te. Amo-te.

Vejo-te em breve. P.

– Uau. – Cassie levou a mão ao peito numa tentativa vã de aliviar a súbita dor que lhe trespassava o coração. Henry era assim romântico, deixando sempre pequenos recadinhos pela casa para ela encontrar ao longo do dia.

– Pergunto-me quem será «P».

Nick levantou o papel até à cara e semicerrou os olhos.

– Não sei, mas isto não é uma mancha de café. Acho que é sangue.

KATYA

Ucrânia, março de 1931

Normalmente, uma noiva ia viver com a família do noivo depois do casamento, mas dadas as circunstâncias, bem como o facto de não haver mais informações sobre o destino de *Tato*, a família tinha decidido que Alina e Kolya se mudariam para a quinta dos pais dele e que Pavlo e Katya ficariam com *Mama*.

Prosseguiram com a sua vida, vivendo num precário estado de felicidade, misturada com o luto e o medo. Katya não parou de pensar em *Tato*, perguntando-se se ele estaria seguro, se estaria vivo, mas sentia-se feliz no seu novo papel de mulher de Pavlo. Ser livre de tocar e falar com ele sempre que lhe apetecesse realizava-a como nunca imaginara. O casamento com ele era tudo o que ela sonhara. Dava o seu melhor para se concentrar nisso e esquecer que, em todos os outros sentidos, as suas vidas haviam mudado drasticamente para pior.

– Katya, temos de falar. – Pavlo tocou-lhe no braço quando ela passou com uma braçada de feno para a alimentação noturna do gado.

– Sobre o quê? – Katya descarregou o feno para a manjedoura da vaca e fez-lhe uma festa na cabeça.

– Vou-me embora.

A mão de Katya afastou-se da vaca, que olhou para ela e depois continuou a mastigar.

– O que queres dizer com isso? Para onde? – Katya virou-se e olhou para ele.

– Falei com o meu primo da aldeia mais próxima. Estão a tentar organizar uma resistência, e eu quero fazer parte dela.

– Mas nem sequer estás completamente curado. – Ela tocou-lhe ternamente no ombro ferido e depois deu-lhe um murro no ombro saudável. – Onde é que tens a cabeça? Não serás ajuda nenhuma para eles enquanto estiveres ferido.

– Estou quase bom, e tu sabes disso. Já trabalho como dantes. Sou suficientemente forte para empunhar uma arma e lutar.

– E eu? – Ela odiou o tom de súplica que se infiltrara na sua voz, mas não conseguia controlá-lo, nem às lágrimas que lhe vieram aos olhos. – És capaz de te afastar de mim sem mais nem menos?

– Não, Katya, nunca será fácil afastar-me de ti. – Ele segurou-lhe o rosto entre as mãos. – Tu és a minha vida, o meu amor. Mas se não lutarmos, então o que será de nós? Tu mesma disseste que devíamos ripostar. Não te lembras disso? Se isto resultar, então posso tentar organizar as pessoas aqui para fazer o mesmo.

Ela levantou as mãos em sinal de derrota.

– Isso foi antes de nos terem tirado tudo.

– Nem tudo, meu amor. – Ele beijou-a, lágrimas salgadas dando sabor aos seus lábios até que ela se afastou. Pavlo pegou-lhe na mão. – Por favor, compreende, Katya. Tenho de lutar, senão que tipo de vida podemos esperar?

– Leva-me contigo – implorou ela. – Eu também posso lutar. Sabes que posso!

– Precisamos de ti aqui para trabalhar na quinta. A Alina e o Kolya não conseguem gerir as duas propriedades sozinhos, e a tua mãe precisa de ti mais do que nunca.

Katya agarrou-lhe os braços.

– Quase te perdi uma vez. E se, desta vez, te perder mesmo? Como é que vou continuar? Já pensaste nisso? O que vai ser de mim?

Ele acariciou-lhe a face, enfurecendo-a e acalmando-a ao mesmo tempo.

– Katya, tu és a mulher mais forte que conheço. Independentemente do que me possa acontecer, vais ficar bem. Não tenho a menor dúvida. Toma, trouxe-te uma coisa.

– Não quero um presente. Quero estar contigo. – Katya mordeu o lábio e olhou fixamente para o chão.

Pavlo passou-lhe um livro de couro castanho para as mãos.

– É um diário. Desde que te conheço que escreves as tuas histórias em jornais velhos e pedaços de papel. Agora tens um livro verdadeiro para poderes registar o que nos está a acontecer, o que nos estão a fazer, para que, um dia, os nossos filhos e os filhos deles conheçam a nossa história. Incluí as partes tristes e as partes alegres. Escreve sobre a nossa amizade de infância que se transformou na mais bela história de amor de todos os tempos. Conta-lhes como despejaste um balde de água na minha cabeça quando te puxei o cabelo no pátio da escola, fala do nosso primeiro beijo sob a lua e as estrelas. Assim, aconteça o que acontecer, eu estarei sempre contigo.

Katya passou uma mão pela capa lisa e abriu o caderno. As páginas grossas, em tom creme, imploravam por palavras rabiscadas. Ela nunca tinha visto um livro tão bonito.

– Pavlo, é lindo.

– Promete-me que o vais usar como quiseres. Adoraria que escrevesse a nossa história, mas se dar largas à tua imaginação e escrever os seus sonhos é

o que precisas de fazer para ultrapassar isto, então faz isso.

– Gosto da tua ideia de registar o que está a acontecer. E o que tem acontecido. Também connosco. Já comecei a fazer isso nos meus pedaços de papel. Um belo livro para reunir tudo e manter tudo em ordem seria bom.

– Tens de o manter bem escondido, é claro.

Ela acenou com a cabeça, já a imaginar os lugares possíveis.

– Não penses que este diário compensa o facto de me deixares – disse ela, os seus olhos brilhando de lágrimas. – Ainda estou zangada contigo.

– Nunca tentaria comprar o teu perdão. É um presente.

– O Kolya também vai? A Alina sabe disso?

– Não, o Kolya vai ficar aqui. Conversámos e decidimos que um de nós devia ficar aqui, convosco. Ele também não está muito satisfeito por eu ir embora.

– Então discutiste isto com o Kolya mas é a primeira vez que ouço falar no assunto? – Ela bateu de novo com o diário no peito dele, enquanto a raiva lhe enrubescia o rosto. – Eu sou a tua mulher, Pavlo!

– E é por isso que foi tão difícil dizer-te. Detesto desiludir-te. – Pavlo pegou-lhe nas mãos. – Não tens nada com que te preocupar, e se me acontecer alguma coisa o Kolya prometeu que tomaria conta de ti.

– Não quero que o Kolya tenha de tomar conta de mim. Eu quero-te a ti! – A recordação de encontrar Pavlo a sangrar e inconsciente materializou-se na sua mente, e ela fechou os olhos com força, desejando que desaparecesse.

– Katya, olha para mim. Por favor, não fiques zangada. Só tenho esta noite contigo. Parto ao amanhecer. – Ele agarrou-lhe os ombros e olhou para ela.

O pânico instalou-se e a voz dela sumiu-se.

– Amanhã? Quando voltas?

– Não sei.

Katya virou-se, depois ficou tensa enquanto ele a puxava de volta para os seus braços.

– Por favor, eu tenho de fazer isto. Não percebes?

Katya fixou o seu rosto bonito e leu a dor nos seus olhos, a perda. Compreendeu a sua necessidade de vingança.

Ela também a queria, mas ele tinha razão, claro. Não podia deixar a mãe agora, logo agora que perdera o marido. Isso daria cabo dela. Ignorou o nó pressagiador que se enraizava no seu estômago e abriu-lhe os braços.

Katya conduziu Pavlo até ao sótão do celeiro, o seu lugar secreto, e abriu a porta de cima para que a luz da lua brilhasse sobre eles. Afundaram-se na velha colcha que ela guardava ali em cima para essas ocasiões e beijou-o até que todo o medo e preocupação se desvaneceram na sua mente. Bloqueou o facto de ele estar prestes a partir e de esta poder ser a última vez que o via. Passaram a noite abraçados, a olhar para as estrelas.

– Tens de me acordar antes de partires. – Katya aninhou-se no pescoço de Pavlo e inalou o seu cheiro.

Ele beijou-lhe a face e pressionou o seu corpo contra o dela.

– Silêncio. Não fales sobre amanhã. Deixa-me desfrutar desta noite contigo nos meus braços.

– A minha mãe vai perguntar-se onde estamos.

– Não, não vai. Ela também já foi uma jovem mulher. E eu disse-lhe que me ia embora. Ela está a contar que queiramos alguma privacidade.

– Contaste à minha mãe antes de mim? – Katya apoiou-se num cotovelo e olhou para ele. – Primeiro o Kolya e depois a minha mãe? Queres que eu te fique a odiar antes de partires, Pavlo?

– Foi apenas alguns minutos antes, juro! Ela ouviu-me a falar com o Kolya sobre isto e perguntou-me. Não consegui mentir-lhe.

– Muito bem – resmungou ela. – Mas eu quero ajudar. Mais do que escrever. Tinhas razão antes; eu quero ripostar. Ouvi falar de mulheres de outras aldeias que se ergueram contra os ativistas e tomaram de volta os seus cereais e o seu gado. Eu podia fazer isso aqui. Podia iniciar uma revolta *Bab'i Bunty*.

– Não! – O medo desfigurou o rosto de Pavlo. – A situação tem vindo a agravar-se desde o ano passado. Pode ter sido mais fácil uma revolta de mulheres antes, mas agora é demasiado perigoso. Serias deportada ou morta, de certeza. Se houver algo que possas fazer aqui, quando chegar a altura eu digo-te.

Katya agarrou-lhe o queixo e olhou-o nos olhos.

– É bom que o faças. Estou a falar a sério!

– Eu sei que sim. – Pavlo acariciou-lhe o cabelo. – Tanto quanto eu não te quero pôr em perigo.

– Boa sorte. Basta-me viver aqui para estar em perigo todos os dias.

Ele soltou uma gargalhadinha.

– Minha Katya, sempre com jeito para as palavras.

– Eu só digo a verdade. – Katya deitou-se e enroscou-se nos seus braços fortes e seguros.

– Eu sei, é isso que me preocupa tanto.

Quando ela acordou na manhã seguinte, ele tinha desaparecido.

* * *

O tempo arrastava-se. Cada minuto parecia uma hora e cada hora estendia-se como se fosse um dia inteiro e miserável. Katya nem sequer podia contar com as noites com Pavlo, e as longas caminhadas para recuperar ou procurar comida eram solitárias. Todo aquele isolamento dava-lhe demasiado tempo para pensar em todas as pessoas que tinha perdido. Sasha e a sua família, *Tato*, e agora, de certa forma, Pavlo.

Tentava acalmar as dúvidas e a preocupação que a paralisavam de medo todas as noites, enquanto subia para a cama sozinha, para escrever no seu diário, mas os seus receios só se intensificavam a cada dia que passava.

– Não te preocupes, Katya – disse *Mama* enquanto preparavam o jantar, uma noite. – Ele vai voltar para casa, para ti.

– Eu sei, *Mama* – disse Katya, embora na realidade não soubesse nada. Já tinham passado três semanas, e quanto mais tempo passava sem Pavlo regressar, mais ela se convencia de que ele tinha sido ferido.

Uma pancada na porta interrompeu os seus pensamentos. Antes que pudessem responder, Prokyp, juntamente com outro ativista, entrou pela casa dentro.

– Estamos aqui para cobrar os vossos impostos – anunciou ele. – A quota da nossa aldeia foi aumentada e todos devem contribuir.

– Não temos mais nada para dar – disse *Mama*, erguendo-se o mais alto que pôde. Katya queria cair numa cadeira, exausta desta batalha sem fim, mas em vez disso endireitou as costas e seguiu o exemplo da mãe.

– Ainda tens uma vaca no teu celeiro – disse Prokyp. – Vamos levá-la. Cobrirá a tua quota.

Mama empalideceu, mas não vacilou.

– Muito bem. Se for preciso, levem-na. Mas não nos resta nada para mais impostos.

– Mulher tola! Os teus impostos são mais elevados porque não são membros do coletivo. Se ao menos aderissem, a vossa vida seria muito mais fácil.

O queixo de *Mama* tremia. Katya estendeu a mão e pousou-a no braço dela.

– Então levem a vaca – retorquiu *Mama*, o rosto vermelho de raiva.

– Oh, levamos pois – zombou ele. – Se decidirem ganhar juízo, podem juntar-se ao coletivo na reunião da cidade, amanhã à noite.

– Recuperaríamos a nossa vaca? – Katya não se deu ao trabalho de esconder o tom sarcástico na sua voz.

Prokyp riu-se quando bateu com a porta, e a mãe deixou-se cair na cadeira.

– Receio que já não tenhamos escolha no que toca ao coletivo. Que mais nos podem tirar agora para os impostos? E o que faremos para ter leite?

– Ainda temos as galinhas e as cabras. *Honey* já deve estar grávida, pelo que devemos poder partilhar o leite com o cabrito, quando ele nascer. Encontraremos uma maneira, *Mama*. Vamos ficar bem. Não te preocupes.

– Talvez tenhas razão. – *Mama* acenou com a cabeça de modo pouco convincente.

– Vou ver como estão os outros animais – disse Katya.

Atravessou o pátio, observando como Prokyp e o seu camarada empurravam e puxavam a pobre vaca pela estrada. Esta mugia penosamente e olhava para trás para a quinta até que Prokyp lhe deu um pontapé no traseiro e ela finalmente avançou.

A raiva turvou os olhos de Katya enquanto ela empurrava a porta do celeiro para a abrir. Ia sentir falta daquela doce vaca, e especialmente do leite.

* * *

Na quarta-feira, a monotonia da semana foi quebrada quando se dirigiram à aldeia para outra reunião organizada pelos ativistas. Depois de um jantar de pão preto e o último pedaço de queijo que tinham em casa, Katya e a mãe arrumaram tudo e foram a pé até à aldeia. Quanto mais se aproximavam, mais pessoas encontravam ao longo da estrada. Naquela altura, se não participassem nas reuniões, os ativistas vinham às suas casas para saber porque não haviam comparecido, e ninguém queria chamar a atenção para si e para a sua casa. Atrasadas, ocuparam lugares no fundo da igreja, ao lado de Lena e Ruslan. Lena, uma mulher doce e prima de *Mama*, estendeu o braço, dando paladinhas na mão de *Mama* quando se sentaram. Katya via Kolya e Alina à sua frente, juntamente com outros aldeões que ela conhecera toda a vida, mas muitos estavam desaparecidos. A zelosa abordagem dos ativistas à *dekulakização* tinha levado à deportação ou morte de quase um quarto da população.

O camarada Ivanov já estava a falar, a sua voz soando sobre a multidão.

– Não toleraremos mais a desobediência gritante! Não toleraremos mais os *kulaks* que se recusam a ajudar o nosso grande líder a unir-nos e a melhorar as nossas vidas! A partir de agora, quem não se juntar à quinta coletiva será considerado inimigo do Estado! Um *kulak*! E todos sabemos o que acontece aos *kulaks*.

Fez uma pausa, examinando a sala com os olhos semicerrados, e uma onda de sussurros preocupados espalhou-se através da multidão. Sorriu, contente com a reação.

– É para o bem de todos que nos unimos – prosseguiu ele. – Por isso, venham, juntem-se a nós agora. Dediquem a vossa vida, a vossa terra e o vosso gado ao camarada Estaline! Serão ricamente recompensados por isso mais tarde! No fim da reunião, quem ainda não se tiver juntado terá uma última oportunidade de o fazer com o camarada Popov. Se optar por não o fazer, o seu destino será selado!

Katya e a mãe trocaram um olhar enquanto conversas nervosas se levantavam à sua volta. A decisão tinha sido tomada por elas. Não podiam continuar a fugir ao coletivo. Tinham-se esforçado por pagar os impostos e evitar dar nas vistas, mas não podiam ser rotuladas de *kulaks*. Isso seria equivalente a assinarem as suas próprias sentenças de morte.

Mama estendeu a mão e apertou a de Katya num gesto de cumplicidade. A filha virou-se para ela, surpreendida, e *Mama* sorriu. Uma onda de calor percorreu Katya ao perceber que a mãe já não a via como uma criança. Estavam juntas nesta luta.

Ao aproximarem-se da sua mesa, após a reunião, o camarada Popov abriu os braços.

– Ah, camaradas. Eu sabia que viriam. Vão ver. O coletivismo é o caminho do futuro.

O seu sorriso arrogante fez com que Katya quisesse dar-lhe um murro na cara, mas, em vez disso, cerrou os dentes.

Mama, com um olhar duro e mãos trémulas, escreveu o seu nome nos formulários deles. Katya experimentou uma surpreendente onda de vergonha ao observar *Mama* a entregar tudo aquilo por que tinham trabalhado, tudo aquilo por que *Tato* tinha trabalhado, com a esperança vã de que, ao fazê-lo, os manteria a todos em segurança.

No dia seguinte, vieram quatro homens para levar o cavalo, as cabras, o arado e as ferramentas para a sede coletiva. Katya acordara muito antes do amanhecer e tinha ido levar *Honey*, a cabra grávida, para o celeiro da quinta abandonada do seu primo Sasha. Se a encontrassem e a associassem a Katya, provavelmente seria baleada ou enviada para um campo de trabalho, mas ela não se importava. Precisariam do leite de cabra nesse inverno.

* * *

As semanas que se seguiram arrastaram-se num turbilhão de trabalho, pois havia começado a plantação da primavera. O coletivo delas foi dividido em brigadas que trabalhavam as diferentes parcelas de terra à volta da aldeia. Bohdan Vovk, líder da brigada coletiva de Katya e natural da aldeia, fazia o melhor que podia pelo seu povo, mas o escrutínio constante dos líderes estatais não lhe dava muitas opções.

Como operárias agrícolas, Katya e a mãe andavam de campo em campo, para onde Bohdan lhes dizia, e trabalhavam. Katya plantou batatas, painço e aveia, e cuidou do gado – tudo o que fizera antes, na sua quinta, mas nessa altura esses trabalhos tinham-lhe dado a alegria e a satisfação da autossuficiência. Tinha plantado o trigo deles com o pai, depois colheira-o e moera-o em farinha para fazer pão; cortara cuidadosamente batatas e plantara-as para que se pudessem multiplicar e alimentar a família durante todo o inverno; cuidara com amor dos animais que depositavam a sua confiança na família. Estas coisas faziam dela e dos seus familiares agricultores.

Agora, no coletivo, ressentia-se com a escravidão que era trabalhar em proveito de outra pessoa. Já não se podia chamar a si própria agricultora; era apenas uma engrenagem na máquina do Estado.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

De depois de Nick sair, Cassie ligou a televisão nos desenhos animados favoritos de Birdie e prometeu-lhe que voltaria para a aconchegar. Queria fazer umas investigações.

A mesa de apoio continha duas latas de ervilhas, e a pequena secretária uma embalagem de cerejas desidratadas. Encontrou uma caixa de bolachas atrás do sofá. As beterrabas em conserva apareceram no quarto de hóspedes. Cassie não se deu ao trabalho de ir escavar no canteiro de flores sul à procura de sardinhas, porque já parecia haver provas suficientes. Estas notas documentavam pontos de esconderijos para comida. Mas porquê?

Enquanto Cassie ponderava a questão da comida de Bobby e a misteriosa nota de «P», outro pensamento perturbador zumbia à volta da sua cabeça como um mosquito. Nick. O seu toque. O calor. O que tinha acontecido ali?

Não podia ser atração. Ela ainda amava Henry. Ela amaria sempre Henry.

Então porque é que o rosto de Nick não lhe saía da cabeça? Porque é que ela não conseguia deixar de pensar nos seus modos amáveis e fáceis para com Birdie, ou na forma como as suas faces formavam aquelas covinhas profundas quando ele sorria?

A conversa dela com Bobby sobre pedir a Henry que viesse ter com ela veio-lhe à mente. Abanou a cabeça só de se lembrar, mas ao mesmo tempo as palavras começaram a sair-lhe pela boca.

– Henry, tenho tantas saudades tuas. Não sei o que devo fazer aqui sem ti. – A sua voz transformou-se num sussurro. – Por favor, diz-me.

Olhou em volta no seu quarto, sentindo que era tudo um pouco disparatado, e escondeu as notas e a fotografia numa gaveta da cómoda. Mas, ao voltar a aninhar-se no sofá com Birdie, foi a cara de Nick, e não a de Henry, que lhe passou pela mente, e uma pequena semente de dúvida sobre a sua lealdade para com Henry instalou-se no seu coração inquieto.

* * *

Um estrondo na cozinha despertou Cassie às quatro da madrugada. Preocupada com o facto de que Birdie pudesse ter tentado beber um copo de água e ter derrubado algo ou caído, saltou da cama e correu pelo corredor. Ao virar a esquina, o seu olhar deteve-se em Bobby. Pegadas enlameadas desenhavam um caminho no chão. A porta do pátio estava aberta e Bobby, segurando uma bandeja cheia de fruta e pacotes de bolachas, caminhava em direção a ela.

– Bobby? O que estás a fazer?

A sua avó virou-se. Tinha o cabelo todo espetado, e os pés descalços estavam cobertos de terra e erva. O roupão pendia torto e aberto sobre a sua longa camisa de dormir. Os seus olhos, arregalados e assustados, precipitaram-se pela divisão.

– Alina! Seguiram-te? Quem sabe que estás aqui?

– De que é que estás a falar? Quem me seguiria?

O pânico avolumou-se no peito de Cassie e ela tentou abafá-lo. *Outra vez Alina. Quem seria ela?*

– Os ativistas – escarneceu Bobby. – Tu sabes disso. Temos de esconder a comida ou eles levam-na.

Cassie estendeu a mão e caminhou lentamente em direção a Bobby.

– Não há ativistas aqui. Somos só nós. – Pegou na bandeja de Bobby e pôs-a no balcão. – Ninguém vem buscar a comida, está bem?

Um profundo soluço soltou-se dos lábios de Bobby e ela gritou:

– Eles levaram-na mesmo! Tiraram-nos tudo!

– Eu sei que sim. – Embora não fizesse ideia do que Bobby estava a falar, Cassie alinhou, na esperança de a acalmar. – Mas agora estamos a salvo. Ninguém vem hoje à noite.

Bobby esfregou a cara manchada de lágrimas com os dedos enlameados, deixando marcas de sujidade nas faces.

– Tens a certeza?

– Prometo. – Cassie agarrou Bobby pelos ombros e guiou-a para fora da cozinha. – Anda, vamos limpar-te e voltar para a cama. Vais sentir-te melhor de manhã.

Bobby caminhou com Cassie, murmurando em ucraniano. Cassie ajudou-a a tirar o roupão e humedeceu um pano para lhe limpar o rosto, as mãos e os pés, antes de a aconchegar na cama.

– Obrigada, Alina – disse ela, enquanto fechava os olhos. Cassie esperou alguns momentos para se certificar de que Bobby estava realmente a dormir, depois saiu do quarto e voltou para a cozinha.

Calçando um par de sandálias, acendeu a luz do alpendre das traseiras e saiu para o quintal, procurando onde Bobby tinha cavado. No canteiro de flores perenes, debaixo da velha amoreira branca, encontrou terra acabada de revolver e uma pequena colher de pedreiro. Escavou um pouco e descobriu duas latas de ervilhas, um saco de plástico cheio do que parecia ser farinha e três latas de sardinhas numa cova rasa.

Olhou para o relógio – 4h30, demasiado cedo para acordar a mãe. No entanto, era impossível conseguir voltar a dormir, por isso levou a comida para dentro e guardou-a toda, limpou o chão enlameado e pôs uma cafeteira ao lume.

* * *

Cassie depenicou o *muffin* proteico que a sua mãe tinha trazido para o pequeno-almoço. Depois de ter telefonado à mãe às 6h30, Anna tinha vindo logo.

– Pensei que talvez fosse Birdie a beber água, mas era a Bobby, a levar comida lá para fora para a enterrar.

– Enterrar? – As sobrancelhas de Anna arquearam-se.

– Sim. Provavelmente tem um pedaço de papel algures com os alimentos e a sua localização apontada. É o que está escrito nas notas. Pedi ao Nick para me traduzir umas quantas.

– O Nick esteve aqui? Não me tinhas contado.

– Não foi nada de especial. A Bobby tentou ir dar uma volta enquanto eu estava no duche, e ele ajudou-me a trazê-la para casa. – Cassie minimizou o sucedido. Não precisava que a mãe ficasse com ideias acerca de Nick.

Anna suspirou.

– Há muita coisa que não me contas. Então ela ainda anda a tentar sair sozinha?

– Ia contar-te tudo quando viesses jantar esta noite, mas depois esta coisa da comida escondida inquietou-me – disse Cassie.

– Muito bem. Um problema de cada vez, então. – Anna serviu-se de uma chávena de café e sentou-se à mesa. – Ela disse porque estava a enterrar a co-

mida?

Cassie abanou a cabeça.

– Disse que os ativistas viriam e a levariam, por isso tinha de a esconder. E chamou-me Alina.

– Quem é Alina?

– Não sei. Quem são os ativistas? E quem são estas duas raparigas? – Mostrou à mãe a imagem desgastada das duas raparigas em frente ao campo de girassóis. – Parece o desenho que a Birdie fez. Aquele que perturbou tanto a Bobby.

– Um bocadinho. A Bobby deve ter-lha mostrado. – Anna concentrou-se na fotografia. – Acho que esta da esquerda é a Bobby. Parecem os olhos e o nariz dela.

– Quem é a outra rapariga?

– Não faço a menor ideia. – Anna beliscou a ponta do nariz, a sua maneira tão característica de dizer que estava aflita com uma dor de cabeça.

Cassie bebeu o seu café.

– Acho que temos de a convencer a falar sobre isto. Talvez se conseguirmos compreender porque é que ela está a recuar no tempo e a vaguear, possamos ajudá-la a lidar melhor com isso.

– Bom dia. – Bobby entrou na cozinha com Birdie atrás dela.

Cassie e Anna endireitaram-se nas cadeiras e trocaram um olhar culpado quando Bobby abriu o frigorífico.

– Quem quer *blintzes* para o pequeno-almoço?

Birdie acenou com as mãos no ar e pôs-se aos saltinhos.

– Não fizeste *blintzes* no outro dia? – perguntou Anna.

– Nunca se fazem *blintzes* a mais – disse Bobby. – Além disso, são os favoritos da Birdie. Que outro motivo preciso para os fazer?

Cassie olhou com cuidado para a avó. Parecia normal e perfeitamente controlada – não havia vestígios da escapadela da noite anterior.

– Como é que dormiste, Bobby?

– Bem, bem. – Bobby inclinou-se para o frigorífico e tirou alguns morangos e queijo-creme. – Cassie, arranja-me uma taça, por favor.

Cassie olhou para a mãe.

– O que achas?

Anna respondeu em voz baixa:

– Vamos dar-lhe alguns dias, mas vou ligar ao médico e contar-lhe tudo. Fica de olho nela, e se voltar a acontecer avisa-me imediatamente.

Anna levantou-se e sorriu para Bobby e Birdie.

– Tenho de me ir arranjar para o trabalho. As meninas tenham um grande dia e não se esqueçam, amanhã é sábado de pancakes! Venho cedo para fazer o pequeno-almoço e vou precisar da tua ajuda, Birdie.

Cassie acenou à mãe e observou Bobby a misturar a massa e a recordar Birdie de como dobrar o *blintz*. Parecia estar perfeitamente bem. O que teria acontecido na noite anterior? Quem era Alina?

* * *

Cassie levantou-se rapidamente na cama. O seu sonho voltou-lhe à mente num ápice – o ar salgado do mar, as ondas a baterem-lhe nos pés descalços.

Henry.

Cassie deitou-se e fechou os olhos, tentando agarrar-se a cada maravilhoso detalhe.

Caminhando de mãos dadas com ela na praia, onde tinham passado a lua-de-mel. Henry. Soltando a sua mão. Empurrando-a para a frente.

Sê feliz. Vive a tua vida.

As palavras ecoaram nos seus ouvidos e ela cerrou os punhos, tentando desesperadamente manter a sensação das mãos dele nas suas.

Um soprador de folhas rugiu do lado de fora da sua janela.

O feitiço quebrou-se. Os olhos dela abriram-se. Sentou-se de novo e, com um puxão furioso, abriu as cortinas, pronta a gritar com qualquer pobre jardineiro que a sua mãe tivesse contratado. Em vez disso, viu Nick, vestido com o seu uniforme de trabalho, a soprar folhas velhas para fora dos canteiros. As-sobiava, embora ela não conseguisse ouvir, e movia-se ao ritmo da canção que estava a tocar nos seus auscultadores.

Os seus olhos, atraídos pelo movimento das cortinas, viram-se para cima e fixam-se nos dela. Um enorme sorriso espalhou-se pelo seu rosto e ele acenou. Horrorizada, Cassie fechou as cortinas e afundou-se de novo na almofada. Esfregou a cara e tentou não dar muita importância ao facto de, logo depois de ter finalmente sonhado com Henry, acordar com Nick.

Soltou um gemido e rolou para fora da cama. Depois de ter escovado o cabelo e os dentes e de se ter vestido, foi para a cozinha. Mais uma vez, os seus olhos fixaram-se em Nick, sentado à mesa com Bobby e Birdie, um prato de panquecas à sua frente.

– Bem, estás em todo o lado esta manhã, não estás? – Não tentou disfarçar o aborrecimento no seu tom, embora fosse mais consigo mesma do que com

ele, e deu um beijinho na cabeça de Birdie.

– Bom dia – A mãe entregou-lhe uma grande caneca de café, depois regressou para o fogão e voltou a virar panquecas. – O Nick trouxe o jornal da Bobby ao vir para casa do trabalho e ofereceu-se para soprar as folhas dos canteiros.

– Parei assim que percebi que te tinha acordado. – Os olhos dele reluziam de divertimento.

– Não faz mal – disse Cassie, levantando a mão. – Eu estava acordada.

Sentada em frente a Nick, Bobby deu uma gargalhada.

– Não estavas nada.

Cassie corou e Nick sorriu.

– O teu cabelo desalinhado denunciou-te.

Ela levou a mão ao cabelo, agora preso num puxo despenteado.

– Bem, era um pouco cedo para trabalhos de jardinagem, se queres saber. Porque é que estavas a fazer isso, afinal?

Nick encolheu os ombros.

– Vi algumas flores a nascer, por isso pensei que seria bom arranjar as coisas aqui para que possam plantar sempre que quiserem.

– O Nick é um rapaz tão prestável – disse Bobby.

– Sim, não foi simpático? – Anna sorriu para eles enquanto fazia deslizar outra panqueca para o prato de Birdie. – Toma, querida, come mais um pouco. Oh, esqueci-me. Deixei algumas compras no carro. – Desatou o avental que tinha amarrado à volta da cintura. – Já volto.

Nick levantou-se.

– Deixe-me ir buscá-las.

Anna acenou-lhe para ficar quieto.

– Come enquanto as panquecas ainda estão quentes. Não é muita coisa.

– Não há problema. Eu ajudo-a – disse Cassie.

Nick sentou-se a contra-gosto, depois riu-se quando Birdie lhe fez uma careta.

Cassie semicerrou os olhos perante a cena, depois calçou os sapatos e seguiu a mãe para a rua.

– Tens a certeza de que é de confiança?

Anna deitou-lhe um olhar contrito.

– Sei que não ficaste convencida com nosso episódio da jardinagem, por isso andei a perguntar por aí e só ouvi coisas boas. Acho que a Bobby tem razão. Ele é apenas um tipo simpático que não tem família por perto.

Cassie inclinou-se para o porta-bagagens e agarrou nos sacos de papel.

– Se assim o dizes. É como se a Bobby o tivesse adotado como neto substituto ou assim.

– A Bobby sempre foi muito maternal com jovens sem família. Quando eu era criança, apareciam constantemente lá em casa pessoas que não tinham para onde ir, para jantar ou passar férias. – Fez uma pausa e encontrou o olhar de Cassie. – Ele não fez nada de impróprio contigo ou com a Birdie, pois não?

– Não. – Cassie rodou nervosamente o pé. Até ela própria percebia que a sua animosidade para com Nick era excessiva, mas a alternativa era demasiado assustadora. – Quer dizer, ele até leu para a Birdie no outro dia. Durante

mais de meia hora. Na verdade, ela adorou. Há muito tempo que não a via assim tão feliz.

– Achei que ela parecia muito mais à vontade com a presença dele hoje do que normalmente fica com pessoas novas – disse Anna. – Penso que nos precipitámos. Até agora, tudo o que o pobre rapaz fez foi ajudar uma senhora idosa sem que lhe fosse pedido ou pago, plantou flores para a falecida avó e leu histórias a uma rapariguinha. Na realidade, ele parece bastante espantoso. E isso sem sequer falar naquele sorriso de cair para o lado.

– Mãe! O facto de ter bom aspeto não significa que não possa ser um assassino em série.

Anna sorriu enquanto o som do riso de Birdie se ouvia pela porta entreaberta.

– Oh, vá lá. Deixavas alguém que suspeitasses ser um assassino em série ler para a tua filha? Estás a ser terrivelmente defensiva em relação ao Nick. Talvez gostes mais dele do que imaginas, e isso assusta-te.

A pontinha de verdade na observação mordaz da mãe apanhou Cassie momentaneamente de surpresa, e ela levou alguns segundos até disparar uma resposta.

– Oh, por favor, não é nada disso.

– Pooooois, foi o que eu pensei – riu-se Anna.

– Passando à frente dessa acusação extremamente imprecisa – Cassie bateu com a porta do porta-bagagens com mais força do que a necessária –, não tive oportunidade de te contar que sonhei com o Henry esta noite.

Anna inclinou a cabeça e avaliou Cassie.

– Não olhes para mim assim. Sei que achas que é tudo um monte de tretas.
– Cassie ficou indignada. – Mas significou muito para mim que ele me tenha visitado.

– Visitado? – Anna parou e pousou os sacos no capô do carro. – A sério, Cass?

– A Bobby disse que eu devia pedir-lhe que viesse até mim, por isso tentei. Não pensei que funcionasse, mas talvez tenha acontecido isso mesmo.

Anna revirou os olhos.

– Não acreditas realmente em tudo isso, pois não?

Cassie tentou encolher os ombros perante o cinismo da mãe, mas aquilo magoou-a. Ela queria acreditar.

– Não sei.

– Está bem, pronto. Eu aceito. O que é que ele disse?

– Sê feliz. Vive a tua vida.

Anna cerrou os lábios.

– Fico feliz se isso te trouxe algum conforto, mas a minha teoria é que é o teu subconsciente a dizer-te que não há problema em teres sentimentos pelo Nick.

– Bem, eu não sinto nada pelo Nick, por isso a tua teoria não presta – disse Cassie com mais veneno do que o necessário.

Ela vacilou ao ver a expressão ferida da mãe e tentou uma abordagem diferente.

– Nunca sonhaste com o pai? – O pai de Cassie tinha falecido de cancro dez anos antes, e apesar de toda a conversa da mãe sobre seguir em frente e

pôr um ponto final, raramente se abria sobre essa perda.

Anna ficou tensa.

– Claro que tenho sonhos com o teu pai de vez em quando, mas isso não significa nada. Os sonhos são apenas uma manifestação do nosso subconsciente.

Cassie ergueu uma sobrancelha.

– A sério, mãe?

– Só quero que aceites a morte do Henry de uma forma saudável. Se coisas como esta te fazem sentir melhor, tudo bem. Mas também pode ajudar se saíres. Socializares. Tenta ligar-te às pessoas.

– Namorando? – Cassie soltou um suspiro exasperado e apoiou o saco de compras na anca. – E voltámos ao mesmo. Vou para dentro.

* * *

Três dias depois, Cassie sentou Birdie à mesa com papel e lápis de cera, junto a Bobby e o seu jogo de solitário, enquanto falava com o técnico da *internet* que Anna tinha enviado.

– Vocês deviam ter *internet* aqui. É importante manterem-se ligadas e, um dia, em breve, vais querer recomeçar a escrever. Vais precisar de falar com os teus antigos contactos na revista. Até vou ser eu a pagar – dissera Anna na véspera, ao jantar. Os protestos de Cassie tinham caído em saco roto, pois acabara por ceder.

– Quando estiver pronta, ligue isto ao seu computador. – O técnico ergueu um cabo que saía da parede perto da mesa da cozinha. – E está tudo pronto. Com a *internet* de banda larga, já não precisa de utilizar a linha telefónica.

– Obrigada – disse Cassie, embora se estivesse francamente nas tintas para tudo. A sua mente continuava a vaguear para a caixa no armário de Bobby e a nota que ela lá tinha enfiado quando estava a chorar. Seria outra nota sobre comida escondida? Ou era algo diferente? Ela não queria intrometer-se, mas estava na altura de ser mais agressiva na sua abordagem.

Acompanhou o técnico até à porta e espreitou Bobby e Birdie. Ambas tinham abandonado as suas tarefas, e Bobby estava a ensinar Birdie a jogar uma versão simples de solitário.

Satisfeita por estarem entretidas, Cassie encaminhou-se para o corredor e para o quarto de Bobby.

– Estou a fazer isto para a ajudar – disse a si própria, numa tentativa vã de aliviar a culpa que sentia ao bisbilhotar.

Fez deslizar a porta do armário espelhado para a abrir. Afastando para o lado a roupa na prateleira, procurou até sentir a mão bater numa caixa de cartão. Puxou-a para a frente e remexeu no conteúdo: o velho diário em pele embrulhado num longo e bordado *rushnyk*, um maço de velhas fotografias a preto e branco num envelope, uma dúzia de folhas soltas escritas em ucraniano, e a velha vela e o castiçal que ela tinha visto pela primeira vez ao lado do diário.

Tanta informação, e Cassie não conseguia decifrar nada.

A campainha da porta soou e Cassie hesitou, perguntando-se se a necessidade de ajudar Bobby não seria mais importante do que manter a privacidade da avó. Pegou numa mão-cheia de folhas cuja falta presumiu não seria notada e empurrou a caixa para trás das roupas.

– Eu vou lá! – Cassie dobrou os papéis e enfiou-os no bolso dos seus *jeans*, depois correu para o corredor. Em segurança na sala de estar, soltou a respira-

ção que não se apercebera que tinha estado a suster e, esperando não ostentar uma expressão demasiado culpada, abriu a porta da frente.

– Olá, Cassie – disse Nick. Vestido com as calças e camisa azul-marinhas dos bombeiros, segurava uma pilha de caixas de plástico para alimentos. – Quis passar por cá e devolver isto.

– Isso é muita comida. – Cassie pegou nelas e pousou-as na mesa de apoio.

O rosto de Nick ficou vermelho.

– A tua avó gosta que eu leve comida para casa e eu nunca digo que não.

– Vais trabalhar? – Cassie acenou com a cabeça para o seu uniforme.

– Sim, durante umas horas, para que um tipo possa ir ver o jogo de *t-ball* do filho. – Ele olhou-a de relance enquanto ela se dirigia para ele, impedindo-o de entrar.

– Isso é simpático. – Ela prendeu o cabelo atrás das orelhas e espreitou por cima do ombro.

– Vais convidá-lo a entrar? – chamou Bobby da cozinha.

– Ele não pode ficar! – gritou Cassie em resposta. Pôs a mão no braço de Nick, conduzindo-o para o alpendre da frente, enquanto resistia ao súbito e inesperado impulso de sentir os seus músculos. *Concentra-te, Cassie.* – Hum, posso pedir-te uma coisa?

– Claro, o que se passa?

Ela fechou a porta. A proximidade de Nick fê-la tremer por dentro, mas, para sua surpresa, não se afastou, e ele também não. Enfiou a mão no bolso dos *jeans* e puxou o maço de papéis.

– Outra tradução?

– Se não te importares? – Conseguia sentir o cheiro da sua água-de-colónia e um vestígio de fumo. – Estiveste num incêndio?

Nick inclinou a cabeça enquanto ponderava a sua pergunta e, depois, corou.

– Sim, ontem à noite. Desculpa. Cheiro a fumo? Sinto que, por vezes, não me consigo livrar dele, por muitos banhos que tome.

– Não me importo. Até é agradável. Quer dizer, não incomoda. – Ela aclarou a garganta e estendeu-lhe os papéis.

Os olhos dele fixaram-se nos dela durante alguns segundos antes de desdobrar as folhas e começar a ler.

– Perdoa-me, Alina. Perdoa-me, Alina. – Ele analisou a página, depois virou-a e leu a parte de trás. – É tudo o que diz. Repetidamente. – Folheou mais umas quantas. – Acho que todas dizem o mesmo.

Cassie cruzou os braços.

– Oh, Céus. Isto está a ficar cada vez mais estranho.

– Quem é a Alina? – perguntou Nick, a preocupação estampada no seu rosto.

– Não sei – disse Cassie. – E não faço ideia porque é que a Bobby quer tanto o seu perdão.

Ucrânia, maio de 1931

Passaram mais quatro agoniantes semanas de trabalho árduo sem qualquer notícia de Pavlo. Katya desesperava por sentir o seu corpo comprido pressionado contra ela, por ouvi-lo brincar com ela, por falar com ele quando o mundo parecia tão sombrio. Nalguns dias, pensava que o seu tempo como mulher dele não passava de imaginação sua. Um belo sonho que ela havia criado como uma agradável alternativa ao cansaço extremo dos seus dias.

Naquele dia tinha trabalhado nos estábulos coletivos, limpando as baias e transportando estrume. Era um trabalho cansativo, mas era bom não ter de pensar. Ao anoitecer, caminhou até à antiga casa de Sasha. Felizmente, ficava suficientemente longe da aldeia para que os ativistas não a tivessem apreendido para os seus próprios aposentos. Todas as noites ela fazia esta viagem para pôr *Honey* a pastar, e todas as manhãs acordava antes de amanhecer e escondia a cabra no celeiro, perguntando-se sempre se a cabra estaria à sua espera, ou se alguém entretanto a teria encontrado e roubado.

Pairava sobre a propriedade abandonada um silêncio sinistro. Os restos secos das flores da tia Oksana, da época passada, cresciam em desordem pelos seus canteiros. Jovens ervas daninhas sufocavam a cerca de madeira, dando ao quintal um ambiente escuro e desolado. Mesmo a casa fria e vazia parecia triste, com as janelas partidas e a porta da frente suspensa das dobradiças.

– Sinto muito, tia Oksana – disse Katya. – Eu arrumava isto por ti, mas preciso que pareça deserto para que ninguém suspeite que a nossa cabra está aqui.

Virou as costas à visão sombria e empurrou a porta do celeiro. *Honey* baliu uma saudação, trazendo um sorriso aliviado ao rosto de Katya enquanto recolhia uma braçada cheia de feno. A barriga da cabra, felizmente a crescer com um cabrito, serviu como lembrete de que, em breve, teriam leite de cabra para suplementar novamente a sua alimentação.

– O que faríamos sem ti, *Honey*? – Katya fez uma festa entre os chifres do animal enquanto pontapeava a porta para a fechar. – Sei que estás aqui sozinha, mas pelo menos estás a salvo. Assim esperemos.

As suas palavras sumiram-se quando a porta se abriu. O brilho escuro da noite realçou uma figura grande, e o seu medo transformou-se em alegria ao reconhecer o marido.

– Katya, tive saudades tuas. – A voz dele saiu num gemido baixo enquanto pressionava os seus lábios nos dela. – A tua mãe disse-me que estavas aqui.

Ela deixou-se envolver pelo seu abraço, inclinou-se para trás para olhar para ele e beijou-o novamente, enquanto tentava falar.

– Também senti a tua falta.

– Sinto muito – murmurou Pavlo, com a boca a descer até ao pescoço dela.

As suas palavras esmoreceram enquanto se uniam num frenesim de medo, saudade e amor. O corpo de Katya desabrochou sob as atenções de Pavlo e esqueceu todas as angústias do tempo em que haviam estado separados.

Depois, ele embalou-a contra o seu peito e passou os dedos pelo cabelo dela enquanto falava.

– As aldeias vizinhas estão a lutar mais do que a nossa alguma vez lutou. Têm sido mais reservados relativamente aos seus planos, não tão abertos e tolos como Tomas foi.

– O que estão eles a fazer? – Ela agarrou-se a ele, com medo de o soltar, para que não desaparecesse como fizera tantas semanas antes.

– Está a ser planeada uma revolta maior, mas, por agora, pequenos bandos atacaram as carroças com comida que saíam da aldeia, devolvendo-a aos aldeões.

– Como? Mataram os ativistas que levavam a comida?

Ele acenou com a cabeça e baixou os olhos.

– Amas-me menos por saber que mato?

– Não! – A raiva na sua voz surpreendeu-a. – Roubaram-nos durante demasiado tempo. E a comida? Os aldeões recebem-na?

– Fazemos por isso. Só o fizemos duas vezes. Da primeira vez, conduzimos a carroça de volta à cidade e todos se amontoaram à volta dela e levaram o que queriam. Rebentaram disputas. A fome torna as pessoas más umas com as outras. Quando os funcionários do Partido que ainda estavam na aldeia se aperceberam do que se passava, começaram a disparar contra as pessoas à medida que elas se afastavam da carroça. Não funcionou como esperávamos. Um aldeão foi morto. Por isso, da segunda vez escondemos os cereais na floresta e os aldeões vieram e levaram de volta o que lhes tinha sido tirado.

– E isso funcionou melhor?

Ele acenou com a cabeça e segurou um pequeno saco de trigo para ela.

– Algumas pessoas partilharam como agradecimento. Mas nenhuma destas é uma solução a longo prazo. Precisamos de nos livrar completamente dos ativistas. Precisamos de unir todas as aldeias locais e erguermo-nos em conjunto.

– Mas como?

– Ainda estamos a trabalhar nisso. Precisamos de mais armas para podermos resistir contra a grande quantidade de ativistas, e teríamos de cortar a comunicação para que eles não pudessem pedir ajuda externa.

Katya abanou a cabeça.

– Isto é uma loucura. Eles serão sempre capazes de pedir ajuda. Treinaram soldados e todos os Vinte e Cinco Mil para lutar por eles. Vocês podem acabar com um grupo de ativistas da aldeia, mas eles limitar-se-ão a substituí-lo.

– Então achas que é inútil? – perguntou Pavlo.

– Não sei o que pensar. Tudo o que sei é que te quero aqui. Comigo. Tenho um mau pressentimento quanto ao rumo que isto está a tomar.

– Katya, eu também quero estar contigo, mas temos de tentar lutar. Tu costumavas acreditar nisso.

Ela suspirou.

– Tens razão. Ainda acredito.

– O que é que se passa, então?

– Eles levaram a nossa vaca. E nós tivemos de nos juntar ao coletivo. Disseram que qualquer pessoa que não aderisse seria rotulada de *kulak*. Não tivemos escolha.

Pavlo franziu o semblante e praguejou em surdina. Esta raiva, tão pouco habitual nele, desconcertou-a. As suas mãos tremeram enquanto alisava o cabelo e mudava de assunto.

– Conte-te que a Alina está de esperanças?

Isso mereceu-lhe um sorriso, e o velho Pavlo pareceu reaparecer.

– Está? Que bom para eles!

– O jantar deve estar pronto. Vamos comer. – Katya pegou na mão dele e apertou-a, reprimindo a sensação iminente de desgraça que a invadia sempre que olhava para ele.

* * *

Acordou sozinha na manhã seguinte, com um bilhete junto à almofada.

Ficas tão bonita a dormir que não consegui acordar-te
Amo-te. Vejo-te em breve. P.

Ela amaldiçoou-o entre dentes, depois enfiou o bilhete na sua camisa para que as palavras dele estivessem perto dela enquanto trabalhava.

* * *

Katya suspirou ao sair para o quintal para apanhar legumes da horta. O sol de julho banhava-a, mas não melhorou o seu estado de espírito. Tinham passado mais de seis semanas desde que Pavlo partira novamente e a sua melancolia regressara com toda a força.

Já havia alguns tomates vermelhos, pesados e perfumados, suspensos na rama e *Mama* queria uns quantos para o jantar, já que Kolya e Alina estavam de visita. Felizmente, ainda lhes era permitido manter os seus terrenos, apesar dos boatos de que isso estaria prestes a mudar e que as suas hortas pessoais se tornariam propriedade do Estado. Katya queria colher, preservar e esconder o máximo possível antes que isso acontecesse.

Katya colheu dois dos tomates mais maduros enquanto o seu olhar se desviava para a mancha de girassóis. Separada do campo normal de girassóis, *Tato* plantava sempre uma pequena área apenas para Katya e Alina e deixava um espaço vazio no meio dos pés, formando um pequeno esconderijo. Os caules verdes serviam de paredes, as flores amarelas onduladas e o céu azul,

o teto. Ela e Alina tinham passado muitas horas deitadas de costas, cabeças em almofadas de dentes-de-leão e pervincas, sonhando e conversando. *Tato* chamava-lhe o «palácio de girassóis».

– É um lugar mágico – dizia ele com um piscar de olhos. – Todos os desejos que lá fizerem tornar-se-ão realidade.

Com o pai fora, ninguém tinha pensado em plantar os girassóis. Mas as sementes caídas e a Mãe Natureza continuaram a tradição e reconstruíram o palácio, mesmo quando as raparigas já não o usavam. Abandonado e desamparado, chamava por Katya, acenando ao vento e tentando-a com as suas memórias da infância.

Com um rápido olhar de volta à casa, ela pousou os tomates e dirigiu-se ao palácio de girassóis. Agachada, afastou para o lado os caules e dirigiu-se para o centro do canteiro. Sem o seu pai a cultivar, o centro já não estava desimpedido. Ervas daninhas e girassóis solitários dificultavam a procura de um espaço aberto, mas a nostalgia não deixou de se fazer sentir enquanto passava as mãos sobre os macios tufo de dentes-de-leão. Abaixou-se e deitou-se de costas, olhando para cima através de pétalas, como quando era menina. Fechou os olhos e inalou os cheiros da sua juventude. Flores perfumadas, terra rica, pão cozido vindo de casa. Quase podia fingir que tinha outra vez dez anos, despreocupada e feliz.

A irmã quebrou o seu devaneio.

– Katya! Onde estás? A *Mama* quer esses tomates!

Katya rastejou até à abertura e acenou-lhe.

– Alina! Vem cá, o palácio de girassóis sentiu a nossa falta!

Alina olhou de volta para a casa.

– A nossa mãe também, e temo mais a sua ira do que a dos girassóis.

Ainda assim, agachou-se ao lado de Katya e agarrou a sua mão, tal como quando eram jovens, e deitaram-se e olharam para o céu.

– Bem, os teus sonhos tornaram-se realidade – disse Katya.

Alina afagou a barriga.

– Sim, casei com o Kolya e, em breve, serei mãe. No meio de tudo o resto, pelo menos tenho isso. – Ela pegou na mão de Katya e pressionou-a contra a barriga. – Por vezes, penso que consigo senti-la a mexer-se, mas a *Mama* disse que ainda é demasiado cedo.

– Ainda não consigo acreditar que vais ter um bebé. A *Mama* está tão contente.

Alina suspirou.

– É bom que ela tenha isto para a distrair.

Em vez de *Tato*.

As palavras por dizer pairaram entre elas, e Katya suspirou quando uma onda de emoção se abateu sobre ela.

– Sente-lo aqui? O *Tato*?

Alina fechou os olhos e acenou com a cabeça.

– Tenho tantas saudades dele.

– Eu também – disse Katya. – Mas é estranho. Aqui não me sinto triste. Sinto-me segura. Feliz, quase. Como se o *Tato* estivesse aqui connosco.

– Isso é porque estes girassóis nos ligam às nossas recordações de família mais queridas. E enquanto as tivermos, ter-nos-emos sempre uma à outra.

Katya apertou a mão da irmã.

– Irmãs para sempre.

– Meninas! Onde estão os meus tomates? – gritou *Mama* de casa.

– Já vamos, *Mama*! – respondeu Alina.

– É como quando éramos crianças. – Katya sorriu.

Alina deu-lhe um abraço rápido e depois riram-se enquanto trepavam uma por cima da outra, numa tentativa de sair rapidamente.

– Ainda aí vão? – *Mama* sorriu enquanto elas corriam na sua direção. – Pensava que já eram demasiado crescidas para tais devaneios.

– É um lugar feliz, *Mama*. É bom estar lá dentro. – Katya beijou-lhe a face e entregou-lhe os tomates.

Mama fungou.

– Então talvez eu devesse passar mais tempo lá dentro. Venham, este *varenyky* não se faz sozinho.

Mama tinha a massa misturada e duas tigelas de recheio prontas na mesa.

– Carne e batatas? – perguntou Katya. – Alguma ocasião especial?

– O Kolya trouxe para casa alguma carne de porco que precisamos de consumir antes de ser confiscada. E temos batatas e cebolas da horta. Com essas coisas à mão, como é que podíamos não as fazer?

– Temos manteiga? – perguntou Alina.

Mama tirou um pequeno frasco de debaixo da cama.

– Apenas o suficiente para fritar as cebolas.

Katya guinchou de excitação. Depois das parcas refeições dos últimos tempos, o *varenyky* com cebolas fritas em manteiga seria um banquete.

Sentaram-se à volta da mesa e prepararam *varenyky* da maneira que a mãe lhes havia ensinado, tal como que a mãe dela lhe ensinara a ela. Katya estendeu a massa, depois cortou círculos, usando um cortador de metal. Levantou a mão esquerda como se estivesse a segurar um copo e colocou um círculo de massa em cima dela. Pegou numa colher da mistura da batata, porque era a sua preferida, e colocou-a no espaço onde a massa descaía entre o seu polegar e os dedos. Com um movimento do pulso, virou o *varenyky* de lado e, depois de ter molhado os dedos num copo de água, beliscou as extremidades para formar uma meia-lua perfeita de massa recheada.

Depositou o seu trabalho ao lado dos outros. Os de Katya, quase tão perfeitos como os de *Mama*, faziam os de Alina parecerem deformados.

Alina suspirou.

– Nunca serei boa a fazer *varenyky*.

– Exageras no recheio – disse *Mama*. – E a tua massa não está suficientemente esticada. Olha para a Katya. Ela faz-me lembrar a minha mãe. Os seus *varenyky* são todos uniformes. É assim que se sabe que estão bem feitos.

Katya encheu-se de orgulho com os elogios da mãe.

– Não te preocupes, Alina. Acho que fazer *varenyky* deve ser a única coisa em que te supero. Em tudo o resto, tu ganhas sempre.

Alina riu-se e inclinou-se para descansar a cabeça sobre o ombro de Katya.

– Isso não é verdade, e tu sabes isso, mas por hoje aceito o elogio, irmãzinha.

* * *

Nessa noite, Katya sonhou com o pai. Caminhavam juntos pelo seu campo. Ela passava as mãos por cima dos caules de trigo, que cintilavam e ondula-

vam, quase uma criatura com vida própria que avançava pelas colinas atrás da casa. Era uma colheita perfeita.

– Experimenta um pouco. – *Tato* estendeu-lhe um punhado de grãos de trigo.

Ela pôs alguns na boca e mastigou. Ainda estavam moles. Não estalavam entre os dentes, sinalizando que estavam maduros.

– Ainda não – disse ela.

O pai sorriu tristemente.

– Estás a ver, Katya. Um agricultor planta e cuida hoje, para poder conseguir uma boa colheita no futuro. Deves sempre olhar para o futuro.

– Tenho saudades tuas, *Tato*.

– Eu também tenho saudades tuas. – O pai segurou o rosto dela entre as mãos. – Quem me dera estar aí para te ajudar. As coisas vão piorar antes de melhorarem, mas tu és forte. Basta que deixes passar o dia de hoje, e esperar que amanhã seja melhor. Consegues fazer isso?

O som de tiros interrompeu a cena pacífica.

Os olhos de *Tato* abriram-se, e ele encorajou-a.

– Vai, Katya. Vai ter com ele. Não resta muito tempo.

Katya ergueu-se com um arquejo. O silêncio da noite reverberava à sua volta, mas algo parecia errado. Saltou da cama quando Alina entrou de rom-pante em casa.

Alina esmoreceu, surpreendida por ver Katya já de pé.

– Como é que soubeste?

– Soube o quê? – perguntou Katya, embora o nó de medo no seu estômago lhe tivesse dado a resposta.

A voz de Alina quebrou.

– O Pavlo está ferido.

– O que aconteceu? – Katya enfiou as botas e agarrou no casaco enquanto *Mama* se levantava da outra cama.

– Foi baleado – disse Alina. – O Kolya encontrou-o no pátio. É grave, Katya.

Mil perguntas fervilhavam na sua mente enquanto Katya corria pelo campo. Empurrou a porta e correu para a sala.

– Onde está ele?

Kolya levantou-se de onde estava debruçado sobre a cama e correu em direção a ela. O pesar estampava-se no seu rosto enquanto ele agarrava os ombros dela.

– Tens de saber, Katya, que os seus ferimentos são graves. Não sei como sobreviveu o tempo suficiente para se arrastar até aqui.

– Deixa-me vê-lo! – Ela afastou Kolya e caiu de joelhos ao lado de Pavlo.

O seu rosto pálido, sujo de terra e sangue seco, estava frio contra a mão dela.

– Tem dois ferimentos de bala, um no estômago e outro no braço. – Kolya ajoelhou-se ao seu lado.

– Pavlo, consegues ouvir-me? – Katya acariciou-lhe o rosto e beijou-lhe os lábios. – Já aqui estou, Pavlo. Estou aqui para tomar conta de ti, como da última vez. Vamos ver onde estás ferido.

A sua mãe, que a devia ter seguido, começou a dar instruções sobre água a ferver e trapos limpos enquanto Katya inspecionava o corpo de Pavlo.

Os olhos dele abriram-se, e ele virou-se em direção ao som da voz dela.

– Katya? Voltei a casa por ti. Prometi-te que voltaria a ver-te, e não suportava a ideia de quebrar essa promessa.

– Claro que sim.

O braço direito de Pavlo estava caído e torcido e o sangue corria de debaixo do pano que Kolya pressionava contra o seu estômago.

– Precisamos de verificar se a bala do estômago chegou a sair – disse Kolya. Afastou o trapo para o lado para verificar a ferida e descobriu uma massa vermelha de carne mutilada. Katya experimentou uma onda de náuseas.

Juntos, rolaram-no e Pavlo gemeu.

– Não há orifício de saída – disse Kolya. – Ainda está lá dentro.

– Precisamos de um médico! – disse Katya, a sua voz frenética. – Alguém tem de ir buscar um médico!

– E dizer-lhe o quê? – Kolya olhou-a com o sobrolho franzido. – Dizemos-lhes que o meu irmão foi baleado enquanto lutava contra a OGPU? Quem arriscaria a vida para o ajudar?

– O médico foi deportado o mês passado – disse *Mama*. – Temos de ser nós a ajudá-lo.

– *Mama*, há demasiado sangue! – As mãos de Alina pressionavam um pano limpo junto ao estômago de Pavlo, mas o sangue continuava a escorrer.

– Continua a fazer pressão. – A voz de *Mama* vacilou.

– Katya? Onde estás? – Pavlo soava fraco e abriu os olhos. – Preciso de te ver!

Katya baixou a cabeça para perto da dele.

– Estou aqui, Pavlo. Chiu, agora, não te enerves. Estamos a tentar ajudar-te.

– Não, é tarde de mais. – Os seus olhos brilhantes fixaram-se nos dela e ele pressionou a mão nos lábios dela quando ela começou a protestar. – Tens de ser forte por mim, Katya. O Kolya vai cuidar de ti. Ele prometeu-me. Temos de dizer adeus agora, mas serás sempre o meu amor, a minha Katya.

As lágrimas correram pelas faces de Katya. A sala e todos os que nela se encontravam pareceram desvanecer-se até restar apenas a voz de Pavlo a sussurrar-lhe.

– Amei-te toda a minha vida. – A voz falhou-lhe à medida que ele, a custo, inspirou. – Mesmo quando te incomodava e provocava, eu amava-te. Sempre te amei, só a ti. – Pavlo tossiu e o seu corpo contorceu-se de dor. – Tens de sobreviver a isto e contar às pessoas do mundo o que aconteceu aqui, para que isto não volte a acontecer. Usa o teu lápis e papel e escreve as tuas belas palavras para manter vivas as nossas memórias. Não me deixes morrer em vão, Katya.

Ela acenou com a cabeça e reprimiu um soluço.

– Não deixarei. Prometo.

– Amar-te-ei sempre. – Os olhos dele arregalaram-se e ela sentiu a mudança no seu corpo, a sua alma a extinguir-se, como uma faca no coração.

– Pavlo? Pavlo! – Katya gritou o seu nome, mas ele não respondeu. Sentiu braços a puxá-la para a afastar dele, mas ela empurrou-os e caiu novamente sobre ele e fitou o rosto do homem que amava. Os seus olhos abertos e sem

vida pareciam fixos nela. Já não havia neles uma réstia do brilho e da vida que Pavlo possuía. Estavam ociosos e vazios, tal como ela agora se sentia. Um soluço escapou antes que ela o pudesse abafar. Tinha de lhe fechar os olhos, mas não aguentava a ideia de nunca mais os ver. Em vez disso, subiu para a cama ao seu lado e chorou.

Quando finalmente se levantou, as suas pernas instáveis falharam, e ela tropeçou. Num instante, Kolya estava ao seu lado, com os seus braços fortes a segurá-la. Katya apoiou-se neles enquanto ele olhava fixamente para o irmão. O seu peito estremeceu sob a face dela quando ele tentou reprimir a sua dor.

– O meu irmão. O meu querido irmãozinho. – As suas palavras de dor rasgaram o silêncio da casa e ele inclinou-se para ela. – Perdi-o, Katya.

– Eu sei. – Katya estendeu a mão e fechou os olhos de Pavlo com dedos trémulos. – Perdemo-lo todos.

* * *

Uma sensação de dormência abateu-se sobre Katya, pesada e fria, como um manto de lã húmido, sufocando lentamente a vida dela. E ela ficou contente, porque, na realidade, que tipo de vida poderia ela ter sem Pavlo?

Com os olhos turvos, Katya leu o último bilhete que ele lhe tinha deixado vezes sem conta.

Ficas tão bonita a dormir que não consegui acordar-te. Amo-te.
Vejo-te em breve. P.

As palavras tanto a acalmavam como a enfureciam. Agora manchado de sangue por ela se ter encostado ao corpo ferido de Pavlo, Katya já não o guardava na blusa. Em vez disso, colocou-o no seu diário para não correr o risco de o perder enquanto trabalhava. Era o último pedaço dele que lhe restava.

Todas as noites ela dava voltas na cama, o doce esquecimento do sono inalcançável para a sua alma torturada. E todas as manhãs começava o dia com um violento ataque de vômitos, que, nos seus momentos mais delirantes, ela imaginava advir do facto de o seu corpo rejeitar as tentativas de *Mama* de a alimentar, com comida que a forçava a engolir. O corpo de Katya queria simplesmente morrer juntamente com Pavlo.

Três semanas após a sua morte, *Mama* agarrou Katya pelo braço e perguntou-lhe há quanto tempo se sentia enjoada de manhã.

– Começou logo a seguir a... – Katya calou-se, incapaz de terminar a frase.

– E quanto tempo passou desde o teu último sangramento?

A pergunta confundiu-a por um momento, depois surgiu um clarão de compreensão. Alina tinha tido enjoos matinais no início da sua gravidez. Agora, já a meio da gravidez, tinha finalmente acabado o indesejável ritual matinal.

– Oh, não. – Katya gemeu e afundou-se numa cadeira. – Já se passou mais de um mês. Provavelmente dois. Perdi a noção. *Mama*, como vou conseguir fazer isto sem ele?

– Vá, calma. – *Mama* puxou a sua filha para si. – Eu estarei aqui para te ajudar. É uma bênção, Katya, pois um pequeno pedaço de Pavlo vive dentro de ti.

Essa ideia sossegou-a. Katya descansou uma mão sobre a barriga ainda lisa e fez um pequeno sorriso.

– Ele teria ficado tão contente.

Mas o sorriso esmoreceu ao perceber que Pavlo nunca conheceria ou pegaria nesta criança que ela agora carregava.

Katya desatou a soluçar contra o peito da mãe. *Mama* acariciou-lhe o cabelo e disse-lhe que tudo ficaria bem, mas Katya sabia que era mentira.

CASSIE

Illinois, maio de 2004

Cassie pousou o lápis no caderno e olhou para o relógio. A sua mãe e Bobby deviam estar a chegar do médico a qualquer momento. Passou uma mão pela página cheia de palavras e sorriu. Nessa tarde, a súbita vontade de escrever sobre as suas memórias favoritas com Henry tinha feito tremer os seus dedos. Ela quase não reconheceu a sensação. Embora ainda não tivesse conseguido usar o seu velho portátil para escrever artigos ou histórias, escrever o diário à mão revelara-se catártico.

Bobby tinha razão.

Algumas páginas estavam marcadas por lágrimas de dor, e outras entradas faziam-na rir em voz alta enquanto recordava as brincadeiras dele. Quando terminasse, se é que alguma vez poderia realmente acabar de escrever sobre ele, guardaria o livro para Birdie, para que tivesse sempre uma maneira de recordar o pai.

Cassie levantou-se e espreguiçou-se, depois foi ver como estava Birdie. Alisou o cabelo húmido da testa da filha. Birdie ficava sempre tão quente quando dormia a sesta. A sua respiração, lenta e uniforme, escapava-lhe entre os lábios apartados, ainda pegajosos dos chocolates que Bobby lhe tinha dado. Sem dúvida, Bobby gostava de ter aqui a menina para estragar com mimos. Ainda no dia anterior tinham passado horas a trabalhar juntas, enquanto Bobby ensinava Birdie a bordar flores num pano branco.

– Foi assim que me ensinaste – disse Cassie.

– E foi assim que a minha mãe me ensinou a mim – respondeu Bobby. – Ela era uma artista com a agulha e linha. Eu nunca conseguiria criar peças tão bonitas como as dela, mas ela certificou-se de que eu aprendia o ofício.

Cassie olhou para o bordado emoldurado e pendurado sobre a cama de Birdie e pensou que devia perguntar a Bobby quem o tinha feito. Pés de trigo dourados bordados entre flores escarlate e azul. Videiras e folhas verdes emolduravam o ramalhete. Era realmente uma obra de arte.

A voz da sua mãe ecoou da cozinha e Cassie esgueirou-se do quarto, fechando a porta atrás dela para que Birdie pudesse continuar a dormir.

– Então, como foi a consulta? – Cassie ajudou Bobby a sentar-se à mesa da cozinha, sentando-se depois ao seu lado.

– Bah! Ridículo! – disse Bobby. – Fizeram-me tantas perguntas que me deixaram tonta. E tive de desenhar um relógio. Um desperdício de tempo.

Anna deixou-se cair na cadeira ao lado de Cassie com uma expressão tensa.

– Eu expliquei-lhe, é um teste padrão para avaliar as suas faculdades mentais.

– Eu estou bem. – Bobby bateu com o punho na mesa. – Não preciso de médicos para me dizerem isso.

Anna massajou a testa.

– Cassie, podes trazer-me uma *Aspirina*? Acho que há algumas no armário dos medicamentos. Se não, vê na mesa de cabeceira no quarto da Bobby.

– Claro, mãe. – Cassie deixou as duas ainda a discutir e abriu as portas espelhadas por cima do lavatório da casa de banho. Não havia *Aspirina*, mas desde a última vez que ela verificara, tinham aparecido três latas de beterrabas.

Caminhou pelo corredor até ao quarto de Bobby e abriu a porta. O quarto cheirava a perfume de velhinha e incenso. Fotografias de família e molduras com bordados coloridos enchiam as paredes.

Cassie resistiu à vontade de vasculhar novamente a caixa no armário e, em vez disso, sentou-se na cama e verificou os vários frascos em cima da mesa de cabeceira. Quando não encontrou o que procurava, abriu a gaveta de cima. Ali, ao lado de um pão e cinco latas de sardinhas, encontrou o pequeno frasco de *Aspirina*.

Curiosa, abriu as duas gavetas seguintes e encontrou-as cheias até cima com embalagens de ameixas secas e passas de uva, latas de pera em cubos e caixas de macarrão com queijo. Cassie praguejou e agarrou numa lata de peras.

– Aqui está. – Pousou o frasco de comprimidos sobre a mesa. – Então, o que disseram na consulta?

Anna fez um sorriso tenso.

– O médico dela quer fazer mais exames.

Bobby olhou de relance para Anna.

– Eu estou bem!

– Bobby, não estamos a fazer isto por sermos más. – Cassie mostrou a lata de peras que tinha enfiado debaixo do braço. – Estamos preocupadas contigo. Porque é que andas a esconder comida por toda a casa? Porque vagueias pelo quintal à noite a enterrá-la?

Bobby empalideceu.

– Onde encontraste isso?

– Na tua mesa de cabeceira. Juntamente com um monte de outras coisas.

– Quem as pôs lá? – exigiu saber Bobby.

Cassie inclinou a cabeça. Será que ela pensava mesmo que tinha sido outra pessoa a fazê-lo?

– Foste tu. Não te lembras quando te encontrei, há umas noites, no quintal? Estavas a enterrar comida. Descalça. Às quatro da manhã.

– Não. Eu não fiz isso. – Bobby afastou-se da mesa, os seus olhos turvos, como se tivesse desaparecido numa parte distante da sua mente e não pudesse ser alcançada. – Há muito tempo que não tenho de fazer isso – disse ela ao passar para a sala de estar.

Cassie franziu o sobrolho.

– Tem de haver algo que nos está a escapar. Algum tipo de trauma por que ela passou há muito tempo que está a exacerbar tudo isto. Talvez esteja relacionado com as notas de que te falei? As que pedem perdão a Alina?

– Não sei dizer, já que ela não quer falar sobre isso. Toda a minha vida, não fiz ideia de quem eram os meus avós ou se tinha algum primo, ou tias e tios. Éramos só nós. – Anna cruzou os braços. – Vamos dar-lhe algum tempo. O dia de hoje exigiu muito dela.

– E de ti também, ao que parece – disse Cassie. – Porque não vais para casa e descansas um pouco? Eu fico de olho nela.

Anna esfregou o rosto com as mãos.

– Obrigada, vou mesmo. Volto mais tarde.

Depois de a mãe se ter ido embora, soou da sala de estar um grito estrangulado. Cassie correu para lá e encontrou Bobby ajoelhada no chão, junto ao seu recanto sagrado dos ícones.

– Caiu! Sabes o que isto significa? – disse Bobby.

Cassie pôs-se de joelhos e recolheu o quadro caído e o *rushnyk*. – Tenho a certeza de que não é nada. O prego deve ter caído. Posso voltar a pregá-lo.

– Não. – Bobby abanou a cabeça e fixou o seu olhar vítreo em Cassie. – Quando um ícone cai, a morte está a chegar. O meu tempo está a esgotar-se.

– Bobby, não digas isso. Não consigo imaginar como seria perder-te. – Cassie sentiu um nó no estômago quando ajudou Bobby a levantar-se. – Vá lá. Vamos levar-te para a cama para poderes descansar.

Cassie aconchegou Bobby, depois sentou-se na beira da cama e segurou as mãos da avó.

– Vou ficar aqui contigo até adormeceres.

A artrite tinha há muito deformado as articulações de Bobby, mas a sua mão esquerda estava muito mais inchada do que a direita. Cassie passou os dedos pelos dedos tortos e as articulações nodosas que exigiam gelo em dias maus.

A voz de Bobby assustou-a.

– Sabes que a morte não é o fim? É apenas outra realidade. No velho mundo, sabíamos isso. Acolhíamos de bom grado os mortos nas nossas casas. Púnhamos lugares para eles à mesa, no Natal. Dávamos festas em sua honra. Mas aqui, esqueci-me dessas tradições. Preciso de me preparar, para estar pronta para a minha morte.

– Para, Bobby.

– Não tenho medo da morte – continuou ela. – Apenas de a desiludir. Nunca tive oportunidade de lhe dizer o que precisava de dizer. Nunca tive hipótese.

– De quem estás a falar? – Cassie agarrou a mão de Bobby com mais força.

– Tens de fazer uma coisa por mim – exigiu Bobby, a sua voz repentinamente forte e decisiva. – Vai ao meu armário. Atrás da minha roupa, na prateleira do meio, há uma caixa. Tira-a.

Cassie tirou a caixa sem mencionar que já a tinha visto. Pousou-a na cama e Bobby virou a cara para o outro lado.

– Já não consigo olhar para ela. Tentei, mas dói demasiado. Tu e a tua mãe sempre quiseram conhecer o meu passado. Está tudo nessa caixa.

Cassie sentiu a excitação percorrê-la, mas também culpa, enquanto remexia o conteúdo. Talvez Bobby finalmente lhe explicasse tudo, para que ela pudesse realmente compreender. Bobby prendeu-lhe a mão.

– Comigo aqui não. Vais precisar do Nick para te ajudar. Está tudo em ucraniano, mas ele é um bom rapaz. Ele vai ajudar. Ele gosta de ti, sabes?

– Não gosta nada – disse Cassie automaticamente, mas estava desatenta. A sua mente já estava concentrada no tesouro de informação à sua frente: a chave para ajudar Bobby.

* * *

Os dias seguintes passaram tranquilamente, sem mais incidentes. Birdie parecia estar a habituar-se à sua nova vida, e Cassie teve de admitir que a mãe tinha razão. Sentia-se mais feliz aqui do que na sua antiga casa, como se tivesse quebrado a dura casca exterior do seu sofrimento. Cassie deu por si a sorrir e a rir mais, como se estivesse lentamente a acordar de uma longa hibernação.

A caixa era a sua única fonte de frustração. Cassie passara horas a olhar para o diário, a passar as mãos pela capa de couro gasta a tentar, em vão, decifrar as palavras no seu interior. Até tinha tentado procurar *online*, mas era im-

possível digitar o alfabeto cirílico no motor de busca. Quando se cansou disso, analisou as fotografias a preto e branco, procurando vislumbres de Bobby nas jovens mulheres.

– Tens de pedir ajuda ao Nick – disse Bobby novamente, durante o pequeno-almoço.

– Porque não me lês isto? Ou me falas sobre isto? – pediu Cassie. Ela queria ouvir a história de Bobby pelas suas próprias palavras.

Bobby abanou a cabeça.

– Não. Sobreviver a isso já foi difícil o suficiente. É importante que saibas, mas eu não vou reviver tudo.

– Basta ligares ao Nick – dissera Anna. Ela também estava desejosa de saber o que estava no diário, e, como fizera Cassie saber em mais de uma ocasião, sentia-se aborrecida por Bobby a ter ignorado e ter dado o material a Cassie.

– Eu ligo – disse Cassie. E tencionava fazê-lo; assim que tivesse mais controlo sobre a sua reação a ele.

* * *

Nessa tarde, ela, Birdie e Bobby caminharam até ao parque, ao fundo da rua. Bobby sentou-se num banco ao sol enquanto Birdie brincava no trepa-trepa. Cassie andava para trás e para a frente entre as duas, conforme necessário.

– Ela lembra-me de ti quando eras pequena – disse Bobby, enquanto observavam Birdie a deslizar pelo escorrega mais alto, depois a correr de novo para o subir e voltar a escorregar. – É destemida.

– Costumava ser, antes do acidente – disse Cassie. – Mas, durante muito tempo a partir daí, não consegui que ela saísse do meu lado. Desde que aqui estamos, tenho visto algo mudar nela.

A brisa quente agitou os ramos das árvores em flor, trazendo consigo os aromas primaveris de terra húmida e plantas acabadas de despontar. Bobby analisou a jovem rapariga.

– Ainda o vejo nela – disse Bobby, por fim. – Ela é como tu. Vai voltar ao seu eu destemido.

Cassie soltou um suspiro vacilante.

– Como consegues ver isso quando tenho estado tão desorientada?

Bobby deu uma palmadinha no joelho da Cassie.

– Não importa o que eu vejo. Mas sim o que tu vês.

Enquanto Cassie pensava nisso, Birdie saiu a correr do parque infantil em direção à estrada, agitando os braços.

Cassie levantou-se de um salto.

– Ei, onde vais? Não vás para a estrada!

Birdie parou no passeio e acenou de novo.

– Para quem estás a acenar? – perguntou Cassie, enquanto corria para junto dela.

– Olá, Cassie – gritou Nick. Vestido com calções de corrida e uma camisola sem mangas, e a pingar de suor, parecia que tinha acabado de correr a meia-maratona.

– Oh, olá, Nick. – Cassie tentou não olhar fixamente para os seus braços grossos e musculados e acabou por se fixar no céu. – O que estás aqui a fa-

zer?

Nick também olhou para cima.

– Apenas a dar uma corrida. Para onde estás a olhar?

– Para nada. – Cassie corou. – Pensei ter visto um pássaro.

– Eu também! – Nick deu um aperto suave no braço de Birdie. – O meu passarinho preferido.

Birdie riu-se, encantada.

– Nick! – Bobby aproximou-se lentamente deles. – Estou contente por nos termos encontrado contigo. Queria convidar-te para jantar esta noite. Vamos fazer *borscht*.

– Vamos? – disse Cassie ao mesmo tempo que Nick respondia:

– Adoraria! *Borscht* é o meu prato favorito.

– Ótimo, aparece por volta das seis.

– Não perderia isso por nada! Vejo-vos logo. – Acenou e foi-se embora a correr.

– Porque é que fizeste isso? – perguntou Cassie enquanto caminhavam para casa, com Birdie a saltitar em frente.

– Fiz o quê? – perguntou Bobby.

– Tu sabes! Convidá-lo para jantar. E desde quando é que vamos fazer *borscht*?

– Eu faço sempre *borscht*. É bom – disse Bobby.

– Eu sei que é bom. Mas será que temos sequer os ingredientes de que precisamos?

– Claro que sim. Posso estar velha, mas não estou maluca. – Bobby apontou um dedo torto a Cassie. – E podes dizer isso à tua mãe. Pus os pedaços de carne de vaca a cozer em lume brando esta manhã. Não viste? E Anna comprou as beterrabas e as couves quando foi à loja ontem. Ela também vem.

Cassie suspirou.

– Muito bem, mas da próxima vez que decidires dar um jantar, podias avisar-me com um bocadinho de antecedência.

– Não sabia que receber a tua mãe e um vizinho te incomodaria tanto.

– Não me incomoda – hesitou Cassie. – É só diferente.

– Diferente porque te faz sentir feliz? E já não és feliz há muito tempo?

Birdie parou para cheirar um arbusto de forsítia no pátio da frente dos seus vizinhos.

Cassie ignorou Bobby.

– Birdie, não se pode correr para os jardins das outras pessoas.

Birdie devolveu a Cassie um ar zangado e correu para o quintal de Bobby para investigar as suas flores.

– E então? – perguntou Bobby.

– Então, o quê?

– E então, não respondeste à minha pergunta. Ele faz-te sentir feliz?

– Quem? – Cassie fingiu inocência. – O Nick? Eu mal o conheço.

– Mmm... humm. Mas apesar de tentares esconder, vejo como ficas sempre que ele está por perto. Não te vejo assim desde...

– Não faças isso! – Cassie levantou a mão. – Nem compares. Eu não sinto nada pelo Nick, e não se compara minimamente ao Henry.

– Ninguém está a comparar – disse Bobby num tom meigo. – Tudo o que eu disse foi que pareces feliz. O Henry não tem de ser o último homem a fazer-te feliz. E tens um favor a pedir ao Nick, não é? Aqui está a tua oportunidade.

Cassie abanou a cabeça ao entrarem pela porta da frente. Como é que Bobby podia mencionar o nome de Henry tão facilmente em comparação com Nick? Mesmo que ela o achasse atraente, ele não era nenhum Henry.

A admissão fê-la parar. Ela achava-o atraente. Essa era a pura verdade. Ela achava-o atraente, e isso assustava-a bastante. Mas reparar que alguém tinha boa aparência não era crime, pois não? Era perfeitamente normal. Era a natureza humana. Ele era um vizinho, e ela teria de estar muito mais com ele se ele ia traduzir as coisas de Bobby, mas conseguiria lidar com isso.

Vive a tua vida. Sê feliz. As palavras de Henry ecoaram na sua mente. Ela passou a mão pela cara. Só estava viúva há quinze meses. Como poderia já sentir-se atraída por alguém? Que tipo de monstro infiel era ela?

Ao entrarem em casa, Bobby aproximou-se do seu recanto dos ícones sagrados e baixou-se cuidadosamente até ficar de joelhos.

– Fazes isso todos os dias? – Cassie absteve-se de comentar o quão impressionada estava por Bobby ainda conseguir manobrar o seu corpo daquela maneira, pois achava que a avó não gostaria de o ouvir.

– Voltei a fazê-lo – disse Bobby. – Tive um longo período afastada, mas agora dá-me conforto.

Cassie arrancou um fio solto na parte de trás do sofá enquanto Bobby acendia uma vela votiva num suporte de vidro vermelho.

– Sabes, eu tentei. Pedi ao Henry para vir ter comigo, e ele veio. Mais ou menos. Num sonho. A mãe acha que estou a ser ridícula.

Bobby lançou-lhe um olhar.

– Ajudou-te?

Cassie assentiu com a cabeça.

– Acho que sim.

– Isso é tudo o que importa. – Bobby voltou-se para o seu recanto. – Quando terminar aqui, fazemos o *borscht*.

KATYA

Ucrânia, dezembro de 1931

— Vai buscar a tua irmã e trá-la para viver aqui – disse *Mama*.

Katya levantou os olhos do casaco que estava a remendar.

– Queres que o Kolya e a Alina se mudem para cá?

– Claro. Faz sentido que fiquemos todos juntos, agora que a hora da Alina está tão próxima. E se o bebé vier e só estiver lá o Kolya para ajudar? Ele não sabe nada sobre como ajudar uma mulher em trabalho de parto. Ela precisa de estar aqui. Podem ficar com a minha cama. Isso dar-lhes-á mais privacidade. Eu durmo contigo.

– Sim, *Mama*. – Katya perguntou-se o que Kolya pensaria do facto de a sua privacidade no primeiro ano do seu casamento ser reduzida a um lençol pendurado junto à cama. No entanto, fazia sentido. Seria mais fácil estarem todos num só agregado familiar. – Vou falar com eles esta tarde.

– Não te limites a falar, Katya – respondeu ela. – Diz-lhes. Diz-lhes que eu disse que seria o melhor para a família. Não deixes que o orgulho do Kolya se achesse no teu caminho.

Katya manteve os olhos no remendo, a sua resposta monocórdica.

– Sim, *Mama*, não o vou deixar meter-se.

– Ele é um bom rapaz – prosseguiu *Mama*. – Cuida bem dela, trata-a bem. Mas não faz ideia de como é cuidar de uma criança, ou, Deus nos livre, ter de dar à luz um bebé, rodeados de neve. Não, eles têm de vir para cá o mais depressa possível e, provavelmente, ficar durante muito tempo. Talvez para sempre. Faz todo o sentido.

Katya continuou a coser enquanto a mãe tagarelava. Ultimamente, apercebera-se de que os movimentos repetitivos de remendar roupa a acalmavam. Só quando Katya sentiu o olhar penetrante da mãe é que percebeu que ela tinha parado de falar. Levantou a cabeça e disse com todo o respeito:

– Sim, *Mama*.

– Bem, então de que é que estás à espera? Vai agora! Um pouco de exercício e ar fresco serão bons para ti e para o teu bebé.

– Oh, claro – murmurou Katya. – Posso fazer isto mais tarde.

Levantou-se desajeitadamente. Ainda tinha alguns meses antes de o bebé nascer, mas o de Alina podia chegar a qualquer momento. Vestiu o casaco ainda por remendar. Não importava. O rasgão na manga era pequeno e não a incomodava muito. Era melhor ir agora e agradecer à mãe.

Katya caminhou pesadamente pela neve até à casa de Alina e Kolya. Desde que se haviam juntado ao coletivo, a vida só se tornara mais difícil para todos eles. Trabalhavam incansavelmente, mas mesmo assim parecia nunca haver muita comida em casa. A sua pequena horta era uma ajuda, mas, pela primeira vez nas suas vidas, estavam a ter problemas com pessoas que roubavam os legumes diretamente do quintal.

Antes de os soviéticos tomarem conta de tudo, *Mama* tinha gerido a casa com o maior rigor. Estava sempre tudo limpo e arrumado, havia comida suficiente, e ela só se sentava à noite, quando fazia o seu trabalho de costura. As suas mãos criavam os mais belos desenhos com uma agulha e linha, e o seu trabalho era bem conhecido em toda a zona. *Rushnyky* e quadros com pássaros, flores e árvores feitos com pequenos pontos ainda adornavam as paredes da sua casa, mas Katya não vira a mãe criar nada de novo desde que o seu pai fora preso.

Agora, *Mama* queria que Katya dissesse a Kolya para abandonar a casa da sua família e vir morar com a sogra e a cunhada. Quase sorriu ao imaginar a sua reação, e o movimento ascendente dos lábios pareceu-lhe estranho e forçado no seu rosto sisudo. A sua mãe sempre fora presunçosa, mas isto ia ser interessante.

– Alina? – chamou Katya, batendo suavemente à porta da pequena casa.

Já se tinham passado meses, mas ela ainda sentia a tristeza que pairava no ar, quase como um manto, sobre a casa. Fechou os olhos enquanto ali estava. Mil memórias apressaram-se a regressar, levando-a em direções diferentes. Aqui, Pavlo estava por todo o lado, mas ela não lhe podia tocar nem aproximar-se dele de alguma maneira. Ainda lhe doía demasiado. Sentiu uma agonia pulsante no fundo da garganta.

– Katya! – Alina abriu a porta e deu as boas-vindas a Katya com um abraço. Apesar de nenhuma delas ter ganho tanto peso como devia, por estar a carregar uma criança, Alina continuava a parecer-lhe estranha com aquela barriga redonda e saliente à sua frente. *Mama* tinha razão; a sua hora estava para breve. Isso era a única coisa que poderia facilitar a apresentação desta ideia.

– Olá, Alina – disse Katya num fio de voz, refreando as suas emoções. Olhou em volta. – O Kolya também está em casa?

– Está lá fora, no celeiro. Porquê? Há algum problema?

Alina caminhou, desengonçada, para o *pich*, onde estava a cozinhar uma panela de *borscht*. O olhar de Katya recaiu involuntariamente no local onde Pavlo tinha morrido, e a visão que ela esperava evitar regressou. Pavlo, espancado e ferido, os seus belos olhos abertos a fitar o teto. O cheiro metálico

do sangue inundou-lhe os sentidos, e ela sentiu um calafrio. De repente, estava ali a ver Pavlo morrer de novo.

Katya estremeceu e cerrou os olhos, desejando que a memória se apagasse.

– Estás bem, Katya? – perguntou Alina, o seu rosto amável contraído pela preocupação. Pôs a mão no braço de Katya. – Estou aqui para conversar, se quiseres.

– Estou bem – disse Katya. Como poderia ela dizer a Alina que mal se conseguia levantar da cama todas as manhãs? Se ela abrisse as comportas da sua dor, afogá-las-ia a ambas, por isso cerrou-as bem cerradas e avançou de imediato para o motivo da sua visita. – A mãe acha que é melhor que tu e o Kolya venham viver lá para casa connosco.

– Oh. – Alina franziu o sobrolho, a pensar. – Não sei bem. Tenho de falar com o Kolya.

Katya teve o súbito impulso de pressionar um dedo na testa de Alina para a alisar, como Alina lhe havia feito a ela no casamento de Olha e Boryslav. Uma vida atrás, quando se preocupavam com coisas tolas como apaixonar-se e casar. Agora, Katya passava o seu tempo a perguntar-se o que comeria todos os dias e se os ativistas se cansariam de levar a sua comida e, finalmente, os prenderiam.

Katya cerrou os punhos.

– A *Mama* quer que eu te leve hoje para casa. Sabes como ela é.

– Oh – repetiu Alina enquanto se sentava cuidadosamente à mesa.

– Ela acha que devias estar perto de mulheres, porque está a chegar a tua hora.

– Isso faz algum sentido – disse Alina. – Talvez até o bebé nascer, mas primeiro tenho de falar com o Kolya.

Como se tivesse ouvido a deixa, Kolya entrou em casa. O seu olhar dirigiu-se imediatamente para Alina, ignorando o facto de estar uma visita sentada à sua mesa. Katya via com clareza o amor que emanava dele para com a sua mulher grávida. Sentia-se feliz por a sua irmã ter alguém que cuidava dela assim, mas ao mesmo tempo parecia afiar mais ainda a faca que sentia constantemente espetada no estômago. Kolya era tão parecido com Pavlo, e ver a maneira como ele tratava Alina... Por um momento, Katya perguntou-se como seria para ela assistir daí para a frente ao amor óbvio de um pelo outro todos os dias, o dia inteiro: uma lembrança constante de tudo o que ela havia perdido. Envergonhada, apressou-se a afastar o pensamento egoísta da sua mente.

– Kolya. – Alina deu-lhe as boas-vindas com um sorriso caloroso. – A Katya está aqui para nos fazer uma oferta.

Kolya olhou para ela, e Katya percebeu que ele tentava avaliar o seu estado.

– Olá, Katya. Como te sentes?

Desde que Kolya soubera que ela estava grávida do bebé de Pavlo, tinha-se tornado muito protetor para com ela. Certificava-se de que ela e *Mama* tinham sempre muita lenha cortada para que ela não tivesse de o fazer, e passava lá por casa depois do trabalho no coletivo o mais frequentemente possível para ajudar nas tarefas.

– Não preciso de tratamento especial – Katya repetiu mais uma vez. – Trabalhei todos os dias durante a colheita, ainda apanho lenha no bosque para a

coletividade, e ajudo a ordenhar as vacas todos os dias. Não sou nenhuma flor de estufa.

– Eu sei disso, mas tenho de cuidar de ti e do bebé. O Pavlo teria feito o mesmo por mim, se as coisas tivessem corrido de forma diferente – disse ele.

Katya acenou com a cabeça.

– Estou bem, obrigada, Kolya. Mas não é uma oferta minha, é da *Mama*. Ela quer que ambos venham viver connosco, a hora da Alina está tão próxima.

Katya omitiu a parte sobre o facto de *Mama* querer que fosse permanente. Deixaria isso para quando os tivesse debaixo do seu teto.

Kolya passou a mão cansada pela cara. Tinha manchas escuras sob os olhos. Todos se haviam juntado ao coletivo ao mesmo tempo, e ele trabalhava arduamente para manter esta casa e ajudar na de *Mama* e Katya, além de tudo o resto que o coletivo exigia. Katya percebeu que a ideia de se mudar não o atraía, mas, pela sua mulher grávida, ele estava a tê-la em muita consideração.

– É isso que queres, Alina? – perguntou ele.

– Pode ser mais fácil para quando eu entrar em trabalho de parto – disse Alina.

Kolya olhou para Katya.

– Suponho que a tua mãe queira uma resposta hoje.

Ela assentiu com a cabeça.

– Vês, Kolya, já a conheces tão bem. Viver com ela vai ser fácil.

Kolya riu-se suavemente.

– Vai dizer à tua mãe que vamos esta noite. Se isso vai ser uma ajuda para a Alina, então faremos com que funcione.

* * *

Como de costume, *Mama* tinha razão. Três dias depois, quando Katya chegou a casa depois de ter verificado a cabra e o filhote, encontrou Alina na cama e a sua mãe a pôr água ao lume.

– Pega em alguns lençóis – ordenou ela. – Sabes onde está o Kolya? Chegou a hora!

– Deve estar prestes a chegar do coletivo. – Katya despiu o casaco e apressou-se a fazer o que lhe fora ordenado. Alina ficou tensa e gemeu enquanto outra contração a dilacerava.

– Este bebé está a chegar depressa – disse *Mama* por cima do seu ombro. – Preciso que vás buscar a Lena.

– Eu quero o Kolya! – gritou Alina. Os tendões do seu pescoço sobressaíam da sua pele pálida enquanto ela sofria com outra contração. – Vai buscá-lo, Katya! Agora!

– Eu vou. – Katya agarrou no casaco e voltou para o frio. Andar pela neve exigia muito mais esforço para o fim da gravidez, mas ela ficou contente por ter algo para fazer que ajudasse Alina. Tinha percorrido meio caminho de regresso à sede da quinta coletiva e quase à casa de Lena e Ruslan quando viu Kolya a caminhar para casa.

Pôs as mãos em concha junto à boca e gritou:

– O bebé está a chegar!

Kolya hesitou, e depois correu na sua direção.

– Vou buscar a Lena – disse Katya. – Mas a Alina precisa de ti agora!

Ele deslizou até parar e agarrou-a pelos ombros.

– É grave? Ela está bem?

– Está com dores, mas está a correr bem. Não te preocupes, ela vai ficar bem.

– Não me preocupo? – Kolya deixou cair os braços e olhou para ela. – Ela é tudo o que me resta neste mundo. Como posso eu não me preocupar? Agora, despacha-te e vai buscar a Lena!

Ele correu para casa e deixou Katya a olhar para ele.

A raiva fez subir o calor às suas faces, e ela mordeu o interior da bochecha até sentir o gosto a sangue. *Pelo menos, ele ainda a tinha!*, quis gritar atrás dele. Berrar. Mas não o fez. Como poderia ela julgar a sua dor? Ele também tinha perdido tanto. A mãe. O pai. Pavlo. Katya estremeceu sob o peso daquela angústia e, tão rapidamente quanto havia chegado, a sua raiva dissipou-se. Levou as mãos à barriga inchada e respirou fundo. Ela e Kolya podiam ter partilhado a perda de Pavlo, mas isso não a tornava mais fácil de suportar.

Já mais controlada, Katya caminhou em direção à casa de Lena o mais depressa que conseguiu. Lena levou-a a aquecer-se junto ao *pich* enquanto preparava as suas coisas e enchia Katya de perguntas.

– Qual é o intervalo das contrações? As águas rebentaram? Quando começou o trabalho de parto?

– Não tenho a certeza – repetiu Katya várias vezes. – Cheguei a casa do trabalho e vim logo buscar-te.

– Coitadinha. – Lena deu-lhe uma palmadinha na face. – Isto deve ser um pouco assustador para ti. Não tenhas medo. O que vês hoje com Alina pode

não ser o mesmo para ti. Cada mulher dá à luz e lida com a dor de forma diferente.

Katya assentiu com a cabeça. Neste momento, não lhe parecia que estivesse a lidar muito bem com a sua dor. Tinha os pés doridos, as costas a latejar, e só queria voltar para casa e sentar-se.

Lena enrolou um xaile pesado à volta dos ombros e da cabeça.

– Ruslan, volto mais tarde – disse para a sala dos fundos. – Vou ajudar a Alina a ter o bebé.

Lena ajudara em muitos dos nascimentos na aldeia, apesar de nunca ter tido filhos seus. Movia-se rapidamente para uma mulher mais velha e, em pouco tempo, assistiam a uma cena muito semelhante à que Katya tinha deixado, só que agora Kolya ajoelhava-se junto à cama, segurando a mão de Alina.

Pouco depois, Katya pôde ver que Alina se tinha acalmado significativamente. *Mama* devia ter-lhe escovado o cabelo para trás, e os seus olhos claros estavam fixos em Kolya.

Soltou um lamento baixo.

– Lena! Este bebé está prestes a nascer!

– Bem, deixa-me ver se tens razão. – Lena fez uma pausa para fazer o sinal da cruz em frente à parede onde os ícones sagrados estavam normalmente pendurados, antes de se curvar sobre Alina. Após alguns minutos de avaliação silenciosa, abanou a cabeça.

– Não, ainda vai demorar algum tempo. Tenta descansar quando a dor diminui.

O tempo passou rapidamente enquanto Alina se debatia e a família esperava. Foi só quando o Sol nasceu, na manhã seguinte, que Lena finalmente de-

clarou que Alina estava pronta para fazer força e a casa se encheu com o som dos esforços dela. Gritos e gemidos de dor saíram dos seus lábios.

A expressão no rosto de Katya chamou a atenção da sua mãe.

– Não a julgues com demasiada severidade – admoestou ela. – Espera. Quando chegar a tua hora, será igual. Parir uma criança não é uma tarefa fácil.

Katya contraiu os lábios e reprimiu uma resposta. Ela não gritaria; acolheria com agrado a agonia do nascimento. Sentir algo para além da dor, para além do desespero, seria uma alegria, por muita dor física que trouxesse. E com essa dor, viria um pequeno pedaço de Pavlo. Para isso, ela suportaria toda a dor do mundo.

Pálida e fraca, Alina fez força durante horas, sem resultado. Finalmente, quando Katya começara a recear que a criança nunca viria, um pequeno bebé deslizou para as mãos de Lena. Katya observou enquanto os gritos de dor de Alina se transformavam em gritos de alegria. Ela embalou o bebé contra o seu peito e Kolya envolveu ambos com os braços. Uma família, todos juntos e aninhados no seu amor. Katya via a beleza de tudo isto, embora não pudesse deixar de sentir uma pontada de ciúmes. Pavlo nunca a abraçaria enquanto ela embalava o seu bebé.

Katya viu Alina olhar fixamente para o seu novo bebé e a partilhar sorrisos secretos com o marido. Com uma determinação firme, jurou que nunca deixaria que a sua dor e ciúmes se metessem entre ela e Alina. Katya amava a irmã e queria que ela tivesse a vida com que sempre sonhara. Já perdera demasiado e não suportava perder também Alina.

* * *

– Abram! – A voz alta assustou toda a gente. A colher de *Mama* estacou sobre a panela de comida que estava a cozinhar no fogão. Era painço moído, leite de cabra e algumas cascas de batata que Kolya roubara aos porcos na quinta coletiva, numa tentativa vã de complementar o único pedaço de pão que ele, Katya e *Mama* levavam todos os dias para casa do trabalho.

Katya levantou-se de onde tinha estado sentada ao lado da sua irmã, o medo a fazer-lhe tremer os joelhos. Alina fechou os olhos e passou uma mão nas costas do seu bebé. Nascida apenas há algumas semanas, Halyna – ou Halya, como todos lhe chamavam, estava de alguma forma a prosperar nesta provação que se tinha tornado uma vida normal. Alina, contudo, permanecia muito fraca desde o nascimento, e a mãe insistia que descansasse o mais possível para tentar aumentar o seu leite.

– Abram! Sei que estão aí dentro! Vejo o fumo! – gritou novamente a voz à porta. Katya reconheceu-a. Prokyp.

– Estou a ir – gritou ela, a tentar ganhar tempo e pensando freneticamente. Se os apanhassem com as cascas de batata e o leite de cabra roubados, podiam prendê-los a todos. Os seus olhos percorreram a sala à procura de um esconderijo. Correu para a arca cheia de lençóis e abriu a tampa, depois acenou à mãe.

Mama tirou a panela do fogão, colocou a tampa em silêncio e enfiou-a debaixo de alguns lençóis. Fechando a arca, acenou em direção a Katya, que já se tinha encaminhado para a porta.

Katya alisou a saia e tentou adotar uma expressão calma enquanto abria a porta. Prokyp passou por ela, seguido de um jovem que ela nunca tinha visto. Prokyp tinha o mesmo aspeto de sempre, com o seu olhar cruel, cabelo sujo e

dentes podres. O ativista que estava com ele era um rapaz. Muito provavelmente, era membro do *Komsomol*, o grupo juvenil de Estaline.

Katya pensou nos panfletos que os ativistas lhe tinham enfiado nas mãos quando chegaram, tentando atraí-la a ela e a outros jovens como este rapaz para o *Komsomol*. Ficou contente por Pavlo ter amassado aquele papel – contente por não ter sucumbido à lavagem ao cérebro que permitia a estas pessoas aplicar punições indescritíveis, por vezes até contra a sua própria família.

– Cheira bem aqui – disse Prokyp, exibindo os dentes imundos ao falar com *Mama*. – Estiveste a cozinhar alguma coisa.

– Estás enganado – disse *Mama* com voz firme. – O meu genro trouxe para casa alguma comida que ganhou ao trabalhar ontem no coletivo. Deve ser isso que estás a cheirar.

Prokyp olhou em volta e os seus olhos finalmente caíram sobre Alina.

– Onde está o rapagão do teu genro? A trabalhar hoje, hein? É pena que vá perder isto.

– Não temos nada – disse *Mama*. – Trabalhamos arduamente para o coletivo. Por favor, deixa-nos em paz.

– Sabes que não é assim tão simples. Precisamos de cereais para a plantação da primavera e sabemos que vocês estão a escondê-los do coletivo. – Prokyp acenou com a mão ao seu companheiro. – Revista a casa!

O jovem puxou uma longa vara de metal do seu saco, levantou-a bem alto e mergulhou-a na cama vazia. A sua vara rasgou lençóis, almofadas e cobertores e a fúria acendeu-se em Katya perante a destruição desnecessária dos seus bens.

– Isto é ridículo – gritou ela. – Estás a destruir as nossas coisas! E nós não temos nada!

Ele ignorou os protestos dela e passou para a cama seguinte.

– Mexe-te! – ordenou a Alina.

Katya e a mãe correram para ajudar Alina a levantar-se. *Mama* agarrou na bebé e Katya colocou um braço à volta das costas de Alina e ergueu-a para uma posição sentada, mas ele mal esperou que ela saísse para empurrar a vara de metal para dentro da cama dela. Katya levantou a irmã antes de ele a esperar também com a vara de metal, enquanto fazia buracos por toda a cama.

– Nada aqui dentro – anunciou finalmente. Katya fechou os olhos e pensou em Pavlo e em como tinha continuado as viagens à floresta para esconder qualquer alimento que arranjassem. Mais uma vez, salvara-os.

– Verificaste isso? – Prokyp apontou para a arca dos lençóis.

– Não, senhor – respondeu o jovem enquanto atravessava a sala. Abriu a tampa e enfiou a vara lá dentro. O metal retiniu no metal.

Katya engoliu o ar através dos dentes cerrados enquanto um suor frio lhe corria pelas costas. *Mama* benzeu-se e fechou os olhos, derrotada. Prokyp aproximou-se da arca e começou a arrancar os lençóis. Guinchou como um porco preso quando a sua mão nua tocou na panela quente.

– Com que então não há comida? Mentiram-me a mim e ao Estado! – Agarrando na panela com um lençol, tirou-a para fora e pô-la sobre a mesa. Destapou-a, agarrou numa colher e começou a remexer o conteúdo.

– Cascas de batata? Pergunto-me onde terão encontrado cascas de batata – gracejou ele. Levou a colher aos lábios. – Ah, consegues fazer com este lixo saiba bastante bem.

A comida pingou-lhe dos lábios quando começou a enfiar a única refeição do dia na sua boca horrenda. Quando não restava quase nada, o que não demorou muito uma vez que não havia muito para começar, virou a panela de cabeça para baixo e começou a bater com ela no chão para a esvaziar.

– Não! – Katya e a mãe soltaram um arquejo em simultâneo.

– Isto foi roubado ao Estado! Devia prendê-los a todos! – Prokyp abanou a panela, lançando pedaços preciosos de casca de batata por toda a casa.

Pousou a panela e caminhou até Alina. Ela virou a cabeça, recusando-se a olhar para ele enquanto ele passava a mão imunda pela face dela.

– Mesmo depois de teres parido, continuas bela. É uma pena que não me tenhas escolhido. Não estarias aqui, a morrer de fome. Serias a mulher de alguém importante. Podia ter tomado conta de ti, ao contrário do idiota que quise.

– Seu animal! – Katya espetou o dedo e avançou na direção dele, as palavras saindo disparadas como balas. – Dizes-lhe as tuas mentiras de amor, mas podes tê-la matado! Ela está fraca e precisa de comida! O bebé está a tirar-lhe tudo, e tu acabaste de comer a sua única refeição do dia!

Os olhos de Prokyp voltaram-se para Katya com uma expressão que lhe gelou o sangue.

– Tens ciúmes da atenção que dou à tua irmã, é? – Aproximou-se dela e tocou-lhe no cabelo. – Podes não ser tão bonita como ela, mas não és assim tão má. Servirias perfeitamente, mesmo estando de esperanças. E não está aqui ninguém para te salvar agora, pois não? O teu homem está morto, não é verdade?

Katya sentiu percorrê-la um acesso de raiva, mas foi rapidamente substituída pelo medo enquanto Prokyp a agarrava e a arrastava até à porta.

– Põe a mão na ombreira! – Ele empurrou-a contra a madeira.

Katya cerrou os lábios e abanou a cabeça. *Deves manter-te forte*. As instruções de Pavlo ecoaram na sua mente.

– Não!

– Agora! – gritou Prokyp. Esbofeteou-a, e a sua visão toldou-se. Tombou para a frente, na entrada e segurou-se, a sua mão na ombreira tal como ele tinha ordenado.

Prokyp agarrou na porta e escarneceu.

– Nada de roubar comida, sua ladra!

Atirou com a porta sobre a mão dela e Katya gritou. A dor subiu-lhe pelo braço e vergou-a. O quarto desvaneceu-se à sua volta enquanto se endireitava, agarrada à mão esquerda, que latejava. Lágrimas brotaram-lhe dos olhos, mas ela reprimiu-as e ergueu o queixo. *Deves manter-te forte*. Ela não daria a Prokyp a satisfação de a ver chorar. A sua mãe passou-lhe um braço à volta e guiou-a até uma cadeira.

– A tua sorte é que eu hoje tenho maiores preocupações do que cascas de batata roubadas. Tenho de recolher os cereais de outras famílias ladras, mas voltaremos, e não seremos tão simpáticos da próxima vez. – Saiu pela porta, a gritar para o seu companheiro. – Revista o quintal com a tua vara!

O jovem deitou-lhes um olhar enojado e cuspiu no chão antes de seguir Prokyp para fora. *Mama* correu para Katya e pegou na sua mão ferida.

– Consegues mexê-la? – Pressionou os nós dos dedos inflamados da mão esquerda de Katya. – Não sinto nenhum osso partido, mas é difícil ter a certe-

za. Já está tão inchada. Vou buscar um pano para a ligar.

– Eu fico bem, *Mama*. – Katya falou através de dentes cerrados pela dor. Afastou a mão e caiu de joelhos. Com a mão boa, pegou nas cascas de batata e nos pedaços de painço e colocou-os numa taça, tentando desesperadamente salvar cada bocado da preciosa comida que Prokyp tinha atirado ao chão.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

— **D**espacha-te – Bobby exortou Cassie assim que ela entrou na cozinha. – Já são duas horas. A tarde está quase no fim.

Bobby colocou um saco de batatas e uma faca sobre a mesa, ao lado de uma grande pilha de beterrabas.

– Toma, rala estas beterrabas. Eu vou cortar a couve. A carne está ao lume desde as sete da manhã, e o pão já está a cozer no forno.

Cassie cortou as pontas das beterrabas e iniciou o entediante processo de esfregar o tubérculo num ralador de metal. O sumo cor-de-rosa vivo começou a escorrer e manchou-lhe as mãos. Em poucos minutos, parecia que tinha acabado de pintar com os dedos. Olhou para as mãos com desprezo.

– Isto é muito mais difícil do que eu me lembrava.

– No fim, vale a pena – disse Bobby, com um aceno de cabeça. – E torna as tuas mãos mais fortes.

– E cor-de-rosa – respondeu Cassie. Tentou não olhar fixamente para as mãos retorcidas de Bobby enquanto arrancava as folhas exteriores da cabeça de repolho. Usava preferencialmente a mão esquerda, mas ajustava os movimentos para permitir à mão direita fazer a maior parte do trabalho.

– Como está a tua artrite? – perguntou Cassie. – Parece que a tua mão te anda a incomodar mais agora.

– Está bem – disse Bobby. Fez uma pausa e massajou os dedos nodosos. – Talvez esta esteja um pouco mais presa.

Birdie, não sendo suficientemente forte para ralar, gostava de revolver a beterraba já ralada. Acenou com dedos cor-de-rosa em frente ao rosto da mãe e riu-se.

Quando a última beterraba foi finalmente triturada, Bobby instruiu Cassie a juntá-las, bem como à couve e uma cebola picada, à carne e água a ferver no fogão. O cheiro rico e terroso da beterraba ao mergulhar no líquido a ferver não lhe despertava na mente as memórias de *borscht* da infância.

Cassie franziu o nariz.

– Não cheira a *borscht*.

– Claro que não – escarneceu Bobby. – Tem de cozinhar até que as beterrabas se desfaçam. Demora algumas horas. Enquanto esperamos, podes cortar as batatas.

Cassie atarefou-se a descascar as batatas. Quando o tamanho da pilha satisfez Bobby, parou.

– Esperamos para as juntar – instruiu. – Mas mexe a panela e acrescenta uma folha de louro.

Passaram uma hora praticamente em silêncio enquanto Bobby jogava às cartas com Birdie e Cassie arrumava. Depois, adicionou as batatas e, vinte minutos mais tarde, as natas azedas. A cor vermelha profunda transformou-se num belo cor-de-rosa, pontuado por pequenas manchas brancas.

– Mmm, que cheiro divinal que aqui está! – Anna entrou pela porta das traseiras. – Já não como *borscht* há séculos!

– Isso é porque já não cozinhas boa comida ucraniana – disse Bobby.

Anna ignorou Bobby e continuou a falar.

– Então, ouvi dizer que vamos ter companhia? – Olhou para Cassie de relance.

– Não olhes para mim – disse Cassie. – Eu não o convidei.

– Claro que não. Ultimamente, tens as capacidades sociais de um caranguejo-eremita. – Anna mexeu a panela e inalou. – Oh, mal posso esperar!

– Para que conste, os caranguejos-eremitas são muito sociáveis e, por isso, a tua analogia é péssima – disse Cassie. – E eu valorizo o meu tempo sozinha. O que é que isso tem de mal?

– Nada – Bobby interrompeu a conversa antes que azedasse. – Convidei o Nick para lhe agradecer por me ter ajudado. É só isso.

A campainha da porta tocou e Birdie saltou da cadeira.

– Espera, Birdie. – Bobby apontou para o pão redondo que tinha cozido. Um buraco oco no centro continha uma pequena taça de sal. – Tens de apresentar ao Nick o pão e o sal para mostrar a nossa hospitalidade.

Bobby tirou um *rushnyk* bordado com flores vermelhas de uma gaveta e disse a Birdie para estender as mãos. Pôs o pano branco oblongo sobre as mãos estendidas de Birdie, de modo a que as suas extremidades, decoradas de forma idêntica, ficassem caídas.

Depois, Cassie ajudou a firmar as mãos de Birdie enquanto Bobby punha o pão em cima do *rushnyk*.

– Esta foi sempre a minha parte favorita das festas quando eu era criança. É um trabalho muito importante – disse Cassie.

Birdie acenou solenemente com a cabeça e dirigiu-se para a porta, onde Anna estava à espera para a abrir.

– Olá a todas – Nick sorriu ao entrar. Tinha trocado os seus calções de corrida e camisola por umas calças caqui e uma camisa com as mangas arregaçadas acima dos cotovelos. Já não estava transpirado, mas ainda assim bastante atraente. Cassie deu por si de novo especada a olhar.

Birdie estendeu o pão e Nick ajoelhou-se.

– Pão e sal! Tal como a minha *Baba* costumava fazer. – Cortou um pedaço do pão, mergulhou-o no sal, inclinou a cabeça em agradecimento, e enfiou-o na boca. – Delicioso. Obrigado, Birdie.

Ofereceu-lhe um ramo de girassóis e Anna pegou no pão para que Birdie pudesse aceitá-lo.

– Queria trazer algo para a mesa de jantar, e achei que as flores poderiam ser mais apelativas do que qualquer coisa que eu pudesse cozinhar.

Birdie pegou nelas e soltou um gritinho.

– Os girassóis são os preferidos da Alina!

O pão balançou precariamente e o sal espalhou-se pelo chão quando Anna se voltou rapidamente. Cassie susteve a respiração. Tinha esperado por este momento durante quinze meses. Com o coração a bater-lhe nos ouvidos, deu dois passos trémulos em direção à filha e, depois, caiu de joelhos e agarrou os ombros de Birdie.

– Birdie, falaste! – Cassie envolveu a filha com os braços e começou a chorar. Sobre a cabeça de Birdie, viu Bobby arrastar-se até tombar no sofá e deixar cair a cabeça nas mãos. Cassie levantou-se de um salto, hesitando em abandonar este momento incrível com Birdie. – Bobby, estás bem?

– Estou bem. – Bobby acenou com uma mão, ignorando a pergunta. – Não te preocupes comigo. Estou apenas feliz pela Birdie.

Anna pôs um braço à volta de Bobby e perguntou a Birdie:

– Quem é a Alina? É uma amiga do parque?

– Não – disse Birdie, a sua voz ligeiramente enferrujada pela falta de uso, mas doce. – É a minha nova amiga, mas não é do parque.

– Então onde é que a conheceste? – Cassie manteve um olhar nervoso em Bobby.

– Aqui – disse Birdie. – Aqui mesmo, neste sofá.

Bobby soltou um arquejo, e Cassie franziu o sobrolho.

– Bobby, tens a certeza de que estás bem? Precisas de um pouco de água?

Fez um sinal a Nick enquanto ele se dirigia para Bobby, e ele acenou com a cabeça.

– Vou buscar-lhe uma bebida.

Regressou com um copo de água e sentou-se do outro lado de Bobby.

– Tem a certeza de que está bem? Está muito pálida.

– É o choque de a ouvir falar – respondeu Bobby, recusando-se a encontrar o olhar de qualquer um deles.

– Bem, tinhas razão, Bobby. Ela só precisava de tempo – disse Cassie. Voltou a abraçar a filha. – Tive saudades da tua vizinha.

Birdie deu uma gargalhada.

– A Alina disse que eu tinha de falar, por isso falei.

– Bem, seja quem for a Alina, gosto dela. – O sorriso de Cassie desapareceu quando o nome fez um clique na sua mente. Alina. O mesmo nome que Bobby tinha escrito nas cartas a implorar por perdão. O mesmo nome que a avó chamara a Cassie quando estava a ter um dos seus episódios.

– Alina? – repetiu Bobby, murmurando algumas palavras em ucraniano. As sobrancelhas de Cassie franziram-se enquanto olhava intrigada para a avó.

– Mãe, Nick, acham que ela precisa de ser examinada?

Antes que alguém pudesse responder, Bobby retorquiu.

– Eu estou bem. Já vos disse.

Um estranho silêncio abateu-se sobre a sala quando Bobby voltou a fechar os olhos. Birdie olhou para Cassie.

– A Bobby está zangada comigo?

– Não, querida, acho que está apenas a ter um dia difícil. – Cassie falou baixinho para não perturbar novamente a avó. – Talvez ela precise de jantar.

– Boa ideia – concordou Anna. – Venham todos, vamos comer enquanto ainda está quente.

Cassie observou surpreendida enquanto Bobby deixava Nick ajudá-la a levantar-se e o acompanhava até à cozinha. Normalmente, Bobby zombava das ofertas de apoio, mas hoje apoiou-se no seu braço forte e deixou que ele a guiasse. Viu Nick verificar disfarçadamente o pulso de Bobby enquanto a conduzia e quando ele lhe dirigiu um sorriso calmo, relaxou.

Cassie aproximou-se de Anna, ocupada no fogão a servir as taças, e inclinou-se.

– Achas que a Birdie nos ouviu a conversar? Deve ter ouvido, certo? Alina não é propriamente um nome comum.

– Claro que foi isso que aconteceu. – Anna revirou os olhos. – E se ela o ouviu de ti e da Bobby, quem sabe que tipo de coisas absurdas estará a pensar? Toma. – Colocou duas taças nas mãos de Cassie. – Leva-as para a mesa. E a salada também.

– Sim – disse Cassie, deixando a tensão libertar-se das suas costas. Era uma explicação muito lógica, e a que ela queria ouvir. Birdie ouvira o nome e criara uma amiga imaginária para lhe fazer companhia. E se a ajudou a falar novamente, que interessavam os pormenores? Ao fim de mais de quinze meses de silêncio, Cassie tinha a filha de volta, e isso é que era importante.

– Isto parece espantoso – disse Nick. – Os meus jantares de *take-out* não se comparam à comida caseira.

Bobby permaneceu calada enquanto comia. Birdie voltou a remeter-se ao silêncio, e Cassie sentia-se tão aliviada por ela finalmente ter falado que mal conseguia pensar, por isso coube a Anna manter a conversa a fluir com o convidado.

– O que estás a achar da casa, Nick?

– É ótima. Eu vivia num apartamento, por isso agora é bom ter um quintal. Estou a pensar em arranjar um cão. – Afagou *Harvey* atrás das orelhas. Contou-lhes os seus planos para renovar a pequena casa, e Cassie ouviu, mas manteve a atenção concentrada na avó e na filha.

Bobby parecia ter voltado ao costume, mas continuava a olhar para Birdie como se estivesse à espera que ela dissesse mais alguma coisa. Cassie percebeu que estava a fazer o mesmo.

Só quando Nick se levantou para ir embora é que Birdie falou outra vez.

– Nick, lê-me uma história?

– Como é que eu poderia recusar? Isto se a tua mãe não se importar. – Ele olhou de relance para Cassie.

– Acho que não recusaria nada que ela pedisse esta noite.

Nick sorriu, depois virou-se para Bobby.

– Obrigado pelo jantar. O seu *borscht* faz-me lembrar tanto o da minha *Baba*.

– Ainda bem. – disse Bobby, soando mais como ela própria. – Podes vir cá comer sempre que quiseres. Em breve, vou ensinar a Birdie a fazer *varenyky*.

– *Varenyky* é o meu prato preferido! É só dizer o dia e eu estarei cá – disse ele. – Por vezes, a minha *Baba* chamava-lhe *pierogi*. A Bobby também?

Bobby acenou com a cabeça.

– É a mesma coisa. As pessoas usavam nomes diferentes, dependendo do local onde viviam. *Pierogi* é polaco.

Birdie voltou a correr para a cozinha com o livro na mão e arrastou Nick para fora da mesa.

– Anda, Nick!

Enquanto ele ria e se deixava arrastar, Anna puxou Cassie para o lado.

– Vais falar com ele hoje?

– Sim – disse Cassie. Já não podia adiar mais. – Acho que o que quer que esteja errado com Bobby está a piorar. Precisamos de algumas respostas, e ele parece ser o único que nos pode ajudar a obtê-las.

* * *

Depois de a loiça ter sido arrumada e de Nick ter lido dois livros, ele levantou-se para sair.

– Cassie, vou ajudar a Birdie a arranjar-se para dormir – sugeriu Anna. Lançou a Cassie um olhar significativo e acenou com a cabeça em direção a Nick enquanto pegava na mão da menina. – Acompanhas o Nick à porta?

– Sim, por favor, faz isso – concordou Bobby enquanto se levantava e caminhava pelo corredor. – Eu também vou para a cama. Obrigada por teres vindo, Nick.

Cassie franziu o sobrolho por estarem a dar tanto nas vistas, mas alinhou.

– Claro.

– Não precisas de te levantar. – Nick acenou-lhe com uma mão enquanto se dirigia para a porta. – Sou capaz de abrir e fechar uma porta.

– Não há problema. – Cassie levantou-se e acompanhou-o. Era a sua oportunidade de lhe perguntar sobre o diário. – Obrigada por teres vindo. A Bobby gosta de cozinhar para as pessoas.

– Bem, isso é perfeito. Eu gosto de comer comida que as pessoas cozinham para mim. – Nick sorriu.

Aqueles seus olhos azuis fixos nos dela, aquelas duas covinhas nas bochechas, e todos os pensamentos do diário se escaparam da sua mente. Ela retribuiu involuntariamente o sorriso. Não queria gostar dele. Não queria sentir-se atraída por ele. Mas estava. Por muito que o negasse, estava, e isso aterrorizava-a.

Cassie respirou fundo e tentou concentrar-se. O que era suposto ela perguntar-lhe?

– A Birdie é uma miúda impecável. – Nick falou primeiro.

Cassie passou a mão pelo cabelo e suspirou.

– Obrigada. Tem sido um ano difícil para ela. Para todos nós. Mas desde que voltámos para aqui, ela tem vindo a melhorar. – Soltou uma gargalhadinha. – Não lhe digas que eu disse isto, mas a minha mãe tinha razão sobre mudar-me para cá.

– Estou contente por ela ter conseguido convencer-te. – O rosto de Nick corou, como se tivesse falado de mais, e ele aclarou a garganta. – Bem, de qualquer modo, vai haver uma feira na cidade este fim-de-semana. Estava a pensar se tu e a Birdie queriam ir? Comigo?

A mente de Cassie disparou. Seria um encontro? Será que ele gostava dela? Será que ela gostava dele? A sua boca abriu-se e fechou-se como a de um peixinho dourado, mas ela não conseguiu formar nenhuma palavra em resposta.

Nick olhou para o chão e rodou nervosamente as suas chaves na mão.

– Não és obrigada – disse ele, quando o silêncio dela se estendeu por tempo a mais. – Não é nada de especial. Achei que a Birdie poderia gostar. E pensei que seria divertido passar algum tempo contigo.

– Sou viúva – deixou ela escapar. A mão voou-lhe até à boca, a sentir-se horrorizada com a sua resposta a uma pergunta que ele não tinha feito.

– Eu sei – disse ele suavemente.

– Pois. Claro que sim. – Cassie não fazia ideia do que dizer ou daquilo que queria. A confusão fazia-lhe doer a cabeça, e sentiu o suor na nuca.

Ele olhou para a mão esquerda dela.

– Sinto muito. Não quero pressionar-te de forma alguma, se não estiveres preparada. E se ainda usas a tua aliança, então talvez não estejas.

Cassie juntou as mãos no peito e apertou-as. Sentiu a aliança no dedo. Forçou os lábios a mexer-se.

– Não sei.

– Porque não pensas nisso? Se for algo que queres fazer, telefona-me. Se não, prometo que não haverá ressentimentos. – Ele sorriu. – Não tenho pres-

sa.

Cassie expirou, sem se aperceber de que tinha estado a suster a respiração, e acenou com a cabeça.

– Obrigada pela compreensão.

Nick estendeu a mão e fê-la deslizar pelo braço dela, os dedos dele frescos contra a pele nua dela.

– Boa noite, Cassie.

Ela vacilou enquanto ele se virava e saía. Queria ir. Queria divertir-se novamente. Viver novamente. O seu olhar pousou na fotografia de família na estante. Tirada logo depois de Birdie ter nascido, retratava uma Cassie muito exausta e um Henry exuberante.

«Sou pai! Fizeste de mim um pai!», dizia-lhe repetidamente.

– O Henry queria que voltasses a ser feliz – disse suavemente a sua mãe, do outro lado da sala.

Cassie rodou nos calcanhares.

– Há quanto tempo é que estás a ouvir?

– Há tempo suficiente para saber que estás a perder uma oportunidade de passar tempo com um tipo fantástico. Não tens de te castigar a ti própria. O Henry morreu, mas tu não.

Cassie rodou a aliança no dedo anelar da mão esquerda e mordeu o lábio.

– É uma noite num parque de diversões. A Birdie ia divertir-se muito. E tu, se calhar, também – disse Anna.

Antes que pudesse mudar de ideias, Cassie abriu a porta da frente. Ao avançar para o alpendre, chamou:

– Nick!

Ele fez uma pausa e olhou para ela.

– Eu gostava de ir. À feira, quero dizer.

Ele fez um grande sorriso, revelando as covinhas em ambas as faces.

– Ótimo! Venho buscar-vos por volta das seis na sexta-feira se estiver bem para ti?

Cassie acenou com a cabeça, a ansiedade já a provocar-lhe um nó no estômago. Esta seria a primeira vez que ela sairia com um homem além de Henry em mais de uma década. O que é que ela acabara de fazer?

– O que é que ele disse sobre o diário? – perguntou Anna quando ela voltou para dentro.

Cassie levou as mãos ao rosto.

– Ai, esqueci-me completamente. Começámos a falar da Birdie e depois ele falou na feira. Não posso acreditar que me esqueci.

Anna riu-se.

– Ele mexeu mesmo contigo, não foi?

– Não! – Cassie fitou-a através dos dedos entreabertos. – Distraí-me distrair. Só isso.

– Então, só tens de lhe telefonar amanhã de manhã e pergunta-lhe. – Anna sorriu. – Não é nada do outro mundo, certo?

– Sim. – Cassie fez uma careta, o seu pulso já acelerado com a ideia de «só» lhe telefonar. – Nada do outro mundo.

KATYA

Ucrânia, Fevereiro de 1932

Katya levantou-se da cama e um jorro de água derramou-se pelas suas pernas abaixo.

– *Mama?* – A sua voz vacilou e o medo fez-lhe secar a boca. – Estás acordada?

Mama ergueu-se, olhou para o chão molhado e levantou-se de um salto, como se aguardasse uma palavra de Katya para o fazer.

– Volta a deitar-te – instruiu ela.

– Mas ainda não é altura! – chorou Katya. As suas pernas tremeram quando caiu de novo na cama. – É demasiado cedo!

Mama acalmou Katya, mas a preocupação turvava-lhe o rosto. Deu ordens para Kolya ir buscar Lena, depois passou uma mão fria sobre a testa de Katya.

– Recosta-te e tenta descontrair. Estas coisas costumam levar algum tempo.

Katya acenou com a cabeça quando uma onda de dor lhe percorreu a barriga. Agarrou-se à mão da mãe.

– Dói!

– Eu sei, Katya, mas tens de ser forte. Depois desta dor terás o teu querido bebé.

Alina aproximou-se da cama num passo vacilante.

– Como te sentes?

– Está a melhorar – disse Katya, à medida que a dor que lhe apertava o abdómen acalmava.

– Não te quero mentir. – Os olhos preocupados de Alina pareciam enormes no seu rosto pálido. – Vai piorar bastante.

– Eu sei – disse Katya. – Vi-te a passar por isso, lembras-te?

Alina soltou uma gargalhada fraca.

– És muito mais forte do que eu. Sempre foste. Vais ficar bem, Katya, e eu prometo que, no final, vai tudo valer a pena. – Pegou na mão de Katya. – Estou aqui contigo, irmã. Não vou sair do teu lado.

Katya dirigiu-lhe um sorriso de gratidão.

– Obrigada.

Ao contrário de Alina, o trabalho de parto de Katya progrediu rapidamente. Quando Kolya regressou com Lena e depois saiu porta fora, as contrações tinham poucos minutos de intervalo. Dilaceravam Katya, provocando-lhe uma dor como nunca antes sentira, formando um nó duro no seu abdómen, mas ela não gritou. Este sofrimento levaria ao seu bebé e àquele pedacinho de Pavlo com que sonhava.

– É bom gritar. – Lena olhou para Katya por entre as suas pernas. – Ajuda-te a fazer força.

Katya abanou a cabeça, mas um gemido escapou-lhe dos lábios enquanto *Mama* lhe limpava a testa. Fazer isto sozinha, sem Pavlo, significava que tinha de ter força suficiente por si própria. Então Katya enfiou uma almofada na boca e mordeu a cada contração.

– Estamos aqui contigo, Katya – disse Alina, como se lesse a sua mente. – Não estás sozinha.

Katya apertou a mão de Alina e cerrou os dentes para não gritar.

– Sim, eu estou sozinha. Estou completamente só!

– A cabeça do bebé é muito pequena. – Lena franziu o sobrolho. – De quanto tempo estás?

– Cerca de oito meses. – O medo alojou-se como um caroço duro na garganta de Katya. – Mas o bebé vai ficar bem, não vai?

– Fica tranquila, tudo correrá bem. Já vi bebés nascidos com menos tempo a sobreviverem – disse Lena, mas Katya viu o olhar que ela trocou com a sua mãe e o desânimo instalou-se. – Agora já falta pouco. Prepara-te!

As lágrimas correram-lhe dos olhos. Como podia ela fazer isto? O bebé estava a nascer demasiado cedo, Pavlo estava morto e, por muito que tentasse, ela não era suficientemente forte.

– Katya! – *Mama* abanou-a. – Não te atrevas a desistir. Tens de lutar! Esta criança precisa de ti.

– Acho que já não consigo, *Mama*. Estou tão cansada de lutar. – O desespero asfixiou qualquer esperança que Katya tivesse um dia possuído, e ela deixou-se cair na cama, com a cabeça na almofada.

– O que pensas que é ser mãe? É uma batalha constante. É um medo sem fim. É uma preocupação contínua. E é um trabalho constante! Mas vale a pena, Katya; juro-te, vale a pena. – *Mama* alisou o cabelo de Katya e beijou-lhe a testa. – Agora, faz força!

Katya apoiou-se, encheu um pulmão de ar e fez força. Soltou um gemido baixo e iria jurar que o seu corpo se rasgou ao meio quando o bebé deslizou para fora. Mais tarde, percebeu que não fora apenas o seu corpo a dividir-se,

mas também um pedaço do seu coração. Era isso que era ser mãe – arrancar um pedaço do coração e dá-lo ao filho.

– É um menino! – Lena pôs o corpo quente e molhado na cama ao lado de Katya.

– É tão pequeno. – Katya tocou-lhe na cara. Os seus lábios estavam azuis e os olhos permaneciam fechados. – Porque é que ele não chora?

Lena levou-o, deu-lhe umas palmadas vigorosas e massajou-lhe as costas até ele começar a tossir; depois embrulhou-o. *Mama* entregou-lhe o *rushnyk* que tinha bordado para o nascimento do bebé e Lena enrolou-o à volta dele.

– Alguns começam por conta própria, outros precisam de uma pequena ajuda.

Lena devolveu-lho então e, quando os seus olhos azul-acinzentados se fixaram nela, Katya apaixonou-se. O calor desse amor irradiou através dela, envolveu-a, até que nada mais importava. Não sentiu dor enquanto Lena a ajudava no pós-parto e não reparou que Lena e a mãe a limpavam e punham roupa de cama fresca debaixo dela. Todo o seu mundo estava contido nos seus braços, uma versão minúscula de Pavlo aconchegada a ela.

– Alimenta a criança – disse Lena. – Não receberá muito até o teu leite subir, mas a amamentação irá encorajar isso.

Katya colocou-o ao peito e observou enquanto ele se agarrava e começava a mamar ritmicamente. Encolheu-se perante a dor e Lena assegurou-lhe que nem sempre seria doloroso; ela iria habituar-se.

– Para ele é natural – sorriu Lena. – Isso é bom. Veio adiantado, mas comer bem vai ajudá-lo a medrar.

– Gostava de lhe dar o nome do *Tato*. – Katya sorriu para a mãe. – Viktor. O meu pequeno Viktor Pavlovich.

Mama, por uma vez sem palavras, acenou com a cabeça em aprovação.

Alina sentou-se na beira da cama, o seu corpo tão leve que Katya nem a sentiu, e apresentou Halya ao seu duplo primo. Alina sorriu, as maçãs do rosto a destacar-se na sua cara linda.

– Vês, eu disse-te que não era assim tão mau.

Katya riu-se.

– Gritaste tão alto no nascimento da Halya que te ouviam na aldeia ao lado!

– Bah! – Alina acenou com a mão. – Tu exageras sempre. Mas não me surpreende que mal tenhas feito um som. Podes ser mais jovem, mas foste sempre a mais forte.

Durante aquele breve momento, a felicidade envolveu Katya, pois Viktor preenchia um vazio que ela julgava impossível ocupar.

Katya viveu duas semanas de felicidade com Viktor antes de acordar uma manhã e constatar que ele não. O seu corpinho frio estava junto ao dela, os dedinhos no peito dela, a boca ainda aberta de mamar.

Nessa altura, ela não foi capaz de conter os gritos.

* * *

– Ele não foi feito para este mundo – disse *Mama* a Lena.

Lena acenou com a cabeça em resposta.

– Percebi-o no dia em que nasceu, mas quem sou eu para fazer tais profecias?

Katya ignorou-as e continuou a olhar fixamente para a parede. Os seus seios, doridos por estarem repletos de leite, eram uma cruel recordação da morte de Viktor dois dias antes. Pingavam constantemente, encharcando-lhe a camisa e arrefecendo o seu corpo, mas ela não se importava. Não saía da cama a não ser para urinar, mas mesmo isso pouco fazia, pois tinha deixado de comer e beber. De qualquer modo, não havia muita comida, pelo que pensou que mais valia dar a sua parte àqueles que se preocupavam em viver. *Mama* tinha finalmente chamado Lena para pedir ajuda nos seus esforços para que Katya voltasse a juntar-se ao mundo.

Da sua cama, via Alina amamentar a bebé dela. Via o marido de Alina chegar a casa depois de trabalhar no coletivo e beijar-lhe a face. Katya via tudo o que Alina tinha e lembrava-se de tudo o que tinha perdido.

Tentou não odiar a irmã, mas uma pequena parte de si não conseguia evitá-lo. Porque é que Alina tinha um marido e uma filha quando ela não tinha nada? Porque tinha ela de sofrer toda a perda enquanto a vida de Alina continuava como a irmã sempre quisera?

É claro que o seu lado racional sabia que isto não era completamente verdade. Todos haviam perdido o seu modo de vida quando o coletivo e os ativistas mudaram tudo, e Alina perdera o pai, tal como Katya. Apesar de todos esperarem que ele voltasse, ainda não tinham sabido nada.

Katya odiava-se por ter estes pensamentos, mas não conseguia impedi-los.

Agora, tinha de ouvir *Mama* e Lena falarem sobre ela como se ela não escutasse. Como se não estivesse presente.

– Ela tem de amamentar a Halya antes que o seu leite seque – disse *Mama*.
– Alina tem pouco leite, e receio que acabe por secar e que a Halya não tenha nada para comer. A bebé já chora por mais.

– Não é má ideia. – Lena acenou com a cabeça, de acordo. – O leite da Katya é abundante. Seria uma pena desperdiçá-lo.

O meu leite era para o Viktor! Katya queria gritar-lhes. Gritar e partir coisas. Dizer a todos que a deixassem em paz e a deixassem definhar e morrer para que pudesse estar com Pavlo e Viktor.

Mas não o fez. E quando Alina se aproximou timidamente, com lágrimas nos olhos, segurando nos braços a doce e esfomeada Halya, Katya estendeu as mãos e pegou na bebé. Alina era sua irmã. Halya, a sua sobrinha. Como poderia não as ajudar?

A pequena boca de Halya agarrou-se a Katya, instigando rapidamente as familiares pontadas, o peso, à medida que o leite subia. A força vital do corpo de Katya, o leite que não tinha sido suficiente para Viktor, fluía dela para Halya. Katya estudou o rosto de Halya enquanto se alimentava com ganância, emitindo pequenos grunhidos de satisfação. O excesso escorria-lhe pelos cantos da boca e molhava a sua manta, enquanto as lágrimas de Katya corriam pelas suas faces e molhavam o seu cobertor.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

Cassie olhou fixamente para a caixa. Agora, mais do que nunca, precisava de descobrir o que se estava a passar com Bobby. Tocou no gasto diário de couro e deixou os seus dedos seguir os sulcos, imaginando uma Bobby muito mais jovem a esconder-se, escrevendo os seus pensamentos mais íntimos. O que teria Bobby visto para a assustar a ponto de sentir necessidade de esconder comida no seu quintal e pedir repetidamente perdão a uma mulher chamada Alina?

Nick era a única opção, se ela queria finalmente obter respostas, mas tinha medo de se ligar mais ao homem que a fazia questionar a sua lealdade a Henry.

– Como é que isso pode ser uma boa desculpa quando eu aceitei sair com ele? – disse ela para si própria. – De qualquer modo, ajudar a Bobby é o mais importante.

Antes que mudasse de ideias, pegou no telefone e marcou o número que ele lhe tinha deixado.

Nick respondeu ao primeiro toque.

– Estou?

A sua voz suave e profunda provocou um arrepio na espinha de Cassie e, mais uma vez, os seus pensamentos dissiparam-se, como a penugem dos dentes-de-leão ao vento.

– Olá – sussurrou ela.

– Cassie? És tu?

Ela assentiu com a cabeça, embora ele não a conseguisse ver.

– Hum, sim. Tenho um favor a pedir-te. – Boa. Nada de delicadezas, pedes-lhe logo um favor sem rodeios. Muito elegante.

– Tudo o que precisares – respondeu ele instantaneamente.

O entusiasmo dele deixou-a ansiosa.

– Tenho uma coisa escrita em ucraniano e ficaria grata se a pudesses traduzir. Mais uma vez. Mas isto é muito mais do que uma nota. É um diário inteiro. E mais algumas notas. Se puderes. Por favor. – Cassie mordeu o lábio. Porque é que isto era tão difícil? E porque tinha, de repente, dificuldade em formular frases completas?

– Claro. Posso passar por aí e dar uma vista de olhos agora, se quiseres. – Ele riu-se. – Só estou aliviado por não cancelares o nosso encontro deste fim de semana.

– Não, claro que não. – *Um encontro. Ainda não consigo acreditar que tenho um encontro.* Cassie olhou para o relógio. – Isso seria ótimo. A Birdie e a Bobby devem estar ambas a dormir a sesta por algum tempo, e podemos estar sozinhos. – Ela bateu com a palma da mão na testa. Que tipo de mensagem estava ela a tentar enviar-lhe? *Ajuda, estou viúva e solitária e preciso de uma visita do meu vizinho solteiro?*

Ela quase o ouviu sorrir do outro lado do telefone, mas para seu eterno alívio, ele não comentou o seu descaramento.

– Estarei aí dentro de cinco minutos.

– Ótimo. Vai ter comigo ao pátio das traseiras. Não toques à campainha. – Cassie pousou o telefone e correu para ir buscar o portátil. Fez uma pausa em

frente ao espelho, alisou o cabelo, e depois franziu o sobrolho para o seu reflexo. – Estás a ser tão ridícula.

Colocou a caixa sobre o portátil e saiu para o pátio ao mesmo tempo que ele entrava pelo portão.

– Obrigada por teres vindo tão em cima da hora. – Cassie pousou as coisas na mesa do pátio e sentou-se.

– O que é isto tudo? – Nick sentou-se ao seu lado, tão perto que ela conseguia cheirar o champô no seu cabelo ainda húmido.

O seu coração estremeceu, e ela respirou fundo.

– É da Bobby. Um diário, cartas, fotografias. Ela nunca falou da sua vida antes de vir para a América, mas ultimamente tem tido episódios de sonambulismo e também uns estranhos *flashbacks*. Fala em preparar-se para morrer, diz que quer que eu saiba tudo, mas não aguenta a ideia de contar-me ela própria.

Nick franziu o sobrolho.

– Isso é bastante pesado. Ela não se importa que eu veja isto tudo?

Cassie acenou com a cabeça.

– Foi ela quem sugeriu.

– Está tudo em ucraniano? – Nick folheou algumas páginas soltas, fazendo uma pausa para ler algumas linhas aqui e ali.

– Sim, e eu gostava de o transcrever enquanto traduzes para ficar com um registo que eu possa ler.

O seu braço tocou no dela enquanto aproximava a cadeira, e Cassie sentiu um arrepio por todo o corpo. Desembrulhou o pano bordado, revelando o diário de couro castanho. No interior da capa desgastada estava a vida da sua

avó – uma história que Cassie esperara toda a vida para descobrir. O que é que ela teria visto? A que é que ela tinha sobrevivido? Abriu o diário e caíram lá de dentro mais papéis soltos. A escrita preenchia cada centímetro de espaço em branco, quer na frente como no verso.

– Por onde é que começamos? – perguntou Cassie, surpreendida com a quantidade de palavras.

Nick analisou-as.

– Pelo menos ela datou cada entrada.

Cassie soltou um suspiro de alívio enquanto Nick espalhava as páginas e verificava as datas no início e no fim do diário.

– Alguns destes papéis são anteriores à data do diário – disse ele –, e parece que alguns deles surgiram depois de ela o ter terminado. Deixa-me organizá-los rapidamente para ter a certeza de que estamos a seguir a ordem certa.

Enquanto Nick organizava as notas, Cassie abriu o portátil. Tinha-o carregado na véspera para que tivesse bateria, mas já tinham passado quinze meses desde que o usara pela última vez.

Felizmente ainda funcionava. À medida que ele ia ganhando vida, ela passou as mãos por cima das teclas, recuperando o contacto com as velhas amigas. Não se apercebera do quanto sentira a sua falta, do quanto a escrita fazia parte da sua vida.

Cassie sorriu.

– Estou pronta.

Nick leu durante duas horas enquanto os dedos de Cassie voavam sobre o teclado. Ele era mais rápido do que tinha dado a entender e, por vezes, ela teve de o interromper para o poder apanhar.

– Então, o P no bilhete era de Pavlo. O seu primeiro amor. Isso explica muita coisa. E a Alina era sua irmã. – Cassie levou uma mão ao peito, quase sem fôlego. – Não posso acreditar que ela tinha uma irmã que nunca conhecemos. E se ela teve filhos? Primos que nunca conhecemos? Mal posso esperar para contar à minha mãe.

– Mas ainda não sabemos o que lhes aconteceu e porque é que ela se sente tão culpada – disse Nick.

– Não, mas sabemos que os homens de Estaline estavam a levar a comida deles. – Um arrepio de satisfação percorreu Cassie ao fazer a ligação. – Provavelmente é por isso que a Bobby a anda a esconder agora. A sua memória está a regressar ao tempo em que teve de o fazer.

* * *

Cassie atirou o vestido de verão roxo para a pilha de roupas velhas que cobria a sua cama e suspirou. O que é que as pessoas vestiam nos encontros hoje em dia? Sim, ela tinha passado a véspera sentada no pátio com Nick para uma segunda ronda da tradução do diário, mas isto era outra história. Na véspera, eles tinham tido um foco, um objetivo comum. Esta noite, era um encontro.

Revolveu a roupa mais uma vez e tirou umas calças de ganga e uma *T-shirt* preta com decote em V que já não via a luz do dia desde que decidira passar os seus dias de calças e camisolas de ioga.

Finalmente vestida, foi buscar a maquilhagem que não usava há um ano e, com uma mão destreinada, tentou aplicá-la. Birdie, confusa com o processo, insistia em tocar no rosto de Cassie e nas suas pestanas.

– Há tanto tempo que eu não usava isto que nem te lembras do que é, pois não?

Birdie abanou a cabeça e apontou para as suas bochechas.

– Posso experimentar?

Cassie inclinou a cabeça para trás e suspirou de alegria. Birdie nunca mais parara de falar, e cada palavra era uma dádiva.

– És tão bonita que não precisas disso, mas podemos pôr um pouco desta vez. – Cassie passou o pincel pelo nariz e pelas faces de Birdie. – Talvez possamos arranjar-te alguma maquilhagem de brincar.

A menina acenou com a cabeça, depois riu-se e aperaltou-se em frente ao espelho enquanto Cassie quase tinha um ataque de pânico de última hora ao perceber que teria de usar chinelos ou ténis. Felizmente, Anna veio em seu auxílio com um par de sandálias pretas e o conjunto ficou completo. Simples, mas completo.

– Não acredito que estou tão nervosa. – Cassie passou os dedos pelo cabelo mais uma vez. – Eu não devia ter aceitado.

– Vai correr bem – disse Anna. Tinha chegado uma hora antes para ficar com Bobby enquanto Birdie e Cassie saíam e já por três vezes tinha convencido Cassie a não cancelar. – E eu estarei aqui à espera para que depois me possas contar o que leram no diário até agora.

– Posso contar-te agora – disse Cassie.

Anna abanou a cabeça.

– Não quero um relatório apressado. É por isso que ainda não quis que me contasses nada. Quero sentar-me contigo e ouvir os pormenores com calma. Além disso, pensa na Birdie. Ela está tão entusiasmada por ir. Não podes cancelar agora.

O olhar de Cassie pousou na filha. Com um vestido às riscas cor-de-rosa e laranja, rodopiava agora num feixe de luz solar que se infiltrava pela janela. O seu vestido girava numa onda à volta dos seus joelhos.

– Olha, mamã! – Birdie deu gargalhadas ao cair. – O meu vestido deixa-me tonta!

– Nunca me cansarei de a ouvir falar – disse Cassie.

Anna deu uma gargalhada.

– Espera até ela ser uma adolescente. Agora, para de stressar. Vai ser divertido. Para as duas.

– Então porque não vais tu na minha vez? – disse Cassie.

– Para com isso. – Anna olhou pela janela. – O Nick chegou. Vou ver como está a Bobby e se lhe apetece dormir a sesta. Vai abrir a porta.

Cassie sentiu um nó no estômago. Com as mãos a tremer, abriu a porta antes de Nick ter a oportunidade de tocar à campainha.

Ele estava de roupa informal, com calções cáqui e uma *T-shirt* azul e fina que lhe realçava os músculos. O seu rosto bronzeado estava barbeado de fresco, e ele segurava dois ramos na mão: uma pequena mistura de girassóis e margaridas do tamanho de uma criança, e um grande sortido de flores silvestres de cores vivas. Cassie agarrou-se à porta para acalmar as suas mãos ainda trémulas.

– Estás linda – disse ele. Lá apareceram as suas covinhas enquanto estendia as flores com um sorriso.

Os instintos de autodefesa de Cassie gritavam-lhe que fugisse, mas percebeu que não conseguia quebrar a ligação inexplicável que faiscava entre eles. O seu ritmo cardíaco abrandou. A sua respiração estabilizou. O tremor nas

mãos e barriga pararam e ela apercebeu-se de algo: ele acalmava-a. Bastava a sua presença para se sentir melhor. Mais segura.

– Entra. – Cassie deu um passo atrás para o deixar entrar, mas parecia que tinha saltado de uma ponte para um rio gelado.

– Achei que um ramo mais pequeno seria mais divertido para a Birdie – disse ele. – Onde está ela?

– Nick! – Birdie correu pelo corredor e lançou-se nos seus braços. – Tive saudades tuas!

– Olá! Também tive saudades tuas! – Nick apanhou-a facilmente e rodou-a, o pequeno ramo esquecido agora esmagado entre eles. Os guinchos de prazer de Birdie encheram a sala.

– Estas flores lindas são para mim? – perguntou Birdie enquanto ele a pousava.

Nick ajoelhou-se ao seu lado e endireitou as flores esmagadas, oferecendo-as depois com uma vénia.

– Flores bonitas para uma menina bonita.

Cassie sorriu ao vê-los tão à vontade, Birdie agora a arrastar Nick para a cozinha para pôr as suas flores em água.

– Ela é louca por ele, não é? – disse Anna ao regressar à sala de estar.

Cassie acenou com a cabeça, tentando perceber a miríade de sentimentos confusos que fervilhavam dentro dela. Entusiasmo, medo, esperança, felicidade. Era tudo demasiado. Começou a hiperventilar.

– Estás bem? – perguntou Anna. – Sei que achas que te pressionei a fazer isto, mas tu estás a precisar.

– O que és tu agora, uma psiquiatra? – A voz de Cassie tremia enquanto ela inspirava, nervosa.

– Não, sou apenas a tua mãe. Conheço-te. – Anna prendeu uma mecha de cabelo de Cassie atrás da orelha quando Nick e Birdie voltaram para a sala.

– As senhoras estão prontas? – Nick estendeu um braço para Birdie segurar.

– Sim! – guinchou ela. – Vamos para a feira!

* * *

O ar pesado do verão era sufocante enquanto percorriam as várias atrações e jogos montados no parque de estacionamento da escola primária. Cassie, que valorizava sempre o conforto em detrimentos do estilo, tinha agora o cabelo amarrado num rabo de cavalo solto. Mesmo assim, abanava-se com o panfleto em que agarrara pelo caminho e lamentou não estar de calções.

– Podemos experimentar a roda-gigante – disse Nick. – Talvez, se estivermos lá no alto, longe da multidão, apanhemos uma brisa.

Cassie concordou e Birdie começou a cantarolar:

– Roda-gigante! Roda-gigante!

Até agora, Nick tinha-lhe comprado um *corn dog*, um batido de limão e uma fartura. Cassie tinha sugerido uma pausa na comida e na roda depois da fartura, pois não queria ver tudo ser vomitado.

– Desculpa. – Nick sorriu timidamente. – É divertido vê-la entusiasmada. Adoro ver este lugar através dos olhos dela.

– Eu sei. – Cassie suavizou e sorriu. – É ótimo vê-la tão feliz. Mas se ela vomitar por todo o lado vai deixar de estar feliz. E, acredita, nós também.

– Ei, Nick! – chamou uma mulher quando passaram pela Casa da Diversão. Acenou e atirou-lhe um beijinho com os seus lábios cor-de-rosa brilhantes. – Não te tenho visto ultimamente!

Nick corou e retribuiu o aceno sem parar.

– Olá, Denise. Ando ocupado, sabes como é.

Denise olhou Cassie de alto a baixo e, fazendo um sorrisinho, virou-se para Nick.

– Bem, não desapareças. Sabes onde eu vivo.

Atirou a Nick outro beijo, e Cassie teve vontade de vomitar, mais do que com qualquer fartura ou passeio na roda-gigante.

– Ela parece simpática. – Surpreendida com os ciúmes que a invadiram, Cassie esforçou-se por manter a voz firme.

– Desculpa. É uma velha amiga. – Nick fez um esgar, mas não explicou mais.

Cassie mordeu o lábio e não respondeu. Porque havia ela de se importar se Nick era íntimo de outra mulher? Não tinha esse direito.

– Podemos ir agora à roda-gigante? – perguntou Birdie.

Cassie voltou a sorrir.

– Boa ideia, Birdie. Vamos a isso.

* * *

Nessa noite, depois de Birdie ter enchido a barriga de diversão, e de mais duas mulheres se terem aproximado de Nick para lhe dizer que não o tinham visto, Nick acompanhou-as até à porta da casa delas.

– Obrigado por uma noite encantadora, minhas senhoras – disse ele, enquanto se curvava na direção de Birdie. – Foi um prazer.

Birdie riu-se e abraçou-o.

– Obrigada, Nick!

Cassie abriu a porta e Birdie correu lá para dentro, chamando por Anna. Cassie suspirou, depois virou-se e enfrentou Nick.

– Obrigada. Diverti-me muito.

– Eu também. – Ele hesitou. – Lamento aquilo da Denise. Já foi há muito tempo, mas ela parece continuar a aparecer quando eu menos espero.

– A Jan e a Tiffany também? – As sobrancelhas de Cassie levantaram-se.

Nick corou e começou a balbuciar outro pedido de desculpas.

Cassie levantou uma mão para o interromper.

– Está tudo bem. Todos nós temos um passado, não é? – Deixou cair a mão e rodou o anel no dedo anelar esquerdo.

– Temos. Mas eu gosto de olhar para o futuro. – A voz de Nick saiu baixa e rouca. Passou os nós dos dedos pelo rosto dela. Ela ficou instintivamente tensa, depois suavizou ao sentir a sua mão áspera tocando-lhe com ternura na face. – Boa noite, Cassie.

* * *

– Então, como foi? – Anna abordou Cassie assim que Birdie se tinha arranjado e deitado. – Divertiste-te? Anda beber um chá connosco.

– Foi agradável. – Cassie sentou-se e inalou o doce aroma a ervas do chá que a sua mãe lhe pôs à frente.

– Só agradável? – Os olhos de Bobby cintilaram por cima da sua chávena de chá.

– O Nick foi simpático. Um verdadeiro cavalheiro. E eu gostei de estar com ele – admitiu Cassie. – Foi um querido com a Birdie.

– Avó! – Birdie gritou do seu quarto. – Esqueceste-te de me cantar uma canção!

– Não é preciso, mãe. – Cassie afastou-se da mesa. – Eu vou lá.

– Não, ela chamou por mim. Estou contente por vocês agora viverem aqui e eu poder fazer isto a toda a hora – disse Anna por cima do ombro, enquanto saía da sala.

Cassie deixou cair a cabeça sob o olhar atento de Bobby. Olhou fixamente para a chávena de chá e tentou pensar em algo banal para dizer.

Bobby antecipou-se, mas banal não foi, seguramente.

– Parece errado, não é? Divertires-te com outro homem.

A cabeça de Cassie levantou-se, surpreendida com a perspicácia de Bobby.

Bobby recostou-se e entrelaçou as mãos.

– Já te disse que o teu avô não foi o meu primeiro amor.

Cassie bebeu o chá demasiado depressa e queimou a língua.

– Ai! Sim, nós lemos sobre o Pavlo. Lamento. Deve ter sido muito difícil perdê-lo.

– Sabes isso melhor do que ninguém – disse Bobby.

– É difícil imaginar-te a amar outra pessoa. Tu e o *Dido* eram tão felizes.

Bobby sorriu tristemente.

– Sim. Eu amava o teu avô, mas primeiro, amei o Pavlo. Pensei que ficaríamos juntos para sempre.

Esquecendo-se da língua queimada, Cassie inclinou-se para a frente para ouvir.

– Quando ele morreu, pensei que também morreria. Que não poderia viver sem ele. Mas podia. E vivi. Com tudo o que se estava a passar, ainda me pergunto como sobrevivi. Todos os dias, levantava-me e conseguia aguentar até à noite; depois acordava e voltava a fazê-lo. – Bobby fechou os olhos, recordando.

– O *Dido* sabia que tinhas amado uma pessoa antes dele?

– Ele também amou outra antes de mim. Ambos compreendíamos essa perda, e isso uniu-nos.

Cassie recostou-se, refletindo. Com Nick não havia uma ligação como essa. Ou será que havia? Ao que parecia, ele parecia ser um tanto mulherengo. Ela é que trazia o peso do passado. E quem iria querer isso?

Bobby falou como se estivesse a ler a sua mente.

– Não conheces a história dele. E mesmo que seja muito diferente da tua, não importa. O que quero dizer é que as pessoas têm a capacidade de ultrapassar a perda. Ainda se pode ter uma vida, mesmo quando se pensa que não há mais nada, porque há sempre algo pelo qual viver. Vais ver. Está tudo naquela caixa.

Cassie matutou nas palavras de Bobby enquanto Anna voltava a entrar na sala.

– A Birdie está aconchegada e quase a dormir. Então, o que é que perdi? Ele beijou-te?

– Mãe! Não, ele não me beijou! Foi um perfeito cavalheiro. – Cassie soprou no seu chá e tentou não pensar em como teria sido se isso tivesse acontecido.

KATYA

Ucrânia, setembro de 1932

— **T**ragam-me o meu bebé! – choramingou Alina da sua cama. *Mama* abanou a cabeça. Katya afastou-se e virou costas à irmã para que ela não visse Halya nos seus braços, a dormir profundamente. Os seus olhos encontraram o rosto angustiado de Kolya antes de ele deixar cair a cabeça nas mãos.

– Ela está a dormir, minha querida. – *Mama* falou suavemente, tentando acalmar Alina. Desde a semana anterior, à medida que a sua febre aumentava, ficava delirante, falando de acontecimentos passados como se tivessem ocorrido na véspera, e murmurando coisas disparatadas. A fome e o seu corpo enfraquecido tinham permitido que se instalasse uma doença cruel. Só conseguia aguentar pequenas porções de comida, e a sua barriga inchava no seu corpo débil, de modo que quase parecia grávida outra vez.

No entanto, o seu desejo de alimentar Halya afligia-a mais do que qualquer outra coisa. Chorava para alimentar a bebé, mas o seu leite secara por completo quando o coletivo reduziu ainda mais os lotes de comida. Neste momento, Katya era a única fonte de alimento de Halya, e felizmente ela ainda produzia o suficiente. Por agora.

– Preciso de alimentar a Halya – gritou Alina. – Está com tanta fome. Ouço-a chorar durante todo o dia.

– Já não podes alimentá-la, Alina – disse *Mama* com firmeza. – Não tens mais nada para lhe dar; não tens mais nada para ti. Estás doente, e o teu leite secou.

– Não, não, não. Sinto-o fluir em mim – soluçou Alina, com as mãos a arranhar o peito encovado. – Por favor, deixa-me alimentar a minha filha.

Mama pegou nas mãos de Alina e levou-as aos seus lábios.

– Podes tentar, mas não fiques desapontada se não funcionar.

Mama fez sinal a Katya para trazer Halya. Katya sentia a garganta a arder por estar a reprimir os soluços ao ver a devastadora deterioração de Alina. Isto já durava há dias, e só estava a tornar as coisas mais difíceis para Halya. Ela também queria mamar da mãe, mas quando Alina a encorajava a mamar de um peito que nada tinha para dar, a bebé enfurecia-se. Halya gritava e batia em Alina com os seus pequenos punhos, e Alina afundava-se ainda mais no seu próprio mundo, ressentindo-se da dor de não ser capaz de dar à filha o que ela mais precisava para sobreviver.

– Queres fazê-las passar por isto outra vez? – disse Katya à mãe quando ela colocou Halya nos braços de Alina. – Isto não acaba bem para nenhuma delas.

Mama ignorou-a e falou com Alina.

– Filha, se isto hoje não funcionar, não voltamos a tentar, entendes?

Alina acenou com a cabeça, os seus olhos fixos em Halya. Katya duvidou que ela tivesse registado uma única palavra do que *Mama* lhe havia dito. Apesar das suas dúvidas, ajudou Alina a apoiar a bebé com almofadas, porque os seus braços fracos já não conseguiam segurar a filha. Halya despertou, procurando avidamente no peito da mãe o leite que lhe dava vida e de que tanto precisava.

Alina inclinou a cabeça para trás, exausta do esforço de a segurar, e tudo ficou em silêncio durante alguns momentos, enquanto a pequena boca de

Halya trabalhava. Alina não poderia ter produzido leite porque não comia, mas a cada segundo, Katya susteve a respiração, esperando desesperadamente que acontecesse algum milagre e que Alina fosse, de repente, capaz de alimentar a bebê de que tanto desejava cuidar.

Kolya aproximou-se e afagou o cabelo de Alina, depois beijou-lhe a testa.

– Cá estão as minhas lindas meninas.

Katya afastou o olhar. Ao fim de todo este tempo, ainda a agoniava observá-los e ver o que ela própria não tinha. Tentara endurecer e fingir que não se importava, mas não era verdade.

Halya mamou vorazmente e quando não recebeu leite apesar do seu esforço, berrou. Alina fez um esgar de frustração e *Mama* aproximou-se para tirar a criança aos gritos do seu peito.

Alina agarrou-lhe nos pulsos.

– Não, por favor. Preciso de tentar mais um pouco. Talvez do outro lado. – A sua voz débil ressoava dentro de Katya. – Tenho de lhe dar de comer. Não posso deixá-la assim. Que tipo de mãe sou eu para deixar o meu bebé morrer à fome?

Os lábios de *Mama* cerraram-se enquanto ela sacudia as mãos de Alina e puxava Halya para longe. A cabeça de Alina descaiu de novo sobre a almofada e ela fechou os olhos.

– Toma. – *Mama* empurrou a menina furiosa para os braços de Katya. – Dá-lhe de comer.

Os gritos de Halya instigaram uma resposta primitiva em Katya e as familiares pontadas indicaram que o seu leite estava a fluir. Sentiu as gotas preciosas a molhar a camisa e apressou-se a abri-la e a pôr Halya ao peito.

Mama respirou fundo, depois regressou para junto de Alina.

– A Halya está bem. A Katya vai tomar conta dela. Ela não vai ter fome. Juro que nos certificaremos de que ela será sempre alimentada.

Os olhos de Alina arregalaram-se, alarmados, e o ciclo recomeçou.

– A bebé está com fome? Onde está ela? Tragam-na até mim, eu cuidarei dela. Pelo menos, posso fazer isso por ela.

Mama caiu na cama, derrotada. Após alguns minutos, Alina fechou novamente os olhos e começou a entoar uma velha canção que *Tato* lhes cantava quando eram crianças. Um lamento baixo escapou dos lábios de *Mama* e ela tapou a boca com a mão e estremeceu perante a intensidade da sua tristeza. Após alguns minutos, quando se tinha recomposto, puxou as mantas para trás e enroscou-se ao lado de Alina. Cantarolando a canção juntamente com ela, *Mama* embalou o corpo leve e febril da sua filha mais velha nos seus braços, balançando suavemente.

Kolya deu um passo em direção a Katya e Halya. Olhou fixamente para a bebé, embalada nos braços de Katya, e a sua voz saiu-lhe rouca.

– Já não sei o que fazer, Katya. – Estendeu a mão e acariciou a pequena cabeça de Halya com a mão áspera. – Receio que ela me esteja a escapar.

Katya pôs-lhe a mão no braço e apertou-a.

– Não percas a esperança. Ela é forte. Vai sobreviver a isto.

Os olhos de Katya encheram-se de lágrimas enquanto observava a filha da irmã a alimentar-se avidamente. Não acreditava muito nas suas próprias palavras, mas quis que elas fossem verdadeiras para o bem de todos eles.

* * *

Caminhar pela floresta com Kolya recordava a Katya as longas viagens que fazia com Pavlo para esconder os cereais. Passados dois anos, não restava nada desses alimentos, mas ela esperava reabastecer alguns desses esconderijos durante estes meses de colheita. O medo do inverno seguinte pesava sobre ela, e perguntava-se se alguma vez voltaria a não ter fome.

Katya olhou de relance para Kolya. A sua estrutura, normalmente maior e mais larga do que a de Pavlo, era agora mais magra. Os seus ombros descaídos suportavam o peso das noites sem dormir que passava abraçado a Alina enquanto ela gemia e se contorcia no seu delírio. O cansaço marcara-lhe os olhos com círculos negros.

– Não suporto vê-la assim. – Kolya avançou devagar para verificar a sua primeira armadilha mesmo à entrada da floresta. – Está vazia. – Repôs a armadilha e continuaram.

– Se conseguirmos mais comida para ela, acho que vai ficar bem – disse Katya.

Kolya soltou uma gargalhada amarga.

– Sim, basta arranjar-lhe mais comida e tudo ficará bem. Se ao menos fosse assim tão fácil.

– Bem, não podemos deixar de tentar – retorquiu ela. – Ainda há coisas que podem ser encontradas na floresta. Cogumelos, urtigas, bolotas. E ainda temos o leite da cabra, pelo menos. Dar-lhe-ei a minha parte para a ajudar a recuperar forças.

– Não, não o faças. – A voz de Kolya suavizou. – Também tens de manter as tuas forças. Pela Halya. Preocupa-me que a comida não ajude a Alina... que ela esteja demasiado doente para se recompor.

Lá no fundo, Katya concordou com ele. Alina mal saía da cama todos os dias. O seu corpo enfraquecido não conseguia combater a mais simples das infeções e, frequentemente, a febre e tosse devastavam o seu organismo. Sempre que parecia que ela seria capaz de continuar, Katya ou Kolya traziam para casa comida suficiente para a sustentar por um pouco mais de tempo. Por vezes parecia uma crueldade, mantê-la naquela linha ténue entre a vida e a morte, mas Katya nunca o dizia. Ceder a esses medos, dar-lhes voz, só os tornaria mais reais e ela precisava de se agarrar a cada fragmento de esperança que pudesse reunir. Tinha de ser forte por todos eles.

– Ela ainda não morreu – disse Katya com firmeza. – E se eu tiver voto na matéria, isso não acontecerá tão cedo.

Vislumbrou uma mancha de pelo castanho na armadilha seguinte e, com um grito de alegria, retirou um coelho grande. Cozido num caldo com folhas de pé-de-ganso que tinha encontrado, seria perfeito para ajudar Alina.

– Olha! – Ela levantou o coelho. – Esta noite, vamos comer uma refeição a sério.

O rosto de Kolya franziu-se num sorriso que não lhe chegava aos olhos e ele deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– És uma lutadora, Katya. Sempre admirei isso em ti.

Ela fez um sorriso determinado.

– Nós podemos salvá-la. Eu sei que sim. Se conseguirmos comida suficiente para ela regularmente, será capaz de se curar.

Quando chegaram a casa, Alina estava sentada, apoiada nas almofadas, o olhar lúcido. Um pequeno sorriso brilhava-lhe nos lábios e ela acenou à irmã.

Katya lançou a Kolya um olhar que dizia: *Vês, eu disse-te que ela ia ficar bem.*

Katya sentou-se na cama ao seu lado e Alina pegou-lhe na mão.

– Preciso que me prometas que vais tomar conta da Halya, aconteça o que acontecer.

Katya endireitou-se.

– Que conversa é essa? Estarei sempre aqui para a apoiar. Tu sabes isso. Mas não há necessidade de falar de tais coisas.

– Há, e faz-me sentir melhor ouvir-te dizê-lo. Ela já não recebe nada de mim; tu é que a manténs viva. Por favor, promete-me que continuarás a amamentá-la enquanto puderes, e que a vais amar como se fosse tua. Preciso que me prometas isso.

– Eu prometo. – Katya deu uma palmadinha na perna da irmã e acalmou o tom de urgência na sua voz. Conseguia sentir os olhos assombrados de Kolya a observá-las, pelo que forçou um grande sorriso. – E tu estarás aqui para ver isso acontecer.

Alina abanou a cabeça e sorriu tristemente.

– Eu só preciso de saber que ela será amada.

– Não sejas tola. Claro que vai ser amada. – Katya inclinou-se e deu um abraço a Alina, tentando não revelar o seu choque perante a sensação do corpo frágil dela nos seus braços. – Por todos nós, e pela mãe dela. Agora deixa-me arranjar este coelho para o teu jantar, para que possas recuperar as tuas forças.

Antes de a comida estar pronta, a febre de Alina tinha voltado, e ela chorava para alimentar Halya novamente.

* * *

Quando o tempo mais fresco de outubro se instalou, Kolya abateu o cabrito. Durante quase uma semana, a refeição diária pareceu um banquete, mas agora tinha desaparecido – cada pedaço de tutano sugado até secar, cada órgão limpo e comido, o caldo dos ossos e dos restos cozido e diluído tantas vezes que acabou por se tornar água.

Desde então, tinham subsistido com casca de carvalho moída e panquecas de erva e pés de dente-de-leão cozidos. Katya e Kolya podiam comer uma sopa aguada e um pedaço de pão preto todos os dias em que trabalhavam no coletivo durante a colheita, mas levavam sempre o pão para casa para partilhar com Alina e *Mama*.

Para além disso, não tinham nada. Como o coletivo não tinha atingido a quota ridiculamente elevada de cereais de Estaline, os ativistas invadiram cada casa da aldeia, esvaziando-a de comida, bens e ferramentas como reembolso. Tinham até perdido o controlo da sua horta, os próprios vegetais que cresciam à sua porta eram agora considerados propriedade do Estado. Tinham «roubado» o que podiam dela no início da estação, antes mesmo de os vegetais estarem maduros, comendo tomates verdes e pepinos pequenos e amargos antes que qualquer outra pessoa os pudesse levar.

Katya ergueu-se assim que Kolya entrou em casa, na esperança de que ele tivesse tido sorte na procura de alimentos. Ele reagiu com um ligeiro abanar de cabeça, e ela voltou a sentar-se, o estômago a doer-lhe, reclamando por alimento.

– Vou verificar os nossos esconderijos – disse Katya. Não suportava ficar ali sentada sem fazer nada enquanto a Alina se esvanecia.

– Talvez seja altura de matar a cabra também – disse *Mama*.

– Ainda não. – Katya vestiu o casaco. – Ainda estamos a tirar algum leite dela. Vou encontrar outra coisa.

– Então despacha-te, Katya. A tua irmã precisa de comer. – *Mama* inclinou-se e passou um pano húmido na testa de Alina.

– Sim. – Katya encontrou o olhar preocupado de Kolya e forçou um sorriso que ela esperava que parecesse mais encorajador do que aquilo que sentia.

Katya subiu ao sótão do celeiro e procurou o mais que pôde, mas restava apenas uma nota.

Centeio, enterrado numa árvore oca semimorta, quinhentos passos a norte da casa.

As folhas estalavam debaixo dos seus pés enquanto ela caminhava lentamente pela floresta atrás da casa, o seu ruído ecoando como o de tiros. Constantemente alerta, os seus nervos fervilhavam e os seus olhos nunca deixavam de examinar os recantos mais distantes. Com guardas ativistas a patrulhar o campo e vizinhos desesperados para levar qualquer alimento que encontrassem, não podia relaxar por um segundo.

Alta e espessa, a árvore pálida e sem casca destacava-se nitidamente contra o céu escuro. Antes da última rusga à sua casa, ela tinha escondido um frasco cheio de farinha de centeio no buraco da fenda e cobrira-o com pedras. A desilusão fez descair os seus ombros quando se baixou e viu que as pedras tinham desaparecido. As raízes do carvalho antigo feriam-lhe os joelhos enquanto ela remexia através das folhas secas e dos seixos até os seus dedos sangrarem, mas era inútil. Alguém ou alguma coisa tinha levado a farinha. Limpou as mãos na saia e olhou para o rasto de lama e sangue que as suas mãos tinham deixado. *Pensa, Katya*. Ela tinha de resolver isto. Tinha de levar comida para casa nessa noite.

A lua espreitou através das nuvens, pouco visível na noite negra e sem estrelas, e uma ideia surgiu inesperadamente na sua cabeça. *Talvez eu pudesse esgueirar-me até um campo coletivo e levar um pouco de comida.*

Katya soube que era uma ideia terrível no momento em que lhe ocorreu. Estaline tinha emitido um decreto em agosto, declarando que qualquer pessoa apanhada a levar qualquer produto de um campo coletivo poderia ser baleada no momento ou presa por roubar propriedade socialista. Restavam apenas alguns campos por colher, e guardas armados patrulhavam-nos a pé e a cavalo, ou a partir de torres de vigia. Mas que outra escolha tinha ela? Não podia deixar a família morrer à fome. Não podia deixar a irmã morrer. Katya sacudiu-se e endireitou-se. Os seus pés arrastaram-se enquanto dava aqueles primeiros passos, mas tinha tomado a sua decisão.

Caminhou pela floresta e aproximou-se da extremidade posterior do campo ao ritmo de um caracol, deslizando de árvore em árvore até quase poder alcançar e tocar os pés de milho que ondulavam. Tanta comida a crescer mesmo à sua frente, semeada por ela, pela sua família e vizinhos. Fariam a colheita em breve, mas não saboreariam nada disto.

Olhou em volta, avaliando as suas opções. O campo longo e plano só tinha uma torre de guarda à distância. Não tinha a certeza, mas achava que o guarda não conseguia ver ninguém a espreitar atrás das árvores a esta distância. Katya avançou de barriga no chão, as gotas de suor a formar-se na sua nuca. O medo, espesso e oleoso, sufocou-a até ela ficar ofegante enquanto rastejava, centímetro a centímetro, em direção ao restolhar do milho. Este campo era de milho para alimentação, normalmente para o gado, mas encheria a barriga da sua família na mesma. Imaginou a carinha esfomeada de Halya e reprimiu a apreensão até não passar de um nó duro no seu estômago.

Levantou-se, oculta sob os pés altos e castanhos. Tão silenciosamente quanto pôde, arrancou espigas do milho e enfiou-as na blusa. O cinto prendia-as na cintura e enchia a sua roupa, em nítido contraste com o seu abdômen magro e vazio.

Quando conseguiu o máximo que podia carregar, escapuliu-se do campo e deslizou de volta ao chão em direção à floresta, não respirando até chegar à cobertura das árvores. Ao fundir-se na floresta, encheu os pulmões com o ar noturno e fechou os olhos, o alívio fazendo tremer o seu corpo encharcado em suor. Justamente quando acabara de se felicitar pela pequena vitória, uma voz aguda soou no silêncio da noite.

– Para! Ladrão!

O choque fê-la estacar, mas o bom senso prevaleceu e ela endireitou-se. Não soou nenhum tiro, e ela questionou-se sobre a identidade do seu atacante. A voz era jovem. Talvez não fosse um guarda, mas um dos Jovens Pioneiros?

Katya ainda não conseguia acreditar no quão minucioso era o Partido Comunista nos seus esforços de doutrinação. Até mesmo as crianças da escola eram recrutadas para o programa Jovens Pioneiros, e encorajadas a denunciar qualquer pessoa com bens ilegais, incluindo membros da família. E faziam-no. Katya vira, horrorizada, os vizinhos ao fundo da rua serem denunciados pelo seu filho de dez anos por esconderem cereais.

Quando a voz voltou a soar, desta vez muito mais perto dela, Katya parou, certa agora de que estava a ouvir uma criança de tenra idade. Se não o conseguisse impedir de fazer barulho, certamente chamaria a atenção de um agressor armado e menos manipulável antes que ela pudesse escapar. Cerrou os punhos e deu meia-volta.

O rapaz correu na sua direção e inchou o peito.

– Ordeno-te que venhas comigo e te entregues! – ordenou ele, a sua voz aprofundando-se na sua melhor imitação da de um homem.

Katya reconheceu o rapaz, costumava vê-lo durante a época das colheitas. Devia ter apenas onze ou doze anos de idade. A raiva percorreu-a, endireitando-lhe as costas e levantando-lhe o queixo. Esta criança pensava que a podia impedir de salvar a sua sobrinha esfomeada. As emoções de Katya estavam ao rubro, sobrepondo-se ao seu bom senso como quando era mais nova. Avançou até ele e deu-lhe uma bofetada no rosto.

O rapaz soltou um arquejo e levou a mão à face, incrédulo.

– Não podes fazer isso.

– Ivan Yarkop! – Katya sussurrou o mais ferozmente que pôde. – Devias ter vergonha!

– Também não podes falar assim comigo – respondeu ele, a sua voz agora trémula de incerteza pela ausência de medo e respeito de Katya. – Podia mandar-te fuzilar.

– Mudei as tuas fraldas quando eras pequeno e cuidei de ti no pátio enquanto andavas de um lado para o outro. Sou como família para ti, mas escolhes o Estado em vez de mim?

Ele olhou em volta, sem saber como reagir à sua invetiva, mas Katya não lhe deu tempo para pensar.

– A minha sobrinha está a morrer porque não tem comida. Eu trabalho em campos como este todos os dias. Todos os dias! Fico com algum destes cereais para mim? Fico?

– Não – disse ele. – Mas o Estado dá-te de comer! É assim que funciona. Trabalha-se para o Estado e o Estado cuida de todos. E como Jovem Pioneiro, o meu trabalho é ajudar o Estado a cuidar de todos. – Ele animou-se um pouco ao racionalizar as suas ações para si próprio, mas as suas faces magras contavam outra história. O seu precioso Estado também não lhe dava comida suficiente.

– Ivan, estás a dizer-me que o pedaço de pão por dia que o Estado me dá pelo meu trabalho devia ser suficiente para a minha irmã doente, a minha mãe, a minha sobrinha bebé e para mim? – perguntou Katya. – Não! É ridículo, é cruel, e eu não vou admitir ouvir isso de uma criança. E tu bem podes falar. Estás com um aspeto terrível. Estão a tomar conta de ti assim tão bem?

Ele encolheu-se um pouco.

– Só estou a fazer...

– Eu disse *não*! – Katya falou o mais alto que ousou, a sua voz tremendo de fúria. – Escuta, Ivan. Esta aldeia está a morrer por causa do maldito Estado, e tu estás a ajudar. Como ucraniano, devias ter vergonha por teres abandonado o teu povo quando mais precisa de ti.

O pobre Ivan não tinha ideia do que responder a isso. Os seus olhos arregalaram-se e o seu lábio inferior estremeceu quando se abriu.

– Agora vou-me embora, e tu devias ir para casa – disse Katya. – Se tiveres algum cérebro nessa cabeça oca, ou uma pontinha de compaixão no teu coração, esquecerás que me viste.

A boca dele fechou-se. Ele acenou ligeiramente, e quando Katya se virou para se afastar, olhou para trás, por cima do ombro.

– Esquece que me viste, Ivan, mas não te esqueças do que eu disse. Estás a ajudar a matar o teu povo. Um dia, isso voltará para te assombrar.

Katya não voltou a olhar para trás para ver a resposta dele. As suas palavras haviam sido sinceras, mas apesar do entusiasmo que sentiu ao falar, não fora sensato o que fizera. Ivan ainda a podia denunciar, e eles acreditariam na sua palavra contra a dela.

Mesmo em casa, os seus nervos não acalmaram. As suas mãos tremiam enquanto ela ajudava *Mama* a raspar o milho e a cozinhá-lo numa papa, poupando as espigas para demolhar e comer mais tarde. *Mama* alimentou Halya e Alina o mais possível, antes de dividir o resto entre si, Katya e Kolya.

– Porque estás sempre a olhar pela janela? – perguntou Kolya enquanto ela levantava os pratos. Os seus olhos astuciosos avaliaram-na, como se pudesse ler todos os seus segredos, e o rosto dela corou.

– Gosto de olhar para o céu noturno.

Mais tarde, quando *Mama* foi para a cama, ele tentou novamente.

– O que aconteceu hoje à noite? Podes dizer-me, sabes? Estamos juntos nisto. O seu olhar triste caiu sobre o rosto pálido e transpirado de Alina na cama.

– Estamos – concordou ela. Mas quanto menos pessoas soubessem dos seus atos ilegais, tanto melhor. No mínimo, isso protegê-lo-ia de ter de a encobrir se o Estado o interrogasse. – Não aconteceu nada. – Ela balançava para trás e para a frente para adormecer Halya. – Fui buscar um pouco de milho. Alimentámos a Halya e a Alina. – Isto não era mentira, mas também não era toda a verdade, e de alguma forma ela sabia que ele se apercebia disso.

– Se assim o dizes. – Faltava convicção na sua voz, mas ele não a pressionou. – Tem cuidado lá fora.

– Claro que sim. Estou sempre a salvo.

Durante dias, Katya ficou alerta, à espera de ser presa. Ivan podia entregá-la a qualquer momento, e isso pesava muito sobre ela, mas suportaria de bom grado esse fardo se isso desse a Alina e a Halya mais alguns dias de vida.

* * *

Durante uma semana, separaram milhares de batatas de uma colheita tardia. As boas iam para uma pilha para o Estado, as podres para outra, para o gado. Não havia pilha para os aldeões, e cada vez que Katya saía do trabalho, à noite, era revistada para se certificarem de que não tinha escondido nada nas suas roupas para levar para casa.

Um jovem membro ativista tinha tido grande prazer em passar as mãos ao longo das pernas e do tronco dela, «à procura» de batatas roubadas. O rosto de Katya ainda ardia devido à ofensa.

Ela não era tão estúpida que fosse esconder alguma coisa nela própria, mas deixara quatro batatas enterradas no canto de cada campo onde andara a colher. Tencionava voltar mais tarde e levar as batatas escondidas para casa.

O vento soprou sobre ela, soltando-lhe o cabelo do lenço que tinha amarrado à volta da cabeça. Tinha os braços doridos, as costas vergadas de cansaço, mas reuniu todas as suas forças para colocar um pé à frente do outro ao longo do caminho de terra em direção a casa.

O desconforto de Katya evaporou-se quando viu a casa e ouviu o choro de Halya através da porta da frente aberta. Um medo gélido apoderou-se dela enquanto avançava pelo caminho.

Mama estava enroscada sobre a cama. Halya estava deitada ao seu lado a chorar, enquanto *Mama* lhe dava palmadinhas nas costas. A roupa da cama de Alina formava um caminho em direção à porta. A cama dela estava vazia.

– O que aconteceu? Onde está a Alina? – Katya agarrou os ombros da mãe com força.

Mama olhou para cima com olhos vidrados.

– Eles levaram-na. Vieram e levaram-na.

– Quem a levou? Porquê? – Katya pegou em Halya e pôs um dedo na sua boca para a acalmar.

– Prokyp e outro homem. – *Mama* falava tão baixo que Katya mal a conseguia ouvir. – Disseram que ela roubou cereais do Estado.

Assim que tomou consciência daquilo que acontecera, Katya agarrou Halya e caiu na cama ao lado de *Mama*. Teve vontade de vomitar, mas o seu estômago estava vazio.

– Meu Deus – sussurrou Katya, apesar de há muito ter desistido de pedir o que quer que fosse a Deus. O pânico apoderou-se dela, e soltou um grito angustiado. – *Mama*, fui eu. Eu, não a Alina. Eles queriam-me a mim!

O olhar de *Mama* retomou o seu foco enquanto ela fitava Katya.

– O que queres dizer com isso?

– O milho que eu trouxe para casa na semana passada; roubei-o de um campo coletivo. O Ivan Yarkop viu-me, mas eu não pensei que ele me fosse denunciar.

Nesse momento, *Mama* esbofeteou Katya. Com força. Pareceu surpreender mais a mãe do que ela. Katya levantou uma mão para tocar na sua face em brasa.

– Desculpa, Katya. – As mãos trémulas de *Mama* cobriram-lhe a boca. – Não sei o que me deu. Não é culpa tua.

– É, sim. Fui eu que roubei o milho, não ela. É a mim que eles querem.

– Só fizeste o que tinhas de fazer para nos alimentar – disse a mãe, mas os seus olhos contavam a Katya uma história diferente.

– Há quanto tempo é que eles a levaram? – Katya passou Halya para os braços de *Mama* e levantou-se. – Tenho de ir falar com eles.

Mama agarrou freneticamente as mãos de Katya.

– Não! Eles levam-te também! Não vás! O Kolya pode ir quando chegar a casa.

Esta mulher assustada mal se parecia com a sua mãe outrora forte, e a amargura brotou em Katya. Pouco a pouco, o Estado tinha-lhe tirado a mãe, tal como havia tirado todos os outros.

– *Mama*, tenho de ir. Não posso ficar aqui sentada enquanto a Alina é punida pelo meu crime. Diz ao Kolya que eu fui atrás dela. – Katya não esperou pela resposta da mãe, mas conseguia ouvi-la a gritar atrás da porta fechada.

Correu o mais depressa que pôde, esquecendo os músculos doridos e a fome, enquanto as memórias da sua doce irmã inundavam a sua mente. Alina segurando-a durante a noite quando ela era pequena e assustada. Alina ensinando-a a entrançar o seu cabelo. Alina entregando a sua filha e confiando em Katya para cuidar dela. Um soluço escapou dos lábios de Katya e interrompeu-lhe os passos.

Se ela lhes pudesse dizer que fora ela a roubar o milho, e não Alina, então talvez eles deixassem Katya ficar no seu lugar. Ela conseguiria lidar melhor

com a deportação do que a irmã. Alina era tão frágil; não sobreviveria sequer à viagem de comboio.

Os pensamentos fervilhantes de Katya foram subitamente interrompidos quando ela viu os corpos encostados à parede da prisão. Um grande soluço desprendeuse da sua garganta, e ela caiu de joelhos. Ali, alinhada com mais três «inimigos do povo», estava a sua irmã. Um buraco de bala perfurara a pele imaculada da sua testa. Sangue vermelho vivo gotejava pela sua linda e imóvel face. Os seus olhos azul-claros cravavam-se de forma acusadora em Katya.

O sinal acima das suas cabeças dizia:

OS LADRÕES SERÃO FUZILADOS!

– Não foi ela! – Katya gritou enquanto batia no peito. – Fui eu! Fui eu!

Uma grande mão tapou-lhe a boca e um braço envolveu-lhe a cintura, obrigando-a a levantar-se.

A dor e a raiva tornaram-na selvagem, e ela lutou com todas as suas forças, mas os braços eram muito mais fortes.

Uma voz sibilou ao seu ouvido:

– Silêncio, Katya! Eles também te matarão se não parares, e então o que será da Halya?

Katya acalmou-se com a voz familiar. Kolya. A sua respiração saía em soluços, e ela deixou-se cair contra ele. O corpo dele estremeceu, a emoção que ele guardava para si agitando-se sob os seus músculos tensos.

A porta da prisão abriu-se e um ativista corpulento com um bigode fino saiu.

– O que é isto? Será que temos outro ladrão? Uma confissão, talvez?

Kolya reforçou o seu aperto sobre ela.

– Não. Ela está louca de desgosto. Eu levo-a para casa.

Sem esperar por uma resposta, arrastou Katya ao seu lado e afastou-se da prisão. Do ativista. Da sua falecida mulher.

A angústia turvou a visão de Katya, de modo que nem sequer reconheceu o seu quintal até Kolya finalmente a soltar. Caiu no chão, os soluços a sacudir o seu corpo. Kolya olhou para ela com os olhos vermelhos e inchados.

– O que querias dizer quando disseste que foste tu? Roubaste e deixaste a Alina assumir a culpa?

A acusação feriu-a e Katya acolheu a dor. Merecia-a.

– Roubei o milho que trouxe para casa no outro dia. A comida escondida na floresta tinha acabado, e eu tinha de trazer algo para casa para a Halya e a Alina. Por isso fui aos campos coletivos e trouxe um pouco.

Kolya cerrou os punhos e falou entre dentes.

– Disseste-me que não tinha acontecido nada! Se foste vista, porque não foste levada na altura?

– Era um Jovem Pioneiro. Convenci-o a deixar-me ir.

– Mas porquê a Alina? Porque é que não te levaram a ti? – Ele andava para trás e para a frente enquanto gritava. A porta da frente abriu-se e *Mama* espreitou para fora.

– Não sei! – gritou Katya enquanto se levantava. – Eu ainda não estava em casa. Talvez o rapaz tenha ficado confuso quando disse qual das irmãs era.

– A Alina confessou. – *Mama* saiu para o pátio. – Ela disse-lhes que fora ela, não tu.

– O quê? – Katya virou-se para enfrentar a mãe. – Eu nunca quis que ela fizesse isso! Ela estava a delirar?

– Não. Estava o mais lúcida que já a vi em meses. Talvez tivesse medo que te afastassem da Halya e ela não teria nada para comer. – *Mama* torceu as mãos, os olhos dela movendo-se entre Kolya e Katya. – Vão deportá-la? Ou prendê-la por alguns dias? Espero que não sejam muito duros com ela por ser uma mulher e estar tão doente.

– Não. – Os olhos de Kolya trespassaram os de Katya, embora ele tenha falado para a sogra. A agonia dele era tão intensa que ela se deixou cair. – Ela está morta.

* * *

Dois dias mais tarde, a OGPU permitiu que a família trouxesse Alina para casa. Kolya carregou-a nos seus braços durante todo o caminho, recusando-se a deixar que alguém o ajudasse ou trouxesse uma carroça.

– Eu daria de bom grado a minha vida pela dela. Eu amava-a. – A voz de Katya manteve-se forte enquanto ele pousava Alina na cama, mas as suas entranhas contraíam-se de dor. *Mama* atirou-se às pernas de Alina e chorou.

O rosto de Kolya desfigurou-se quando o pousou nas mãos.

– Eu sei disso, Katya. – Ele encostou-se ao peito frágil de Alina e chorou. O seu corpo estremeceu com soluços silenciosos, a sua dor palpável no ar.

Alina não estava longe da morte antes de ter sido assassinada. A fome havia-a drenado até ela ser uma sombra daquilo que era. Outrora, fora uma das raparigas mais bonitas da aldeia, com o seu espesso cabelo escuro e os seus olhos azuis cintilantes. Agora, o seu cabelo fino e sem brilho revelava manchas descobertas no couro cabeludo, onde o cabelo começara a cair em tufos.

Os seus olhos, fechados pela última vez, afundavam-se excessivamente na sua cara, tal como as suas faces. Mas admitir há quanto tempo ela estava a desvanecer-se não tornava a sua morte mais fácil.

Katya engoliu a sua raiva e os seus gritos, mantendo-os subjugados porque tinha de o fazer. Alguém tinha de se manter forte. Alguém tinha de estar presente para apoiar a mãe, Kolya e Halya. Se não fosse Katya, então quem seria?

Kolya limpou os olhos com as costas das mãos e levantou-se, trémulo. Katya envolveu-o com braços firmes, como ele fizera após a morte de Pavlo.

– Ela foi-se – disse ele, a sua voz crua enquanto ele enterrava a cabeça no ombro dela e soluçava.

As lágrimas pareciam traçar um caminho em brasa pelo rosto de Katya, cada gota marcando-a como um fracasso. Ela desiludira Alina. Desiludira todos.

Illinois, junho de 2004

Cassie observou o quintal arranjado e soltou um suspiro de satisfação. O sol brilhava e o cheiro das flores perfumava o ar quente da primavera. O seu encontro com Nick na feira, alguns dias antes, tinha corrido bem – exceto o número excessivo de mulheres que o haviam abordado – e estava combinado ele vir hoje e mergulharem de novo nas traduções. Não se lembrava da última vez que se sentira tão ansiosa pela chegada de um dia.

O seu coração encheu-se de alegria ao ver Birdie ajudar Bobby no jardim, tal como quando ela era criança. Bobby entregou a pequena begónia a Birdie, que, pacientemente, aguardou as instruções da bisavó.

– Coloca-a no buraco, depois vai juntando devagarinho a terra. Enche o buraco e prensa a terra – disse Bobby.

Birdie apressou-se a trabalhar, as suas sobrancelhas arqueadas em concentração enquanto as suas mãos gorduchas seguiam as instruções à risca.

– Quero plantar outra!

Bobby sorriu.

– Temos dois caixotes cheios de flores. Vais poder plantar muitas!

Birdie soltou um gritinho e desatou a fazer a roda pelo quintal. Cassie riu-se quando ela se voltou a baixar. A luz do sol refletiu na sua aliança de casamento, chamando-lhe a atenção. Henry tinha-a colocado lá no dia do seu casamento, e ela usava-a desde então. Tinha-se tornado uma parte dela, um símbolo da bela relação que havia partilhado com o marido. Mas teria sempre es-

sas memórias, não é verdade? Quer usasse ou não o anel todos os dias, Henry faria sempre parte dela.

Após um longo e lento suspiro, rodou a aliança para a tirar e olhou fixamente para a sua mão nua, avaliando a sensação. O círculo pálido de pele normalmente escondido debaixo dela destacava-se como uma marca, mas a dor avassaladora que geralmente sentia ao pensar no que a aliança simbolizava, a vida sem Henry, não a atingiu. Fletiu os dedos e percebeu que a sua mão livre se sentia bem. Talvez não completamente normal, mas bem.

– Devia guardar isto para que a Birdie fique com ela, um dia.

Bobby acenou com a cabeça.

– Se estiveres preparada. És a única pessoa que pode saber isso.

A cara de Nick passou-lhe pela cabeça, mas não se tratava apenas dele. Tratava-se dela e da sua vontade de seguir em frente com a sua própria vida.

– Acho que está na hora.

Cassie enfiou a aliança no bolso. Colocá-la-ia na sua caixa de joias quando fosse para dentro, e um dia dá-la-ia à sua filha.

– Quem plantou todas aquelas flores? – Birdie correu para elas, pronta para plantar novamente, e apontou para os canteiros perenes ao longo da cerca e por baixo da amoreira branca.

– Aquelas são perenes. Plantei-as há muito tempo, e elas crescem todos os anos – disse Bobby.

Birdie estendeu a mão e tirou outra begónia a Bobby.

– Porque não plantas girassóis?

Bobby estacou ao ouvir a pergunta, a mão suspensa sobre a caixa de begónias no seu colo.

Cassie levantou-se, sacudiu a terra dos joelhos e manteve um tom indifferente.

– Talvez não se deem tão bem aqui. Ou talvez a Bobby não goste deles.

Bobby cruzou as mãos no colo.

– Não, não é por isso. Os girassóis são bonitos, mas às vezes deixam-me triste.

Birdie envolveu com uma mão sardenta a mão nodosa de Bobby e inclinou-se para sussurrar:

– É porque eram os favoritos da Alina?

Cassie sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

Bobby susteve a respiração e os seus olhos verde-claros concentraram-se na menina.

– Sim, e do meu pai, também.

Cassie conteve as perguntas que tinha na ponta da língua. Bobby não lhe responderia, mas esperava, depois de falar com Nick esta tarde, saber mais.

* * *

Cassie encontrou Nick no sofá quando saiu do quarto de Birdie.

– Olá. Acabei de a deitar. Obrigada por teres vindo.

– O prazer é todo meu. A tua avó abriu-me a porta e foi dormir uma sesta. – Levantou-se e deu alguns passos na direção dela. – É bom ter uma desculpa para voltar a ver-te tão cedo. – Corou, e enfiou as mãos nos bolsos. – Desculpa, não queria dizer esta última parte em voz alta.

– Está tudo bem. – Cassie sentiu o calor a tingir-lhe as faces. – Eu sei que não era a sério.

– Oh, era muito a sério. – Nick olhou para baixo, depois espreitou-a através de pestanas grossas. – Mas provavelmente não o devia ter dito.

– Oh. – Cassie ficou sem palavras. – Hum, vou buscar tudo e vou ter contigo à cozinha.

Grata pela pausa, foi ao seu quarto e agarrou na caixa. Depois de respirar fundo para acalmar o seu coração acelerado, dirigiu-se para a cozinha.

– Isto são muitos girassóis. – Nick olhou para cima da última pilha de desenhos de Birdie; depois virou-se para lhe tirar a caixa das mãos.

– Sim, a Birdie desenvolveu uma grande obsessão por eles.

– São a flor nacional da Ucrânia. – Nick pousou a caixa. – Ela sempre gostou deles?

– Não, é recente. – Cassie sentou-se e sentiu uma onda de excitação quando ele aproximou a sua cadeira da dela antes de se sentar. *Isto é ridículo. Parece uma adolescente apaixonada.*

Sem pensar, Cassie pousou uma mão no antebraço dele.

– Estou grata pela tua ajuda.

Nick cobriu a mão dela com a sua.

– Sinto-me honrado por fazer parte disto. Estás pronta?

Cassie deixou ficar ali a mão, entre o braço e a mão calejada dele, durante vários segundos. Parecia tão natural tocar-lhe. Estar perto dele. Os olhos dele fixaram-se nos dela e a sua respiração acelerou.

Estava tudo a acontecer demasiado depressa.

Cassie retirou a mão e aclarou a garganta.

– Vamos começar.

* * *

Uma hora mais tarde, Cassie não conseguia respirar.

– Para. Por favor, preciso de uma pausa.

Quase conseguia sentir o cheiro metálico a sangue e ouvir o último suspiro de Pavlo enquanto Katya o segurava. O terror era palpável. E familiar.

Só que ela não tinha conseguido segurar Henry quando ele morreu.

Nick estendeu a mão como se lhe fosse tocar no braço, depois afastou-a, a sua fronte sulcada de incerteza.

– Sinto muito, Cassie.

A culpa pela reação que tivera ao toque dele misturou-se com o seu pesar.

– Não, eu é que peço desculpa. Isto é mais difícil de ouvir do que eu esperava.

– Olá, mamã. Olá, Nick. – Birdie pestanejou quando entrou na cozinha. Tinha o cabelo despenteado.

– Quem é a Katya?

Cassie engoliu a custo e pôs um sorriso.

– Não dormiste muito tempo. Onde ouviste esse nome, querida?

Birdie coçou o cotovelo.

– Acho que foi a Alina quem me disse.

Nick apontou para o nome escrito em caracteres cirílicos distintos no verso da capa do diário.

– Kateryna Viktorivna – traduziu. – Katya é um diminutivo de Kateryna. É o nome da tua avó. Ou, pelo menos, é o nome que ela tinha na Ucrânia. E

Viktorivna é o seu nome patronímico, que significa filha de Viktor. Também teria um nome de família, mas não o escreveu aqui.

Cassie olhou para ele, atordoada.

– Eu não sabia de nada disso.

– Então a Katya é a Bobby? – Birdie puxou pela manga de Cassie.

– Sim, acho que sim – murmurou Cassie. A sua mente fervilhava.

Depois de alguns segundos de silêncio, Nick levantou-se.

– Birdie, que tal darmos um passeio com *Harvey* e apanharmos ar fresco?

– Sim! Podemos, mamã?

Grata pela distração, Cassie acenou com a cabeça.

– Muito bem, mas só pelo quarteirão, para o caso de a Bobby acordar da sua sesta.

Nick agarrou na trela do cão e partiram os três, *Harvey* trotando alegremente ao lado deles.

– Parecias um pouco pálida há pouco. Nunca tinhas ouvido o nome Katya até agora? – perguntou Nick enquanto Birdie saltitava à frente deles.

– Não. Conheço-a como Katherine. A Birdie disse que a Alina falou numa Katya, mas não sei como ela poderia conhecer esse nome, se nem eu o conhecia.

– A tua Bobby provavelmente disse-lhe – disse Nick. – Talvez ela e a Birdie tenham falado mais sobre a Alina do que tu imaginas.

– Tenho a certeza disso. Ela e a Birdie passam muito tempo juntas – concordou Cassie, mas uma sensação de mal-estar na nuca fez com que ela questionasse a veracidade da sua afirmação.

– Não estou a dizer que é isso que está a acontecer mas, no velho mundo, era muito comum «falar» com os mortos – disse Nick. – Lembro-me que quando a minha tia morreu, a minha *Baba* preparou um copo de água todos os dias até ao funeral para ela beber. Ela não achava que a irmã tivesse partido, estava apenas noutra lugar onde ainda podia ser alcançada. Há muitos costumes ucranianos relacionados com a morte que podemos achar estranhos, mas para eles faz parte da cultura.

– Bobby mencionou que eu devia falar com o Henry. Disse que eu devia pedir-lhe que viesse ter comigo. – Cassie forçou uma gargalhada perante o absurdo da situação. – Parece tão bizarro dizer isto em voz alta.

Nick abrandou o ritmo, e ela pôde sentir os olhos dele nela.

– De modo algum. Funcionou?

– Sonhei com ele. – Cassie fechou a mão, lembrando-se da sensação do seu aperto. Dele a soltá-la. *Sê feliz. Vive a tua vida.*

– Espero que isso te tenha ajudado, Cassie. A sério. Não consigo imaginar o que é perder alguém de quem se gostava tanto.

Passaram pela pérgola de madressilva de um vizinho e Birdie fez uma pausa para cheirar as flores. Os olhos azuis de Nick enrugaram-se num sorriso quando Birdie soltou um gritinho de alegria com o doce aroma, e Cassie foi inundada por uma onda de calor.

– Penso que ajudou. – Ela inclinou-se para junto de Birdie. – Tem um cheiro espantoso, não tem? É madressilva.

– Sim, mas não são tão bonitas quanto os girassóis – disse Birdie.

Nick partiu um pequeno ramo e moldou-o num círculo. Arrancou algumas violetas e dentes-de-leão que cresciam ao longo do passeio e acrescentou-os

ao ramo. Birdie riu-se enquanto o colocava na cabeça dela como uma coroa.

– Que bonita – disse Nick. – Agora, tens uma *vinok*, como uma verdadeira jovem ucraniana.

– Olha, mamã! – Birdie rodopiava, segurando a coroa de flores junto à cabeça. – Tenho uma *vinok*!

– É adorável, querida. A Bobby costumava fazê-las para mim quando eu tinha a tua idade.

– A minha *Baba* também costumava fazê-las para a minha irmã. Mas as dela eram muito mais bonitas do que a minha. – Inclinou-se para afagar *Harvey* e, de repente, falou rapidamente, como se tivesse medo de perder a coragem. – Cassie, o que achas de irmos jantar fora amanhã à noite? Só eu e tu? Eu sei que só começámos a falar recentemente, e tu ainda estás de luto e...

A amável oferta comoveu Cassie, e ela surpreendeu Nick e a si própria quando o interrompeu.

– Gostava muito.

A expressão de Nick registou surpresa, e alegria logo de seguida.

– Isso é ótimo!

– Deixa-me verificar primeiro com a minha mãe se pode ficar com a Birdie – disse Cassie. – Sabes que ela vai ficar super triste por não poder ir.

Nick sorriu.

– Eu compenso-a.

KATYA

Ucrânia, novembro de 1932

Katya esgueirou-se para dentro do celeiro, na esperança de ter alguns minutos de solidão antes de entrar em casa, mas em vez disso esbarrou em Kolya.

Ele apoiou-a com uma mão e ergueu uma lanterna com a outra.

– Onde estiveste? Estava a ficar preocupado.

Katya engoliu a vergonha e a fúria que a dilaceravam e concentrou-se no que era importante.

– Tenho comida para a Halya. – Colocou quatro batatas no parapeito ao lado de Kolya e permitiu que a sombra de um sorriso vitorioso surgisse na sua boca ferida.

Kolya olhou fixamente para as batatas durante um momento, depois deixou o seu olhar percorrer o corpo dela. O rubor tingiu a pele de Katya enquanto Kolya observava o sangue nas suas pernas, a saia rasgada e o seu rosto inchado.

A preocupação na sua expressão transformou-se em fúria.

– O que te aconteceu?

– Deixei batatas escondidas nos campos durante a colheita, por isso voltei para buscar algumas. Estou bem. – A voz de Katya vacilou, apesar da sua bravura.

– Tu não estás bem! – Kolya esfregou a cara com as mãos. – E se eles vierem buscar-te, como fizeram com a Alina?

– Não virão. – Ela fechou os olhos, tentando bloquear a voz do ativista. *Desta vez vou deixar-te ir, mas vai custar-te. E se te apanho outra vez, não me vou dar ao trabalho de te prender. Dou-te um tiro na hora.*

Kolya pendurou a lanterna num gancho e agarrou-lhe o queixo. Inclinando o rosto dela para a luz, passou um dedo sobre a sua face inchada com tanta ternura que as lágrimas que ela tanto lutara para conter se derramaram e lhe correram pelos dedos.

– Vais ficar com um olho negro – disse ele.

Um olho negro era a menor das suas preocupações. A comida era a prioridade. Alimentar Halya era a prioridade.

– Pelo menos diz-me quem te fez isto – exigiu ele.

– Não interessa. – Ela afastou-lhe a mão. – Não há nada a fazer agora. Qualquer retaliação só faria com que te matassem, e eu não posso ser responsável por outra morte.

Kolya fraquejou e fechou os olhos.

– Ninguém te culpa pelo que aconteceu à Alina.

– Então, porque é que não olhas para mim quando o dizes? – Katya mal ouviu a sua própria voz, de tão baixa que saiu. – Porque é que nunca consegues olhar para mim?

Ele abriu os olhos e olhou fixamente para ela.

– Na maior parte dos dias, não consigo olhar para ti porque me fazes lembrar a minha falecida mulher. Agora, não posso olhar para ti porque vejo a minha inaptidão na tua cara ferida e saia rasgada. Não posso olhar para ti porque vejo o quão perto estivemos de te perder esta noite, e não posso fazer na-

da quanto a isso. Isso aterroriza-me. Não sei o que qualquer um de nós faria sem ti. Especialmente a Halya.

A visão de Katya turvou-se e os seus joelhos cederam. Kolya apanhou-a antes de ela cair e segurou-a contra o seu peito firme. Ela respirou lentamente ao ritmo do batimento cardíaco dele e deixou que o calor e a força do seu corpo se infiltrassem no dela até ele se ajoelhar e a depositar no feno macio. Quando ele a soltou, o frio e o desespero voltaram invadi-la e foi a custo que não o agarrou.

– Ele bateu-te com muita força. Devias estar na cama – disse ele, a sua voz profunda e rouca. Afastou-se dela e limpou as mãos nas calças, como se tentasse eliminar qualquer vestígio da sua essência.

– Não quero que a minha mãe saiba o que aconteceu. – Ela detestou parecer tão fraca, detestava sentir-se quebrada.

– Muito bem. Talvez lhe possamos dizer que estávamos a transportar madeira e que eu me virei acidentalmente e bati-te com um pedaço que tinha ao ombro. – A expressão de Kolya endureceu, e ele virou-se e cuspiu no chão. – Mas tens de me jurar que nunca mais farás nada para te colocares nesta posição!

Uma gargalhada estridente escapou dos lábios rebentados de Katya.

– Achas que foi de bom grado que troquei o meu corpo por batatas? Tens cá um descaramento, Kolya. A minha escolha era isto ou a minha vida. Eu escolhi a vida. As batatas foram um extra que ele me deixou guardar. Que sorte a minha. – Foi a sua vez de cuspir no chão enquanto olhava para ele.

Ele deixou tombar a cabeça.

– Sinto muito. Não devia ter dito nada.

– Não, não devias. Não fazes ideia do que é ser mulher. Os homens pensam que podem levar o que quiserem de nós, sempre que quiserem. Nunca temos escolha. – Katya levantou-se e sacudiu-se. – Vamos entrar e comer.

Ela não lhe disse que voltaria a procurar nos campos. Pagaria qualquer preço para manter Halya viva, porque a sua sobrevivência era o único propósito de Katya para existir.

– Nem todos os homens – disse ele, a sua voz tão baixa que Katya mal o conseguiu ouvir.

– Não, talvez nem todos os homens. – Ela pôs-se de pé – Agora, vamos para casa. A bebé precisa de comer.

* * *

Nessa noite, quando se deitou na cama, Katya folheou as páginas manchadas de lágrimas do seu diário. Tinha escrito sobre a perda de Pavlo e Viktor, e escreveria sobre o que aquele homem cruel lhe tinha feito. Tinha prometido a Pavlo que iria registar a sua história, mesmo a parte mais inenarrável.

Pegou no lápis e começou. As palavras fluíram num tom monótono, documentando o horror daquela noite como se tivesse acontecido a outra pessoa. Ao rever o incidente, ela não sentiu nada. Absolutamente nada.

Talvez o meu coração tenha finalmente desistido, pensou ela. Afinal de contas, há limites, e penso ter ultrapassado de longe o que a maioria dos corações é capaz de suportar. Talvez agora eu não passe de uma concha vazia, incapaz de sentir o que quer que seja.

Katya terminou a entrada e olhou para a menina adormecida. Halya, as pestanas espessas contra as suas bochechas pálidas e os seus cachos escuros emoldurando o seu rosto fino, suspirou e virou-se para Katya enquanto dor-

mia. Um amor feroz e desesperado irrompeu em Katya e ela estendeu a mão e puxou Halya para perto. Enquanto o corpo quente da criança se enroscava no dela, Katya sabia que estava a mentir a si própria. O seu coração nunca seria capaz de desistir enquanto esta doce criança ainda precisasse dela.

– Ela vai sobreviver a isto, Alina – disse Katya para a noite fria. – Não importa o que eu tenha de fazer. Juro-o. – Fechou os olhos e imaginou Halya, crescida e bonita, com cabelo escuro e olhos azuis cintilantes como Alina.

Katya suspirou enquanto enfiava o lápis dentro do diário, depois envolveu Halya com os braços e adormeceu.

* * *

– Tenho boas notícias – anunciou Kolya uma noite, quando regressou da aldeia.

Como sempre, dirigiu-se logo a Halya e pegou nela. Ela riu-se enquanto ele lhe enterrava a cara na bochecha e lhe fazia cócegas. Uma surpreendente onda de afeto invadiu Katya quando ela viu o amor pela filha que brilhava no rosto dele.

Ele aconchegou Halya contra o peito e continuou.

– Abriram um armazém *Torgsin* na cidade vizinha. Podemos levar qualquer ouro ou joias que tivermos e trocá-los por comida.

– Como é que isso é bom? – Katya pousou uma tigela de sopa de batata aguada na mesa e pôs as mãos nas ancas. Tinha-se esgueirado de volta a outro campo de batatas, naquela manhã cedo, felizmente sem se deparar com qualquer outro ativista zangado. – Não temos ouro nem joias para negociar. Eles já levaram tudo.

– Isso não é verdade. Eu ainda tenho o anel da minha avó. – *Mama* foi à sua cama e remexeu na almofada, procurando o anel escondido. Levantou-o, admirando a pedra vermelha reluzente encastrada numa fina faixa de ouro. – Não me servirá de nada se estivermos todos mortos. As nossas vidas são mais importantes do que as joias.

Katya franziu o sobrolho.

– Como podem eles oferecer comida pelas mesmas coisas que disseram que não podemos possuir? E se for uma armadilha?

Kolya abanou a cabeça.

– Esta é a sua forma de garantir que se apoderam de cada um dos nossos preciosos artigos. Não terão de vir à procura deles. Entregar-lhos-emos.

Mama tirou o anel e colocou-o sobre a mesa.

– Pensei já ter visto tudo, mas aparentemente não há limites para a maldade.

– Talvez tenha mais algumas coisas para trocar – disse Kolya.

Katya olhou-o com surpresa.

– O quê?

– Há algumas coisas escondidas em casa dos meus pais. Ninguém vive lá há algum tempo, pelo que não foi revistada recentemente. A minha mãe tinha sempre algumas joias escondidas. Quando os ativistas começaram com as rusgas, ela mandou o Pavlo... – Kolya calou-se ao olhar para Katya.

Ela tentou manter o rosto inexpressivo para que Kolya não visse a dor que a assaltava sempre que ouvia o nome dele. Passado todo este tempo, a sua morte ainda lhe doía como se tivesse sido no dia anterior. Kolya olhou para

ela como se fosse capaz de ler a sua mente, e ela voltou a recalcar os seus sentimentos para as profundezas do seu ser.

– Está tudo bem. Não tens de ter medo de dizer o nome dele.

Kolya olhou para baixo e continuou.

– Separámos as peças e escondemo-las em diferentes sítios à volta da casa e do quintal. Sei que encontraram algumas coisas, mas não todas.

– Porque é que não falaste disto antes? – As sobrancelhas de *Mama* arquearam-se de incredulidade.

– Que diferença faria? Se não foram descobertas, mais vale que lá fiquem. Até agora, não podia ir a lado nenhum vendê-las sem levantar suspeitas.

– Sim, claro – disse *Mama*. – E agora, o que achas de ir ver se algumas joias ainda lá estão? Conseguirás separar-te delas?

O inverno mostrara já o seu frio rosto, e já não comiam quase nada todos os dias. Sem ajuda, não sobreviveriam.

Kolya passou os nós dos dedos ásperos na face translúcida de Halya.

– Claro que sim. Essas bugigangas não me interessam. Trocarei de bom grado todas elas por comida para nós.

– Devíamos separar a comida que recebermos e escondê-la nos teus pais, Kolya. – Katya falou à medida que a ideia lhe ocorria. – Como disseste, eles já não revistam a casa porque está abandonada. Lá estará tudo mais seguro.

A quinta dos pais de Kolya tinha caído em ruína. Já não era permitido às pessoas cortar árvores ou recolher madeira da floresta porque esta passara a ser propriedade do Estado. Se pegassem num pau ou num tronco ou levassem alguma coisa da floresta, estavam a roubar o Estado. Sem outra opção para lenha, Kolya e Katya já haviam desmontado alguns dos anexos a coberto da

noite e transportado a madeira para casa para a utilizar. As ervas daninhas tinham tomado conta do pátio que, outrora, estivera repleto de belas flores. Considerando-a abandonada, o Estado tinha deixado a casa em paz.

– Essa é uma excelente ideia. – Kolya lançou a Katya um raro sorriso ao entregar Halya à avó. – Temos de a esconder suficientemente bem para que os ladrões não a consigam encontrar. Parto amanhã de manhã cedo.

– Eu também vou – disse Katya. – Sei quais são os melhores alimentos para trocarmos e quero ver esse armazém.

– Sim – concordou *Mama*. – Os dois estarão mais seguros juntos. – Repousei suavemente a mão no rosto de Katya. – Mas tens de ter cuidado, filha. – Não disse mais nada, mas Katya sabia ler a mensagem escondida no seu olhar. *Já levaram uma das minhas filhas. Não os deixes levar outra.*

* * *

Katya caminhou em silêncio pela neve até à antiga quinta de Kolya, preparando-se para a tarefa que se avizinhava. Tinha estado lá recentemente para ajudar a desmontar o celeiro para lenha, mas já não entrava desde que Kolya e Alina se tinham mudado para casa delas. Nunca superaria a sua aversão àquela casa.

Hesitou quando chegaram à porta. Uma grande trave de madeira fechava a pequena casa, uma barreira física entre ela e as memórias no seu interior. Agora, parada à sua frente, sentiu um nó no estômago só de pensar em entrar. Deu um passo atrás.

– Está tudo bem, Katya – disse Kolya. – Podes esperar aqui. Só demoro um minuto.

Grata, ela afastou-se para esperar por ele perto do local do antigo celeiro. Não suportava sequer um vislumbre do interior. Cerrando os olhos, recordou um dos seus momentos favoritos com Pavlo.

– Pavlo, espera por mim! – riu-se Katya enquanto o perseguia através do campo de feno.

– Vá lá, tens de me acompanhar – gritou Pavlo em resposta. As suas longas pernas levaram-no tão à frente que ela o perdera de vista, mas seguiu-o cegamente de qualquer maneira. Seguiria Pavlo até ao fim do mundo, se ele lho pedisse.

Quando finalmente o alcançou, ele estava estendido debaixo de uma velha árvore de tília, as mãos unidas debaixo da cabeça para a apoiar.

– Katya, vem deitar-te comigo e ver as nuvens a passar.

Ela sentou-se ao seu lado, ofegante.

– Está bem, mas não posso demorar-me. Preciso de voltar e ajudar o meu pai com as tarefas.

Pavlo apoiou-se num cotovelo e olhou para ela com um sorriso nos lábios.

– Tens consciência do quanto precisas de mim na tua vida? Trabalharias todo o dia sem qualquer diversão, se não fosse eu. Ajudo a equilibrar as coisas, para fazer de ti a mulher completa por quem me vim a apaixonar.

– Se pudesses, andávamos a correr o dia todo e não fazíamos nada – riu-se ela. Isso estava longe de ser verdade. Pavlo era um dos homens mais trabalhadores que ela conhecera.

– E se vivêssemos à tua maneira – contrariou ele, estendendo a mão e roçando uma mecha de cabelo solto à volta do seu dedo –, trabalharíamos até

uma morte prematura e nunca desfrutaríamos da vida pelo meio. Admite, tu precisas de mim.

– Talvez – admitiu Katya. – Mas se é esse o caso, e eu preciso assim tanto de ti, então diz-me, Pavlo. O que faço por ti?

O sorriso desvaneceu-se do rosto dele.

– Absolutamente tudo. És a minha vida e eu não consigo imaginar viver sem ti.

Katya soltou um trémulo suspiro.

Mas agora, estou eu a viver sem ti. As palavras irromperam de dentro dela com tanta força e rapidez que ela quase as gritou em voz alta.

– Katya? – Kolya tocou-lhe no braço. Ela sobressaltou-se e os seus olhos abriram-se. A primeira coisa que viu foi o rosto preocupado de Kolya e, por um breve e surpreendente momento, pensou que era Pavlo. Depois, pestanejou e a ilusão estilhaçou-se.

– Estás bem? Desculpa, sei que isto é difícil para ti, mas parecias estar bem quando viemos deitar abaixo o celeiro.

– Estou só a descansar os olhos. – Katya sondou o seu rosto em busca de qualquer sinal de dor. Ela nunca compreendera como ele e Alina tinham conseguido viver naquela casa depois de ele ali ter perdido tanto. Mas os seus olhos não estavam mais assombrados do que era costume. Talvez carregasse consigo a sua dor para todo o lado e nenhum lugar podia piorá-la, enquanto Katya empurrava a dor para o fundo da sua alma e só a enfrentava quando era forçada. Como agora.

– Como é que consegues? – Ela tocou-lhe no braço, precisando de sentir uma presença humana sólida aqui e agora, mais do que nunca.

Ele parou e olhou fixamente para a mão dela sobre ele.

– Consigo o quê?

– Vir aqui. Onde perdeste tanto.

– Faço-o porque tenho de o fazer. Pela Halya. Pela tua mãe. – Pousou a sua mão quente e pesada, sobre a dela e apertou-a. – Por ti.

A mão dela pareceu pegar fogo sob o seu toque. Katya soltou um arquejo, assustada com a sensação, e retirou a mão.

– Encontraste o que vieste buscar?

Kolya afastou-se dela, o seu rosto vermelho.

– Sim.

Tirou do bolso um par de brincos de ouro, uma cruz de prata e um anel de ouro. Katya reconheceu o anel como o que a mãe dele usava em ocasiões especiais. Há várias gerações que era passado pela família, como seguramente seria o caso com as outras peças, como fora também com o seu próprio anel de família. Antes de tudo isto, essas peças teriam passado para Halya. Agora, ao abdicar delas, a família ajudaria a mantê-la viva.

– Vamos, então. – Katya virou as costas à triste casinha. – É uma longa caminhada.

– Nunca te agradeci. – As palavras de Kolya fizeram-na parar.

– Por quê?

– Por tomares conta da Halya. Por a teres alimentado depois de perderes o Viktor. – A sua voz vacilou. – Não deve ter sido fácil para ti.

Ao ouvir o nome de Viktor, ela sentiu um aperto no estômago. Claro que não era fácil. Mas Kolya não sabia que, por vezes, Katya fechava os olhos e

fingia que Halya era Viktor. Ou que, outras vezes, imaginava que Halya era o bebê que tinha dado à luz e que nunca experimentara a perda do filho, da irmã e do marido. Se ela pudesse fingir que Halya era verdadeiramente dela, Katya poderia esquecer como elas realmente se tinham juntado, como a dor e a morte haviam forjado um laço entre elas que não conseguia ser transposto em palavras. Katya não sentia menos amor por Halya nem se ressentia por ela ter sobrevivido quando Viktor não fora capaz. Em vez disso, agarrou-se à bebê como uma pessoa que se afoga se agarra a uma jangada. Halya dera-lhe o propósito e motivação para se levantar todas as manhãs. Uma razão para encontrar comida a qualquer custo, para que o corpo de Katya pudesse continuar a produzir alimento para ela. A sobrevivência de Halya tinha-se tornado o único propósito de Katya na vida.

Em vez de dizer qualquer uma destas coisas, Katya respondeu:

– Amo-a como se fosse minha. E a Alina teria feito o mesmo por mim, se pudesse.

Kolya estendeu a mão e puxou o cabelo de Katya, como fazia quando era criança.

– Estou contente por te ter comigo – disse ele, hesitante. – Não só agora, quero dizer. Todos os dias. A lutar para sobreviver. A lutar pela Halya. Juntos. Ajuda saber que não estou sozinho.

Ela olhou para ele, chocada ao ouvir a crueza na sua voz. Antes que ela pudesse responder, Kolya aclarou a garganta e a emoção que o seu rosto denunciara apenas alguns segundos antes desapareceu atrás dos familiares traços duros da sua dor.

– Devíamos ir andando – disse ele e começou a avançar pela estrada sem esperar para ver se ela o seguia.

* * *

O solo congelado estalava sob os seus pés enquanto caminhavam pela paisagem tranquila. Um céu cinzento cobria todo o cenário incolor, coberto de neve. Dirigiram-se para a estrada principal que atravessava a sua pequena aldeia e contornava a paisagem rural antes de se ligar à cidade mais próxima.

– *Holubtsi* – disse Kolya de repente.

– O quê? – Katya levantou uma sobrancelha. – O que tem o *holubtsi*?

– É algo de que sinto falta – disse ele. – As folhas de couve macia enroladas à volta da carne e do painço. E o molho. Tenho saudades daquele molho rico de tomate espalhado em cima.

A boca de Katya encheu-se de água. Quase conseguiu saborear os paladares na sua língua.

– Tenho saudades de *nalysnyky*. – O seu estômago deu um ronco e ela enterrou um punho nele. – *Nalysnyky* doce com cerejas. A minha mãe faz os melhores que já comi.

– Pois faz – concordou Kolya. – Mas ninguém bate os *varenyky* da minha mãe. – Tossiu e o seu rosto ruborizou-se. – Batia, quero eu dizer.

Katya pôs-lhe uma mão no ombro.

– Os de batata dela eram os meus preferidos.

Kolya lançou-lhe um sorriso de gratidão.

– Eu gostava mais dos de carne. Com cebolas fritas em manteiga.

– Muitas cebolas e muita manteiga – disse Katya. Sorriu para ele, sentindo uma vaga de calor a invadi-la. Sentira falta da camaradagem da sua irmã e de Pavlo. Conversar assim com Kolya sabia bem.

Kolya parou de repente e fez um som estrangulado.

– O que se passa? – Os olhos dela examinaram a área, procurando perigos escondidos.

– Não os vê? – A voz dele era brusca.

Os olhos de Katya seguiram a linha de visão dele e estremeceu de horror com a cena: as volumosas formas de corpos congelados espalhados ao longo do caminho para a cidade. Ao que parecia muitas pessoas tinham tentado fazer esta viagem, mas os seus corpos, já sem forças, não resistiam. Portanto, sentavam-se onde estavam e nunca mais se levantavam. Havia na estrada pelo menos uma dúzia de pessoas cuja luta pela vida terminara naquele lugar.

A primeira estava amontoada no caminho, uns seis metros à frente. Katya sentiu a boca seca ao aproximarem-se da massa escura de tecido áspero que se destacava fortemente contra a paisagem árida, mas sentiu-se puxada em direção ao cadáver, como se este chamasse por ela. Kolya afastou o tecido da cara branca para ver quem era e soltou um arquejo.

– Ivan!

Katya recordou as últimas palavras que lhe dissera, e a traição dele, que custara a vida à sua irmã. Experimentou um misto de compaixão e raiva enquanto olhava para o seu pequeno rosto cinzento, que formava um esgar. Parecia tão jovem. Tão perdido.

– Ele não era membro dos Jovens Pioneiros? – perguntou Kolya.

– Sim. Pensava que era um deles. Pensava que eles iam tomar conta dele.

Kolya soltou uma dura gargalhada e recomeçou a andar.

– Eles só tiram; não cuidam de nós. Ele aprendeu a sua lição por se ter virado contra o seu país.

– Era apenas um rapaz. – Katya surpreendeu-se a si própria. As palavras defensivas saíram-lhe da boca por vontade própria.

– Sim, bem, a Alina era apenas minha mulher e apenas tua irmã, e agora também está morta. Poderíamos dizer algo do género para todos, Katya.

Ela mordeu a língua. Nunca tinha contado a Kolya que tinha sido Ivan quem a entregara, levando à morte de Alina. Dizer-lhe agora não serviria de nada.

O Estado tinha enganado o jovem Ivan, como fizera a tantos outros, crianças e adultos. Demasiado jovem e tolo para saber que lhe tinham mentido, permaneceu leal até ao fim. Agora estava morto e sozinho na berma da estrada. Katya perguntou-se se a mãe dele saberia. Mas provavelmente também estava morta. Talvez fosse por isso que ele embarcara nesta viagem rumo à cidade. Talvez ele não tivesse mais nenhum sítio para onde ir.

Detiveram-se mais uma vez e viram o rosto coberto de gelo de Lavro a fitá-los. Nunca mais voltaria a fazer a sua famosa *horilka*. Depois disso, não voltaram a parar para olhar para os corpos congelados por que passaram ao longo da estrada. Não queriam ver os seus rostos assombrados, ou saber quem mais haviam perdido.

Ao aproximarem-se da cidade, passaram pela estação ferroviária de onde tantos dos seus amigos e familiares tinham sido deportados. Mais à frente ficavam os contentores de cereais onde se armazenavam os alimentos antes de serem enviados para o resto do país. Normalmente nesta altura do ano os contentores estariam vazios. Agora estavam cheios. Guardas armados estacionados no exterior dos contentores de cereais patrulhavam o seu perímetro. Para lá dos contentores, mais três guardas armados cercavam uma grande pilha de batatas em decomposição.

– Kolya! – Katya parou e abriu a boca. – É a nossa comida toda.

– Eles nem sequer a estão a usar! – O cuspo voou da boca dele enquanto vociferava. – Aqueles caixotes estão a rebentar de tão cheios que estão, tudo ali a apodrecer enquanto nós morremos de fome!

O desespero tomou conta de Katya, arrastando-a para as suas profundezas escuras. Ela pousou uma mão no braço de Kolya, tanto para o acalmar como para se apoiar a algo real.

– Chiu. Não chames a atenção para nós.

Os músculos do maxilar de Kolya latejavam nas suas faces.

– Não se trata de nos fazer produzir mais comida – disse ele, assim que a impossibilidade de sobrevivência se tornou tão dolorosamente clara para ambos. – Eles querem-nos a todos mortos.

* * *

Pararam no pequeno edifício ao lado do *Torgsin* para trocarem as suas heranças familiares por um pedaço de papel que declarava o seu valor. Katya argumentou que o seu valor era muito mais do que o que lhes foi dado, mas o escrivão não mudou a sua avaliação mesquinha. Kolya finalmente arrastou Katya para fora da loja e para o fim da fila para entrar no *Torgsin*.

Inclinou-se para a mulher que estava à sua frente.

– Há quanto tempo está à espera?

– Uma hora, mais ou menos – respondeu a mulher. O seu rosto inchado enclausurava uns olhos reduzidos a pequenas fendas. Escorria líquido das fissuras dos lábios. – A fila era muito maior ontem.

A fila contornava de tal forma o edifício que o fim estava quase de volta à entrada. Limitavam o número de pessoas lá dentro, de modo a poder contro-

lar o que se passava. A fila avançou e a mulher voltou-se para a frente, virando-lhes as costas.

Katya olhou para os pés dela e viu que tinha cortado as botas para que os seus pés inchados coubessem dentro delas. Deviam doer-lhe, pois o seu andar era desajeitado e hesitante. O inchaço parecia um estranho sintoma da fome, mas muitas pessoas padeciam desse mal. Katya perguntava-se como é que a mulher chegaria ao seu destino depois de ter obtido comida quando as pernas dela cederam e ela caiu de cara para baixo no chão. Katya agachou-se e tentou virá-la, mas o corpo estava pesado devido ao excesso de fluidos.

– Kolya, ajuda-me!

Kolya ajoelhou-se ao seu lado e virou a mulher de costas. Os seus olhos semicerrados estavam voltados para o céu, já inexpressivos. Tinha morrido mesmo à frente deles, mesmo ali, enquanto esperava pela comida.

A fila avançou. Kolya ajudou Katya a levantar-se e passou por cima do cadáver.

– Anda, Katya. Temos de avançar com a fila.

– E deixamo-la aqui? – A voz de Katya levantou-se enquanto ela o afastava.

Kolya abanou a cabeça com repugnância.

– Olha à tua volta! Há cadáveres por todo o lado. O que é mais uma mulher para eles?

As pessoas atrás avançaram subitamente e cercaram o corpo da mulher. Kolya agarrou no braço de Katya e puxou-a para longe da comoção.

– O que estão a fazer? – perguntou Katya, horrorizada, quando um jovem começou a vasculhar as roupas da mulher. – Parem com isso! Está errado!

– Tudo está errado, Katya – retorquiu Kolya enquanto a puxava. – Todo o nosso mundo está errado.

– O que é que ela vai fazer com isto? – gritou o jovem.

Katya percebeu, por fim, que eles estavam à procura do seu certificado de rublos. A sua repulsa desvaneceu-se e a raiva tomou o seu lugar. Porque é que não lhe ocorrera a ela agarrá-lo primeiro? O homem tinha razão. O que é que a mulher morta ia fazer com ele agora? Mais valia ajudar a alimentar outra pessoa, como Halya. Tinha de ser mais astuta se queria manter Halya viva. Era bom ter compaixão, mas os mortos estavam fora do seu alcance.

Os flocos de neve caíam do céu, cobrindo-lhe os ombros e a cabeça. O frio tinha agora penetrado Katya tão completamente que o entorpecimento lhe tomou conta dos pés. Ela bateu com eles, tentando forçar o sangue a voltar às suas pernas. Pequenas picadas recompensaram os seus esforços, pelo que bateu com mais força durante mais alguns segundos, antes de a exaustão se instalar. Olhou novamente para a mulher deitada no chão, agradecida por os seus pés não parecerem os dela. Ainda.

Quando contornaram a esquina nas traseiras do edifício, Kolya estacou, praguejando. Katya tropeçou nele.

– O que estás a fazer? – O vento levou-lhe as palavras da boca.

– Não queres ver isto. – Ele voltou-se e barrou-lhe o caminho.

– Ver o quê? O que pode ser pior do que aquilo que vimos?

– Isto. Isto é pior – disse ele, a sua voz tão baixa que ela mal o conseguia ouvir. – Muito pior.

A frustração fê-la enfurecer-se.

– Já não sou uma criança, Kolya. Não preciso que censure o mundo por mim.

– Muito bem. – Ele deixou cair a mão do braço dela. – Sempre foste teimosa. Faz o que quiseres.

Kolya afastou-se, desimpedindo a sua linha de visão para uma carroça puxada por cavalos. A enorme carga balançava de forma instável ao atravessar o solo congelado. Empilhados no atrelado aberto estavam corpos. Homens, mulheres, crianças, amontoados ao acaso e todos emaranhados. Tinham sido apanhados e atirados para a carroça como troncos, sem qualquer consideração pelo seu valor como seres humanos. Pernas e braços empilhados desordenadamente, uns tão inchados que ainda escorriam, e outros tão macilentos que os seus ossos quase lhes perfuravam a pele fina.

– Suponho que têm de levar daqui pelo menos alguns dos corpos e atirá-los para uma vala algures, ou não seríamos capazes de caminhar na rua. – A voz de Kolya estava carregada de amargura.

Katya ignorou-o e observou, petrificada, enquanto a carroça batia num sulco na estrada e saltava, soltando um pequeno corpo. Caiu da carroça e aterrou levemente na neve, na berma da estrada, mal fazendo um som. Era uma rapariga, uma menina que não tinha mais de dois ou três anos de idade. Não era muito mais velha do que Halya.

As tranças louras, agora com uma crosta de gelo, espreitavam por baixo do lenço azul esfarrapado que lhe emoldurava o rosto pálido, amarrado debaixo do queixo. Os seus olhos permaneciam abertos, e agora estava caída no chão frio, sozinha, a olhar para eles quando a neve começou a cobri-la lentamente. A carroça seguiu em frente, sem se aperceber de uma perda tão insignificante.

Katya levou a mão à boca e mordeu os nós dos dedos com tanta força que fez sangue. Kolya encostou-a ao seu peito e virou-lhe o rosto para não ver a menina morta.

– Vá, calma – murmurou-lhe no ouvido. – Não podemos ajudá-la, mas podemos ajudar a Halya. Anda, a fila está de novo a avançar.

Como tocos de árvores a prendê-la ao chão, as pernas de Katya não queriam avançar, mas Kolya puxou-a e alcançaram outro lado do edifício. Katya não voltou a ver a menina; não conseguiu olhar para trás, mas não teve de o fazer. Aquela imagem ficara para sempre marcada na sua memória, só que, na sua mente, o rosto da menina era o de Halya.

Dentro do *Torgsin*, o estômago de Katya clamava pelas vastas quantidades de comida em exposição. Levou um punho à barriga para a acalmar. Sacos de farinha, embalagens de queijo, caixas de legumes e nacos de carne forravam as paredes do edifício. Katya salivou quando o cheiro a comida, a vida, a asaltou.

O bem guardado *Torgsin* estava cheio a transbordar dos alimentos com que sonhavam há meses. Tinha tudo o que era necessário para sobreviver, mas o seu certificado só lhes permitia comprar algumas coisas.

Como podia haver uma loja inteira cheia de comida aqui mesmo, no meio desta devastação? Se abrisse as suas portas e distribuísse comida às pessoas, poderia salvar tanto esta cidade grande como a sua pequena aldeia de Sonyashnyky. Mas as coisas não funcionavam assim. A comida permaneceu fechada, intocada e inatingível para tantos, tal como depósitos de cereais e montes de batatas que tinham visto a caminho da cidade. Agora, não havia dúvidas de que havia comida disponível. O Estado tinha apenas decidido que os aldeões não eram dignos dela.

Katya tentou ser prática e escolher as melhores opções, mas a sua cabeça estava zonha com as possibilidades. Kolya caminhou com ela, os seus olhos a brilhar enquanto lambia os lábios. As suas mãos tremiam enquanto Katya empilhava as suas escolhas nos braços dele: leite em pó para Halya, oito quilos de farinha de trigo, um quilo de açúcar, quatro quilos de arroz e dez latas de sardinhas.

Lá fora, pararam para acondicionar os alimentos em sacos escondidos debaixo dos seus casacos. Quando estava tudo arrumado, Kolya tirou uma das latas de sardinhas.

– Devíamos comer isto. Vamos precisar de forças para voltar para casa.

Katya assentiu de olhos arregalados, os seus lábios a tremer na expectativa do peixe salgado. O seu estômago roncou e ela posicionou-se junto de Kolya, impedindo os transeuntes de ver o que estavam a fazer.

Kolya empurrou a sua faca para dentro da lata e abriu a tampa. O aroma apetitoso invadiu-lhes as narinas e a boca de Katya encheu-se de saliva. Com mãos trémulas, Kolya ofereceu-lhe a lata primeiro. Engoliu com força e os seus olhos seguiram os movimentos dela enquanto Katya enfiava um punhado do peixe escorregadio na boca com os dedos. Tentou mastigar lentamente e saborear cada pedaço de salmoura, mas o seu corpo desesperado tomou o controlo e engoliu tudo de uma vez; depois, observou enquanto ele fazia o mesmo. Revezaram-se até a lata estar vazia, depois usaram os dedos para limpar os lados. Quando cada pedaço foi lambido dos seus dedos e a mente de Katya regressava ao normal, ela afastou-se.

Os olhos de Kolya encontraram os dela e Katya foi inundada por um avassalador sentimento de culpa. A intimidade animalesca do ato que haviam acabado de partilhar chocou-a. Naquele momento, nada mais importava senão

comer. Agora, o calor subia-lhe pelas faces enquanto recordava como tinha perdido o controlo. Tentou organizar as ideias, tentou falar, mas, quase como se fosse capaz de lhe ler os pensamentos, Kolya dirigiu-lhe um sorriso sombrio.

– Sinto muito. Não estava em mim. Devíamos ir embora.

– Também lamento – murmurou ela e começaram a atravessar a cidade em direção à estrada que levaria à sua aldeia. A neve tinha acalmado, mas o vento ainda assobiava à sua volta. No centro da cidade, um homem cambaleou para fora de um edifício, atravessando-se no caminho deles. As roupas descaíam-lhe sobre o corpo mirrado e usava um boné que lhe tapava o rosto barbudo, mas nenhuma destas coisas conseguia disfarçar as faces encovadas e os olhos desvairados de um homem esfomeado.

– Prokyp? – Katya soltou um arquejo.

Com uma rosnadela, Kolya estendeu imediatamente a mão à frente de Katya, impedindo-a de se aproximar mais do homem que, no início, requisitara a comida deles.

– Parece que a sorte te abandonou, Prokyp – disse Kolya. – O Estado já não cuida de ti? Ou será que finalmente te virou as costas, como fez com todos nós?

O rosto de Prokyp contorceu-se numa expressão de escárnio ameaçador.

– Não precisava que tomassem conta de mim quando podia tirar o que quisesse de pobres tolos como tu, Kolya.

– Agora não parece que estejas a conseguir grande coisa de onde quer que seja. – Katya afastou o braço de Kolya e ergueu o queixo.

Prokyp voltou o olhar enlouquecido para ela e, depois, olhou para trás na direção do *Torgsin* de onde tinham saído. O escárnio no seu rosto transformou-se num sorriso doentio.

– Bem, Katya, é bom ver-te viva e de boa saúde. Sempre uma alma tão doce. Sei que uma mulher temente a Deus como tu não negaria a um homem moribundo uma crosta de pão. Por favor, suplico-te, não tenho nada.

– Não temos nada para dar porque a escumalha como tu nos tirou tudo. Agora pedes-me ajuda? Chamas-me mulher temente a Deus e esperas conseguir a minha compaixão? – Algo em Katya se quebrou e a sua voz tornou-se estridente. – Estás a ouvir isto, Kolya? Este homem louco implora-me? Implora-me! Não ouviu ele os apelos da minha mãe para nos deixar com cereais suficientes para alimentar a Alina quando ela estava doente? Não me ouviu a suplicar que deixasse as nossas batatas para fazer puré para que a bebé tivesse de comer? Não, ele levou tudo o que tínhamos e fê-lo com um sorriso!

– Era o meu trabalho – disse Prokyp. – Tinha de o fazer, ou eles matavam-me.

– Desfrutaste de cada segundo do que fizeste à minha família, e a todos os outros também, tenho a certeza. – Katya falou com os dentes cerrados, louca de fúria. A sua mão esquerda palpitou de dor, como se tivesse sido no dia anterior que ele fechara a porta sobre ela. – És um monstro!

Kolya agarrou-lhe o braço.

– Ele não vale a pena. Olha para ele. Provavelmente estará morto antes de o dia acabar.

Kolya tinha razão; Prokyp já parecia meio morto. Os punhos de Katya ansiavam por atingi-lo, mas ela permitiu que Kolya a conduzisse em torno de

Prokyp, que os fulminou com o olhar. Ao passarem por ele, Katya juntou a saliva que pôde na sua boca seca e cuspiu aos seus pés.

Enraivecido, ele soltou um rosnido e virou-se para ir atrás deles, mas movia-se lentamente sobre as pernas fracas. Kolya aproximou-se e deu-lhe um murro certo na cara. Katya não conseguia imaginar quanta força Kolya poderia ter usado, pois também a ele faltava a energia normal, mas o corpo descarnado de Prokyp não tinha como fazer frente ao de um homem com metade da sua idade, ainda que fosse um homem faminto.

Prokyp guinchou enquanto se contorcia no chão, e Kolya ficou a olhar para ele, ofegante, até Katya lhe abanar o ombro.

Ele olhou para ela atordoado, como se estivesse surpreendido com o que tinha acabado de fazer.

– Temos de ir – disse ela.

Finalmente, ele acenou com a cabeça e caminharam o mais rápido que puderam sem chamar a atenção, não falando até a cidade estar muito atrás deles e longe da vista.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

— **A** Birdie já está deitada. — Cassie deixou-se cair no sofá ao lado de Bobby. — O que estás a fazer?

— A olhar para esta *pysanka*. — Bobby rolou o ovo entre os seus dedos artríticos, depois estendeu-o em direção a Cassie. — Foi a tua mãe quem a fez.

Cassie pegou no ovo delicadamente trabalhado, tingido da forma tradicional com cera, para criar desenhos intrincados em camadas de diferentes cores. Os ovos *pysanky* faziam parte das celebrações da Páscoa ucraniana.

— Não fazemos nenhum há anos — disse Cassie. — Eu adorava ajudar quando era pequena.

— Podíamos ensinar a Birdie — disse Bobby. O telefone tocou e ela esticou-se para o atender. — Sim?

A curiosidade de Cassie foi aumentando à medida que os olhos de Bobby se iam arregalando.

— Sim, sim, eu dou dinheiro. Espere, vou buscar a minha carteira. — Tentou levantar-se do sofá, mas Cassie pôs uma mão no seu braço.

— Quem está ao telefone? A quem queres dar dinheiro?

Bobby afastou-a.

— Vai buscar a minha carteira. É a Polícia do Estado. Precisam de dinheiro.

— Dá-me o telefone. — Cassie estendeu a mão. Bobby lançou-lhe um olhar desconfiado, mas acedeu.

– Olá, posso ajudar? – disse Cassie. Ficou a escutar durante alguns momentos. – Não, obrigada. Por favor, tire-nos da sua lista.

Quando pousou o telefone, Bobby agarrou a mão dela.

– Quando eles telefonam, damos-lhes dinheiro! Se não o fizermos, eles vêm buscar-nos durante a noite. Levam-te e ninguém te volta a ver!

A boca de Cassie abriu-se.

– Bobby, estavam a pedir donativos para o fundo de bolsas de estudo das tropas estatais. Não tens de lhes dar dinheiro. Ninguém te virá buscar durante a noite. Isto não é a Ucrânia.

– Isso é o que eles querem que penses! Eles vêm quando menos se espera, mas eu estava sempre pronta. Tinha uma trouxa preparada.

– Preparada para quê? – perguntou Cassie, apesar de já saber a resposta devido ao tempo passado com Nick e o diário. *Sibéria. Sasha. As deportações.* Bobby estava de novo a regressar ao seu tempo na Ucrânia.

Bobby torcia as mãos e ignorou a pergunta enquanto observava a sala como um animal enjaulado.

A mente de Cassie procurou freneticamente uma distração. Num tom ligeiro, disse:

– Diz-me o que embalavas para estares pronta.

Os olhos de Bobby, cheios de terror, fixaram-se nos dela.

– Empacotei roupa quente e cobertores. Põem-te em carroças e mandam-te para os *gulags*. É muito frio. Não te dão cobertores.

– Foi boa ideia embalar cobertores. Olha, porque não te deitas e descansas, e eu vou à procura de um saco. – Cassie falou num tom reconfortante enquanto baixava a intensidade das luzes.

– Também embalava comida – continuou Bobby, mas a sua voz tinha acalmado. – Quando conseguia. Mas nem sempre tínhamos comida para empacotar.

– Deve ter sido muito difícil. – Cassie inclinou-se e afagou o cabelo de Bobby. – E se eu tomasse conta de tudo isso? Porque é que não fechas os olhos e descansas?

– Só um bocadinho – concordou Bobby. – Estou cansada. Mas não te esqueças de arrumar as nossas coisas.

– Vou sentar-me aqui contigo até adormeceres, e depois faço as malas.

– Obrigada, Alina – murmurou Bobby.

Cassie sobressaltou-se. Alina. A irmã dela. O que tinha acontecido a Alina e porque é que ela ainda assombrava Bobby?

Após alguns minutos, Cassie percorreu o corredor para espreitar Birdie. Dormia tranquilamente, com um braço sobre a cabeça, as pernas caídas para fora da cama. Cassie deu-lhe um beijo suave na testa, depois endireitou-se ao ouvir Bobby.

Em bicos de pés, para não assustar a avó, regressou ao corredor e parou quando viu Bobby sentada no sofá.

– Alina? – disse Bobby, calmamente. – Estás aqui?

O silêncio ecoou à sua volta.

– Aconteceu tanta coisa desde que te perdi. – Fez uma pausa, esperando por uma resposta. – Agora, tenho uma bisneta. Acreditas que vivi o tempo suficiente para ver tal coisa? Tenho estado a contar-lhe histórias sobre quando éramos meninas. – Bobby deixou escapar um soluço baixo, depois continuou, o desgosto na sua voz tão tangível que metia dó. – Sinto muito, Alina. Sinto

muito por tudo o que aconteceu. Nunca tive intenção de te magoar. Espero que saibas isso. Acendo a vela para que possas voltar para mim, mas acho que te desiludi demasiado.

O relógio soou, anunciando a hora. Bobby fechou os olhos e Cassie pôde sentir a avó a desejar que algo acontecesse, que alguém falasse. A sua pulsação acelerou enquanto observava a cena trágica. Por mais disparatada que fosse a ideia, ela quase esperava que Alina se manifestasse à sua frente.

Mas houve apenas silêncio.

Cautelosamente, Bobby deitou-se ao lado do local para onde Birdie falava e estendeu a mão em direção ao vazio. As lágrimas corriam-lhe, desgovernadas, pelas faces enrugadas.

– Vou continuar à espera, Alina.

Fechou os olhos e a sua respiração acalmou.

Cassie aproximou-se e viu os seus ombros a subir e a descer num ritmo constante. Quando se convenceu de que Bobby estava a dormir, correu para a cozinha. Se não conseguia ler o diário sozinha, talvez pesquisar como era a vida na Ucrânia na altura lhe desse uma perspetiva.

Ligou o cabo da *internet* ao portátil e – por uma vez, agradecida pela insistência da sua mãe – inseriu os dados de *login* afixados no frigorífico; depois, abriu o motor de busca e escreveu «Ucrânia, 1930».

As primeiras entradas chocaram-na.

Holodomor, morte por fome, terror pela fome, Estaline, estimativas de mortalidade de 4-10 milhões. As palavras horríveis pareciam berrar-lhe do ecrã. Imagens de barrigas inchadas e corpos emaciados atraíam-na e repeliam-na

ao mesmo tempo. Crianças com grandes cabeças empoleiradas em corpos raquíticos fitavam-na com olhos assombrados.

Cassie empalideceu ao clicar numa imagem após outra.

– Oh, meu Deus – sussurrou. – Como é que eu não sabia disto? Se ela viveu uma fome forçada, não é de admirar que açambarque comida.

– O que é uma fome? – ouviu-se a pequena voz de Birdie.

– Pensei que estavas na cama! – Cassie baixou o ecrã do computador para que a filha não visse as fotografias. – Uma fome é quando as pessoas não têm comida suficiente. Ficam com muita fome.

– Oh, sim. – Birdie acenou com a cabeça de uma forma compreensiva que contrariava a sua tenra idade. – A Alina e a Katya tinham sempre muita fome. Ouvi tudo sobre isso.

De quem?, perguntou-se Cassie. Mas antes que ela a pudesse pressionar para obter mais respostas, a sua mãe entrou pela porta das traseiras.

– Olá! – Anna baixou-se e beijou Birdie na face. – Porque não vais escolher alguns livros para eu te ler? Espera no teu quarto e eu vou já lá.

Incapaz de recusar uma história, Birdie correu de volta para o seu quarto. Assim que ela não podia ouvir, Cassie abriu de novo o computador e rodou-o na direção da mãe.

– Olha para isto. Já ouviste falar do *Holodomor*?

– Não, porquê? – Anna percorreu a página durante alguns minutos e ficou pálida. – Isto é terrível!

– Eu sei – disse Cassie. – Tenho quase a certeza que a Bobby viveu isto.

Anna abanou a cabeça.

– Nem pensar. Eu teria sabido. Os meus pais teriam falado nisso.

– Talvez fosse demasiado difícil.

– Tive uma boa infância – prosseguiu Anna, ignorando Cassie. – Uma casa confortável, refeições caseiras todos os dias, pais que me amavam. Éramos felizes.

– Mas, e antes de eles virem para a América? Nunca ouvimos nada sobre isso.

– Não sei. Eles não falavam sobre isso. Mas a vida aqui era normal. A minha mãe e o meu pai estavam tão apaixonados. Ele trazia-lhe flores todas as sextas-feiras à noite, depois do trabalho, e ela alegrava-se quando as via. – Anna riu-se. – Todas as vezes, como se fosse uma grande surpresa, ainda que ele nunca falhasse uma semana. Sentavam-se juntos no jardim enquanto eu apanhava pirilampos, no verão, e davam as mãos quando íamos patinar no gelo no inverno. Éramos os três felizes, e o seu amor constituía a base de tudo isso. – O seu sorriso desvaneceu-se. – Sofremos muito depois de o termos perdido, mas ajudou-me saber que ele viveu uns bons setenta e nove anos nesta terra. Ou pelo menos eu pensava que tinham sido bons.

Cassie tocou no ombro da mãe.

– Parece que ele teve uma vida maravilhosa, mas isso não significa que não tenha havido partes mais difíceis.

Anna massajou distraidamente a nuca.

– Acho que havia pequenos sinais. A *Mama* nunca me deixava desperdiçar comida, fosse o que fosse. Costumava dizer: «O pão é vida. Come-o sempre.» E houve aquelas poucas vezes em que o meu pai ficava triste, como na-

aquele dia, no jardim. Mas isso é normal. Isto... – Anna acenou com a cabeça para o computador. – Isto é tudo menos normal.

– Passar por uma fome forçada explicaria tanto essas coisas, como o facto de ela açambarcar alimentos – disse Cassie, suavemente.

– Mas é difícil de acreditar. Como poderia ela suportar tanta dor e ainda ser uma mãe tão maravilhosa para mim? – Anna levantou-se. – Talvez devêssemos falar com ela.

– Não. – Cassie cruzou os braços. – Ela fecha-se em copas. Essa é a razão pela qual ela quer que o Nick leia para mim. Precisamos de terminar o diário primeiro para ver o que diz, depois podemos decidir como abordá-la.

– Avó, vens? – Birdie voltou para a cozinha, uma pilha de livros nas suas mãos.

– Desculpa, querida. Vou já. – Anna fez menção de seguir Birdie, mas virou-se para Cassie. – Muito bem, podemos esperar, mas, por favor, vão avançando. Se foi isto que realmente lhe aconteceu, não suporto imaginá-la a rever tudo.

* * *

Na manhã seguinte, Cassie espreitou pela janela da frente, vendo Nick a remexer entre os arbustos em busca do jornal. Tinha mantido o hábito depois de ela se ter mudado, embora ela fosse perfeitamente capaz de tirar o jornal dos arbustos, mas Cassie não se queixava.

Abriu a porta assim que ele chegou ao alpendre da frente.

– Sabes que eu posso fazer isso.

Nick sobressaltou-se e sorriu timidamente.

– Assustaste-me! Eu sei que sim. Só que já se tornou parte da minha rotina passar por aqui e trazê-lo à porta. O rapaz dos jornais atira-o sempre para os arbustos, e a tua avó tinha dificuldade em ir buscá-lo.

Cassie agarrou nas chávenas de café que tinha posto na mesa da frente e estendeu-lhe uma.

– Café?

– Claro. Obrigado. – Nick pegou na chávena e seguiu-a enquanto ela se sentava no banco baixo junto à parte da frente da casa. Olhou para a chávena e os seus lábios abriram-se num sorriso.

– Estavas à minha espera?

Cassie disfarçou o seu próprio sorriso e fingiu timidez. Encolheu os ombros.

– Talvez. Tenho algumas perguntas para te fazer.

Nick levou a caneca à boca e bebericou.

– Bom café. Muito bem. Aceito o suborno.

– Que idade tinha a tua avó quando veio para a América?

Nick franziu os lábios.

– Não é a direção que eu pensava que isto ia tomar, mas vou alinhar. Penso que por volta dos vinte e cinco anos. Depois da Segunda Guerra Mundial.

Cassie inclinou-se para a frente.

– Ela alguma vez mencionou uma fome?

– Referes-te ao *Holodomor*? Claro que sim. Pensei que tinhas percebido que era disso que se falava no diário da Bobby.

– Não. Falas em *Holodomor* como se fosse do conhecimento geral. – Cassie desfiava a bainha dos seus calções, as faces a arder. – Mas tenho vergonha de admitir que, até ontem, não fazia ideia do que era.

– É do conhecimento geral dos ucranianos. Aprendemos sobre isso na escola ucraniana, mas a minha avó não o viveu. A sua família estava na Ucrânia ocidental, que, durante o período entre as Guerras Mundiais, foi ocupada pela Polónia. Não tiveram de lidar com Estaline até à Segunda Guerra Mundial.

– O que é que ela disse sobre isso?

– Disse que foi horrível. Algumas pessoas conseguiram fugir para a sua aldeia e contaram histórias sobre aldeias inteiras na Ucrânia oriental e central a serem dizimadas. As pessoas eram deportadas em carroças para a Sibéria, como lemos no diário da Bobby, ou forçadas a morrer à fome nas suas próprias casas, depois de Estaline ter exportado toda a comida. As crianças eram deixadas nas estações de comboio pelos pais, na esperança de que alguém tivesse pena delas, as levasse para casa e as alimentasse, mas raramente o faziam. As pessoas morriam nas ruas, à espera de uma còdea de pão. – Nick baixou a voz. – As piores eram as histórias de canibalismo. As pessoas falavam de estarem tão desesperadas que comiam cadáveres e, em casos extremos, matavam outras pessoas para as comerem.

O maxilar de Cassie descaiu.

– Isso é inacreditável. Sinto-me tão idiota. Sou de ascendência ucraniana. Devia estar a par daquilo que a minha família passou. Como é que nunca ouvi falar de nada disto?

– Bem, a fome foi praticamente encoberta até à queda da União Soviética, e ainda há pessoas que insistem que nunca aconteceu – disse Nick. – Estaline montou um bom espetáculo, fez a coletivização parecer uma coisa boa, e a

imprensa e os seus aliados ou acreditaram ou ignoraram. Alguns até mentiram. Walter Duranty, do *New York Times*, refutou completamente que estava a acontecer uma fome. Raios, ganhou um Pulitzer pelos seus artigos sobre o assunto. Ninguém queria acreditar que o «celeiro da Europa» estava a morrer à fome.

Formou-se um nó na garganta de Cassie à medida que as peças se iam encaixando no lugar. Bobby a esconder comida. O terror. A dor.

– Isso explica tanto sobre a Bobby.

– Ela pode sentir uma grande culpa por ter sobrevivido. Nem sempre é fácil falar de acontecimentos traumáticos. Foi provavelmente por isso que ela te deu o diário em vez de te contar ela própria. Por falar nisso, quando é que lemos mais? Talvez nos explique ao certo o que ela passou.

– E que tal agora? – Cassie virou-se para ele. – Por favor. A minha mãe ia connosco ao parque esta manhã. Provavelmente posso escapar-me e ficar aqui contigo.

– Combinado. Deixa-me ir num instante a casa arranjar-me, vim do trabalho. – Nick sorriu-lhe. – Dois encontros no mesmo dia. Cuidado. Podes faltar-te de mim.

– Meu Deus, esqueci-me desta noite. Peço desculpa. Estou a monopolizar o teu tempo todo. – Cassie acenou-lhe. – Vai lá, continua com o teu dia e esquece o que te pedi.

Nick riu-se.

– Não há nada que eu gostasse mais de fazer, embora esteja um pouco dececionado por te teres esquecido desta noite.

Cassie corou e olhou fixamente para o seu café.

– Não foi bem esquecer-me. Distraí-me, e quero tanto ler mais do diário.

– Não te preocupes com isso. Estou só a brincar. – Nick levantou-se e entregou-lhe a chávena de café vazia. – Volto dentro de meia hora.

* * *

Enquanto Bobby, Birdie e Anna foram ao parque, Cassie e Nick trabalhavam. Tinham encontrado o seu ritmo, e Cassie teclava tão depressa quanto Nick traduzia, não parando até chegar à parte da morte de Alina. Cassie sentia-o a observá-la, mas manteve os olhos no ecrã, lendo as últimas palavras vezes sem conta.

A minha irmã estava morta.

– Ela culpa-se pela morte da Alina – disse finalmente Cassie.

Nick fez uma careta.

– E essa culpa acumula-se à dor de perder tantas outras pessoas. Realmente, estou surpreendido por ela ser tão estável.

Cassie abanou a cabeça.

– Não sei o que lhe dizer.

– Eu não lhe diria nada, para já. Ainda temos muito que ler.

– Estamos de volta! – chamou Anna enquanto conduzia Birdie pela porta das traseiras. – A Birdie vai terminar o seu gelado aí fora, convosco.

– A avó comprou-me uma guloseima! – Birdie exibiu um gelado de iogurte cor-de-rosa já meio derretido e quase a cair do cone, e engoliu um grande bocado da parte de cima.

Nick tentou conter as gargalhadas quando Birdie se aproximou, o cone deixando um rasto de pingas atrás dela. Ela olhou por cima do ombro dele, para

as fotografias sobre a mesa, e apontou com um dedo pegajoso.

– Ei, são a Katya e a Alina! – Birdie lambeu mais um pedaço pegajoso. – Posso ver?

– O Nick segura-a para veres – disse Cassie. – Não toques em nada com essas mãos. É tudo muito antigo e delicado.

Birdie assentiu com a cabeça enquanto Nick segurava a fotografia das duas raparigas que Bobby deixara cair há algumas semanas.

– Sim, são elas – disse Birdie. – Quem me dera ter uma irmã assim.

Os braços de Cassie arrepiaram-se enquanto as sobrancelhas de Nick se arqueavam.

– Birdie, como sabes que são a Katya e a Alina? – perguntou Nick.

Birdie encolheu os ombros.

– Porque sei.

* * *

– Que a Bobby lhe tenha contado histórias sobre a Katya e a Alina é uma coisa, mas como é que ela sabe como elas eram? – Cassie perguntou a Anna enquanto levantavam a mesa do almoço.

– Tenho a certeza de que a Bobby lhe mostrou a fotografia – disse Anna. – Disseste ter visto a Bobby andar com ela por aí.

– Sim, acho que sim. – Cassie juntou os ingredientes das sanduíches espalhados sobre a mesa e começou a guardá-los.

– O que disse o Nick? – perguntou Anna.

– Contou-me algumas crenças bastante interessantes que a sua avó tinha sobre a morte e a vida depois da morte, mas não me deu a sua opinião sobre

isso.

– A Bobby também tem algumas ideias estranhas – disse Anna, limpando a mesa enquanto falava. – E se tem falado delas à Birdie, então não é assim tão rebuscado que a Birdie pense que fala com a Alina.

– Faz sentido quando pões as coisas dessa forma – disse Cassie. Mas lá no fundo, não tinha tanta certeza.

– Agora quero ouvir as últimas notícias sobre o diário. – Anna pôs o pano no lava-loiça e virou-se, expectante, para Cassie. – Até onde chegaram?

Cassie fez uma careta.

– Acho que te devias sentar para ouvir isto, mãe.

Quando Cassie terminou de contar tudo à mãe, as lágrimas já corriam pelas faces de Anna.

– A minha pobre mãe. Como é que ela aguentou? Primeiro, o marido, depois o filho e a irmã? Estou tão contente por me teres impedido de lhe perguntar sobre a Alina quando descobrimos que ela tinha uma irmã.

– Não é de admirar que ela não queira falar sobre isso – disse Cassie. – Mal sobrevivi à perda do Henry. Se não fosse a Birdie, não sei se teria conseguido. E a Bobby perdeu muito mais.

– Ela tinha a Halya por quem continuar a lutar – disse Anna.

– Mas o que lhe aconteceu? Seria tua prima direita. Seria de esperar que soubesses dela, pelo menos. – Cassie massajou as têmporas doridas, na esperança de afastar a dor de cabeça que sentia desde que soubera da morte de Alina.

– Talvez também tenha morrido – disse Anna. – Mesmo que isso não tenha acontecido, seria quase vinte anos mais velha do que eu. Era uma adulta

quando os meus pais finalmente emigraram, em 1950. Pode ter ficado na Europa ou ter-se casado e mudado para o país de origem do marido. Alguma das cartas da caixa são dela?

– Penso que não, mas isso não significa que não haja mais cartas algures no armário da Bobby. Ela guarda tudo. Mas mesmo assim, porque é que a Bobby não te teria falado dela?

– Não sei, Cass, e, neste momento, não sei se quero saber mais. – Anna levantou-se e agarrou na mala. – Tenho de ir ao banco.

– Como não queres saber? Já não queres que te vá contando o que leio no diário? – Cassie não podia acreditar nos seus ouvidos.

Anna agarrou na alça da mala enquanto se dirigia para a porta.

– Quero. A seu tempo. Mas também quero ouvir falar do seu final feliz: como se apaixonou pelo meu pai e reconstruiu a sua vida depois de tudo isto. Preciso desse equilíbrio de alegria se vou ouvir toda esta tristeza, por isso acho que quero esperar para ouvir toda a história quando terminarem.

– Mas pode não ser o final feliz de que estás à espera, mãe.

Anna fez uma pausa, a sua mão já na maçaneta da porta.

– Eu sei, Cass.

KATYA

Ucrânia, dezembro de 1932

— **K**atya – A voz de *Mama* soou áspera da sua cama.

– Estou aqui – disse Katya do seu lugar na beira da cama, de onde *Mama* não saía há dias. *Mama* definhava, lenta e decisivamente. Ao longo de semanas, tinha dado toda a sua comida a Halya sem que ninguém reparasse, tendo decidido que a vida da menina era mais importante do que a sua.

Os seus pés inchados, demasiado doridos para andar, gretavam e escorriam como os da mulher que Katya tinha conhecido no *Torgsin*. O grande inchaço da sua barriga elevava-se debaixo das camadas de cobertores empilhados em cima dela. Katya imaginava que se devesse à grande quantidade de água que *Mama* bebera para tentar encher o estômago, mas não compreendia porque é que as suas pernas e pés inchavam.

– Há algumas coisas que tenho de te pedir, filha – disse *Mama*.

– Qualquer coisa, *Mama* – respondeu Katya. A sua voz vacilou enquanto ela afastava os seus receios acerca da morte iminente da mãe. Halya chorou nos seus braços e ela balançou o tronco para acalmar a criança.

– Peço isto por ela. – A mãe estendeu a mão e passou-a ao longo da face encovada de Halya.

Katya acenou com a cabeça, a sua mente já a tentar descobrir o que a mãe poderia querer que Katya ainda não tivesse dado.

– Tu sabes que eu faria tudo por ela, *Mama*.

– Eu sei, e é por isso que posso deixar este mundo com a certeza de que farás a coisa certa ao casares-te com o Kolya.

– Casar com o Kolya? – Katya engasgou-se enquanto saltava da cama. – Porque faria eu isso? Ele é o marido da Alina. É como um irmão! – O seu gesto repentino fez com que Halya chorasse de novo. Com um movimento suave, Katya caminhou pela divisão. – Sinto muito, *Mama*. Não consigo fazer isso. – Katya corou perante os sentimentos contraditórios que lhe afloraram à mente. – Faço qualquer outra coisa por ti, mas isso não.

Mama fechou os olhos e comprimiu os lábios.

– Katya, tens de o fazer! Tens de casar com ele! Em breve, viverás aqui sozinha com ele. Não está certo.

– Estás preocupada com os mexericos da aldeia? É que já ninguém se preocupa. Foram todos mortos, deportados, ou estão demasiado ocupados a tentar manter-se vivos para se preocuparem se vivo ou não com um homem com quem não sou casada.

– E a Halya? És a única mãe que ela tem agora. É correto que estejas com o pai dela. Tens de o fazer por ela! É o que a família faz! – *Mama* deu um murro na cama para dar ênfase, gastando energias que não tinha.

Katya sentou-se de novo ao lado da mãe e inclinou-se para perto dela.

– Não te preocupes, *Mama*. Vamos ficar bem.

Mama olhou fixamente para ela. Os olhos azuis, em tempos cheios de energia e brilhando de vida estavam agora ensombrados, tão encovados que Katya mal conseguia discernir a sua cor.

O seu coração angustiava-se ao ver esta mulher outrora vibrante reduzida a um estado tão triste. A respiração da mãe acelerou, e ela massajava o tórax enquanto sibilava.

– Por favor, Katya, jura-me que o vais fazer. Não posso descansar até saber que isto está resolvido.

– Está bem, *Mama*, eu faço-o, mas por favor acalma-te antes que te sintas pior. – Katya tentou controlar o pânico na sua voz. – Tens de te acalmar.

O sabor azedo das palavras permaneceu na boca de Katya muito depois de terem deixado os seus lábios, mas ela não podia recusar o desejo da sua mãe moribunda, tal como não podia virar as costas a Halya.

Com a promessa de Katya assegurada, *Mama* acalmou.

– Ela vem ter comigo, sabes?

– Quem? – perguntou Katya, aliviada com a mudança de tema.

– A Alina. Eu vejo-a. – *Mama* sorriu pacificamente e fechou os olhos.

Katya tremeu ao colocar um pano frio na testa quente da mãe. Não queria pensar no que Alina teria para lhe dizer neste momento.

Após alguns minutos, a mãe adormeceu, e o ritmo constante da sua respiração sinalizou um breve indulto.

Katya suspirou de alívio, depois abriu a camisa e ofereceu o seu peito a Halya. Agora, mal produzia leite, mas a bebé tomou-o, ansiosa por qualquer alimento. Tinha quase um ano de idade, e não pesava praticamente nada, leve como uma pena nos braços de Katya. A sua face, enrugada e mirrada, parecia a de uma mulher idosa, e a sua barriga distendida parecia contrastar grosseiramente com os membros finos.

As lágrimas brotaram dos olhos de Katya. Viu o seu fracasso no semblante fechado de Halya, tal como o via no doloroso definhar da mãe.

A porta abriu-se e Kolya entrou, batendo com as botas e sacudindo a neve do casaco. O seu rosto estava mais magro, mas ainda conseguia fazer virar

cabeças. Tinha o mesmo cabelo louro dourado e indisciplinado que Pavlo tivera em tempos, as mesmas maçãs do rosto altas, e a mesma estrutura grande e robusta, mas os seus olhos eram diferentes. Os olhos de Pavlo resultavam da combinação de várias cores num tom de avelã único, e franziam-se frequentemente quando ele se ria. Os olhos de cor sólida de Kolya espelhavam o céu azul profundo. No passado, talvez se tivessem franzido ao rir, mas Katya já não se conseguia lembrar. Agora mortiços e vazios, refletiam a dor assombrada das perdas que tinha sofrido.

Poderia ela amar este homem como um marido? Talvez pudesse amar as partes dele que lhe faziam lembrar Pavlo. Havia tantas semelhanças entre os irmãos. Se ela se concentrasse apenas nelas, talvez pudesse amá-lo.

Mas a traição que seria para Alina e Pavlo agoniava-a. Como poderia ser correto que as suas mortes a tivessem levado a casar-se com Kolya? A confusão martelava-lhe na cabeça, de tal modo que ela não conseguia pensar direito.

– Preciso de ir verificar a cabra – anunciou Katya. Não suportava estar em casa nem mais um minuto. Kolya tinha conseguido escapar, trabalhando dentro e fora do estábulo coletivo de cavalos durante todo o inverno, mas Katya não saía de casa para trabalhar para o coletivo desde que a mãe adoecera. Agora, no fim do inverno, não havia comida nem trabalho para ela, por isso por que o faria?

– Muito bem – disse Kolya. Tirou o casaco e pendurou-o perto do *pich* para secar. Hesitou, a sua expressão impenetrável, quando os seus olhos pousaram sobre a sua filha no peito dela.

Nervosa, Katia fechou a blusa e pôs a criança a dormir na cama.

– Vou trazer leite de cabra para o jantar.

Kolya indicou com a cabeça a mãe dela.

– Como está ela?

– Não está bem – respondeu Katya, a sua mente agitada ao regressar ao problema em mãos e à sua dificuldade em encontrar uma maneira de lhe dizer o que a mãe lhe tinha pedido.

– Gostava que pudéssemos fazer algo que lhe facilitasse a vida. É difícil para ela saber que já não pode tomar conta de nós – disse Kolya.

Katya esfregou as mãos e esticou os ombros. Talvez fosse melhor dizê-lo logo e ir embora. Assim, ele poderia pensar nisso sozinho.

– Na verdade, ela pediu-nos algo.

Ele levantou os olhos da cadeira perto do fogão onde se sentara a aquecer as mãos.

– Ela quer que nos casemos. Por causa da Halya. – As palavras saíram-lhe numa torrente, o seu rosto a arder de vergonha. – Não me sinto bem com isso, mas ela fez-me prometer. Não pude dizer-lhe que não.

Katya baixou a cabeça, envergonhada, à espera da sua condenação. Esperava apenas que ele compreendesse que era algo que havia prometido à sua mãe moribunda por obrigação, e não algo que queria para si.

Kolya permaneceu em silêncio durante tanto tempo que ela finalmente o olhou de relance.

– Porque não? – Ele encolheu os ombros quando os olhos dela encontraram os seus. – Que mal pode haver em dizer-lhe que o faremos? Já não há padres para nos casar, de qualquer maneira. Quando alguém vier, ou estaremos todos mortos, ou esta será uma memória distante e ela compreenderá que já não era necessário.

A sua avaliação fria da situação feriu-a. Katya não desejava que ele se encantasse com a ideia, mas a total ambivalência da sua atitude tornou a situação ainda mais difícil de aceitar do que a rejeição que ela esperara.

– Muito bem, então está resolvido. – Katya vestiu o casaco e saiu de casa sem encontrar de novo o olhar duro e assombrado dele.

Lá fora, o ar frio fez arder o seu rosto já quente. Então, eles diriam à mãe dela que se casariam. Não era assim tão mau, na verdade. Faria *Mama* feliz. E, como Kolya disse, não tinham de ir em frente com isso. Já não havia padres para realizar a cerimónia.

Katya chegou à quinta abandonada dos tios sem qualquer recordação do caminho até lá, e, assim que entrou no pátio, sentiu uma diferença no ar. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa estava em falta. O medo apoderou-se dos seus instintos, e ela correu para o celeiro. Nenhum balido de excitação a saudou. O celeiro, onde normalmente se sentia o cheiro quente e almiscarado da cabra, estava agora frio e com cheiro a bafio. *Honey* tinha desaparecido.

Katya tentou controlar o pânico, mas este percorreu-a como um rio que transbordava, e um soluço desanimado sufocou-a. Acabara-se o leite. Sem *Honey* grávida novamente para terem outro cabrito e leite no outono seguinte. Sem a promessa de carne fresca de cabra, caso ficassem desesperados. Tudo isto fora em vão. Alguém a tinha roubado.

* * *

O Natal passou sem festas – nem sequer o típico prato posto à mesa para os membros da família falecidos. A mãe tê-lo-ia feito se estivesse suficientemente bem para sair da cama, mas Katya não tinha esperança de que Alina ou Pavlo ou qualquer outra pessoa a visitasse. Já não tinha a certeza no que acre-

ditava, mas se alguém tivera a oportunidade de escapar deste inferno, morto ou vivo, ela certamente não os queria convidar a voltar.

De qualquer modo, não tinham uma refeição de Natal sequer. Em vez dos tradicionais doze pratos de comida, Kolya encheu tocas de ratos do campo com água para lhes roubar as suas minúsculas provisões de cereais. Katya moeu os grãos com casca de carvalho, juntou água e fez panquecas.

Os dias frios passaram lentamente e, algumas semanas após a promessa de Katya à sua mãe de casar com Kolya, soou uma suave pancada na porta. A mãe mal se mexeu com o barulho, a sua vida ligada a este mundo apenas por um fio.

Katya olhou de relance, surpreendida. Não recebiam muitas visitas hoje em dia, e os visitantes que tinham batiam com força antes de entrarem e gritavam para lhes entregarem a sua comida pelas quotas.

Kolya abriu a porta e perguntou no escuro:

– Quem está aí?

– Vasyl Petrovich Fediy – respondeu uma voz calma.

Kolya abriu a porta de par em par.

– Entra – ordenou, perscrutando a noite antes de puxar o hóspede para dentro.

– Vasyl! – Katya lançou os braços à volta do seu primo em segundo grau. Os ossos dele destacavam-se nas roupas esfarrapadas e ela sentiu-os ao abraçá-lo. Recuou perante a fragilidade do seu corpo. – O que estás aqui a fazer? Ouvi dizer que foste deportado há algum tempo.

– Sim, suponho que fui um dos sortudos. – Ele tentou rir, mas, em vez disso, teve um ataque de tosse. Depois de recuperar, continuou. – Eles só me de-

portaram a mim. Muitos membros do clero foram abatidos no local.

Ordenado como padre mesmo antes de os problemas começarem, Vasyl tinha planeado mudar-se para uma igreja da aldeia vizinha, mas foi deportado antes de poder partir. O casamento conjunto de Katya e Alina fora um dos últimos atos que realizara como padre deles. Não o tinham visto desde então.

– Sim, como poderíamos esquecer? – respondeu Katya. – Mas tu não! E aqui estás, vivo! Diz-nos, como chegaste aqui? Para onde te enviaram depois de teres deixado a aldeia? Viste o meu pai? Tenho tantas perguntas para te fazer!

Ele fechou os olhos, fatigado.

– Por favor, prima. Sei que não tens comida de sobra, mas anseio por uma boa noite de sono ao lado de um *pich* quente. Pode a minha história esperar até amanhã? Talvez a minha querida prima esteja acordada para ouvir. – Ele lançou um olhar interrogador em direção a *Mama*, adormecida na cama. – Não tenho energia para sequer pensar nas minhas provas esta noite.

– Claro que sim. – O rosto de Katya corou de vergonha. – Onde estão as minhas maneiras? Dorme agora, e falaremos amanhã.

Nessa noite, enquanto Katya estava deitada na cama, a apreensão manteve-a acordada. Um padre à porta deles tão pouco tempo depois da sua discussão sobre o casamento com *Mama*? Aquilo que parecera uma promessa vazia para apaziguar a mãe de repente parecia bastante real, e deixou Katya agoniada.

Mama não tinha despertado com a chegada de Vasyl. Tinha-se deteriorado tanto nos últimos dias que era possível que não se mostrasse de todo consciente enquanto ele estivesse com eles. E se *Mama* não mencionasse o casamento a Vasyl, Katya poderia ignorá-lo.

Esse pensamento trouxe também um sentimento de culpa asfixiante. Como poderia ela desejar ver a mãe doente, fosse qual fosse o motivo? Ao mesmo tempo, como poderia ela casar com Kolya? A impossibilidade da situação dominou-a até que ela finalmente caiu num sono pesado.

Na manhã seguinte, Kolya acordou antes do amanhecer para ir verificar uma armadilha e regressou com uma pequena lebre. Katya cozinhou-a num guisado com algumas raízes de taboa que tinha recolhido do riacho. Quase a apodrecer, sabiam um pouco a ranço, mas serviram para lhes encher o estômago. Comeram em silêncio, como sempre faziam agora, enfiando os pequenos pedaços de comida na boca o mais rápido que podiam.

No fim da refeição, o primo Vasyl fez uma pausa, a perna de lebre limpa ainda na mão, e olhou para o osso com admiração.

– Esta é a primeira refeição verdadeira que como desde... bem, não consigo lembrar-me. Obrigado. – A sua voz quebrou-se de emoção.

– É com prazer que a partilhamos contigo – disse Katya. – Só gostava que tivéssemos mais.

Quando ele acabou de comer, começou a falar.

– Eles vieram a meio da noite. Foi apenas cerca de uma semana depois de ter oficializado os vossos casamentos e os funerais dos vossos pais. – Deu uma palmadinha no braço de Kolya. – Depois da caminhada até à estação ferroviária, fomos carregados em vagões de gado.

– E tenho a certeza de que ninguém tinha casacos ou cobertores. – Katya puxou um xaile grosso à sua volta, bem como de Halya, e tremeu.

Vasyl fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

– Isso foi apenas o início das nossas provações, cara prima. Passámos dias naqueles vagões, esmagados uns contra os outros, o que proporcionava algum calor, mas não o suficiente para todos. De imediato, começámos a perder os muito jovens e os muito velhos para o frio gelado.

– Alimentaram-te? – Kolya inclinou-se para a frente no assento, com os braços assentes nas pernas.

– Deram a cada vagão um pão para cada dez pessoas lá dentro, e um balde de uma sopa fina e aguada. E foi tudo. Como se pode imaginar, era difícil dividir a comida em partes iguais. As pessoas ficaram loucas de fome. Alguns avançaram e assumiram o comando, tentando garantir que cada pessoa tivesse a quantidade devida.

– Para onde é que eles vos levaram? – perguntou Katya.

– Para a Sibéria. – Os seus ombros descaíram, como se até o facto de dizer o nome do lugar trouxesse de volta toda a miséria.

O rosto de *Tato* surgiu na mente de Katya. E o de Sasha. Então, a Sibéria fora provavelmente o seu destino. Teriam eles sobrevivido, como Vasyl? As suas memórias não a feriram, como outrora. Apesar de cada relato de uma morte ou uma perda ser na mesma um choque, tinha acontecido tanta coisa nos dois anos desde que o Estado os levara que a dor dessas primeiras perdas parecia já muito distante.

– Saímos do comboio no meio de um terreno coberto de neve. Sem abrigo. Tiraram os cadáveres dos vagões e atiraram-nos para a beira dos carris. Não nos deixaram enterrá-los, nem sequer dizer uma oração por eles. – Vasyl falou tão baixo que Katya teve de se esforçar para o ouvir. Inclinou-se na sua cadeira, como Kolya.

– Aqueles que ainda estavam vivos foram forçados a caminhar durante horas através do vento e da neve. Os mais fracos caíram e morreram onde se deitaram. As crianças pequenas que tinham sobrevivido até ali tombaram também. Algumas mães tentaram levá-las consigo para que os seus pequenos corpos não fossem abandonados, mas também elas caíram com o peso adicional, debatendo-se na neve profunda. Por isso, tiveram de escolher. Deixar os seus filhos morrer sozinhos na neve ou ficar com eles. – Fez uma pausa e torceu as mãos. – Os guardas dispararam sobre aquelas que se recusaram a desistir dos seus filhos e continuar sem eles.

Vasyl passou a mão pela face, e sentaram-se em silêncio enquanto ele balançava com a emoção da recordação.

– Nunca vi tanta falta de humanidade na minha vida.

Katya ouviu as suas palavras, entorpecida. Queria chorar com ele, saber que ainda podia sentir compaixão e empatia, qualquer coisa para além de desespero, mas não conseguia. A dor tinha-a puxado tão para baixo que ela nunca mais conseguira subir totalmente das suas profundezas. Agora, a melancolia era a sua companheira constante, e deixava pouco espaço para outras emoções. Envolvia-a, por dentro e por fora, e sentava-se, amarga, na sua língua, como o sabor do dente-de-leão verde com que se havia tornado tão familiarizada.

Vasyl continuou:

– Parámos junto a uma floresta, sem edifícios à vista, e disseram-nos que tínhamos de construir as nossas habitações. Embora estivéssemos exaustos, os homens e mulheres começaram a reunir ramos para construir algum tipo de abrigo rudimentar até que pudéssemos fazer algo melhor. Trabalhámos du-

rante a noite, tentando garantir que todos tinham algum tipo de proteção, mas não era grande coisa.

– No dia seguinte, disseram-nos que os homens iam carregar a madeira que o Estado estava a cortar e a enviar, e que as mulheres e crianças seriam agora responsáveis pela construção dos abrigos permanentes. E assim os dias passavam, fundindo-se uns nos outros. As únicas constantes eram o frio e a fome. As pessoas continuavam a morrer todos os dias, mas isso não mudou nada.

– Como é que escapaste? – perguntou Katya.

– Um dia, estava longe, com mais dois homens, a derrubar uma árvore. Um guarda estacionado perto de nós aproximou-se para nos vigiar e ver porque demorávamos tanto tempo. Gritou que éramos preguiçosos e inúteis. Um dos homens com quem eu estava a trabalhar enlouqueceu. Tinha perdido a mulher no dia anterior e os seus cinco filhos em vários pontos ao longo da viagem de comboio e da marcha. Acho que pensou que não tinha mais nada a perder, por isso lançou-se sobre o guarda e conseguiu matá-lo com o seu machado antes que fosse disparado um só tiro. Ninguém viu a escaramuça, mas acabariam por vir à procura do guarda. Levámos a sua arma, a roupa e a faca, e partimos os três a pé. Não sabíamos para onde íamos, mas qualquer lugar era melhor do que ali.

Ficaram sentados em silêncio, as palavras de Vasyl ainda a pairar à sua volta. O facto de Vasyl ter sobrevivido e ter feito todo o caminho de volta fora um milagre.

Kolya passou uma mão pelo rosto.

– Os dois homens com quem fugiste também sobreviveram?

Vasyl encolheu os ombros.

– O homem que atacou primeiro o guarda caminhou connosco durante algum tempo, mas acordámos uma manhã e ele tinha desaparecido. Fugiu durante a noite, suponho. O outro homem chegou comigo a Moscovo. Trabalhámos lá juntos durante algum tempo, e depois separámo-nos.

Katya pegou na mão esquelética de Vasyl.

– Sofreste tanto! Porquê voltar aqui agora? Eles podem fazer-te novamente a mesma coisa.

– Eu vim porque vocês são o meu povo. Vim avisar-vos de que não desistirei até estarmos todos mortos. *Kulaks*, camponeses, todos.

– E depois de nos avisares, o que vais fazer? – perguntou Kolya.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios de Vasyl.

– Depois de ter feito tudo o que puder aqui, vou tentar fugir do país e ir para a América.

– América? – A ideia do continente do outro lado do mundo parecia tão surreal a Katya que ela mal podia imaginá-lo.

– É uma terra de oportunidades – disse Vasyl. – Com comida e emprego para qualquer pessoa disposta a trabalhar.

América. Katya reviu mentalmente a ideia enquanto a voz do seu pai lhe ecoava na mente. *Olha para o futuro.*

Mama, deitada na cama a dormir durante a maior parte da manhã, falou pela primeira vez desde que Vasyl entrara em sua casa e interrompeu os pensamentos de Katya.

– Querido Vasyl! Estou tão contente por te ver. Vieste para casar o Kolya e a Katya? É tudo o que desejo, e eles prometeram-me que isso aconteceria em breve.

Katya ficou estupefacta. Kolya virou as costas a todos. Os seus ombros descaíram enquanto Katya se levantava tremulamente, caminhava até à mãe, e descansava uma mão na sua testa quente.

A voz de Katya soou fraca.

– Acalma-te agora, *Mama*, só precisas de um pouco de comida. Guardei alguma carne para ti; deixa-me ir buscá-la.

– Não, Katya! – *Mama* sentou-se. Um ataque violento de tosse abalou-lhe o corpo. Quando finalmente parou, apontou o dedo a Katya. – Tu prometeste-me, filha, que casarias com o Kolya e darias à Halya uma família adequada antes de eu partir. É a vontade de Deus que assim seja. Por que outra razão é que o Vasyl apareceria justamente agora à nossa porta, e não noutra altura qualquer?

Virou-se para Vasyl.

– Por favor, casa-os. É o meu desejo final. – Outro ataque de tosse forçou-a a recostar-se na almofada.

– Claro que sim, prima – respondeu Vasyl. As suas sobrancelhas levantaram-se interrogadoramente enquanto olhava para Katya e Kolya. – Se é isso que eles querem.

Katya afundou-se na cama e enterrou o rosto nas mãos. Ela não queria casar, mas como poderia recusar o último desejo da mãe? Que tipo de filha era?

Mas também, que tipo de irmã seria se casasse com o seu cunhado? A confusão deixou-lhe a cabeça a latejar, enquanto Halya gritava da cama. Katya pegou na bebé, e, balançando lentamente, caminhou pelo chão e evitou o olhar avaliador de Kolya. *Deixa-o falar. Deixa-o recusar o pedido de Mama, se quiser; pelo menos não serei responsável.*

Por fim, ele falou, e aquilo que disse apanhou-a de surpresa.

– Vamos então casar esta noite, Katya. Nenhum de nós tem mais nada no coração, de qualquer forma. – A amargura e a desilusão que ele irradiava ficaram suspensas no ar. – Na realidade, que diferença é que faz? É tudo pela Halya, certo? Tudo o que fazemos é pela Halya, portanto, o que é mais um ato?

Um nó formou-se na garganta de Katya. Fazia sentido, mas a traição a Alina e a Pavlo, ainda gritava dentro dela. Fechou os olhos e acenou com a cabeça.

Poucos minutos depois, estavam juntos em frente a Vasyl. Katya não recordava o que ele dissera, ou se Kolya proferira juras falsas de amor. Nem sabia se lhe devolvera essas palavras. Katya supunha que sim, pois Vasyl embrulhou-lhes um *rushnyk* à volta das mãos e declarou-os casados. Durante todo o tempo em que ele falou, ela só conseguia pensar em Alina e em como deveria ser Pavlo a estar ali com ela, não Kolya. Estremeceu ao lembrar-se de ver Alina casar com Kolya ali mesmo, nesta mesma sala. Como o seu rosto brilhara de felicidade e amor.

Katya não conseguia sequer sorrir. A agonia no seu estômago toldou-lhe os pensamentos, e o acontecimento não passava de uma vaga memória. Supunha que era melhor assim.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

Cassie pôs-se em frente ao espelho e, pela primeira vez desde que Henry morreu, fez uma avaliação sincera de si própria. Normalmente, mal se olhava ao espelho. Para quê? Não tinha ninguém para impressionar.

O seu cabelo castanho comprido caía-lhe em ondas à volta dos ombros. Precisava desesperadamente de ser cortado e arranjado. O rosto pálido parecia mais magro do que nas fotografias que tinha de antes do acidente, as maçãs do rosto mais proeminentes e os olhos azuis a parecerem enormes. As roupas que antigamente lhe serviam agora ficavam largas na sua estrutura magra. Tinha perdido peso no último ano.

A mãe espreitou para dentro da casa de banho.

– Conheço uma cabeleireira fabulosa. Posso marcar-te uma hora, talvez mesmo antes do encontro desta noite. Eu fico com a Bobby e a Birdie.

– Credo, mãe, que tal um pouco de privacidade?

– Oh, vá lá, nem sequer tinhas a porta completamente fechada. É como se estivesses a gritar por ajuda. – Anna acenou com as mãos à volta da cabeça como se fosse um génio da lâmpada – E, *puuuf*, aqui estou eu!

Cassie inclinou-se para mais perto do espelho e esticou a pele junto aos olhos.

– Muito bem, podes ligar, mas só porque o meu cabelo está a ficar muito comprido e incomoda-me. O Nick vem buscar-me às sete, por isso preciso de estar de volta muito antes disso.

– Vou já tratar do assunto! – Anna correu pelo corredor até ao telefone.

Se dependesse da mãe, ela também faria uma manicura e pedicura. Cassie suspirou. Era preferível deixá-la concentrar-se nisso do que no diário.

Cassie pensou que a mãe acabaria por vacilar e pediria mais informações, mas ela manteve-se firme no seu compromisso. Desde então, falavam apenas sobre temas ligeiros, como a falta de empenho de Cassie na sua aparência ou o seu grande encontro dessa noite.

– Que tal um tratamento de rosto? – perguntou Anna dois minutos depois, a mão sobre o bocal do telefone. – A Suzy tem uma vaga dentro de uma hora. Talvez até fazer as mãos e os pés?

* * *

Ao fim de duas horas no salão, Cassie era forçada a admitir: tinha o aspeto e a sensação de ser uma nova mulher. Fora polida, esfregada, pintada, aparada e secada. Para completar, quando chegou a casa, a mãe apresentou-lhe, como por magia, três vestidos de verão que, por acaso, encontrara em saldo no dia anterior, mas que «não lhe serviam».

– São perfeitos para ti, Cassie, e seria um grande alívio se ficasses com eles para eu não ter de os devolver às várias lojas. Faz-me a vontade e experimenta-os.

Cassie suspirou e levou os vestidos para o quarto. O primeiro era um pouco pequeno, mas os outros dois assentavam bem. Optou pelo último, um padrão de cornucópias azul-claras e verdes, e voltou a juntar-se à família na sala de estar.

– Oh! – Anna bateu palmas e soltou um gritinho. – Quase nem te reconheço. Estás espantosa.

– Obrigada, acho eu – disse Cassie, sem ter a certeza se deveria sentir-se ofendida com a insinuação de que antes estaria terrível. – Estava assim tão mal, era?

– Mal não – corrigiu Anna apressadamente. – Só não estavas a tirar partido de todo o teu potencial.

Cassie deitou a língua de fora à mãe e Birdie riu-se quando tocaram à campainha.

– Eu abro! – Anna levantou-se de um salto. – Vai para a cozinha, Cassie, e aparece só depois de eu o deixar entrar.

– Não vou fazer isso, mãe. – Cassie agarrou na mala e caminhou em direção à porta. – Isto não é o baile de finalistas.

Anna fez uma careta a Cassie, exibindo logo de seguida um enorme sorriso ao abrir a porta.

– Nick! Que bom ver-te! Entra, entra!

Cassie disfarçou uma gargalhada pela mudança de comportamento da mãe e depois fixou o olhar no de Nick. Os seus olhos azuis brilharam quando ele a viu.

– Cassie, estás espantosa.

– Obrigada. – O rosto dela corou com o elogio. – Também estás muito bem.

– Olá, Nick. – Birdie puxou a mão de Nick.

– Olá, Birdie. – Ele agachou-se e deu-lhe uma puxadela na trança. – Como foi o teu dia?

– Ajudei a plantar flores, li os meus livros e fui dar um passeio. – Contou pelos dedos as várias atividades. – Foi um dia longo.

Nick riu-se.

– Parece-me bem que sim. Bem, da próxima vez prometo levar-te connosco. Mas como não podes vir esta noite, trouxe algo especial para ti.

Ele pegou no saco que trazia e retirou um livro velho e rasgado do Dr. Seuss.

– Este era o meu favorito quando era criança. Não o vi na tua prateleira, por isso pensei que talvez quisesses ler o meu.

O rosto de Birdie iluminou-se.

– Eu não tenho este! Oh, adoro-o. Vou cuidar muito bem dele!

– Eu sei que sim. E prometo ler-to na próxima vez que cá vier.

Ela agarrou o livro com força.

– Está bem, Nick. Avó, olha! Lê-mo antes de ir para a cama?

Ouvir a sua voz doce ainda deixava Cassie tonta de felicidade. Tocou na mão de Nick e encontrou o seu olhar.

– Obrigada.

– O prazer é meu. Vamos? – Ele estendeu-lhe o braço.

* * *

– Este lugar é encantador.

Cassie olhou em redor no restaurante acolhedor. Pequenas mesas – confortavelmente espaçadas e cobertas com toalhas de mesa brancas – enchiam o espaço pouco iluminado. Rosas frescas, colocadas no centro de cada mesa, espalhavam pela sala uma doce fragrância. O empregado conduziu-os até uma mesa ao lado de uma grande janela panorâmica, com uma vista deslumbrante para o pôr do sol no parque.

Nick puxou-lhe a cadeira para se sentar, sentando-se depois em frente a ela. O empregado entregou-lhes as ementas pesadas e anotou os pedidos de bebidas. Tudo estava a correr como era suposto num encontro. Um encontro. Ela estava num encontro.

Cassie começou a hiperventilar. Beliscou o dedo com força, por baixo da mesa, e olhou para baixo. *Acalma-te. Isto não é diferente de estares sentada ao lado dele enquanto ele traduz o diário.*

– Então, Cassie, apercebi-me de que nunca cheguei a saber o que fazes na vida. – Nick inclinou-se para a frente, a curiosidade estampada no seu rosto.

Cassie fixou o seu olhar e foi percorrida por uma vaga de calor. Ela era capaz de fazer isto.

– Acho que não falamos muito sobre nós próprios quando estamos a trabalhar no diário, pois não? – *Porque o meu cérebro parece desligar-se sempre que estás por perto.* – Sou escritora. Bem, era escritora. Artigos para revistas, na sua maioria. Sempre quis escrever um romance, mas depois, com tudo o que aconteceu no ano passado, acabei por desistir.

– Escritora. Faz sentido. Talvez regresse a inspiração, e sejas capaz de voltar a escrever.

– Seria bom, mas não estou a contar com isso. – Cassie bebeu o vinho que o empregado tinha servido.

Fizeram uma pausa para fazer o pedido: *fettuccine Alfredo* para Cassie e lasanha para Nick.

– E tu? Como entraste para o combate aos incêndios? – perguntou Cassie, depois de entregar as ementas ao empregado.

– Sempre quis estar no meio da ação, e sempre quis ajudar as pessoas quando elas mais precisavam. Esta carreira junta as duas coisas, e eu não me imagino a fazer outra coisa agora.

Nick inclinou-se para a frente.

– Olha, eu sei que ambos temos as nossas histórias. Não espero que me contes a tua até se sentires preparada, mas quero que saibas que quando quiseres, adoraria ouvir-te falar sobre a tua vida. Sobre o teu marido. Sobre o que aconteceu.

– Não te assusta? Tenho muita bagagem. «Viúva com criança» não está exatamente no topo da lista de características desejáveis quando se sai com uma pessoa. – Cassie riu-se, mas soou oco.

– Não, não me assusta de todo. – Nick hesitou. – E eu quero ser sincero contigo sobre o meu passado.

– O teu passado? – As sobrancelhas de Cassie ergueram-se, juntamente com a sua curiosidade. Mesmo assim, ela controlou-se. – Nick, tu não me deves explicações.

– Quero ser completamente aberto contigo. Os meus pais morreram num incêndio numa casa, quando eu era muito novo. Não muito mais velho do que a Birdie. Essa é, provavelmente, a principal razão pela qual me tornei bombeiro. As outras coisas que mencionei anteriormente também são todas verdadeiras, mas perdê-los fez-me querer ajudar outras pessoas a evitar essa mesma perda. Depois da sua morte, fui criado pela minha avó. Ela era do velho mundo, mesmo vivendo cá: obrigava-me ir à escola ucraniana todos os sábados de manhã, como já sabes, e era super rigorosa, mas eu adorava-a. – Nick fez uma pausa e aclarou a garganta. – Ela morreu no ano passado, e eu fiquei sozinho. Não tinha família, ninguém a quem prestar contas, ninguém que me

fizesse ser responsável, e eu, de certa maneira, descuidei-me. Comecei a sair constantemente. A ir a festas. A sair com montes de mulheres. Mulheres que eu nunca teria ousado levar para casa para conhecer a minha *Baba*. Bem, conheceste algumas delas, no outro dia. Tenho a certeza de que percebes porquê.

Cassie tentou não se retrair perante a memória das mulheres a namoriscar com Nick.

– A questão era que eu não queria saber de nada. Ia para o trabalho e, depois, fazia o que queria. Acho que devia estar grato por ter mantido a cabeça suficientemente lúcida para não perder o emprego.

Sem pensar, Cassie alcançou a sua mão quente e áspera. Ele agarrou a dela.

– Nick, não tens de fazer isto.

– Tenho sim. Porque por mais louco que pareça, tudo isso mudou. Quando te conheci a ti e à Birdie, despertou algo em mim que esteve adormecido durante tanto tempo que pensei que estivesse morto. Fizeste-me sentir novamente. Fizeste-me querer ser a melhor versão de mim mesmo. – Ele fez um sorriso tímido. – Tudo isto é provavelmente bastante pesado para um primeiro encontro oficial, mas sinto-me muito confortável contigo, e queria que soubesses que não és a única que traz o peso do passado.

Sê feliz. Vive a tua vida. As palavras de Henry do seu sonho ecoaram-lhe na cabeça e o seu rosto corou enquanto fitava os olhos azuis dele.

O empregado interrompeu o momento para colocar os pratos do jantar. Ao concentrarem-se na comida, Cassie deu por si a abrir-se.

– Não namorei muito no liceu. Conheci o Henry na faculdade. Foi amor à primeira vista, era como se fôssemos os únicos na sala, todos os clichés que

possas imaginar. Casámos assim que acabámos o curso, viajámos um pouco, e depois assentámos. Veio a Birdie, e eu pensei que tinha tudo o que poderia querer. Então, um dia, tudo se desmoronou. – Bebeu outro gole de vinho. O álcool, juntamente com o interior acolhedor do restaurante italiano, deu-lhe coragem. – Ele levou-a a comer um gelado depois do jantar. A Birdie tinha aprendido a andar de bicicleta nesse dia e o Henry queria festejar. Eu tinha o prazo de entrega de um artigo para cumprir, por isso fiquei em casa.

Cassie fechou os olhos, tentando deter a avalanche de sentimentos que a assaltava sempre que se lembrava daquele dia.

– Um semirreboque passou um semáforo vermelho. O Henry teve morte instantânea, e a Birdie mal sobreviveu. Os médicos puseram-na em coma induzido. Não saí do seu lado durante semanas.

– Foi por isso que ela não falou durante tanto tempo? – perguntou Nick.

Cassie abanou a cabeça.

– Não sabemos porque é que ela não falava. Fizeram todo o tipo de exames, mas não havia danos permanentes visíveis. Disseram-me que era psicológico, o que fazia sentido. Ela saiu para comer um gelado uma noite, acordou uma semana depois e descobriu que o pai tinha morrido. Seria muito para qualquer um, quanto mais para uma menina de quatro anos. Só fizemos o funeral do Henry quando soube que ela ficaria bem. Nem sequer consegui chorar por ele até ela acordar. Tive de suportar uma tragédia de cada vez, e pensar que ele tinha desaparecido ao mesmo tempo que não sabia se ia ter o meu bebé de volta era demasiado. Ainda me sinto culpada por isso. – A voz de Cassie tornou-se um murmúrio. – Por ter posto os meus sentimentos por ele em pausa, como se não importasse que ele tivesse morrido.

– Claro que era importante – disse Nick. – Mas estavas em modo de sobrevivência. Estavas a fazer o que era preciso pela Birdie. Ninguém te censuraria por isso.

– Obrigada. – Ela ofereceu-lhe um sorriso triste. – Sabes, também ninguém te censuraria por teres enlouquecido um pouco depois de teres perdido toda a tua família. Eu perdi o Henry, mas ainda tenho a minha mãe, a minha filha e a minha Bobby, e sinceramente não sei o que faria sem elas.

Agora que contara toda a sua história a Nick, Cassie relaxou. A conversa séria deu lugar a histórias despreocupadas sobre os primeiros anos de Birdie e as loucas urgências de incêndios de Nick. Conversaram como se se conhecessem desde sempre. Nick fê-la rir vezes sem conta, e as dúvidas que haviam assolado Cassie durante todo o dia dissiparam-se.

* * *

Quando pararam junto à casa de Bobby, Nick correu pela frente do carro para lhe abrir a porta e acompanhou-a até ao alpendre da frente.

A luz do alpendre obscurecia os seus traços, mas o seu enorme sorriso ainda brilhava.

– Sei que tivemos algumas conversas bastante pesadas, mas diverti-me muito contigo esta noite, Cassie.

Cassie sentiu borboletas na barriga.

– Eu também.

Nick inclinou-se e beijou-a na face.

– Gostava de te voltar a ver, se quiseses. Fora das traduções do diário.

Ela assentiu com a cabeça, mas não conseguia falar. Sentia o rosto a arder onde os lábios dele tinham pousado, e levou os dedos a esse ponto, como se

conseguisse captar a sensação e guardá-la.

– Boa noite, Cassie. – Nick recuou, os olhos ainda fixos nos dela.

Ela conseguiu falar, mas a voz saiu-lhe num sussurro atabalhado.

– Boa noite, Nick.

Lá dentro, a sua mãe e Bobby esperavam no sofá.

– Então, como foi? – Anna lançou-se sobre ela assim que a porta se fechou.

– Agradável – murmurou Cassie, a mão ainda na face.

A confusão turvou-lhe os pensamentos. Ela tinha dado esta parte sua como morta juntamente com Henry; no entanto, ali estava ela, o seu pulso acelerado enquanto o doce beijo que Nick lhe tinha dado na face se repetia na sua mente.

– Só agradável, hein? – sorriu Bobby. – Parece-me que foi mais do que apenas agradável.

– Divertimo-nos muito. Falei muito mais do que devia, provavelmente. Mas ele também o fez. Já não falava assim com alguém há séculos.

– Eu sabia. – Anna bateu palmas. – Ele é especial.

– Mãe, foi só um encontro. Não te entusiasmes.

– Não vês a tua expressão. Já não te via tão feliz desde... bem, há mais de um ano. Começava a perguntar-me se alguma vez te veria regressar à vida desta maneira. Deixa-me apreciar!

Mais tarde nessa noite, quando a casa estava adormecida, Cassie escreveu no seu diário de memórias de Henry. Relatou o seu primeiro encontro, dez anos antes, e como ele a tinha ido buscar no seu velho e vacilante carro e a tinha levado ao restaurante mais chique da pequena cidade universitária. A re-

feição devia ter-lhe custado um salário inteiro da loja de desporto onde trabalhava aos fins de semana, mas, apesar dos melhores esforços de Cassie para que dividissem, ele insistiu em pagar. Quando acabou de escrever a história, passou a mão pela página acabada e fechou o livro. Uma pequena lágrima deslizou-lhe pela face e salpicou a capa.

Depois, tirou um novo caderno e começou a escrever sobre o seu encontro com Nick.

KATYA

Ucrânia, janeiro de 1933

Há várias semanas que Katya adormecia ao som da respiração pesada da mãe. Roufenha e barulhenta, pontuava os minutos como um relógio a marcar a hora à medida que caíam cada vez mais na dolorosa realidade das suas vidas.

Três dias após o seu casamento com Kolya, Katya pestanejou ao acordar, os seus pensamentos confusos e emaranhados, enquanto um temor inexplicável a fazia tremer. Levantou-se da cama e olhou à volta da sala, procurando a fonte do seu mal-estar. A luz da manhã entrava pela janela, iluminando o rosto pálido e calmo da sua mãe.

Aproximou-se lentamente, o silêncio absoluto do quarto ecoando à sua volta, e tocou na face fria da sua mãe. Esperara sentir-se triste. Sentir-se perdida. Sozinha. E de facto sentiu todas essas coisas, mas de uma forma distante, como se o seu coração tivesse endurecido tanto que mesmo os sentimentos mais intensos já não conseguiam penetrá-lo.

O que ela não previra foi a súbita onda de alívio.

Alívio por esta pessoa que já não era a sua mãe ter deixado de sofrer. Alívio porque ela já não tinha de agonizar pela incapacidade de tentar mantê-la viva. Alívio por não ter de ir dormir todas as noites a pensar se a mãe acordaria no dia seguinte, porque, finalmente, ela não tinha acordado.

Agora, *Mama* era apenas mais uma pessoa que ela não conseguira salvar.

Halya começou a chorar e Katya suspirou, arrepiada.

– Já vou, Halya. – Levantou-se com pernas trémulas e pegou na bebé de rosto vermelho.

Katya olhou à volta da casa vazia. Kolya já devia ter saído para trabalhar na quinta coletiva. Ela não tinha ninguém para a ajudar, ninguém para lhe dizer o que devia fazer.

O que faria *Mama*?

Katya acenou com a cabeça, determinada. A sua mãe trataria das coisas necessárias, mesmo que não conseguissem seguir os costumes funerários típicos. Deu a Halya o último pedaço de pão duro e, em seguida, deitou a bebé na cama. Halya mastigou a comida e observava enquanto Katya lavava o corpo emaciado da mãe.

Katya vestiu *Mama* com a sua melhor blusa bordada. Uma obra-prima de fios de tons vivos que se desenrolavam num deslumbrante desenho de videiras e flores à volta das bainhas e nas mangas. *Mama* passara horas a trabalhar nela quando Katya era jovem. Ainda se lembrava do orgulho no rosto da sua mãe quando finalmente a terminou. Antes de o Estado ter isolado a sua aldeia e proibido os camponeses de viajar para as cidades, Kolya levava a maior parte do trabalho manual da sua mãe e da mãe dele ao mercado, em Bila Tserka, para ser trocado por dinheiro para comida, mas no final, já não havia ninguém a quem vender – todos precisavam mais de comida do que de roupas bonitas.

Ela alisou a blusa, endireitou a saia, e deu um passo atrás. Tinha de arranjar o cabelo da mãe. Halya choramingou, e Katya parou de trabalhar e pegou na menina. Reconfortar Halya acalmou os seus próprios medos e incertezas. Em Halya, mais uma vez, Katya encontrou um propósito, e agarrou-se a isso.

Halya tocou no rosto da avó, e depois no de Katya. E esta pegou na mão minúscula e beijou-a; depois, juntas, escovaram o cabelo comprido de *Mama*, como ela tinha feito tantas vezes a Katya. Só então Katya se permitiu chorar, as suas lágrimas caindo sobre os cabelos cinzentos e castanhos de *Mama*.

Katya levantou-se abruptamente ao terminar. Isto era tudo o que podia fazer por agora. Precisava de Kolya para o resto, mas, por agora, tinha de sair daquela casa silenciosa.

A neve caía levemente e o ar era frio e cortante quando ela saiu para o dia de inverno e se afastou da casa que guardava a sua mãe morta. Halya aninhou-se debaixo do casaco de Katya, o seu pequeno corpo encolhido num pano enrolado nos ombros de Katya. Não tardou a adormecer.

Katya caminhou para sul até avistar a casa de Lena e Ruslan. Embora não quisesse falar sobre a morte da mãe, Katya imaginou que Lena queria saber, e também ia gostar de ver Halya.

O fumo saía pela chaminé quando Katya bateu à porta. Um bom sinal. Qualquer pessoa suficientemente forte para fazer uma fogueira estava bem, por enquanto.

Ruslan abriu a porta de imediato.

– Katya! Entra! Lena, é a Katya – chamou por cima do ombro enquanto a conduzia para dentro. Assim que os olhos de Katya se adaptaram ao quarto escuro, ela pôde ver que havia algo de errado com Ruslan. Os seus olhos, percebeu, estavam mais arregalados do que o normal e olhavam selvaticamente em redor.

– Oh, Katya, é bom ver-te. – Lena deu-lhe um abraço caloroso. O seu rosto magro emoldurava uns olhos já sem brilho, mas ainda cheios de bondade. Katya relaxou enquanto a prima se inclinava para ela. – Esta é a pequena da

Alina? – Espreitou para dentro do casaco da Katya, e Halya abriu os grandes e sonolentos olhos azuis quando o ar fresco lhe bateu na cara.

– Sim. – Katya olhou novamente para Ruslan, que se tinha afastado, observando a troca de palavras. – Esta é a Halya. Já tem um ano.

– Oh, que bonita! Ela parece-se com a mãe – disse Lena, acariciando a cabeça de Halya. – Sabes, eu sempre quis um bebé. Não estava destinado a acontecer, suponho.

– Terias sido uma excelente mãe, mas é maravilhoso teres podido ajudar, como parteira, tantas outras mulheres a trazer os seus filhos a este mundo. – Katya respirou fundo, ansiosa para acabar com a parte mais difícil da visita. – Mas há uma razão para a minha visita. Tenho uma notícia triste.

Lena levou a mão à boca.

– Não me digas que é a tua mãe! Ela é uma mulher tão forte. Pensei que ela iria durar mais do que todos nós. Senta-te, por favor.

Katya sentou-se à pequena mesa.

– A pneumonia apoderou-se fortemente dos seus pulmões. Com a fome, estava demasiado fraca para lutar. Faleceu durante a noite. – Katya atrapalhou-se com a última frase. Dizê-la em voz alta tornava-a muito mais real.

– Oh, pobre querida. – Lena debruçou-se sobre Katya, o instinto maternal que nunca chegara a utilizar a sobressair. – Deve ter sido uma manhã terrível para ti. Há algo que possamos fazer? Precisas de ajuda com o corpo dela?

– Ou podemos tomar conta da pequena enquanto cuidas da tua mãe – ofereceu Ruslan, os seus olhos a brilhar ao encontrar os dela.

Lena fulminou Ruslan com o olhar. Katya experimentou uma sensação desconfortável que não conseguiu identificar, e de repente, já não queria estar ali.

– Não, fiz tudo o que tinha de ser feito até o Kolya chegar a casa. – Katya levantou-se e enfiou Halya de novo no casaco. – Mas obrigada. Tenho de ir andando.

– Sim, bem, muito obrigada por teres vindo aqui para nos contares sobre a tua querida mãe. Lamentamos imenso. – A ânsia de Lena ao empurrar Katya em direção à porta foi surpreendente.

Quando Katya saiu, tropeçou em algo que saía por baixo do monte de madeira perto da porta. De relance, viu um pequeno sapato.

Katya ficou gelada.

Um sapato de criança.

Lena deu-lhe um pontapé para o afastar.

– Lena... – A voz de Katya era trémula. Os seus olhos ergueram-se lentamente, encontrando o rosto carregado de culpa de Lena por um breve instante, antes de Ruslan lhe fechar a porta na cara.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

Cassie inalou o ar doce do verão e soltou um suspiro de contentamento. O quintal zumbia com abelhas, que ali paravam para beber de cada uma das belas flores de Bobby. Quase em plena floração, o quintal vibrava com tantas cores que quase feria os olhos. Não conseguia imaginar um cenário mais pacífico.

– As tuas flores são sempre tão bonitas, Bobby. – Cassie pegou nas ferramentas de jardinagem e instalou-se ao lado da única zona despida do canteiro, ao longo da cerca traseira. Passou a pá pelo estreito canteiro de flores, criando uma linha direita. – Mas não é um pouco tarde para plantar sementes de girassol?

– Nunca é tarde de mais para tentar acrescentar beleza ao mundo. – Embora Bobby estivesse sentada numa cadeira e não estivesse realmente a trabalhar na terra, não havia dúvidas de quem estava no comando. – Prolonga um pouco mais essa linha, Cassie.

Birdie saltitava, a sua excitação contagiando-as a todas.

– Girassóis e malvas, girassóis e malvas. Adoro plantar flores, Bobby!

Bobby riu-se.

– Eu sei, passarinho. Eu também. Agora, abre as tuas mãos.

Birdie ficou quieta enquanto Bobby vertia um pacote de sementes nas mãos unidas de Birdie.

– Deito-as no buraco que a mamã fez? – perguntou Birdie.

Quando Bobby assentiu com a cabeça, Birdie sentou-se no chão e colocou cada semente cuidadosamente no seu lugar, uniformemente espaçada em relação à última.

– Fazes isso muito bem – sorriu Bobby para a bisneta.

Birdie acenou com a cabeça, concordando com a confiança despretensiosa das crianças, o que fez rir tanto Cassie como Bobby.

– Agora, tapa-as com terra e pressiona-a devagarinho – disse Bobby.

Birdie trabalhou diligentemente até acabar de enterrar a última semente, e levantou-se em seguida.

– Vou beber água. Não plantem nada sem mim!

– Sim, senhora. – Cassie sorriu. – Volta assim que terminares.

Bobby remexia no pacote de sementes vazio no colo dela.

– Tens razão, Cassie. Estas sementes podem não florescer este ano, mas vale a pena tentar. Vale sempre a pena tentar, não achas? Com as flores e com a vida.

Havia tantas perguntas na ponta da língua de Cassie, mas ela reprimiu-as e, finalmente, respondeu.

– Acho que foi isso que fizeste, não foi? Tentaste seguir em frente?

Bobby assentiu lentamente com a cabeça.

– E é o que tu também vais fazer, mais cedo ou mais tarde.

Raios, ela era boa a desviar a conversa. Mas Cassie não estava disposta a mergulhar nos seus próprios problemas agora, por isso mudou novamente de assunto.

– O que te fez decidir plantar girassóis? Pensei que te deixavam triste.

– Decidi que estava na altura de deixar de os desprezar pelas más recordações e optar por apreciá-los em nome das boas. Ainda estou a tentar. – Bobby olhou para o pátio, como se tentasse ativamente fazer o que acabara de dizer.

Birdie irrompeu da porta das traseiras e correu na sua direção, o rosto a brilhar.

– Adivinha só! A Alina disse-me que está feliz por estares a plantar girassóis.

– O quê? – Os nós dos dedos de Bobby ficaram brancos no braço da cadeira.

Cassie sentiu um arrepio a percorrê-la, mas ignorou a sensação de desconforto.

– Birdie! Não deves inventar coisas dessas. Isso perturba a Bobby!

Birdie fez uma expressão zangada.

– Eu não inventei nada.

– Desculpa, não era isso que eu queria dizer – disse Cassie. Mas o que é que queria dizer? Não pensava realmente que a filha falava com a tia-avó morta, pois não?

– Porque está quase na minha hora. É por isso que ela está aqui. – Bobby olhou na direção de Cassie. – Preciso de saber que vais acabar de ler as minhas coisas antes de eu ir. Preciso de cumprir a minha promessa.

Cassie sacudiu a sujidade das mãos trémulas e levantou-se.

– O Nick deve estar a chegar a qualquer minuto. Tencionamos ler muita coisa hoje.

– Ótimo. – Bobby levantou-se lentamente da cadeira. – Vou pôr a Birdie a dormir a sesta. Disse-lhe que lhe lia uma história. Depois, também vou des-

cansar.

Birdie, cansada do seu dia inteiro a plantar flores, correu para o quarto. Cassie esperou que Bobby entrasse e percorresse o corredor antes de ir atrás dela. Por muito que Bobby insistisse que estava bem, Cassie estava preocupada. Sem que a vissem, ficou a espreitar pela porta e ouviu enquanto Bobby lia hesitantemente *Os Três Porquinhos* a Birdie. O seu coração encheu-se de amor. A avó conseguia falar e ler ucraniano, polaco e russo fluentemente, mas ainda se debatia ocasionalmente com a palavra escrita em inglês.

Quando a história terminou, Bobby puxou os cobertores até ao queixo de Birdie e beijou-lhe a testa. Cassie sorriu. Sem dúvida, a mãe tivera razão em encorajá-la a mudar-se para a casa de Bobby. Birdie nunca esqueceria o tempo que pudera passar com a bisavó.

– Podes contar-me outra história sobre ti e a Alina? – pediu Birdie. A boca de Cassie abriu-se, e ela inclinou-se para mais perto da porta. – Aquela das tartes de lama? – perguntou Birdie. – É a minha favorita.

– Vamos jogar um jogo – disse Bobby. – Desta vez, contas-ma tu. O que achas?

– Está bem. – Birdie franziu os lábios e bateu com o dedo no queixo. – Vamos lá ver. Uma vez, tu e a Alina fizeram tartes de lama. A Alina decorou a dela com flores e ervas. Ficou tão bonita que querias comê-la! – Birdie fez uma careta. – Ugh! A Alina disse que não podias comer lama, por isso tentaste dá-las aos porcos, mas eles também não as comeram. Rebolaram-se nelas!

Birdie desmanchou-se num ataque de riso.

– Estive bem? Conteí bem a história?

Bobby acenou lentamente com a cabeça.

– Foi perfeito. Agora, descansa um pouco. Talvez a Alina volte a visitar-te em breve. – Bobby aconchegou os cobertores mais uma vez e levantou-se. – Se ela o fizer, dizes-me, está bem?

Birdie assentiu, sonolenta, enquanto bocejava.

Cassie sentiu algum desassossego enquanto se afastava do quarto.

* * *

Cassie tentou perder-se na transcrição – recalando as suas reações, deixando as palavras fluir-lhe pelos ouvidos e sair pelos dedos. A cada perda acumulada de Katya – Pavlo, Viktor, Alina, a sua mãe –, o domínio de Cassie sobre as suas emoções enfraquecia, mas quando Nick descreveu o casamento de Katya com Kolya, Cassie já não conseguiu manter a fachada. Soltou um soluço e afastou-se da mesa.

Nick olhou para ela com a boca aberta.

– Estás bem?

– Não consigo fazer isto, Nick. – A voz de Cassie quebrou-se. – Não vês? Ela vai perdê-lo. Ela perdeu todos, ele também vai morrer. O Kolya não era o meu avô!

Ouvir a história de Bobby não se limitara a trazer à tona velhos sentimentos. Tinha-a arrancado do mundo de fantasia em que vivia. A morte de Henry fora a coisa mais difícil por que ela já passara, e Cassie não era tão forte como Bobby. Não podia voltar a passar por isso, não podia arriscar abrir-se, porque perder outro amor iria matá-la. Era uma tola ao pensar que tirar a aliança de casamento a prepararia magicamente para uma nova relação.

Sentia-se destroçada. Arruinada para sempre.

Cassie afastou-se do toque de Nick e levantou-se com pernas trémulas.

– Acho que é melhor ires.

A confusão turvou o rosto de Nick.

– Fiz algo errado?

Fizeste tudo bem.

– Não. Sou eu. Não posso fazer isto contigo.

– Fazer o quê? O diário? – Nick levantou-se, a testa franzida de confusão, e a sua cadeira arrastou-se pelo chão.

– Tudo isto. – Cassie mordeu o interior da bochecha. – As saídas. O diário. Não estou preparada para isto, e não tenho a certeza se alguma vez estarei. Mereces melhor do que uma viúva desfeita. Desculpa, Nick. Vou ver se a minha mãe escreve o resto disto contigo, mas eu não consigo ouvir, e não posso estar contigo.

E fugiu da cozinha antes que ele tentasse fazê-la mudar de ideias.

– Cassie, espera!

A voz de Nick seguiu-a enquanto ela se refugiava no seu quarto e lhe fechava a porta na cara.

* * *

Um forte barulho num dos quartos assustou Cassie ao despertar do seu sono profundo. Saltou da cama e olhou para o despertador. Seis da manhã. Demasiado cedo para alguém que andou às voltas na cama até às três. Correu para o quarto de Birdie. A menina dormia em paz, um braço atirado sobre a cabeça e o outro enrolado à volta de um cão de peluche. Cassie fechou a porta e bateu à porta de Bobby. Quando não obteve resposta, abriu a porta e encontrou Bobby no chão, com os olhos voltados para o teto. Respirações curtas e fracas escapavam-lhe pelos lábios.

– Bobby! – Cassie não conseguiu pensar em mais nada. Caiu de joelhos e tocou no rosto frio e suado de Bobby. Ela agarrou na mão de Cassie, os olhos arregalados de medo. – Estou aqui, está bem? Vou pedir ajuda! Fica comigo!

Cassie arrancou o telefone da mesa de cabeceira e ligou para os serviços de emergência com dedos desajeitados. Depois de lhes dar a informação, telefonou à mãe.

– Estou a caminho! – Anna gritou para o telefone.

– Devias ir diretamente para o hospital. Chegas lá mais depressa e podes encontrar-te com a ambulância. – A mão de Cassie apertava ritmicamente a de Bobby enquanto falava. – Devem chegar dentro de dois minutos.

– Vou buscar-te primeiro. Não te quero a conduzir assim tão nervosa.

– Eu fico bem – mentiu Cassie. O seu corpo tremia incontrolavelmente, e ela ainda não tinha decidido como iria impedir Birdie de ver Bobby desta maneira. Esperava que a menina não acordasse agora e as visse assim.

A campainha tocou, e ela levantou-se de um salto.

– Já chegaram. Tenho de ir! – Cassie deixou cair o telefone e correu para a porta da frente.

Dois socorristas entraram na casa. Enquanto Cassie os encaminhava para o quarto de Bobby, Nick, com o cabelo despenteado como se tivesse acabado de sair da cama, correu para a porta.

Cassie lançou os braços à sua volta num abraço feroz, a sua necessidade de conforto naquele momento superando todas as coisas que lhe tinha dito na noite anterior.

– Tinha o meu rádio na mesa de cabeceira. Quando ouvi a morada, vim logo para cá. – Ele pressionou a face contra o cabelo dela enquanto a abraçava

com força.

– Obrigada – A voz dela era baixa.

– Cassie. – Nick afastou-se e agarrou-lhe os ombros. – Onde está a Birdie?

– Ainda está a dormir – respondeu Cassie, concentrando-se no rosto de Nick. Os seus olhos calmos encaravam os dela e o turbilhão na sua mente acalmou. Ela torceu as mãos. – Não quero que ela veja a Bobby assim.

– Queres ir para o quarto ter com ela? Eu ajudo a Bobby a entrar na ambulância e depois levo-vos as duas ao hospital.

Cassie deixou-se submergir pelo seu tom reconfortante e acenou silenciosamente com a cabeça.

Nick olhou para trás dela.

– Muito bem. Eles vão sair com ela agora. Vai para o quarto da Birdie, para que ela não saia.

Com medo de quebrar o contacto com a presença calmante de Nick, Cassie hesitou por um momento enquanto ele a encaminhava pelo corredor e entrava para falar com os socorristas. Ela controlou-se e entrou no quarto de Birdie. Felizmente, a menina continuara a dormir durante toda a agitação.

– Birdie. – Cassie sacudiu o seu ombro pequeno. – Birdie, está na hora de acordar. O Nick está aqui e vai levar-nos ao hospital. Talvez ele te leve ao parque enquanto eu falo com a Bobby e o médico dela.

Ao ouvir o nome de Nick, os olhos da menina abriram-se de repente.

– O Nick está aqui? – Ela saltou da cama e correu para a sua mesa de brincar. – Vou levar um saco com lápis de cera e livros, está bem, mamã?

– É uma ótima ideia. – Cassie aproximou-se da porta. Quando os socorristas levaram Bobby pela porta da frente numa maca, levou uma mão à boca

para prender o choro.

Nick fechou a porta da frente, depois virou-se e trocou um olhar com ela.

– Só mais alguns minutos para eles descerem a rua – disse ele, em voz baixa.

Cassie assentiu com a cabeça, fechou a porta e virou-se para a sua menina.

– Diz-me o que vais levar, Birdie. – Eram as mesmas palavras que ela tinha proferido a Bobby para a acalmar. Forçou um grande sorriso para a filha enquanto as sirenes da ambulância gritavam do lado de fora da casa.

KATYA

Ucrânia, fevereiro de 1933

Katya enroscou-se à volta do corpo de Halya, tentando o seu melhor para manter a bebé quente debaixo da pilha de cobertores. O frio, uma força sempre presente, não podia ser mantido à distância pelo pequeno fogo, e Katya sentia falta do calor da irmã ou de Pavlo atrás dela.

Falou com Halya enquanto segurava a fotografia dela e de Alina, do casamento de Olha e Boryslav.

– Vê só, Halya, esta é a tua mãe. Ela era a rapariga mais bonita da aldeia, e tu pareces-te muito com ela.

A fotografia tremeu na mão de Katya. *Irmãs para sempre*. Quando fechou os olhos, pôde ouvir com toda a clareza a voz da irmã a pronunciar aquelas palavras.

– Irmãs para sempre – sussurrou Katya.

Os grandes olhos de Halya fixaram a fotografia. Já tinha quase catorze meses, embora não parecesse. Katya cantava-lhe canções, contava histórias, contava e fazia tudo o que podia para alegrar o mundo de Halya, mas mesmo assim preocupava-se que não fosse suficiente. Halya não conseguia gatinhar ou andar, e só balbuciava algumas palavras sem sentido, mas por vezes, quando sorria, surgiam pequenos vislumbres de Alina no seu rosto. Katya vivia para a alegria desses momentos e sabia que Kolya sentia o mesmo. O seu amor por Halya, evidente na forma como ele a embalava para dormir e lhe fazia cócegas para a pôr a rir, era o que o mantinha vivo. O Estado tinha-lhes tirado tanto, mas o amor sobrevivia, mesmo nos tempos mais sombrios.

Uma pancada na porta quebrou o silêncio, e Lena irrompeu pela casa, o rosto vermelho de fúria cheio de lágrimas e um pequeno bebê aninhado nos seus braços.

– Lena! O que se passa? – Katya aconchegou Halya nos cobertores, depois pôs um xaile à volta dos seus ombros. Puxou uma cadeira para junto do *pich* e encaminhou a prima na sua direção. Kolya colocou uma das suas preciosas ripas de madeira do celeiro desmontado e ateou-lhe fogo.

– Tive de vir para cá. Não consegui ir para casa. – Em vez de se sentar, Lena andava erraticamente à volta da sala.

– De onde vem esta criança? – perguntou Kolya. O seu cabelo, desgrenhado do sono, lembrava tanto o de Pavlo que uma onda de saudade trespassou o coração de Katya. Teve de desviar o olhar antes de poder ordenar os seus pensamentos.

– Encontrei-o. Ia à cidade para tentar comprar comida e ouvi-o chorar numa casa por onde passei. A família inteira tinha morrido. A mãe. O pai. Mais dois filhos. A sua falecida mãe segurava-o nos braços, na cama dela. Se eu não o tivesse encontrado quando o encontrei, teria morrido como eles.

Katya espreitou o bebê nos braços de Lena. Pela sua pequena estatura, adivinhou que não devia ter mais do que alguns meses de idade. Os cobertores enrolavam-se à sua volta de tal forma que só se viam dois grandes olhos no rosto magro. A Ucrânia já não produzia bebês rosados e gorduchos.

– Então, e porque vieste aqui? – perguntou Kolya.

Lena baixou os olhos.

– Não posso tomar conta de um bebê. E vocês já têm a Halya. Pensei que poderia ser mais fácil... – Ela olhou para Katya e calou-se.

Katya fechou os olhos e recordou o minúsculo sapato preto a sair do monte de madeira. Estremeceu e puxou o xaile mais para si.

– Nós ficamos com o bebé.

– O quê? Katya, não sei como vamos cuidar de outra criança. – Kolya olhou para Halya. – Quase nem temos o suficiente para um.

– Ela é amada! – chorou Lena. – Isso é o mais importante. Toma, pega-lhe.

Lena empurrou o bebé para os braços de Katya e uma dor apunhalou o seu ventre. Este menino leve recordou-lhe tanto Viktor. Tocou-lhe na face macia, e ele fitou-a com grandes olhos azuis.

Lena limpou o nariz.

– Obrigada, Katya. És filha da tua mãe, sem dúvida. Tenho de ir agora, antes que o Ruslan perceba que me ausentei demasiado tempo. – E saiu porta fora antes que Kolya pudesse protestar ou fazer quaisquer outras perguntas.

O bebé soltou um gemido baixinho e Katya soltou um arquejo ao sentir uma emoção pungente na garganta. A sua mente racional dizia-lhe que esta era uma péssima ideia. Ela já tinha perdido um bebé, e agora tinha Halya para cuidar como se fosse sua. Mas uma parte dela há muito adormecida voltou à vida enquanto olhava para a doce criança. Como podia ela não tentar salvar um bebé tão parecido com o seu?

* * *

Durante três semanas, ela alimentou ambas as crianças. Tendo o seu leite desaparecido há muito, preparava uma papa aguada composta por raízes de taboa moídas, bolotas e casca de árvore. Alguns dias, Kolya chegava a casa com algo que tinha encontrado nas armadilhas, e Katya fazia um caldo de carne para os bebés. Mas a caça tornou-se cada vez mais difícil de encontrar.

Os dias prolongaram-se até passar uma semana sem terem qualquer caldo ou carne.

Kolya entrou pela porta de mãos vazias.

– Nada hoje, outra vez.

– Ele não come nada. – Katya deitou o bebê a quem tinha chamado Denys, em memória do seu priminho desaparecido, e pegou em Halya que, avidamente, comeu a papa que Denys tinha rejeitado. – Receio que o seu organismo já não a consiga digerir.

Kolya não respondeu. Apesar dos esforços dela, o rapazinho estava a desvanecer-se diante dos seus olhos. Katya estremeceu enquanto observava a sua tentativa de sorrir, os seus lábios finos curvando-se momentaneamente, parecendo mais um esgar do que um sorriso. A sua cabeça grande balançou com o esforço, o pescoço sem forças para a aguentar. Exausto do trabalho árduo, deixou-se ficar deitado de costas na almofada, demasiado fraco até para chorar.

– Talvez possas pedir ao coletivo um pouco de leite de cabra outra vez – sugeriu Katya.

– Tentei esta manhã. – Kolya sentou-se à mesa. – Eles riram-se de mim.

– Só precisamos de aguentar o dia de hoje. Amanhã vai ser melhor – murmurou Katya para o cabelo de Halya.

– O que é que disseste? Amanhã vai ser melhor? Bah! – rosnou Kolya com repugnância. – O que poderá acontecer amanhã? Atiram-nos um pedaço de pão por um dia de trabalho? Ou talvez eles não venham roubar a comida da nossa mesa? – Passou a palma da mão sobre os olhos quando a sua voz se tornou um sussurro fraco. – Recuperamos os nossos esposos?

Katya retraiu-se enquanto a verdade das suas palavras a trespassou.

– Temos de tentar manter viva a esperança.

– A minha esperança está morta – disse Kolya, as suas palavras desprovidas de emoção. – Amanhã não será melhor. Provavelmente será pior, se lá chegarmos.

* * *

Katya pousou Halya, agora adormecida, e pegou em Denys. Não suportava deixá-lo ali deitado, sozinho, naquele estado. A sua respiração rápida e arquejante reverberava nos seus ouvidos, e ele olhou para ela, suplicante, como se lhe implorasse para o salvar de alguma forma. Os olhos ardiam-lhe, e ela semicerrou-os.

– Katya, tens de perceber que o bebé já estava esfomeado e doente quando a Lena o trouxe para cá. – Kolya espreitou o bebé por cima do ombro dela. – Ele nunca teve hipótese.

– Talvez. – Ela balançou suavemente para trás e para a frente, tentando adormecê-lo. Se ele dormisse, pelo menos não sentiria dor, e ela podia fingir que estava tudo bem.

Kolya olhou fixamente para Katya, a preocupação evidente no seu rosto.

– Isto não é saudável para ti.

– Não é comigo que estou preocupada! – retorquiu Katya. – É com o Viktor!

– Queres dizer Denys – corrigiu Kolya, suavemente.

A expressão de Kolya era de pena, e o rosto de Katya enrubesceu.

– Claro, Denys. Estou cansada. É só isso.

– Sim, porque estás a dar cabo de ti a cuidar de mais esta criança, que nunca teve hipótese de sobreviver. Devias concentrar-te na Halya, não neste rapaz. Ele já estava meio morto quando aqui chegou. O que te faz pensar que o podes recuperar quando mal nos conseguimos manter vivos?

Katya olhou de relance para Kolya e continuou a abanar o bebé.

– Então, que tipo de pessoas somos nós, Kolya? Quem somos nós, se viramos costas a uma criança, se o deixamos morrer à fome sem sequer tentar salvá-lo? Eu não farei isso. Não serei essa pessoa.

Kolya abanou a cabeça, mas em vez de responder, virou-se.

– Vou sair à procura de caça outra vez. Não consigo ficar aqui sentado a ver-te a fazer tudo por ele quando ele vai morrer! – Agarrou no casaco e bateu com a porta, acordando Halya.

Katya sentiu a raiva crescer dentro de si. Kolya podia não ser suficientemente forte para lidar com a criança minúscula que sofria, mas ela era, e faria tudo o que fosse possível para lhe dar conforto.

Katya sentou-se ao lado de Halya e acariciou a face da menina com a sua mão livre. Engoliu as suas palavras amargas e forçou um sorriso vacilante.

– O *Tato* volta já. Foi à procura de alguma comida. Que tal eu contar-vos outra história? – Katya aninhou-se à volta dos dois bebés frágeis. Se não podia dar comida a nenhum deles, dar-lhes-ia todo o amor que tinha. Isso ela podia fazer, embora, no fundo, soubesse que não era suficiente.

Halya fez um pequeno som que Katya tomou como um sim.

– Muito bem, vamos lá. – Ela arranjou os cobertores à sua volta e certificou-se de que cada criança tinha o suficiente para se manter quente. – Conheço a história perfeita. Tu gostas desta, Halya. Talvez o Denys também goste.

– Katya sentiu o mais pequeno dos movimentos enquanto Halya assentia com a cabeça. – É sobre duas meninas que adoravam fazer tartes de lama.

* * *

Katya cantou uma canção que a mãe cantava para ela e para Alina quando eram crianças. Não conseguia lembrar-se de mais nenhuma, por isso continuou a cantar essa mesma canção vezes sem conta. Não se lembrava de quando começara ou de quanto tempo cantou. Limitou-se a cantar simplesmente até a sua voz não ser muito mais do que um sussurro. Os bebés pareciam gostar muito, por isso ela não conseguia parar.

Kolya entrou na cabana, sacudindo a neve dos pés. Ela registou o som alíngues no cérebro, mas não o reconheceu. Continuou a cantar para Halya. Para Denys. Para Viktor.

– Katya, tenho carne! Talvez os bebés possam comer um caldo de carne.

Katya continuou a cantar.

– Katya?

Ela ouviu-o aproximar-se e sentiu-o a olhar para eles, mas ainda assim continuou a cantar. Ele baixou-se e afastou os cobertores.

– Oh, Katya, lamento. – A sua voz esmoreceu.

Ela continuou a cantar.

– Katya. – Kolya agarrou-lhe o braço e abanou-a. – Katya!

Ela conseguia ouvi-lo, ali ao lado, a chamar o seu nome vezes sem conta, mas ele parecia tão distante e sem importância. O importante é que ela cantasse a sua canção para os bebés. Eles precisavam dela agora, e ela não os ia desapontar.

A cama afundou-se quando Kolya se sentou ao seu lado. Ele tentou afastá-los, mas Katya apertou ainda mais cada criança, uma fria e outra quente, e cantou ainda mais alto, a sua voz agora um som baixo e tortuoso que ela já não reconhecia.

Continuaram naquela luta, ele a tentar tirar-lhe o que Katya estava a tentar consertar, até que, finalmente, ele se afastou. Ela não sabia quanto tempo ficou ali deitada a cantar para o cadáver de Denys. Horas. Dias. Não passavam de marcos insignificantes no seu sofrimento. Quando a sua voz finalmente cedeu, deixou a verdade abater-se sobre ela. Denys tinha desaparecido, ela deixara morrer outra criança.

– Paraste – disse Kolya, o alívio evidente na sua voz rouca. – Katya?

– Ele morreu, Kolya. – As palavras saíram-lhe num tom rouco. O corpo de Denys, rígido e frio, parecia um peso esmagador no seu peito. Ela passou uma mão pelo seu rosto pálido.

– Eu sei. Bebe um pouco de água. Ele levou-lhe um copo aos lábios e ela bebeu. A água quente acalmou-lhe a garganta dorida. Kolya pousou o copo e tirou o bebé dos braços dela. – Desculpa ter-te deixado assim.

Quando Kolya pousou Denys na outra cama, Katya arrastou as pernas para o chão.

– Onde está a Halya? Está viva? Diz-me!

Tentou levantar-se, mas as pernas cederam. Kolya apanhou-a quando ela caiu e levou-a de volta para a cama ao lado dele.

– A Halya ainda está viva. Perdemos apenas o rapaz. Toma, bebe isto. – Ele esticou-se e pegou noutro copo, depois pousou as suas grandes mãos à volta das dela e guiou-o até aos seus lábios. Os olhos de Katya abriram-se de sur-

presa quando a riqueza de um caldo de carne se verteu sobre a sua língua e encheu o seu estômago vazio.

– Onde arranjaste a carne?

Kolya não hesitou.

– Era uma ratazana dos contentores de cereais.

Katya sentiu a saliva a crescer-lhe na boca.

– Talvez consigas encontrar mais?

– Até os ratos e ratazanas são escassos, hoje em dia, mas vou tentar. Lamento ter chegado demasiado tarde para ajudar o menino. Tinhas razão. Nós não somos assim. – Ele baixou a cabeça, envergonhado.

Katya engoliu o caldo enquanto Kolya a segurava. A massa quente e sólida do seu corpo embalou o dela enquanto ela se debatia para regressar ao mundo. Quando acabou de beber, ele deitou-a de costas na cama, aconchegou as mantas à sua volta e sentou-se, segurando-lhe a mão. Os seus dedos ásperos desenharam círculos suaves na sua mão esquerda deformada enquanto ela adormecia, mas não antes de o ouvir dizer:

– Por favor, Katya. Basta passar o dia de hoje. Amanhã será melhor.

* * *

Enterraram Denys perto da sua casa, debaixo de um salgueiro, demasiado perto para que os animais selvagens se aventurassem. Os cães que tinham escapado de serem comidos pelos aldeões ou abatidos pelo Estado agora eram selvagens e não se aproximavam de um humano, com medo de serem comidos. A maioria vivia dos corpos dos mortos que estavam espalhados pelo campo.

Kolya, que havia expressado desdém e dúvidas quanto a acolher o bebê, trabalhou como um louco durante horas para escavar o solo congelado e fazer uma cova suficientemente funda para garantir que o corpo não seria perturbado. Esgotou-lhe até o último pingo de força e, por fim, Katya teve de o obrigar a parar e descansar antes que desmaiasse.

– Não estás suficientemente forte para trabalhar dessa forma – disse ela. – Porque te esforças tanto por uma criança que nem sequer querias?

Ele olhou para ela com o rosto franzido.

– Só porque pensei que não o podíamos salvar não significa que eu seja um sacana sem coração.

– Eu nunca disse isso! – Os olhos de Katya arregalaram-se de choque. – Estou surpreendida, só isso.

Kolya resmungou e continuou a cavar.

– Trabalhar distrai-me a mente.

– Trabalhar assim vai matar-te. – Ela aproximou-se dele e pousou-lhe uma mão no braço. Ele hesitou ao toque dela, o peito arfando, os olhos abatidos. – A culpa não foi tua, Kolya.

– Eu não choro pela criança. – Os olhos dele levantaram-se ao encontro dos dela. – Lamento não o termos podido ajudar, mas não é por isso que estou aborrecido.

Ela recuou perante a dor aflitiva no rosto dele e, antes de conseguir evitar, estendeu a mão e limpou-lhe a lágrima que rolava pela sua face.

Kolya agarrou a mão dela e pressionou-a com tanta força no peito que ela pôde sentir o coração dele a bater através da camisa.

– Quando não conseguias sair da cama. Como a Alina. Pensei... – A sua voz sumiu. – Não consigo fazer isto sozinho, Katya.

A respiração de Katya parou e, por um breve momento, perguntou-se como seria amá-lo como tinha amado Pavlo. Partilhar uma vida com ele como sua mulher, sem ser apenas de nome. Tocá-lo, ser tocada por ele, e sentir o calor do desejo crescer mais uma vez dentro dela.

Depois, a máscara de indiferença estoica dele voltou ao seu lugar, e ele soltou a mão dela como se isso o queimasse.

– Tenho de acabar isto – disse ele, o seu rosto já virado para a sepultura.

A boca de Katya abriu-se e ela deu um passo atrás, a sua mão trémula agora no seu próprio peito palpitante.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

— É possível que ela recupere, mas os próximos dias são críticos. Não quero dar-vos falsas esperanças. Um ataque cardíaco na idade dela é, muitas vezes, fatal. — O médico, um homem de idade e careca, falou de uma forma curta e apressada. — Ela é, claramente, uma mulher forte por ter chegado até aqui.

— Nem imagina. — Cassie olhou de relance para Bobby. Sob a luz severa do hospital, todas as rugas e manchas se destacavam na sua pele pálida. As máquinas apitavam à sua volta, e uma cânula nasal forçava o ar a entrar-lhe no nariz. Ela não acordara desde que lhe tinham posto um *stent* no coração, naquela tarde.

— Acha que ela vai acordar em breve? — perguntou Anna.

— Esperamos que sim, mas não há maneira de saber ao certo.

Cassie olhou para as mãos, grata por Nick estar a manter Birdie entretida em casa. Ela ainda não tinha visto Bobby, mas perguntara por ela.

— Informo-vos se soubermos mais alguma coisa. — O médico dirigiu-lhes um sorriso simpático e saiu do quarto.

— Cassie, foi um longo dia — disse Anna. — Porque não levas o meu carro e vais para casa, para junto da Birdie? Eu fico aqui com ela, por agora. Se quiseres vir amanhã, podemos trocar.

Cassie esfregou os olhos com as mãos, os braços tensos.

— Sim, parece-me bem. Mas venho garantidamente render-te pela manhã. — Inclinou-se e beijou Bobby e depois a mãe, na face. — Ligo-te dentro de algu-

mas horas.

Fez o caminho de regresso a casa em piloto automático. Lá, encontrou Nick com uma estola de penas enrolada à volta do pescoço, o que parecia ser *blush* nas maçãs do rosto e metade das unhas pintadas. Estava sentado paciente-mente à mesa enquanto Birdie trabalhava nos dedos restantes. Apesar da última conversa que tivera com ele, o seu coração encheu-se de carinho por este homem que se submetia a um tratamento completo de maquilhagem e unhas para manter a sua filha feliz.

– Que bonito que estás! – Cassie deu uma gargalhada.

– Achas? A Birdie achou que o tom *Summer Rose* era bom para mim. – Acenou com a mão livre para mostrar as unhas.

– É perfeito. Faz sobressair os teus olhos. – Cassie não conseguia parar de rir. – Desculpa, acho que o *stress* me afetou. – Quando finalmente se conseguiu controlar, limpou os olhos e suspirou. – Obrigada. Estava mesmo a precisar disto.

Nick fez uma cara indignada.

– Ainda bem que te consegues rir à minha custa. Birdie, acho que a tua mãe não tem noção do trabalho todo que tiveste comigo.

– Mamã, isto não é fácil – concordou Birdie solenemente ao terminar o dedo mindinho de Nick. – Ele mexe-se muito.

Cassie riu-se de novo.

– Obrigada – sussurrou sobre a cabeça de Birdie.

Nick piscou-lhe o olho.

– Como está ela?

– Na mesma. – Cassie massajou a nuca e suspirou. – Birdie, porque não vais lavar os dentes? Não tarda, vou lá para te aconchegar.

Birdie saltitou para fora da sala, e Nick desenrolou a estola do pescoço.

– Cassie, podemos falar?

Cassie deixou cair o corpo fatigado numa cadeira da cozinha.

– Não há nada para falar. Estou muito grata pela tua ajuda, mas estava a falar a sério ontem à noite. És um excelente homem, e mereces mais do que uma mulher destruída. Não posso fazer-te isso.

– Não te preocupes comigo. Sei exatamente o que tenho contigo, e quero-o. Tudo isto. Tu, a tua tristeza, a Birdie, tudo. A tua perda é uma parte de quem tu és. – Nick torceu a estola nas grandes mãos. – Ouve, sei que só passaram alguns meses, mas foram os melhores da minha vida. Sinto-me tão confortável junto de ti, como se te conhecesse desde sempre. Pode parecer uma loucura dizê-lo já, mas... – Nick hesitou, e o tormento com que lutou turvou os seus olhos, que tinham agora um tom cinzento-escuro. – Acho que estou a apaixonar-me por ti, Cassie.

Cassie sentiu o chão a ceder, e todos os muros cuidadosamente construídos tremeram com a força daquela admissão. Ela levou os joelhos ao peito e balançou na cadeira.

– Oh, Nick, eu não...

Ele levantou as mãos.

– Desculpa, não devia ter despejado isto para cima de ti agora, e não te sintas obrigada a responder. Mas preciso que saibas que vou esperar o tempo que for preciso até que estejas pronta, porque vale a pena esperar por ti. Não há mais ninguém para mim.

Caíram mais lágrimas dos olhos de Cassie e ela pousou os pés no chão.

– Não digas isso, Nick. Ouvir tudo o que a Bobby perdeu deu cabo de mim. Não compreendes? Levou-me de volta ao meu ponto mais baixo. Não posso correr o risco de me abrir novamente a essa dor. Não posso arriscar amar-te e perder-te!

– A Katya arriscou – disse Nick, calmamente. Tirou o diário da caixa ainda sobre a bancada e colocou-o à sua frente. – Sei que ainda não conhecemos a história toda, mas sabemos que ela voltou a apaixonar-se. Ela abriu-se de novo. Ela arriscou essa dor. E, em troca, teve um casamento maravilhoso com o teu avô e uma família que a ama. – Nick aproximou-se e pegou-lhe nas mãos. – Ela pode ter perdido tudo, mas nunca deixou de lutar. Deixa-me ajudar-te a lutar, Cassie. Deixa-me amar-te.

Cassie olhou para Nick, assoberbada pela quantidade de pensamentos e emoções que a assolavam. O seu coração queria tanto isto, mas a mente avisava-a de que seria um erro terrível. O olhar dele demorou-se no seu e ele levou as mãos dela aos lábios.

– Por favor, Cassie. Dá-nos uma oportunidade.

– Mamã! – O grito de Birdie interrompeu-os.

– É melhor ir vê-la. – Cassie afastou as mãos do seu abraço quente e levantou-se, as pernas trémulas.

– Claro que sim. – Nick agachou-se. A emoção exposta no seu rosto dilacerava Cassie.

Cassie afastou-se dele, sentido o coração a martelar-lhe nos ouvidos e, em seguida, girou sobre os calcanhares e voou para o quarto de Birdie. Tentou,

em vão, afastar as suas emoções confusas enquanto se sentava na beira da cama e alisava o cabelo emaranhado da filha.

– O que se passa, querida?

– A Alina disse que temos de ir em breve. Tenho de dizer à Bobby o que a Alina quer que eu lhe diga antes de ela voltar a adormecer. – Birdie puxou pelo braço da mãe. – Por favor, leva-me lá agora!

– Querida, os médicos não têm a certeza de quando é que ela vai acordar. Não podemos ir agora.

– Ela vai acordar. A Alina disse-me! – O tom de Birdie era frenético.

Cassie rangeu os dentes. Não conseguia lidar com isto, esta noite, para além de tudo o resto.

– Birdie, tens de parar com este assunto da Alina. Eu sei que a Bobby te contou histórias sobre a Alina, mas ela não está aqui. É demasiado tarde para visitas, mas prometo que te levo logo pela manhã. Agora, tenta descansar um pouco.

– Mas, mamã, tenho de ir! A Alina precisa que eu vá!

– Não! – Birdie aquietou-se perante o tom ríspido e tão pouco habitual na voz da mãe. Cassie massajou as têmporas e suspirou. – Desculpa. Não queria gritar contigo. Estou muito cansada, e tenho a certeza de que tu também estás. Vamos dormir e falamos amanhã, está bem?

Cassie tapou a filha com os cobertores, mas Birdie afastou-se e virou-se para a parede.

– Adoro-te, Birdie.

– Também te adoro. – A resposta abafada não continha a habitual emoção.

Cassie fechou a porta e pressionou a cabeça contra ela, a madeira fresca um alívio temporário do calor das suas muitas falhas.

– Ela está bem?

Sobressaltada, Cassie virou-se. Nick estava à entrada do corredor, a olhar para ela.

– Está demasiado cansada. Pensa que a Bobby está acordada e quer que eu a leve lá agora mesmo. Disse que a Alina tem de dizer algo à Bobby.

– Talvez tenha – disse Nick.

Cassie esfregou a cara com as mãos enquanto entrava na sala de estar.

– Já não sei o que pensar.

– Também não devia ter dito isto. Esta noite, estou mesmo em grande. – Nick passou as mãos pelo cabelo. – Peço desculpa por há pouco. Já tens o suficiente com te preocupar neste momento. Não queria acrescentar nada, despejando os meus sentimentos para cima de ti.

Cassie deixou-se cair no sofá.

– Estou tão confusa e exausta neste momento que mal consigo pensar. Não te posso dar nenhuma resposta, Nick.

Nick assentiu com a cabeça.

– Eu compreendo. Não quero pressionar-te, Cassie. Vou-me embora.

– Espera. – A voz de Cassie tremeu quando o peso de tudo o que tinha acontecido desabava sobre si. Ela não sabia o que queria para sempre, mas sabia que se sentia melhor quando ele estava por perto. E, neste momento, ela precisava de toda a ajuda que pudesse ter. – Eu não devia pedir-te isto, mas será que podes ficar comigo? Só por um bocadinho? Vou esperar acordada até ter a certeza de que a Birdie está a dormir.

– Sempre. Nick sentou-se no sofá ao lado dela e ela aninhou-se nele. Foi assolada por um sentimento de culpa ao ver a confusão no rosto expressivo de Nick, mas quando ele a puxou para perto, ela suspirou de alívio. O coração dele, firme e forte, marcava o tempo contra o seu ouvido, acalmando a sua alma ferida.

– Fazes com que tudo pareça melhor – murmurou ela.

– Fico feliz. – A voz rouca dele vibrava no seu peito e fazia-lhe cócegas.

Cassie esforçou-se por manter as pálpebras abertas, mas o peso do dia esgotara-a. A última coisa de que ela se lembrava era Nick a tapá-la com uma manta.

KATYA

Ucrânia, março de 1933

Denys não era seu filho; não devia ter-se preocupado tanto. Katya repetiu isto para si própria vezes sem conta, mas isso não a ajudou a sair da cama. Perder Denys abriu todas as cicatrizes da morte de Viktor que ela tinha recalçado e ignorado, na sua luta para sobreviver.

Nada mais além de estar perto de Halya parecia importar. Sem ela, Katya teria desistido e morrido. Halya era tudo o que lhe restava, e Katya não podia falhar-lhe como tinha feito com todos os outros.

– Porque não vens comigo buscar lenha a casa dos meus pais? Podemos desmontar o que resta da mobília para lenha. – A voz de Kolya rompeu o véu da sua tristeza. – Pode ser bom sair de casa.

Katya olhou para ele, para as sombras escuras sob os seus olhos, os ombros pesados de exaustão, e forçou-se a acenar com a cabeça. Surgiu um vislumbre de alívio no rosto cansado dele antes de se afastar.

Ela pensou no momento que tinham partilhado enquanto ele cavava o túmulo de Denys, e uma estranha sensação apertou-lhe o peito. Um nó de incerteza, retorcendo-se e puxando a sua mente em direções diferentes. Por um momento aterrador, ela não se conseguiu lembrar da cara de Pavlo. Apenas da de Kolya. Um grito estrangulado escapou-se da sua boca antes de ela sufocar a sua dor, quase sem conseguir respirar.

Para com isto, admoestou-se Katya. Faz o que tens de fazer.

Arrastou-se para fora da cama e vestiu-se, depois dobrou um pano e colocou-o à volta dos ombros e enfiou Halya nessa bolsa quente, onde ela podia

descansar aconchegada junto ao seu corpo. Vestiu o casaco por cima da bebé e antes de sair certificou-se de que Halya conseguia respirar. A menina, quente e segura, pousou a sua mão minúscula no peito de Katya e suspirou.

As pernas doíam-lhe ao caminhar, grossas e inchadas, e a cada passo que dava sentia a pontada de mil agulhas. Era estranho que se encontrassem nesse estado enquanto o resto dela se desvanecia. Não tinham começado a gretar ou a perder líquido como as da mãe ou da senhora que conheceu no *Torgsin*, por isso supunha que tinha tido sorte. A sorte regia-se por padrões bem menos elevados, nos últimos tempos.

A neve iluminada pela lua dava um brilho à paisagem, as estrelas cintilavam e, por um momento, ali absorta naquela bela noite, um pequeno vislumbre de um sentimento que ela mal reconhecia espreitou por uma fenda na sua alma quebrada. Espanto. Sob o céu iluminado, Katya quase conseguiu esquecer o horror em que viviam. Quase podia imaginar a vida como ela era antes de Estaline enviar os seus homens para os quebrar.

Depois olhou para a estrada e viu a quinta abandonada, e tudo voltou como um murro no estômago. Como poderia ela alguma vez esquecer, mesmo que por um momento, o que tinha perdido? Ela merecia carregar esta dor, sentindo-a sempre. Ela sobrevivera. Eles não. A fenda na sua armadura selou-se e ela endureceu.

Passou os braços à volta do corpo quando entraram na casa, acolhendo o sentimento de perda que a assaltou. A casa estava um caos. Eles não eram os únicos à procura de bens e de lenha.

— Andaram aqui pessoas. — Kolya abanou a cabeça. Apontou para a cama em que Pavlo tinha morrido. — Vou desmanchar as camas. Começa a recolher

a lenha solta que conseguireis. Temos de levar o máximo que pudermos antes que desapareça tudo.

Katya vagueou sem rumo, os seus olhos observavam mas não registavam nada. A sua mente ficou confusa e turva. Seria outro sinal de fome? Quantos dias haviam passado desde que tinha comido?

Um brilho de luz refletido pela lanterna que tinham trazido chamou-lhe a atenção. Um espelho meio enfiado debaixo da almofada na outra cama. Katya pegou na peça pesada, surpreendida por não ter sido levada pelos ladrões. Olhou para ele, e viu uma estranha a olhar para ela. Claro que conseguia olhar para baixo e ver os ossos salientes por todo o corpo, como um esqueleto vivo, mas há muito tempo que não via o seu rosto.

As maçãs do rosto estavam salientes sob a pele pálida, os lábios gretados e secos. Havia manchas roxas escuras por baixo dos olhos, que agora pareciam enormes. Com um suspiro, deixou cair o espelho sobre a cama.

– O que se passa? – chamou Kolya.

– Nada – disse ela rapidamente. – Nada que ainda importe.

Katya sorriu com amargura, e o seu lábio inferior rasgou-se com o movimento pouco natural. Que importância tinha agora o seu orgulho? Há já muito que devia ter desaparecido. Talvez quando ela comera as minhocas que desenterrou no jardim enquanto procurava batatas velhas, ou quando cozera um velho pedaço de couro para uma sopa.

Soltou um suspiro de repugnância e pousou o espelho com a face para baixo.

– Ainda és linda, sabes?

Katya sobressaltou-se ao ouvir a voz de Kolya tão perto dela e, depois, soltou uma gargalhada rouca.

– És muito amável, mas nenhum de nós parece estar no seu melhor agora.

Kolya sentou-se na cama ao seu lado.

– Não, não estamos, mas tu tens uma beleza interior e uma força que brilhará sempre.

O rosto de Katya aqueceu sob aquela avaliação terna, e ela abriu a boca para responder, mas antes que lhe ocorresse algo para dizer, Kolya levantou-se e afastou-se. Ela ficou a olhar para ele, sem saber se tinha imaginado toda a conversa, e sentiu o nó no seu peito a apertar-se de novo.

* * *

Os primeiros sinais da primavera surgiram apenas algumas semanas após a morte de Denys, e Katya demorou esse tempo a conseguir escrever sobre a sua existência no seu diário. Pressionou o lápis, agora tão pequeno que tinha de o apertar apenas entre dois dedos, levemente para preservar a grafite.

Quase todo preenchido, o diário que Pavlo lhe dera continha tudo o que ela testemunhara, tudo o que ela tinha perdido. Escrever acalmava-a de uma forma que não conseguia explicar, e fazia-o religiosamente, como se a preservação dos seus entes queridos no diário significasse que não estavam realmente mortos.

Kolya aproximou-se por trás dela e bloqueou a luz que entrava pela janela.

– Devíamos ir ao coletivo registarmo-nos. – Ele olhou para o diário dela e virou a cara, como se tivesse medo de reviver o que Katya ali havia documentado. Quando ela não respondeu, ele continuou: – Talvez eles tenham co-

mida para nós, para que possamos recuperar forças antes de nos mandarem fazer a plantação da primavera.

– Acho que eles não querem saber da nossa força – disse Katya. Numa vida anterior, quando todos os que ela amava estavam vivos, a curta caminhada não demorava nada. No seu estado atual, Katya duvidava da sua capacidade de sair sequer do jardim.

– Mesmo assim, penso que devíamos tentar. Seja como for, temos de sair desta casa, ou enlouqueceremos. Todas as casas aqui perto estão vazias. Por vezes, parece que somos as únicas pessoas que restam no mundo.

– Está bem – concordou Katya. Guardou o diário e vestiu o casaco, chegando Halya por dentro.

Katya concentrou-se tanto em colocar um pé à frente do outro, enquanto eles deslizavam pela estrada lamacenta, que nem se apercebeu de que estavam praticamente à porta da casa de Lena e Ruslan.

– Devíamos ver se eles estão bem. – Kolya atravessou o portão deles, mas Katya não conseguiu aproximar-se mais.

– Eu espero aqui – disse ela, enquanto Kolya caminhava até à porta e batia. O som ribombante estilhaçou o silêncio calmo do dia.

– Lena! Ruslan!

Como ninguém respondeu, Kolya empurrou a porta, mas em vez de entrar, deu um passo atrás. Deitou um olhar a Katya quando tapou o nariz com o braço e entrou na casa. À medida que o cheiro da morte se escapava do interior da casa, Katya compreendeu que eles não tinham sobrevivido. As ações desesperadas e más de Ruslan não o tinham salvado. Talvez o tivessem condenado.

Kolya não demorou muito tempo a sair, abanando a cabeça.

– Estão mortos. Ambos.

Hesitou um momento, à espera da resposta dela, mas Katya não conseguiu reunir qualquer sentimento a não ser alívio por não ter de enfrentar Lena e Ruslan e o seu terrível segredo.

– Foi muito mau? – perguntou Katya, finalmente.

Kolya avaliou-a, como se estivesse a decidir se devia ou não dizer toda a verdade.

– Ela enforcou-se e parece que ele foi esfaqueado. – Kolya olhou para trás para a casa. – Ouvi rumores sobre o Ruslan. Será que ele...

Katya levantou a mão.

– Não quero falar sobre isso. Está feito.

Kolya cerrou o maxilar e assentiu com a cabeça.

– Desculpa, Katya. Sei que foste próxima da Lena em tempos.

– Sim, mas parece que foi há séculos. – Devia ter mais compaixão pela morte de Lena. Mas não tinha. Estava imune a uma perda tão insignificante depois de tantas outras tão grandes.

Kolya queria ver se conseguiam encontrar alguém ainda vivo, por isso bateu às portas das casas por onde passaram. Algumas continham sobreviventes que mal se aguentavam, como eles, mas outras estavam vazias. Algumas estavam apodrecidas e dilapidadas, abandonadas contra a vontade dos seus proprietários nas primeiras ondas de *dekulakização*. Outras, ainda de pé, serviam como túmulos cheios de cadáveres: mães e crianças, idosos e jovens. Tantos mortos.

Uma casa albergava uma mulher pendurada nas traves do telhado. Os seus quatro filhos mortos estavam estendidos na cama grande com as suas melhores roupas. Katya conhecia a família. O marido tinha sido deportado no ano anterior, depois de o cavalo que usara para arar um campo coletivo ter ficado coxo e o Estado o ter acusado de sabotar a propriedade do Governo.

A maioria das pessoas que encontraram estavam exatamente onde tinham morrido, as suas casas outrora felizes eram agora o seu derradeiro local de repouso. Alguns, que tinham caído de exaustão, estavam deitados no chão. Outros, suficientemente perspicazes para saberem que o fim se aproximava, vestiram as suas melhores roupas antes de darem o seu último suspiro. As crianças jaziam mortas nos braços das suas mães. Casais idosos abraçavam-se nas suas camas. Famílias inteiras desfeitas, derrotadas pela fome forçada de Estaline, tal como ele havia planeado.

– Como é que sobrevivemos a isto? – perguntou Katya. – Tantos não sobreviveram. Porquê nós?

– Por vezes, penso que são eles os sortudos – disse Kolya, a sua voz inexpressiva.

Ela pegou-lhe na mão. O seu toque, rude e duro, tinha-se tornado uma âncora, prendendo-a a esta vida horrível. Ele retribuiu o gesto com um aperto. Não pararam em mais nenhuma casa.

À medida que caminhavam, o sol elevava-se mais no céu, aquecendo-os ainda mais. Katya inspirou o cheiro da primavera. O cheiro da terra húmida que ganhava vida costumava enchê-la de alegria. Cheirava a esperança. Cheirava a vida. Este ano, também cheirava a carne em decomposição.

Os corpos daqueles que tinham morrido nos campos, nas ruas, nas suas casas, tinham estado congelados durante todo o inverno, escondidos sob o pesa-

do manto de neve que cobria a terra. Agora, sob o sol quente da primavera, os cadáveres tinham finalmente começado o seu regresso ao pó. Tantos corpos em decomposição libertavam de uma só vez um odor adocicado e nocivo que invadiu as narinas de Katya e se espalhou por todo o seu corpo até ela pensar que nunca mais voltaria a sentir o cheiro de outra coisa.

À medida que se aproximavam da sede do coletivo, o cheiro piorava. Cadáveres cobriam a estrada e manchavam os campos, nos mais variados estádios de decomposição.

– Olha. – Kolya olhou fixamente para um campo coletivo. – Morreram no campo enquanto procuravam batatas velhas e podres. Limitaram-se a cair onde estavam, e ninguém os retirou.

Katya apertou mais o casaco em volta de Halya para a proteger do cheiro e estremeceu.

Como ela suspeitava, não havia comida à espera deles na sede do coletivo, pelo que deram meia-volta e regressaram a casa por entre os cadáveres espalhados pela aldeia. A sua viagem de hoje não tinha trazido nada a não ser a constatação devastadora de que a maioria dos seus companheiros de aldeia não tinha sobrevivido.

Estaline devia estar orgulhoso. Os ativistas e a sua OGPU tinham feito bem o seu trabalho.

* * *

No dia seguinte, Kolya irrompeu pela casa como se toda a aldeia viesse atrás dele.

– Tenho carne – arquejou, batendo com a porta.

– Deram-te comida no coletivo? – perguntou Katya, um tremor de esperança na voz. Não comiam carne desde a ratazana que ele apanhara logo após a morte de Denys. – As armadilhas já estão vazias há algum tempo. Ou apanhaste um peixe?

– Não, tenho carne de cavalo.

– Como? – Katya sentou-se, mas Halya mal se mexeu na cama ao seu lado.
– Eles guardam os cavalos tão bem na quinta.

– Pois guardam. E uma vez mortos, são empilhados nas valas e cobertos de ácido carbólico, pelo que não são comestíveis. – Kolya tirou dois embrulhos de pano do cano de cada bota e pousou-os sobre a mesa. – Consegui chegar ao cavalo antes disso.

Desembrulhou os pacotes e, no seu interior, havia longas tiras de carne, cortadas suficientemente estreitas para envolverem os tornozelos de Kolya dentro da bota. O estômago de Katya roncou.

– Nem posso acreditar que vamos comer carne verdadeira. – Katya levantou-se e dirigiu-se à frigideira, sentindo pontadas de dor nas pernas; depois, olhou pela janela. – Já está escuro, por isso não se vai notar muito o fumo. Vou fritá-la agora.

Kolya parecia jubiloso e, apesar do seu profundo afeto pelos cavalos, não mostrou sinais de desespero perante a ideia de comer partes do animal. Uma vez que os cereais ou o feno escasseavam, também eles estavam esfomeados. E, tal como toda a gente, Kolya não os podia ajudar. O Estado pensava que o futuro estava na agricultura com tratores, por isso não dava aos cavalos o respeito ou os cuidados que eles mereciam.

Katya acendeu uma pequena fogueira no *pich*, os seus movimentos desajeitados e pesados. O último pedaço de lenha seca que tinham não fazia muito

fumo, mas ela queria que o fogo durasse o menos possível. Os ativistas tinham passado a procurar qualquer casa com fumo a sair das chaminés, e invadiam-na. Atualmente, qualquer sinal de vida dos aldeões era uma afronta pessoal para eles, e eles esmeravam-se a erradicá-la.

– Como conseguiste isto? – perguntou Katya.

Kolya fez uma pausa enquanto a via atirar a carne cortada para dentro da frigideira. Lambendo os lábios e desviando o olhar, continuou.

– Agora, sou o único nos estábulos, por isso os guardas raramente se dão ao trabalho de me controlar. Quando o cavalo morreu, não avisei ninguém. Deixei-o ficar ali um pouco, para que o sangue congelasse. Mais tarde, voltei e usei uma faca do celeiro para lhe cortar a língua. É rápido e fácil. Agora que temos um trator no coletivo, eu próprio posso arrastar as carcaças para a vala. Ninguém mais se aproxima o suficiente do cavalo para reparar que lhe falta a língua.

O cheiro a carne frita invadiu a divisão e foi preciso todo o seu autocontrole para não cortar a carne na frigideira e comê-la meio cozinhada. Durante alguns minutos, sentaram-se em silêncio, saboreando o cheiro. Finalmente, Katya olhou para trás, para Kolya.

– A nossa salvação pode estar na morte destes pobres cavalos. Restam muitos?

Ele abanou a cabeça, mas sorriu.

– Não, mas posso tentar fazê-lo novamente da próxima vez.

Katya sentiu a sua alma a aquecer ao sorrir também para o homem a quem agora chamava marido, mas que tinha conhecido toda a sua vida como ami-

go. Talvez fossem capazes de resistir a esta mudança na sua relação e ultrapassar a vergonha e o embaraço do seu casamento forçado.

Na sua juventude, tinham desfrutado da companhia um do outro. Kolya assumira o papel do irmão mais velho que ela nunca tivera, ensinando-lhe coisas e provocando-a como uma irmãzinha. Depois de ele e Alina casarem e mesmo depois de ela morrer, permaneceram próximos, trabalhando sempre com o mesmo objetivo: continuarem vivos e manterem Halya viva. Isso uniu-os.

Mas essa camaradagem tinha desaparecido no momento em que haviam proferido os seus votos matrimoniais. Lançara uma luz sobre uma faceta da sua relação que nenhum deles queria explorar. O seu laço fraternal, outrora sólido, estava agora tingido de dúvidas e de culpa.

A culpa assombrava Katya. O que pensaria Pavlo? Será que ele compreenderia que ela tivera de casar com Kolya? Será que ele a odiaria? E Alina! Se a irmã pudesse ver Katya no seu lugar como mulher de Kolya, será que alguma vez a perdoaria?

Há alguns meses, ela teria jurado que nunca poderia amar outro homem. Agora, ao ver Kolya alimentar Halya ternamente com pequenos pedaços de carne, já não estava tão certa.

* * *

O degelo do início da primavera enganou-os, levando-os a pensar que o inverno tinha acabado. Mas então, abateu-se sobre eles uma tempestade de inverno que cobriu a aldeia com um manto de neve. A temperatura voltou a baixar, e os primeiros vestígios da primavera ficaram enterrados sob a neve e o gelo.

– Quase garanto que os ativistas não viajariam com este tempo. Está um frio de rachar! – Katya tremia, enroscada na cama com Halya.

A menina dormia tanto agora que Katya tinha de verificar constantemente se ela ainda respirava. Cada vez que se estendia para tocar na criança imóvel, o coração martelava-lhe nos ouvidos, preparando-se para sentir Halya fria e rígida. Como Denys. Como Viktor. E cada vez que a criança reagia ao toque e Katya sentia o corpo quente, preguiçoso, mover-se sob a sua mão, o alívio fazia-lhe fraquejar as pernas.

Katya acordava-a e forçava-a suavemente a comer alguns pedaços de comida ou caldo de carne. Tinha percebido que pequenas quantidades de comida mais frequentes eram mais fáceis para a criança ingerir. Enquanto Halya comia, Katya falava-lhe do seu futuro.

– Quando isto acabar, Halya, vamos deixar este lugar de medo e morte. Começaremos uma nova vida onde poderás comer tudo quanto quiseres, todos os dias. Prometo-te, como prometi à tua mãe. Dar-te-ei tudo o que puder. – As palavras de Vasyl sobre a América pairaram na sua mente. – Talvez até atravessemos o oceano.

A menina escutava, os seus grandes olhos seguindo a boca de Katya enquanto falava, mas não respondeu. Toda a sua energia tinha de ser canalizada para o ato de comer.

Procurar através da neve profunda consumia mais energia do que Kolya ou Katya tinham. Felizmente, tinham dois corvos – trazidos pela falsa primavera – e cerca de quarenta grãos de trigo que ela tinha encontrado escondidos na bainha de uma saia velha. Aguentariam a tempestade de neve durante alguns dias.

– Achas que consegues comer os corvos? – perguntou Kolya.

– Claro que consigo. Já comi muito pior. – O seu estômago revolveu-se quando pensou no que os pássaros comiam, mas a boca salivava só de pensar em comida. – Embora pareça assustadoramente próximo do canibalismo comer uma ave que tão recentemente se banqueteara num cadáver humano.

Os olhos de Kolya escureceram.

– Não podes pensar nisso. Basta pensar nele como uma galinha.

– Ainda bem que tens tão boa pontaria com a fiska – disse Katya.

– É difícil falhar quando estão reunidos junto às dezenas de corpos deixados junto ao cemitério. Se eu tivesse forças, cavaria sepulturas para aquelas pobres pessoas. – Kolya olhou para as suas mãos desgastadas e gretadas com repugnância.

– É uma coisa terrível vê-los assim caídos, mas não há nada que se possa fazer. O chão está congelado. – Katya pousou a mão no ombro dele para o confortar, mas ele recuou ao seu toque e saltou da cadeira.

– Vou encher uma panela com neve para o caldo de carne. – As palavras saíram-lhe em catadupa enquanto ele tropeçava até à porta.

– Está bem. – Os seus olhos ardiam, e ela cerrou as mãos com tanta força que as unhas se enterraram na pele. Ela só queria confortá-lo. Será que ela lhe era assim tão repugnante que ele não conseguia suportar o seu toque?

* * *

Nessa noite, Katya não conseguia parar de tremer, e pelo aspeto de Kolya, na outra cama, ele estava com o mesmo problema. Os seus corpos já não tinham gordura para os isolar e estavam quase sem lenha. O fogo fraco no *pich* emitia muito pouco calor.

Os olhos dele encontraram os dela através do quarto escuro e ele afastou os seus cobertores e levantou-se.

– Isto é ridículo. Vamos partilhar o nosso calor, Katya. – Ele dizia sempre o seu nome quando falava com ela, como que para se lembrar que ela não era e nunca seria a sua Alina.

Kolya saltitou pelo chão, carregando os seus cobertores, e Katya tremia agora não só de frio. Apenas horas antes, ele repelira o toque dela. Agora queria deitar-se com ela? A incerteza corroía-a por dentro.

– O que é que estás a fazer?

Kolya estava à sua frente, vestindo apenas as suas roupas interiores puídas e, pela primeira vez, ela viu o peso que ele tinha perdido. Com os ossos salientes, ele recordou-lhe o pau que *Tato* costumava usar para desenhar na terra para a fazer rir.

– A sobreviver. Tira a roupa, Katya, e partilharemos o nosso calor. Não é diferente da forma como manténs a Halya enroscada contra ti, e pode ser a única forma de sobrevivermos às noites frias que aí vêm com tão pouca lenha.

Katya permaneceu imóvel, sem saber o que fazer. Sim, ele era seu marido, mas eles nunca se tinham deitado juntos, nunca se tinham visto nus. Ela pensara que ele assim o quisesa. Agora, não estava tão certa. Talvez ele quisesse uma união mais tradicional, com tudo o que isso implicava. E o que é que ela queria? De repente, Katya também não tinha a certeza.

Kolya subiu para a cama e colocou os seus cobertores.

– Anda lá, vá – disse ele com mais severidade. – Queres morrer de frio depois de todo o trabalho que tivemos para nos mantermos vivos?

Na realidade, as palavras dele faziam sentido. Ficariam mais quentes desta forma. Podia ser a única maneira de sobreviverem, mas ela não podia negar o quão errado parecia.

Katya ficou ofegante quando se começou a despir debaixo dos cobertores, atirando a sua roupa para fora com mãos trémulas.

Kolya virou-se para o lado, o seu peito a arfar. Quando ela terminou e ficou apenas de camisa de dormir, ele inclinou-se para a frente para aconchegar os dois conjuntos de cobertores à volta deles, e depois espalhou as suas roupas por cima de ambos. Katya ficou tensa, sentindo um formigueiro na pele quando ele se instalou e encostou o seu corpo magro ao dela enquanto ela se curvava em torno de Halya.

– Ainda estás a tremer – disse ele, a sua voz perto do ouvido dela. Ela não conseguia perceber agora se tremia de frio ou da sensação esmagadora do seu corpo pressionado tão intimamente contra o dela. Sentia o seu hálito quente na face, o cheiro almiscarado do seu suor nas narinas. O simples poder do toque, da ligação física de outro humano que compreendia exatamente o que ela estava a passar, levou-a inesperadamente às lágrimas. Katya pensou na perda do marido, da irmã, da mãe e do pai. Todas as pessoas que a amavam e que a teriam apoiado agora, no seu ponto mais baixo, tinham desaparecido. As duas pessoas que estavam na cama com ela, neste preciso momento, eram as únicas que restavam no seu mundo frio e escuro.

Não demorou muito até que o calor do corpo dele a subjugasse e ela, finalmente, relaxou encostada a ele e adormeceu. Algumas horas depois, acordou com a sensação do corpo dele a tremer contra o seu.

– O que se passa? É a Halya? – Katya colocou a mão nas costas de Halya, em busca do movimento ascendente e descendente que lhe diria que a criança

ainda estava viva e quando confirmou que a menina estava bem, voltou-se para olhar para Kolya. – Estás doente?

Kolya abanou a cabeça.

– Estou bem – retorquiu.

– Não pareces bem.

A luz da lua entrava pela janela, tingindo a sala com tons de cinza, e ela pôde ver a expressão dele, triste e cansada.

– Estou só... não sei.

Katya esticou-se e tocou-lhe no rosto manchado de lágrimas. O seu coração disparou, e ela corou de vergonha perante a resposta involuntária do seu corpo a ele.

Kolya pressionou a mão dela na sua face.

– Podes abraçar-me? Por favor?

Os seus lábios abriram-se num pequeno suspiro enquanto ela o puxava para perto. O abraço surgiu com facilidade, e surpreendeu-a pela naturalidade, pelo prazer de segurar Kolya contra ela. Entrelaçados um no outro, o seu rosto aninhado no pescoço dela, ela acariciou suavemente o cabelo dele até que as suas lágrimas abrandaram e ele adormeceu.

As palavras que Pavlo lhe dissera antes de partir para se juntar à rebelião vieram-lhe à cabeça. *Não tens nada com que te preocupar. Se alguma coisa me acontecer, o Kolya prometeu que cuidaria de ti.*

Eu não quero que o Kolya cuide de mim! Quero-te a ti!, respondera ela.

O que é que ela queria agora? Culpada e confusa, permaneceu acordada, a sua mente cheia de pensamentos desleais sobre o homem que tinha nos braços. O seu cunhado. O seu marido.

Illinois, junho de 2004

— M^{amã?}

Uma pequena mãozinha tocou na face de Cassie, e os olhos dela abriram-se. A escuridão envolvia a sala, e o seu pescoço doía-lhe devido à posição torta no sofá. Esticou-se e acendeu o candeeiro. Nick estava esparramado no sofá, o seu corpo comprido meio aninhado entre as almofadas.

Embora ele tivesse passado para o outro lado da sala, o embaraço fez corar o rosto de Cassie enquanto ela se sentou, os seus músculos rígidos.

— Devemos ter adormecido. Tenho de acordar o Nick e dizer-lhe para ir para casa.

— Ele também pode vir — disse Birdie.

Cassie esticou as pernas para o chão e esfregou o rosto com a mão.

— De que é que estás a falar? Ir onde?

Birdie tocou novamente na face de Cassie, os seus dedos rechonchudos suaves e persistentes.

— A Bobby está acordada. Podemos ir? Por favor, mamã.

Um tipo diferente de cansaço instalou-se em Cassie e, farta de lutar, ela cedeu.

— Muito bem. Vai-te vestir. Vamos agora.

* * *

O telefone tocou enquanto Cassie pressionava a tampa da sua caneca de café para levar. Nick tinha-se levantado bem desperto e animado — uma necessi-

dade profissional, afirmou ele –, mas Cassie precisava de cafeína para enfrentar o dia tão cedo.

– A Bobby acordou há poucos minutos. – A voz de Anna estava sem fôlego. – O hospital ligou. Vou para lá agora.

– Estás a falar a sério? Ela está acordada?

Apesar da insistência de Birdie, Cassie não acreditara realmente que se dera uma mudança no estado de Bobby.

– Claro que estou a falar a sério! Porque haveria de brincar com uma coisa destas? Ela não tem falado muito, e não tenho a certeza de que tenha compreendido tudo o que lhe disse, mas está acordada.

Birdie puxou a manga de Cassie.

– Eu disse-te, mamã. Vá lá!

Cassie olhou fixamente para a filha.

– Está bem, mãe. Estamos a caminho.

* * *

Cassie agarrou a mão de Birdie enquanto espreitava para o quarto do hospital. Um tubo de oxigénio saía do nariz de Bobby e fios gotejantes enviavam soro para os seus braços. Quando Anna se sentou na cama com ela, os olhos de Bobby abriram-se.

– O que aconteceu?

– Tiveste um ataque cardíaco. – Anna esticou-se e aconchegou os cobertores. – Estavas sozinha no teu quarto e caíste ao chão. A Cassie ouviu o estrondo e encontrou-te. Felizmente, trouxeram-te para aqui a tempo.

– Detesto que a Cassie me tenha encontrado assim.

Cassie queria correr lá para dentro e dizer a Bobby que estava a ser ridícula. Que passaria por isso cem vezes se isso significasse que salvava a avó, mas Anna tinha decidido que seria melhor ela entrar sozinha primeiro, por isso Cassie mordeu a língua.

– Ainda bem que ela te encontrou! Graças a Deus, ela está a viver contigo agora. Se não tivesse pedido ajuda, talvez não tivesses sobrevivido.

Bobby encolheu os ombros.

– Talvez devesse ter ido. Está na minha hora, bem sabes.

– Não vamos começar com essa conversa. Estão todos aqui para te ver. – Anna fez sinal a Cassie, Birdie e Nick para entrarem.

Birdie hesitou, mas quando o seu olhar pousou em Bobby, o seu rosto iluminou-se.

– Meu passarinho! – Bobby abriu-lhe os braços. – Voa até mim.

– Cuidado – avisou Cassie, enquanto Birdie subia para a cama e se enroscava nos braços de Bobby.

– Tive saudades tuas, Bobby. – A doce vozinha de Birdie ainda entusiasmava Cassie.

– Também tive saudades tuas, Birdie. Mas agora estamos novamente juntas.

Birdie sentou-se e olhou Bobby nos olhos.

– Tenho de te dizer uma coisa. Mas só a ti.

Bobby acenou com a cabeça e virou a orelha para a menina. Birdie pôs os seus dedos rechonchudos em concha junto à boca e inclinou-se para mais perto. Tentou falar em surdina, mas a sua voz ecoou na divisão estéril.

– A Alina diz que não está zangada contigo. Nunca esteve. Está contente por teres tido uma boa vida. Está bem?

O rosto de Bobby ficou branco e o seu monitor cardíaco gritou um aviso. Anna mexeu-se para chamar uma enfermeira e Cassie estendeu a mão para tirar Birdie da cama.

– Espera – gaguejou Bobby. A cabeça dela voltou a tombar sobre a almofada. – Estou bem. Birdie, diz-me outra vez. Por favor.

Birdie levou a mão à face de Bobby.

– Há muito tempo que a Alina te queria dizer. Ela disse que não está zangada e que te ama. Isso não te deixa feliz? Ela ficou feliz por me dizer.

Cassie e Anna trocaram um olhar. Então era essa a «mensagem» que Birdie tinha de entregar a Bobby. Cassie ainda não sabia o que pensar sobre tudo isto, mas não havia como negar que as palavras de Birdie, fosse qual fosse a sua inspiração, afetavam Bobby. Um nó formou-se na garganta de Cassie.

O monitor cardíaco abrandou. Bobby fechou os olhos e uma lágrima correu pela sua face enrugada, mudando de direção a cada ruga e saliência que encontrava. Ela abraçou a menina com força.

– Sim, passarinho. Deixa-me muito feliz.

Anna comprimiu os lábios e abanou a cabeça.

Bobby dirigiu-lhe um olhar duro.

– Sei que não acreditas nestas coisas, Anna, mas a nossa relação com os mortos era muito diferente no velho mundo.

– É só que parece... – começou Anna, mas Cassie deu-lhe um pontapé disfarçado.

– Não precisas de acreditar em mim. Eu sei o que sei – disse Bobby. – E quero pedir-vos desculpa a ambas. Fui tão boa a enterrar as partes dolorosas do meu passado que enterrei também as boas memórias. Havia muito mais que podia ter partilhado, mas abrir-me à minha antiga vida doía demasiado. Por isso, mantive tudo fechado a sete chaves e vocês ficaram a perder em tudo.

– Isso não é verdade, *Mama*. Passaste-me as receitas ucranianas. Fizemos *pysanky*. Ensinaste-me a bordar. – Anna pegou na mão de Bobby. – *Mama*, tu deste-me uma vida maravilhosa.

– Obrigada por dizeres isso, Anna, mas eu podia ter feito mais, e não posso mudar isso. É um arrependimento que vou levar para a cova.

Bobby virou-se para Cassie.

– Já acabaste o diário?

Cassie tirou o *rushnyk*, o diário e as fotografias da sua mala e pousou-os na cama.

– Quase, mas não todo.

Ela conseguia sentir o olhar de Nick fixado em si, mas não suportava olhar para ele.

Bobby passou a mão pelo *rushnyk* e tocou em cada símbolo.

– A minha mãe fez isto para o meu casamento com o Pavlo, e o padre envolveu as nossas mãos unidas com ele. A grinalda aberta simboliza as nossas vidas abertas à nossa frente. As cotovias simbolizam a alegria e o vigor. Os girassóis são a fertilidade e prosperidade, e as papoilas representam o amor.

Ela olhou para Cassie.

– Talvez seja difícil acreditar, mas outrora, há muito tempo, tal como tu, eu adorava escrever. Prometi ao Pavlo que escreveria a nossa história e contaria ao mundo o que nos aconteceu. O que nos foi feito. Fiz o que ele me pediu. Escrevi-a aqui. – Apontou para o diário. – Mas eu nunca poderia contar ao mundo. Estava demasiado assustada. Não quero apenas que saibas a minha história, Cassie. Quero que a escrevas por mim. Que partilhes a minha história, a nossa história, com todos, para que aquilo que nos aconteceu nunca mais volte a acontecer.

Cassie lançou um olhar culpado a Nick.

– Oh, Bobby, não sei se conseguiria fazer-lhe justiça. E, na verdade, penso que irá ser a minha mãe a acabar de o ler com o Nick em vez de mim.

– Vou? – disse Anna, ao mesmo tempo que Bobby zombava.

– Bah! Tu és a escritora da família. Tens de ser tu. Por favor, faz isto por mim. Será a última coisa que alguma vez te pedirei.

Obrigada por me pões esse peso nos ombros. Cassie encontrou os olhos de Nick, e o calor inundou-lhe o rosto. Os seus sentimentos por ele eram tão confusos e complicados. Ela não sabia como poderia suportar trabalhar tão de perto com ele sem o magoar, mas que escolha tinha?

– Muito bem, se o Nick não se importar de me ajudar, eu faço-o por ti.

– Farei tudo o que precisares – disse Nick.

Bobby suspirou, claramente mais relaxada.

– Obrigada. Acho que não poderia partir sabendo que falhei nessa promessa. – Ela olhou para a fotografia no topo da pilha e pegou nela. – Oh, sempre adorei esta.

– Esta é a Alina e esta és tu! – Birdie apontou para cada rapariga. – A Alina parece quase igual, mas tu estás diferente.

Bobby riu-se e levou a mão à face enrugada.

– Sim, estou muito diferente, não estou?

KATYA

Ucrânia, maio de 1933

Nessa primavera, quando a terra voltou à vida, o coletivo também o fez, e espalhou-se a notícia de que havia novamente trabalho e comida. Katya supunha que o Estado achava que qualquer pessoa que ainda estivesse viva estaria suficientemente quebrada para fazer o que eles quisessem, e tinha razão. Outrora, todos tinham amaldiçoado o coletivo. Agora, Kolya e Katya, com Halya ao colo, juntamente com os outros sobreviventes, dirigiam-se avidamente, todos os dias, para a quinta coletiva para trabalhar. Tratavam do cultivo dessa estação, mantendo-se de pé a custo enquanto semeavam as sementes. Mas, por cada dia de trabalho, recebiam uma tigela de sopa aguada e um pedaço de pão. Todos os dias apareciam mais pessoas, os olhares assombrados e vazios e rostos inexpressivos, todos eles meio mortos e desprovidos de emoção. Mal falavam uns com os outros. O que havia a dizer?

Ainda assim, as pessoas continuavam a morrer. Algumas no campo, mesmo antes de a comida ser distribuída, outras depois de comerem, os seus corpos incapazes de digerir a comida de que tanto precisavam. De alguma forma, sem saber como, Katya, Kolya e Halya também sobreviveram a isto. Cada refeição que lhes era dada era pequena e fraca, mas era mais do que tinham consumido regularmente em vários meses.

Para complementar isto, Katya colhia flores das árvores de acácia, minhocas da terra que se moviam no solo da primavera, girinos do lago e os dentes-de-leão que brotavam no seu quintal e, pouco a pouco, os seus corpos começaram a recuperar.

À medida que as suas forças foram regressando, a vida começou a tomar novamente um ritmo. Levantavam-se cedo e caminhavam juntos para os campos. Trabalhavam com os restantes aldeões e os russos recém-chegados – enviados para substituir todos os ucranianos mortos, vivendo o dia-a-dia, sem qualquer promessa de futuro. Comiam a comida que o coletivo lhes dava, agradecidos e cuidadosamente, nunca entornando uma preciosa gota.

* * *

À medida que o tempo aquecia e o verão se aproximava, Katya mudou Halya para uma pequena cama de rodízios para que a menina pudesse dormir até mais tarde, todas as manhãs, sem que Katya a incomodasse quando acordava. Lentamente, Halya estava a ganhar forças e a crescer. Quando atravessou sozinha a cama pela primeira vez, Katya celebrou como se Halya tivesse dado os primeiros passos ou lido as primeiras palavras. Cada marco, por mais pequeno que fosse, era um triunfo.

Esperou que Kolya voltasse para a cama dele também, mas ele não o fez. Todas as noites, ela despia-se para ficar de roupa interior e deitava-se na cama e, todas as noites, ele deitava-se com ela.

A velha Katya ter-lhe-ia dito algo, escreveu ela no seu diário. Perguntar-lhe-ia porque é que ele ainda se deitava comigo, mas agora, tenho medo de dizer ou fazer qualquer coisa que possa pôr fim a uma das poucas fontes de alegria que tenho todos os dias. Percebo cada vez mais que o quero pressionado contra mim, que me deleito com a sensação do seu corpo magro a tocar no meu.

Sentia-se morta de vergonha ao escrever as palavras desleais. Os seus sentimentos por Kolya não eram corretos nem recíprocos, mas ela não sabia o que fazer em relação a eles.

Uma noite, Katya acordou e deu consigo deitada sobre ele, braços e pernas emaranhados, a cabeça apoiada no peito dele. O corpo dele vibrava sob o dela, como o bater das asas de um beija-flor.

Katya sentou-se e viu-o, de olhos bem abertos, a observá-la. Ficou sem fôlego.

– Sinto muito. Eu afasto-me.

O rosto dele estava a centímetros do dela, a sua voz rouca.

– Não. Não te afastes.

Ela estacou, o coração martelando-lhe no peito.

– Não me mexo?

Ele estendeu a mão e acariciou o cabelo dela.

– Gosto que estejas perto de mim.

– Gostas? – A sua voz vacilou com a sensação de excitação das pontas dos dedos dele na sua pele.

– Gosto. Desculpa, Katya. Tentei ser forte. Tentei combater isto. Mas acho que não quero continuar a lutar.

Katya olhou-o fixamente nos olhos, a sua dor ali refletida em poças gémeas de angústia. Sentiu a dor que emanava dele em ondas, mas um outro sentimento, diferente, acompanhava-a. Inclinou a cabeça, avaliando-o e tentando ao mesmo tempo controlar a sua pulsação acelerada. Será que ele sentia o mesmo que ela?

Kolya levantou-lhe o queixo com a mão e inclinou-lhe o rosto em direção à boca dele. Fez uma pausa, esperando para ver se ela resistiria ou participaria, e quando ela cedeu, maleável no seu abraço, ele soltou um gemido estrangulado de derrota. Os seus lábios encontraram-se e Katya provou as lágrimas

salgadas das suas perdas partilhadas, e algo mais. Algo promissor. Sentimentos que ela pensava há muito mortos desabrochando no seu coração frio, como uma flor abrindo as suas pétalas ao sol no primeiro dia da primavera. Susurros sobre a possibilidade de uma nova vida, um novo amor, encheram-lhe a alma, e o súbito anseio por ele deixou-a tonta.

Kolya afastou-se.

– Tens a certeza de que é isto que queres?

Katya expirou lentamente, depois estendeu a mão e tocou-lhe nos lábios. Beijou-lhe os dedos, depois guiou o rosto dele para a palma da sua mão. Ela não compreendia porquê nem como isto podia ter acontecido, mas sabia, dentro de si, que era a verdade. Ela queria-o. Ela amava-o.

– Sim – disse. E então, pressionou os seus lábios contra os dele.

Agarraram-se um ao outro, duas almas perdidas num mundo devastado, procurando consolo no mais improvável dos parceiros.

Continuaram a passar as noites juntos, ligando-se fisicamente tanto quanto podiam com os seus corpos frágeis e destruídos, os seus corações voltando lentamente à vida. Mas à luz do dia, Kolya mal falava com ela, e quando o fazia, nunca era sobre o que acontecia no escuro. Assim, ela reprimiu a sua confusão e continuou como se nada tivesse mudado, contando as horas até ao cair da noite, quando podia voltar a ganhar vida nos seus braços.

* * *

– Estás pronta para ir para o coletivo? – perguntou Kolya da porta.

– Vai andando sem mim. Tenho algumas coisas para fazer aqui.

Katya olhou para ele, à espera que ele dissesse mais alguma coisa. Que lhe pedisse que fosse com ele. Que lhe dissesse que queria passar algum tempo

com ela.

Mas ele não disse nada. Tal como todos os dias. Eles ainda não tinham falado da sua relação física. Durante o dia, era como se o amor que partilhavam à noite não existisse e manter a fachada da indiferença durante o dia estava a desgastá-la. Ela queria falar sobre isso. Queria saber como ele se sentia. Dizer-lhe como se sentia. Mas o seu coração, cansado da batalha, já não tinha forças para lutar pelos seus desejos.

Esperou vinte minutos, depois dirigiu-se para o campo de batatas que lhe tinha sido atribuído e sentou Halya de lado, com as outras crianças. Não havia nenhuma das típicas correrias e brincadeiras, mas, de vez em quando, o suave riso de uma criança chegava aos seus ouvidos e dava esperança a Katya. De pouco servia para desviar os pensamentos sobre Kolya, mas a cadência do trabalho agradava-lhe, e ela tentou concentrar-se no movimento do seu corpo em vez dos pensamentos que fervilhavam na sua mente.

Quando o campo estava terminado e foram dispensados para ir para casa nesse dia, ela já não conseguia silenciar as suas preocupações. Como poderia alguma vez explicar que tinha tirado a vida à sua irmã? Tinha casado com o marido dela, criado a sua filha, e agora tivera a audácia de se apaixonar? De tentar começar uma nova vida com os restos devastados daquilo que outrora haviam sido.

Como poderia alguém perdoar isso?

Kolya rompeu o nevoeiro da sua mente ao abanar-lhe o braço, a preocupação estampada no seu rosto.

– Katya, ouviste-me? Vou para o celeiro dos cavalos. Prometi à Halya que a levaria lá para ver os novos cavalos que eles trouxeram. Vemo-nos em casa mais tarde. – Ele inclinou-se e olhou para a cara dela. – Estás bem?

Katya acenou rapidamente, talvez demasiado depressa. A mão dele ardia na sua pele, fazia-a querer pressionar-se contra ele, falar-lhe do seu amor, dos seus segredos.

– Eu fico bem. Encontramo-nos em casa.

Mas ela ainda não suportava entrar em casa, onde a presença de Kolya perdurava em cada superfície – a taça por onde ele bebia, a cadeira onde se sentava, a cama que partilhavam. Em vez disso, subiu ao sótão do celeiro, onde tinha passado tantas horas a sonhar e a falar com Pavlo, escondeu-se no seu pequeno ninho de segurança e retirou o seu diário do esconderijo na parede.

O cheiro do feno seco ao sol e as memórias de Pavlo envolveram-na como um abraço quente. Encheu os pulmões com o doce aroma, sentindo um nó na garganta. Quase conseguia ouvir a voz dele ecoar enquanto caminhava em direção à grande porta por cima do celeiro.

Katya, fica aqui comigo para sempre. Não precisamos de pensar no que se está a passar lá fora. Aqui, estamos a salvo e temo-nos um ao outro. Talvez nunca desceremos.

Mas, um dia, gostaria de ter uma casa, brincara ela em resposta. Seria difícil criar os nossos filhos num sótão de celeiro.

Abriu a porta e a luz do sol inundou a divisão. Lá de cima, Katya conseguia ver a velha quinta de Pavlo e Kolya.

A voz de Pavlo sussurrou ao seu ouvido.

Então terás a casa mais grandiosa. Ali, vês aquela zona aberta ali? O meu pai disse-me que me daria como presente de casamento. Construiremos ali a nossa casa. Uma casa forte e sólida, cheia com os nossos filhos. Eles correrão por estes campos, como nós fizemos. Consegues vê-la?

As lágrimas encheram-lhe os olhos. Katya já não a conseguia ver. Costumava vê-la com toda a clareza. Agora, o rosto de Pavlo fundia-se no de Kolya e confundia-a.

Quero flores por toda a casa. Papoilas e girassóis.

Então, plantá-las-emos.

Ela pressionou os lábios contra a capa do diário e deixou que as palavras que estavam lá dentro lhe enchessem a alma. As suas memórias. A sua história de amor. O seu Pavlo.

Ao baixar o diário, Kolya entrou no quintal com Halya empoleirada nos seus ombros. Katya observou-o a avançar em direção à casa, as pernas longas e magras, com uma graciosidade rude que lhe fazia doer o coração. Tinha o passado nas mãos e o futuro estendido à sua frente, um contra o outro num acentuado contraste, mas como poderia ela transpor esse fosso? A vida tinha-a colocado num caminho que imaginara percorrer, e agora estava presa com um pé em cada mundo – o antes e o depois.

Ela contemplou o campo, o chão a tremeluzir diante dela à medida que as lágrimas que tanto tentara reter finalmente caíam. A mancha esquecida de girassóis, sufocada agora pelas ervas daninhas do quintal negligenciado, sorriu para ela. O palácio de girassóis. O lugar secreto dela e de Alina. Apesar de tudo, tinham lutado para crescer, para viver, para se erguerem no meio da ruína das suas terras, de alguma forma ainda florescendo aqui, por ela.

Como ela.

No fundo, sob a dor da sua culpa e memórias, Katya queria que este casamento funcionasse. Kolya podia não a amar agora, mas talvez, um dia, ele a deixasse penetrar no seu coração, tal como ela havia encontrado espaço para ele no dela. A sua união representava tudo o que tinham perdido, o quanto ti-

nham lutado para viver. Porque é que ela batalhara para sobreviver se não era para viver a sua vida e encontrar esperança novamente?

Os lábios de Katya estremeceram quando o nome da irmã lhe saiu num suspiro.

– Alina. Perdoa-me, irmã, mas eu amo-o. Só não sei se ele alguma vez me vai amar.

– Katya.

Katya voltou-se ao som da voz de Kolya. Ele estava de pé ao fundo do palheiro, as mãos cerradas caídas ao longo do corpo.

– A Halya está na cama. Estava a perguntar por ti.

Katya limpou os olhos com as costas da mão e colocou o diário de volta no seu esconderijo.

– Desculpa. Venho aqui a cima para pensar, por vezes. Vou cantar para ela agora.

Kolya caminhou lentamente na direção dela, o olhar no seu rosto indescritível.

– Com quem estavas a falar?

Katya ficou tensa enquanto a cor invadia o seu rosto.

– Com ninguém.

Ele parou a centímetros dela. A sua mão levantou-se para lhe acariciar a face, as suas palavras trespassaram-na.

– Quem é que amas?

A boca de Katya não se mexeu para responder à pergunta simples que ele lhe tinha feito. Suspirou a custo e tentou desviar o olhar do dele, mas a outra

mão dele levantou-se e envolveu o seu rosto.

– A mim?

– Porquê? – Katya lançou a pergunta para o espaço entre eles, uma palavra que encerrava tantas perguntas. Algo se desbloqueou dentro dela, libertando a frustração que a estava a sufocar há meses, e encontrou a sua voz. – O que é que te importa? Podes amar-me como a uma mulher de noite, mas mal olhas para mim durante o dia.

Kolya deixou cair as mãos, e baixou o olhar.

– Sinto muito. Eu sei que te afastei, mas tenho estado tão confuso em relação aos meus sentimentos. Sobre a Alina e o Pavlo. Consegues perdoar-me?

– Não há nada a perdoar. Tenho sentido a mesma confusão. – Katya agarrou-se aos pedaços destruídos de si mesma, unindo-os, reunindo forças; depois, pegou-lhe no queixo e levantou-o para poder olhar nos olhos dele. – Mas preciso de saber agora. O que sentes por mim, Kolya?

Kolya olhou para ela, os seus olhos azuis e brilhantes cintilando como o céu de verão.

– Estou desesperadamente apaixonado por ti, Katya. Não posso negar mais os meus verdadeiros sentimentos. E não creio que a Alina e o Pavlo quisessem que o fizéssemos. Depois de tudo o que vivemos, eles quereriam que fôssemos felizes.

A sua mão deslizou para a nuca dela enquanto a beijava. Os seus lábios firmes, pressionados contra os dela, reforçaram todos os sentimentos a que ele aludira no seu discurso. Katya retribuiu o beijo, os estilhaços dentro dela suavizando-se e formando um bonito caminho rumo ao seu futuro.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

Cassie colocou a travessa de *varenyky* na mesa em frente a Nick. Birdie já estava deitada, e Nick viera depois do trabalho para ajudar Cassie a terminar o diário. Por sorte, Bobby tinha uma boa provisão de *varenyky* congelados que Cassie podia cozer rapidamente e servir com manteiga e cebola frita. Os pastéis de massa em forma de meia-lua com batatas e carne eram, de longe, um dos alimentos favoritos de Cassie, mas ela nunca dominara a forma uniforme e a técnica de beliscar que Bobby fazia parecer tão fácil. Garantidamente, não se ia pôr a fazê-los sozinha, sem Bobby ou Anna para ajudar, e sabia que Bobby não se importaria que ela usasse a sua provisão para alimentar Nick.

– Obrigado pelo jantar tardio. – Nick tirou três *varenyky* de carne para o seu prato, depois cobriu-os com as natas azedas que Cassie tinha tirado do frigorífico. – Quais são as últimas novidades do hospital?

– Não voltou a acordar desde que falámos com ela ontem. – Cassie levantou-se para desligar o fogão antes que a chaleira começasse a assobiar. Deitou água quente na chávena e sentou-se ao lado de Nick.

Ele hesitou com o garfo a meio caminho da boca.

– O que diz a Birdie? Voltou a falar na Alina?

– Não. Nem uma palavra sobre ela desde que transmitiu a sua «mensagem» à Bobby. – Cassie desenhcou as aspas no ar.

– Bem, o que quer que tenha acontecido, pareceu trazer alguma paz a Bobby. Isso é provavelmente tudo o que importa, no final de contas.

– Tens razão. Não devia pensar mais nisso. – Cassie puxou a caixa para si e tirou o diário. – Sabes, tem sido angustiante esperar que chegasses para podermos ler isto.

Um brilho malicioso tremeluziu nos olhos de Nick.

– O que foi angustiante? Estares à minha espera, ou à espera de ouvir o que está aí dentro?

– Ambos, acho. – A resposta saiu-lhe antes que ela a pudesse impedir, e Cassie corou. Devia estar a conter-se, mas a brincadeira era tão fácil com ele. Tudo era.

Endireitou-se na cadeira e abriu o portátil, depois redirecionou a conversa para o assunto em mãos.

– Então, agora sabemos porque é que a Bobby se sente tão culpada em relação à Alina.

Nick dirigiu-se ao lava-loiça para lavar as mãos.

– E sabemos que a tua avó acabou por ser feliz com o teu avô. – Ele falou num tom casual, mas ela pôde sentir a intensidade subjacente às suas palavras, e a sua mente disparou.

Como conseguira Bobby abrir novamente o seu coração após tão trágicas perdas? Serei eu alguma vez capaz de fazer o mesmo?

Cassie aclarou a garganta.

– Certo, mas ainda não houve qualquer menção a ele e, neste momento, ela está casada com o Kolya.

Nick calou-se.

– Espera, qual era o nome do teu avô?

– Na realidade era Nicholas.

Os olhos de Nick arregalaram-se.

– Oh, percebo agora o porquê de tanto sentimento de culpa. Não admira que ela tenha ficado tão perturbada.

– De que é que estás a falar?

Nick fez um sorriso irónico.

– Ele tem sido mencionado. Cassie, a tua avó não perdeu dois maridos. Em ucraniano, Nicholas é Mykola, muitas vezes abreviado para Kolya.

KATYA

Ucrânia, julho de 1934

No primeiro ano após a fome, a vida continuou. A OGPU dissolveu-se e deu lugar à NKVD. Continuaram a purgar os inimigos do Estado a um ritmo alarmante, mas afrouxaram o nó de fome que, outrora, sufocara os aldeões e permitiram que mais comida voltasse a chegar ao campo. Todos se moviam lenta e cuidadosamente, sempre com medo de ofender um ativista ou serem apanhados com demasiada comida, mas uma pequena colheita foi semeada e colhida. Os seus estômagos vazios ansiavam por quantidades adequadas de comida, mas deleitavam-se com a parca quantidade que tinham à disposição em comparação com o inverno. As pessoas ainda morriam e eram retiradas das suas casas a meio da noite, mas nada como antes.

Halya prosperou devido às capacidades de forragear de Katya e Kolya. Isto, em conjunto com a comida que o coletivo agora distribuía, significava que o seu pequeno corpo tinha finalmente uma oportunidade de crescer. Já não passava os dias na cama, a dormir, mas explorava a casa e o quintal ao lado de Katya.

– Comer? – A sua pequena voz soava tão doce aos ouvidos de Katya.

– Sim, Halya? – Katya inclinou-se para baixo para poder ouvir. – Queres comer alguma coisa?

Halya assentiu. A sua cabeça, ainda demasiado grande para a sua pequena estrutura, balançava muito menos do que no ano anterior.

Katya deitou um pouco de *kasha* numa tigela e pousou-a na mesa.

– Vem, senta-te comigo e eu ajudo-te a comer.

Halya subiu para o seu colo, e Katya ajudou-a a agarrar a colher com a sua pequena mão. Aos dois anos e meio, Halya ainda estava muito atrasada em relação ao que devia ser uma criança da sua idade, mas fazia progressos todos os dias, e o seu sorriso radiante enquanto aprendia dava a Katya toda a esperança de que ela precisava para continuar a tentar.

– O pequeno-almoço está pronto? – Kolya chegou do celeiro. Agora que tinham sido subjugados e considerados bons cidadãos do Estado, foram novamente autorizados a manter galinhas e uma vaca. Eram melhorias pequenas, mas faziam toda a diferença na sua vida quotidiana.

Fez cócegas a Halya debaixo do queixo até ela se rir, depois encheu uma tigela para si e sentou-se em frente a Katya.

Com o seu corpo alto e magro a engordar lentamente, as suas faces pareciam menos encovadas. O seu sorriso ao ver as gargalhadas de Halya brilhantava-lhe o rosto sério. Uma onda de emoção apoderou-se de Katya. Ela nunca quisera apaixonar-se por Kolya. Não o tinha planeado. Mas quando o via balançar Halya até ela tremer de riso, ou a punha em cima de um cavalo para poder «montar», via um homem a quem desejava. O exterior duro que ele ostentara para sobreviver estalara, o sofrimento e a dor desapareceram do seu rosto e, em resposta, algo desabrochou nela terno e reluzente. Amor.

Não era como o amor incondicional que sentia por Halya. A sobrevivência de Halya era a razão de ser de Katya. Os sorrisos da menina, agora mais frequentes, eram o que impelia Katya em frente. As suas palavras enchiam os ouvidos de Katya de alegria. Ela achava que nada se podia comparar com o seu amor pela pequena criança, porque entrelaçados nesse amor estavam todos os seus sentimentos de dor, perda e culpa. Isso não era justo para Halya,

mas Katya não podia mudá-lo, tal como não podia trazer de volta os que tinha perdido.

Também não era como o puro primeiro amor que partilhara com Pavlo. O seu amor por Kolya cresceu a partir do laço de sobrevivência que eles partilhavam. Aquilo que tinham suportado, o que tinham visto, deixara uma marca indelével nos dois e criara uma ligação que ela não conseguia explicar mesmo que tentasse. Ele tornara-se o seu refúgio num mundo aterrador. Tinham-se unido para manter Halya viva, e para se manterem um ao outro vivos. Os sentimentos que se seguiram surgiram sem qualquer sugestão de qualquer um deles, mas não podiam ser negados ou ignorados.

Depois do pequeno-almoço, dirigiram-se para o campo de trigo perto da sua casa. Lá, Katya deixou Halya com uma rapariga que cuidava das crianças e foi trabalhar.

Kolya caminhava à sua frente, os músculos magros das suas costas fletindo e dobrando-se ao ritmo dos outros homens no campo. Movia-se lenta e metodicamente, manejando a sua foice através das grandes manchas de trigo. Os caules caíam em pilhas soltas, e Katya seguia atrás com as outras mulheres, juntando-as em feixes que amarrava com palha solta. Quando juntavam feixes suficientes, empilhavam-nos num molho para secar. Era a forma como costumavam colher, antes de os líderes coletivos trazerem a nova maquinaria. Com essas máquinas a alternarem entre vários campos, aqui tinham de trabalhar à moda antiga. Embora o trigo não fosse apenas deles, a familiaridade do trabalho sossegava Katya, e as horas passavam rapidamente.

Katya suspirou enquanto se curvava para recolher o trigo e retomar o seu trabalho. Nada acontecera como ela esperara. Os seus sonhos com Pavlo tinham começado a desvanecer-se. Por vezes, pensava em como poderia ter si-

do a sua vida com ele, mas doía demasiado. Agora, ele desaparecera da vida dela, as suas memórias uma melodia agri-doce que lhe soprava no coração, mas que já não a faziam sofrer tão constantemente. Ela seguira em frente à sua própria maneira, porque tinha de sobreviver, mas não queria, não podia, esquecê-lo.

Kolya fez uma pausa, limpando a testa com o antebraço, e virou-se para ela.

– Como é que te sentes? – Estendeu a mão e pousou-a na face dela.

Katya pôs a mão em cima da dele e sorriu.

– Sinto-me maravilhosa.

Ele inclinou-se para a frente e beijou-a – os seu lábios macios e salgados de suor – e afastou-se com um sorriso.

– Então, eu também, Katya. Eu também.

Katya enterrou os dedos dos pés descalços na terra quente e virou o rosto para o sol suave. A voz do pai ecoou-lhe nos ouvidos. *Olha para o futuro.* A vida seguiria com ou sem ela, por isso ela optou por lutar.

Optou por viver.

CASSIE

Illinois, junho de 2004

— É tudo. As entradas acabam aqui. — Nick fechou o livro e pousou-o na mesa em frente a Cassie.

— Tinhas razão. Ela apaixonou-se pelo Kolya. O marido da Alina e irmão do Pavlo. O meu avô. Ela perdeu tanto, mas reencontrou a felicidade.

Cassie pressionou a palma da mão na capa desgastada do diário. O tema do amor após a perda não lhe passara despercebido, e embora ainda não estivesse pronta para enfrentar os seus próprios problemas, perguntou-se se Bobby a teria encorajado a ler o diário por mais do que uma razão.

— É bastante impressionante — disse Nick. — Mas a culpa deve ter sido avassaladora.

Cassie suspirou.

— Nem consigo imaginar. Já é suficientemente difícil passar pela morte de um marido, mas depois apaixonar-se pelo seu duplo cunhado?

— Mas não perdeu dois maridos — salientou Nick. — Bem, não até muito mais tarde, pelo menos. Ela encontrou o seu final feliz.

— No amor, sim. Mas o que aconteceu à Halya? Porque é que nunca ouvimos falar dela? — Cassie levantou-se, as perguntas a ferver na sua mente. — Tenho de ir vê-la.

— Claro. Eu fico com a Birdie, se quiseres — ofereceu-se Nick.

— Tens a certeza de que não te importas? Detesto voltar a aproveitar-me de ti, mas não sei se esta conversa vai ser própria para crianças.

– Não sejas tola. É para isso que servem os amigos. – Nick inspecionou os seus dedos. – Talvez ela possa voltar a arranjar-me as unhas. Estão com um ar um pouco estragado.

Cassie riu-se e pegou na sua mala.

– Obrigada, Nick. Fico em dívida para contigo.

– Aceito pagamentos em *varenyky* – disse ele enquanto ela saía.

Uma hora mais tarde, depois de Cassie ter apanhado Anna, pondo-a ao corrente de tudo, puxou uma cadeira para junto da cama de hospital.

Os olhos de Bobby estavam fechados, e ela parecia frágil e pequena, como se a vida estivesse a esvair-se lentamente dela.

Anna sentou-se na ponta da cama, os olhos arregalados, e acenou para Cassie.

– Começa tu. Eu ainda estou a processar a informação.

Cassie pegou na mão enrugada.

– Bobby, terminámos o diário.

As pálpebras de Bobby abriram-se e ela apertou a mão de Cassie.

– Finalmente.

Cassie soltou uma risadinha.

– Não é uma leitura fácil.

– Não foi uma vida fácil. – Bobby olhou para Anna e sorriu. – Então, também sabes?

Anna assentiu com a cabeça.

– O que lhe aconteceu? À Halya?

Bobby voltou a fechar os olhos.

– Eu perdi-a.

– Por favor! Chega de respostas vagas, *Mama*. Eu mereço saber. Ela era minha irmã!

Bobby deparou-se com o olhar zangado de Anna, o seu rosto sombrio.

– Tens razão.

– Demora o tempo que precisares. – Cassie lançou um olhar de aviso à mãe, e Anna baixou a cabeça. Irritar-se não ia ajudar ninguém.

Bobby esforçou-se para se sentar um pouco.

– Depois da fome, as coisas nunca mais voltaram ao normal. A agricultura coletiva mudou para sempre a vida na aldeia, e os soviéticos continuaram a purgar-nos, deportando as pessoas para os *gulags* pelos motivos mais insignificantes. Fora das nossas paredes o mundo era aterrador, mas na nossa casa, quando estávamos só os três, eu podia fingir que nada disso se passava. – Bobby apertou a mão de Cassie. – A Halya gostava de plantar flores, como tu, Cassie. Foi para a escola, apaixonou-se pela poesia, e cresceu, tornando-se mais parecida com a mãe a cada dia. O teu avô e eu adorávamo-la, e sentíamos-nos gratos por cada momento que vivemos juntos.

«Quando os Alemães nos invadiram durante a guerra, pensámos que as coisas poderiam finalmente melhorar, mas eram tão maus quanto os soviéticos. Destruíram as nossas aldeias, mataram pessoas e levaram os ucranianos para trabalhar nas suas fábricas e nas suas quintas na Alemanha. Montes de ucranianos. – Bobby afundou-se de novo na almofada, a sua voz um sussurro. – Levaram a Halya.

A sua respiração falhou, a dor gravada no seu rosto tão intensa como se tivesse acontecido no dia anterior, e não décadas antes.

– Ela era tão bonita e bondosa. Tinha tudo o que era bom na Alina.

Um nó formou-se na garganta de Cassie.

– E ela nunca mais voltou?

Bobby abanou a cabeça.

– A fábrica onde ela trabalhava foi bombardeada pelos Aliados.

– Depois de tudo isto, ela morreu num bombardeamento? – perguntou Anna.

– Foi o que nos disseram. – Bobby puxou pelo cobertor. – Tínhamos fugido da nossa aldeia à medida que a frente oriental se aproximava. Não podíamos voltar a viver sob os soviéticos, e os combates estavam tão perto que conseguíamos ouvir os morteiros a explodir. Então, carregámos a nossa carroça e fomos embora. Íamos encontrar a Halya e recomeçar num lugar novo. – Bobby respirou fundo e encontrou os olhos de Cassie. – Viajámos pela Polónia e acabámos na Alemanha ocupada pelos Aliados quando a guerra terminou. Depois disso, passámos alguns anos nos campos de refugiados. Continuámos à sua procura, por precaução, mas havia tantos refugiados. Milhões de pessoas deslocadas sem casa, sem país, sem família. Era como procurar uma agulha num palheiro. Com o passar dos anos, percebemos que tínhamos de aceitar que nos tinham dito a verdade: ela tinha morrido no bombardeamento. Estava perdida para nós, como o meu pai e, tal como com ele, nunca mais encontrámos respostas.

Bobby sufocou um soluço.

– Mantive-a a salvo durante o Holodomor, mas não consegui salvá-la da guerra.

– Oh, *Mama*. – As lágrimas brilhavam nos olhos de Anna quando ela se inclinou para mais perto da mãe. – Porque é que nunca nos contaste?

Bobby acariciou a face de Anna.

– Descobri que estava grávida de ti no mesmo dia em que tivemos autorização do nosso campo para vir para a América. Nunca me esquecera da maneira como o meu primo Vasyl tinha falado sobre este país, e sabia que podíamos começar uma nova vida lá. O teu pai e eu decidimos que se queríamos realmente seguir em frente e ser felizes, não poderíamos falar das coisas dolorosas do nosso passado; tínhamos de manter essas memórias enterradas e olhar apenas para o futuro. E o nosso futuro eras tu, Anna. O nosso bebé milagre.

Anna soltou um suspiro hesitante.

– E o que o Estaline vos fez? As pessoas deveriam ter sido informadas sobre a fome.

Bobby suspirou.

– Tens de compreender, ninguém falava dessas coisas. Estaline negou a fome, e o mundo acreditou nele porque precisava da sua força para derrotar os nazis. Falar disso ou partilhar o meu diário teria apenas chamado as atenções para nós, e as pessoas foram presas por coisas dessas e enviadas para campos de trabalho ao longo de décadas. Eu não podia arriscar isso.

– Mas e quando partiste? Podias ter contado às pessoas nessa altura – disse Cassie.

– O alcance soviético era grande. Nos campos, depois da guerra, repatriavam diariamente pessoas como nós de volta para a URSS, dizendo-lhes que iam para casa, mas enviando-as, na verdade, para *gulags* e campos de traba-

lho por «colaborarem com o inimigo». Mesmo aqui, na América, tínhamos medo de dizer o que quer que fosse.

Cassie pensou no telefonema a pedir donativos para a polícia, e no dinheiro que Bobby lhes tinha tentado oferecer para garantir que não era presa durante a noite. Foi assolada pela culpa. As cicatrizes de viver sob um regime opressivo eram profundas, e ela não tinha percebido a extensão das feridas da avó.

Bobby fez-lhe um sorriso triste.

– Quanto mais tempo eu ficava sem dizer nada, mais fácil se tornava deixar aquela parte da minha vida fechada a sete chaves. Estávamos tão felizes. Tínhamo-nos um ao outro, a nossa linda menina e a oportunidade de uma nova vida. Comprometemo-nos a aproveitar ao máximo cada dia, a viver o momento.

– Mas nunca ficou totalmente fechada, pois não? – disse Cassie. – Estava sempre lá, no fundo da tua mente.

– Sim. – Bobby acenou lentamente com a cabeça. – Nunca se pode esquecer o amor, Cassie, mas tu sabes disso. Agora, no fim da minha vida, é tudo em que consigo pensar.

Cassie pegou suavemente na mão retorcida de Bobby, e a imagem dela a ser desfeita com uma porta veio-lhe à cabeça.

– Bobby, foste colocada em situações impensáveis. Fizeste tudo o que podias.

– Mas nunca saberei realmente se assim foi, pois não? – disse Bobby. – A vida é uma série de escolhas, cada uma delas empurrando-te para a seguinte. Talvez se eu tivesse escolhido de forma diferente logo no início, as coisas tivessem sido melhores.

– Ou talvez tivessem sido piores – disse Cassie.

Bobby encolheu um ombro magro.

– Talvez. Mas o que está feito está feito, e eu não posso mudá-lo agora. Só posso dizer isto: cometi um erro ao pensar que podia enterrar tudo. Olhar para o futuro não significa que tenha de se esquecer o passado. Podes ter ambos, Cassie, e ser mais rica por isso.

* * *

– Achas que vais escrever tudo, como a tua Bobby quer? – perguntou Nick mais tarde nessa noite, quando Cassie chegou a casa. – Ou vais mudar alguma coisa?

– Não mudaria nada. É uma história importante. – Cassie sentou-se ao seu lado, a sua imaginação já ao rubro com ideias sobre como executar o projeto.

– É mesmo – disse Nick.

– Espero conseguir fazer-lhe justiça. Sabes, até ela começar a escrever aqueles bilhetinhos à Alina, se é que lhes podemos chamar isso, eu nunca tinha visto a Bobby escrever. Talvez quando não conseguiu cumprir essa promessa ao Pavlo, desistiu. Adorava ajudá-la a retificar isso.

Enquanto falava, Cassie tateou o dedo em que usava a aliança de casamento. Desde que a tirara, dava por si constantemente a tocar no local onde ela costumava estar.

– E o pedido dela está a ajudar-te a corrigir o facto de já não escreveres. É como um ciclo completo de cura – disse Nick.

Então, porque é que ainda me sinto tão em baixo?

Ela engoliu as palavras por dizer e forçou um sorriso.

– Bem, sorte a tua, suponho. Agora, já não tens de passar aqui o teu tempo livre a decifrar a velha caligrafia ucraniana.

Cassie pretendia ser frívola, mas uma sensação de vazio assentou no seu estômago só de pensar em não o ver regularmente.

– Tens razão – concordou Nick. Ele olhou fixamente para as mãos. – Tenho a certeza de que vais ficar contente por te veres livre de mim.

Cassie encolheu-se na cadeira. Ela não devia ter esperado uma resposta diferente. Dissera-lhe que não queria uma relação e, sendo ele o cavalheiro que era, tinha recuado.

Sê feliz. Vive a tua vida. As palavras de Henry vieram-lhe à cabeça. Ela fechou os olhos e ouviu a voz de Bobby. *Olhar para o futuro não significa que tenhas de esquecer o passado. Podes ter ambos.*

Mas o que é que ela queria? Que escolha queria ela pôr em marcha?

Nick levantou o rosto. Os seus olhos de um azul profundo fixaram-se nos dela, e o calor pulsou nas suas veias.

Isto. Escolher viver.

A sensação de vazio no seu estômago transformou-se em resolução. Olhou para Nick tão longa e intensamente que ele levou a mão à boca.

– O que foi? Tenho alguma coisa na cara?

A vergonha tomou conta de Cassie e fê-la levantar-se.

– Só tenho trinta e um anos!

Nick entrelaçou as mãos atrás da cabeça e sorriu.

– Eu diria que tinhas vinte e tal.

Ela corou.

– Não é essa a questão. Mas obrigada. A questão é que eu ainda sou jovem. A Bobby perdeu muito mais do que eu, mas encontrou uma maneira de continuar. Talvez eu também possa. Acho... acho que o Henry quereria que eu vivesse a minha vida.

Uma expressão de esperança surgiu no rosto de Nick e a sua voz tornou-se um sussurro.

– Então devias fazer isso.

Antes que ela pudesse pensar ou analisar demasiado a situação, inclinou-se e beijou-o. Os lábios macios de Nick moviam-se contra os dela de forma diferente dos de Henry, mas o seu toque provocava ondas de excitação que percorriam todo o corpo de Cassie, e o seu coração alheou-se à dor da perda em que ela estava presa há tanto tempo.

Os braços dele rodearam-na, envolvendo-a no seu calor e força.

– Tens a certeza, Cassie?

Ela acenou com a cabeça e falou contra os seus lábios.

– Sim.

Quando finalmente se separaram, um sorriso estendeu-se sobre o rosto dela.

– Desculpa. Não sei o que me deu.

– Seja o que for, espero que seja um problema crónico – disse Nick e beijou-a novamente.

KATYA

Palácio de Girassóis, julho de 2004

As pernas que corriam por baixo dela não eram as suas. Ou, se eram, eram uma versão muito mais jovem. Demasiado ágeis para o seu corpo velho, apoiavam-na, segura e forte, cada passo um salto para o seguinte. Olhou para as suas mãos. Suaves e com elasticidade. Os dedos nodosos tinham desaparecido. Sem dor nem dedos torcidos. Katya levou a mão ao rosto. A pele era jovem e firme sob os seus dedos. À sua volta, o trigo estendia-se num tapete dourado e ondulante. Ela inspirou e o cheiro de terra rica e dos grãos de trigo a cozer ao sol encheu a sua alma. Isto era a Ucrânia. O seu lar.

Os girassóis ondulavam ao longe. Os seus caules altos balançavam e ondulavam sobre o trigo. Aproximou-se deles e ouviu chamar o seu nome. As vozes arrepiaram-na. Alina. Pavlo. Kolya.

Eles estavam à espera dela.

Se isto era um sonho, ela não queria acordar.

Katya correu em direção aos girassóis.

EPÍLOGO

CASSIE

Illinois, maio de 2007

— **O**lha, *Mama!* Encontrei a Bobby! – A voz de Birdie elevou-se acima do canto dos pássaros no cemitério. Cheia de excitação, correu à frente de Cassie e Nick até à sepultura escondida sob uma macieira em flor.

– Posso pôr as flores no vaso? – O ramo de girassóis em miniatura abanou na sua mão e um sorriso surgiu no seu rosto de faces rosadas enquanto o cabelo escuro ondulado dançava na brisa.

Cassie levantou-lhe o polegar, voltou a dar a mão a Nick e observou como Birdie dividia o ramo e colocava metade no vaso sobre a campa de Bobby e metade no vaso sobre a campa ao lado dela.

– A Alina também quer alguns – explicou a Cassie e Nick quando eles se aproximaram. – Lembram-se? São as suas flores preferidas.

Birdie estendeu a mão e passou o seu dedo pelas palavras gravadas na pedra memorial que tinham colocado ao lado da lápide que Bobby partilhava com Dido.

EM MEMÓRIA DE ALINA BILYK, PAVLO BILYK & TODOS OS OUTROS QUE PERECERAM NO HOLODOMOR

– Claro que a Alina tem de ter girassóis – disse Nick, enquanto se agachava para ajudar Birdie.

Cassie levou a mão à barriga inchada quando o seu bebé deu um pontapé, os dedos dela a passar ao de leve no anel que Nick lhe dera dois anos antes, numa cerimónia tranquila no jardim, onde lhes envolveram as mãos com o *rushnyk* do casamento de Bobby. Este homem, bem como o exemplo de

Bobby, tinham-lhe dado uma segunda oportunidade de felicidade. Recordou-se do amor que sentia por todos eles e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ela tocou no ombro de Nick.

– Posso ter um momento a sós? Quero contar-lhe.

Nick beijou a face de Cassie.

– Claro que sim. Anda, Birdie, vamos dar um passeio.

Ao afastarem-se, de mãos dadas, Cassie abriu a mala e puxou o envelope que o seu editor lhe tinha enviado. Já o lera uma dúzia de vezes, mas, mesmo assim, não parecia real.

– Olá, Bobby e Dido. – Cassie acenou com a mão para a lápide dos seus avós e para a pedra de Alina e Pavlo. – Acho que, na verdade, esta notícia é para todos vós, por isso espero que me possam ouvir. Recebi ontem uma coisa no correio que vão querer saber. Algo que eu gostava que tivesse chegado quando ainda estavam vivos. Muda tudo.

Cassie desdobrou o fino pedaço de papel.

Cara Cassie,

Por favor, perdoe esta intrusão, mas li recentemente o seu livro sobre o Holodomor. A sua história era-me muito familiar, mas quando li a sua nota de autor, soube que tinha de lhe escrever. Sabe, eu conheci uma Kateryna Viktorivna Bilyk noutra vida, mas fomos separadas na guerra, e eu julgava-a morta. Pensava que todos os membros da minha família estavam mortos. Mas parece que posso ter-me enganado. Por favor, ligue-me para o número abaixo quando puder.

Atenciosamente,

Halyna Mykolayovych Bilyk

Cassie pegou num lenço de papel e limpou os olhos.

– Tu não falhaste, Bobby. Ela sobreviveu. A Halya sobreviveu. Tu mantive-a viva, e a tua história ajudou-a a encontrar-nos. Liguei-lhe de imediato, e ela vem de avião na próxima semana para conhecer todos. Também quer vir aqui para te ver. A todos vós.

Uma onda de emoção apoderou-se dela, tão forte que quase a derrubou, e ela agarrou-se à lápide, apoiando-se contra o granito fresco.

– Mamã! Olha! – gritou Birdie. Uma rajada de vento atravessou o cemitério, e a macieira libertou uma chuva de pétalas cor-de-rosa à volta da menina.

De braços estendidos, Birdie rodopiou, rindo enquanto caíam à sua volta.

– Vejam! Elas estão felizes, mamã! A Bobby e a Alina estão felizes!

NOTA DA AUTORA

Espero que tenha gostado de *A Guardiã da Memória de Kiev*. Esta história é muito importante para mim.

A Bobby de Cassie é, em muitos aspetos, a minha Bobby. A minha bisavó ucraniana era uma mulher forte que sobreviveu às ocupações polaca, soviética e alemã, nunca desperdiçou comida, adorava os seus canteiros de flores e, até que a minha mãe interveio, estava mesmo convencida de que devia dar dinheiro a qualquer tipo de agente da polícia ou de *telemarketing* de angariação de fundos para evitar que viessem prendê-la durante a noite. Também ela, a pedido da irmã moribunda, casou com o seu cunhado viúvo para criar o seu filho. Se foi uma história de amor ou não, perdeu-se na História; foi algo de que ela nunca falou.

A minha viagem à História da Ucrânia começou com a intenção de compreender os relatos que ela me contava quando eu era menina – como ela, o meu bisavô e os seus três filhos fugiram da sua aldeia na Ucrânia ocidental durante a Segunda Guerra Mundial –, mas quanto mais descobria sobre o Holodomor, mais sabia que este romance tinha de vir primeiro e que a história deles iria inspirar o meu segundo romance. O meu tio-avô foi, ao mesmo tempo, determinante e infinitamente paciente ao ajudar-me com detalhes culturais e linguísticos ucranianos. Ele, juntamente com as minhas memórias e as da minha mãe sobre o meu avô e a minha bisavó, ajudou a trazer à vida o aspeto da herança ucraniana da história de Cassie. Estou-lhes eternamente grata, e quaisquer erros que ocorram são culpa minha.

Os meus bisavós podem ter assistido aos testemunhos dos sobreviventes do Holodomor, mas esta não é a história da minha família – felizmente, não sofreram esse horror. Inspirada por trechos de contos que a minha bisavó me

transmitiu, fiz uma extensa pesquisa em entrevistas escritas e orais de sobreviventes, revistas académicas, livros e museus. Embora a liberdade artística seja sempre um fator numa obra de ficção – tal como colocar a rebelião de Pavlo em 1931 em vez de 1930, altura em que a maioria das rebeliões ocorreram, ou usar *Slava Ukrayini* como um brinde em vez de uma saudação –, os factos desta atrocidade já eram suficientemente horríveis sem que eu tivesse de os florear. Gostava de poder dizer que os detalhes históricos em torno deste romance foram exagerados, mas a verdade é que o Holodomor – ou a morte pela fome – foi devastadoramente brutal, e apenas uma parte do enorme ataque de José Estaline contra o povo ucraniano.

Entre 1932 e 1933, um em cada oito ucranianos morreu nesta fome provocada pelo homem. E foi absolutamente fabricada. Durante este período, a URSS exportou toneladas de maçãs e pasta de tomate, barris de pickles, mel, leite, e quase dois milhões de toneladas de cereais só em 1932. Reservas de colheitas, por vezes a apodrecer enquanto esperavam a exportação, permaneciam nas estações ferroviárias e junto às estradas sob guarda, enquanto, a escassos metros de distância, as pessoas morriam à fome. As quotas de aquisição de cereais foram mantidas excessivamente elevadas, apesar de os assementes de primavera já terem sido apreendidas e os agricultores da Ucrânia não terem mais nada para dar.

Em toda a União Soviética, a escassez de alimentos resultante do caos da coletivização e da *dekulakização*, e a recusa de Estaline em baixar as quotas de cereais na sequência destas questões, levou a cerca de 8,7 milhões de mortes. Isto incluiu pessoas na Ucrânia soviética, no Cazaquistão, e em certas províncias da Rússia. Em agosto de 1932, Estaline emitiu um decreto estatal conhecido como «A Lei das Cinco Espigas», condenando a dez anos de prisão ou à morte qualquer pessoa que fosse apanhada a tomar qualquer proprie-

dade estatal – que, para ser clara, correspondia a *tudo* –, mesmo um punhado de cereais, batatas podres de um campo ou peixe de um ribeiro. Ativistas armados patrulhavam os campos e sentavam-se em torres de vigia, disparando, espancando e prendendo homens, mulheres e crianças que tentavam evitar a fome, comendo as próprias colheitas que semeavam ou recolhendo alimentos da terra em que haviam vivido toda a sua vida.

As medidas de Estaline afetaram toda a região, mas ele visou a Ucrânia com mais decretos brutais, numa tentativa de subjugar o nacionalismo e a cultura ucraniana, que ele via como uma ameaça à ideologia soviética. Os guardas fecharam as fronteiras da Ucrânia e um novo sistema de passaporte interno proibiu efetivamente as viagens entre aldeias e cidades, isolando a Ucrânia num campo de morte gigantesco. O Estado começou a «colocar na lista negra» as comunidades que não cumpriam com as suas quotas de cereais, levando a punições como a proibição de comercializar ou receber qualquer alimento ou bem manufaturado – incluindo querosene, sal e fósforos – e novas quotas mais elevadas de requisição de alimentos. Para preencher estas quotas, os ativistas visitavam as casas e arrancavam fornos e derrubavam paredes, depois mergulhavam varas de metal em feno, jardins e camas para encontrar até ao último pedaço de comida escondida e retirá-la aos camponeses já esfomeados. Tudo isto se seguiu a um ataque contínuo às queridas tradições culturais ucranianas – feriados e eventos como o Natal, Páscoa, casamentos e cultos dominicais foram proibidos, as igrejas foram profanadas e os sinos fundidos pelo seu metal, e os padres foram presos e deportados em massa.

Devido à falta de registos adequados, o número de mortos tem variado muito ao longo dos anos. Ainda que nunca sejamos capazes de calcular por

completo as perdas, estudos de 2018 estimam que 3,9 milhões de ucranianos morreram no Holodomor.

Numa cruel recordação da eficácia das políticas anti-ucranianas de Estaline, a Ucrânia perdeu 12,9 por cento da sua população. Mais de um milhão de pessoas morreu só no *oblast* de Kiev. Enquanto a aldeia de Katya, Sonyashnyky, é fictícia, o *raion*, ou distrito de Tetiiv onde a localizei é real e teve uma taxa de mortalidade de 50 por cento. No auge da fome, cerca de vinte e oito mil ucranianos morriam todos os dias, e 30 por cento desses eram crianças. Pessoas desesperadas recorriam a comer casca de árvore, folhas, erva, ervas daninhas, grãos roubados às tocas de roedores, minhocas, girinos, pássaros bebés, carcaças de gado em decomposição, corvos, gatos, cães e espigas de milho.

Apesar destes números horríveis – que não refletem as centenas de milhares de deportados durante a *dekulakização* ou a dizimação dos líderes religiosos, culturais e políticos ucranianos –, a veracidade desta fome foi simplesmente refutada. Walter Duranty, um jornalista do *New York Times*, ganhou o Prémio Pulitzer pelos seus artigos, minimizando a fome crescente e elogiando o sucesso da coletivização. Quando o recenseamento de 1937 mostrou uma diminuição significativa da população, Estaline prendeu e executou muitos dos trabalhadores do gabinete do recenseamento, ordenando um novo recenseamento com números falsificados, que mostravam um excedente populacional. A coletivização foi declarada um sucesso e, necessitando do apoio de Estaline contra a ameaça de Hitler, os líderes mundiais ignoraram a verdade do Holodomor. Quaisquer ucranianos que ousassem falar foram presos, e as realidades da fome foram transmitidas através de histórias orais e escondidas em diários enterrados em muros ou pátios.

É-me impossível abarcar o alcance total do Holodomor nesta nota de autor, mas encorajo-o a aprofundar o assunto porque, como sabe, a História repete-se. Dois livros que recomendo vivamente para começar são *Red Famine*, de Anne Applebaum, e *Execution by Hunger*, de Miron Dolot. Para uma lista dos livros e recursos que utilizei na minha pesquisa, incluindo visitas a museus virtuais, relatos de sobreviventes, pesquisas recentes sobre as estatísticas deste terror pela fome, e ligações a organizações dedicadas a manter viva a memória das vítimas do Holodomor, visite erinlitteken.com.

AGRADECIMENTOS

Estou muito grata a todos os que me ajudaram e encorajaram nesta viagem. À minha agente, Lindsay Guzzardo, da Martin Literary Management, cuja orientação e entusiasmo por este livro ajudou a realizar este sonho. À minha editora, Tara Loder, cuja perspicácia e paixão deram força a este romance. À equipa da Boldwood Books, o apoio que me tem demonstrado tem sido fenomenal. A Jeni Chappelle, quando eu estava prestes a desistir, os seus conselhos editoriais e as suas palavras amáveis deram-me esperança. Os primeiros leitores, Lisa Herron, C. H. Williams, Susannah Wiley e Jen Johnson ofereceram-me encorajamento e sugestões. Andrea Green, as nossas constantes mensagens mantiveram-me sã durante o processo de publicação. A comunidade de escrita *online* – em particular, o grupo #HFChitChat e o #MomsWritersClub – fez toda a diferença para mim naquela que é frequentemente uma carreira solitária. Aos estudiosos e historiadores que trabalham para desenredar a teia de factos enterrados sobre o Holodomor – o vosso trabalho é tão importante.

Ao meu tio-avô, que me ensinou tanto sobre a nossa história e sobre a Ucrânia, estou mais do que grata pela nossa ligação. Ao meu avô e contador de histórias da família, que perdi na véspera de assinar o contrato deste livro. Ao meu pai, que partilha o meu amor por tudo o que tem a ver com História. À minha avó e parceira na pesquisa genealógica. À minha mãe, que me acompanhou em cada passo deste processo, nunca duvidou de que eu chegaria aqui, e me lembrou disso sempre que eu precisava de o ouvir. A Kurt, a minha calma na tempestade e o meu defensor mais ferrenho. A Calla e Owen, a minha inspiração e esperança. Não teria conseguido fazer isto sem vocês. Amo-vos a todos.

E, à minha Bobby, que me ensinou as minhas primeiras palavras em ucraniano e fazia os melhores *nalysnyky* (ou *blintzes*, como ela às vezes lhes chamava). O laço que partilhei contigo moldou-me de muitas maneiras, e sinto a tua falta todos os dias. Quando preciso de ser forte na minha vida, olho para o teu exemplo.